



# Don Quixote

*Miguel de Cervantes*

Texto Adaptado



Principis





# Don Quixote

*Miguel de Cervantes*

Texto adaptado

Tradução: Amanda Moura



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

**Produção:** Ciranda Cultural

**Tradução:** Amanda Moura

**Projeto gráfico e revisão:** Casa de Ideias

**Capa:** Ciranda Cultural

**Ebook:** Jarbas C. Cerino

Traduzido a partir da adaptação *The Story of Don Quixote*, de Arvid Paulson e Clayton Edwards

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C419d Cervantes, Miguel de

Dom Quixote [recurso eletrônico] / Miguel de Cervantes ;  
adaptado por Amanda Moura. - Jandira : Principis, 2021.

304 p. ; ePUB ; 3,5 MB. – (Clássicos da literatura mundial)  
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-427-7 (Ebook)

1. Literatura espanhola. 2. Romance. 3. Ficção. I. Moura,  
Amanda. II. Título. III. Série.

2021-1055

CDD 863.3  
CDU 821.134.2-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura espanhola : Romance 863.3
2. Literatura espanhola : Romance 821.134.2-31

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# Volume I



# Capítulo I

## **Do caráter e dos anseios do famoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**

Há aproximadamente quatrocentos anos, na aldeia de La Mancha, na Espanha, vivia um fidalgo de poucas posses materiais, mas muitos livros, e que adorava experimentar os desafios e as aventuras da vida e cujo passatempo era ler contos e mais contos de cavalaria.

Era este nobre senhor alto, magro, de cinquenta e poucos anos, queixo pontiagudo, cabelo grisalho desgrenhado e certo ar de loucura no olhar. De sobrenome Quixada ou Quesada, embora não rico, era muito conhecido pelos lavradores e tinha fama de boa pessoa entre os moradores da comunidade em que vivia.

Na juventude, grande esportista foi e tinha o costume de se levantar antes do nascer do sol para praticar o que mais gostava, a caça, mas, à medida que envelhecia, passava a maior parte de seu tempo lendo as pilhas e mais pilhas de livros sobre cavalaria e a ordem da cavalaria que estampavam sua biblioteca; tamanha era a paixão por esses livros, que se esqueceu o fidalgo de acompanhar os caçadores e até de cuidar de sua propriedade, passando o tempo inteiro na biblioteca, revolvendo as façanhas e os romances dos cavaleiros que venceram dragões e derrotaram feiticeiros.

Naquele tempo, pela Espanha circulava todo tipo de literatura, e a população perdia muito tempo com literatura soez e de pouco valor, livros cheios das mais ridículas e impossíveis aventuras, ou, em outras palavras, quinquilharia em formato de papel, histórias sobre atos impossíveis e cheias de frases ambiciosas e de mais do mesmo. Enquanto isso, passava horas queimando neurônios o senhor Quesada para decifrar o significado de trechos como:

“A razão da insensatez com a qual a minha racionalidade é afligida enfraquece meu raciocínio de tal modo que rogo à sua beleza”.

Ou:

“Os altos céus da sua divindade divinamente te fortificam com as estrelas e tornam-no merecedor do deserto que a sua grandeza merece”.

Pobre senhor Quesada, não conseguia compreender essas frases. Mas e quem conseguiria? Com certeza nenhum homem em sã consciência, só mesmo um doido poderia atribuir-lhes algum significado. E passou tanto tempo lucubrando sobre essas frases o senhor Quesada que acabou enlouquecendo, e começaram as palavras daquelas páginas a aparecer na parede do quarto dele, em letras incandescentes, a ponto de lhe perturbar o sono. De tanto tentar extrair significado daquelas coisas que não significavam coisa nenhuma, o senhor Quesada ficou louco – tanto quanto os livros que lia.

Morava este fidalgo com a sobrinha e a criada, duas mulheres sensatas que o amavam e que sofriam muito ao ver a confusão que os livros sobre cavalaria lhe causaram à mente. Para elas, falar sobre esses livros só piorava a condição do senhor Quesada, então, recusavam-se a interagir quando ele começava a versar sobre cavaleiros e dragões e a questionar se aquela bela dama era uma feiticeira disfarçada ou se não passava de uma simples mortal, e se aquele dragão soltava mesmo fogo pelas narinas ou se era apenas enxofre e fumaça. Esquivavam-se sobrinha e criada quando ele começava a falar de seus assuntos favoritos; então, o cavaleiro ia procurar o cura da aldeia, um homem instruído para aquela época, que sabia sobre cavalaria quase tanto quanto o senhor Quesada, e procurava também o mestre Nicolau, o barbeiro da aldeia. E os três amigos passavam a noite inteira quase até o amanhecer debatendo quem era o melhor cavaleiro, se o senhor Lancelote ou Amadis de Gaula, e sobre como os dois se pareciam com o Cavaleiro da Ardente Espada, que, com um golpe pelas costas, partiu ao meio dois ferozes e monstruosos gigantes.

Tendo enlouquecido depois de tanto ler, e ainda mais depois de tantos debates e discussões, o pensamento mais ensandecido que possa ter ocorrido ao maior lunático de que se tem notícia neste

mundo acometeu o pobre senhor Quesada: o de que ninguém mais, ninguém menos que ele havia sido chamado para trazer de volta ao mundo as antigas práticas da cavalaria e seus combates, os cavaleiros corteses e as formosas senhoras como as que existiram nos tempos do famoso rei Artur da Grã-Bretanha. Na imaginação frutífera do cavaleiro, continuava o mundo ameaçado por gigantes e ferozes dragões e ele, como um homem de honra e habilitado ao uso das armas, deveria abandonar o conforto do seu lar e lutar para derrotá-los. Com o juízo comprometido, para o cavaleiro aparentavam as coisas serem diferentes da realidade – aos seus olhos, estalagens eram castelos, torres e colinas eram gigantes em movimento, e mal podia esperar o senhor Quesada para montar em seu cavalo, confrontar e derrotar tais gigantes com a força de seu braço.

Contudo, para tornar-se cavaleiro e defrontar todos esses perigos estranhos e visionários, precisaria o senhor Quesada de um cavalo de guerra, de uma lança potente e de uma armadura, e passou a vasculhar seus pertences à procura de algo que servisse ao propósito, pois não dispunha do dinheiro suficiente para comprar tal armamento e, mesmo que tivesse todo o montante da Espanha, nenhuma loja aceitaria vendê-los. No sótão, encontrou o fidalgo uma antiga armadura que pertencera a seu bisavô e que estava ali parada há muito tempo, sendo corroída pela ferrugem e pelo bolor em meio a baús velhos, roupas de cama e outras relíquias da família. Pegou a armadura e a esfregou o máximo que pôde, fazendo-a tão lustrosa quanto o luar. Mas faltava um detalhe no capacete, uma viseira para proteger o rosto, então, com papelão e tinta, ele a moldou e a pintou para parecer-se ao máximo com uma armadura. Com a espada enferrujada, testou o material que, no primeiro golpe, ficou aos pedaços. O senhor Quesada então reconstruiu a viseira, preferiu não executar novo teste e torceu para que estivesse forte o suficiente, pois temia que pudesse novo experimento desfazer todo o árduo trabalho.



Com a armadura agora completa, ele saiu à procura de um cavalo no estábulo e lá encontrou seu velho pangaré, cujos ossos chegavam a brotar da pele e que estava mais acostumado a carregar sacos de batata e cebola até o mercado do que o peso de um cavaleiro ou de um homem armado. O animal devia ter pelo menos uns vinte anos de estrada, mas, aos olhos de Quesada, era um baita cavalo de batalha, e tinha certeza o cavaleiro de que seu companheiro daria conta do recado e venceria qualquer percalço no decurso dessas aventuras. E, ao lembrar-se de que todos os cavalos de guerreiros famosos tinham nomes altissonantes, decidiu o senhor Quesada chamar o seu de Rocinante e adotou para si o título de Dom Quixote de La Mancha, nome pelo qual será referenciado pelo resto desta história.

Mas faltava ainda algo – uma preciosa senhora que justificasse suas diligências e por cujo amor poderia incentivá-lo a suportar todo tipo de perigo e de dificuldade. Isso posto, vasculhou Dom Quixote a memória à procura de um nome até, por fim, encontrar a imagem de certa lavradora chamada Aldonça Lourenço, por quem supostamente enamorou-se quando era jovem. E embora Aldonça Lourenço estivesse mais acostumada a joeirar trigo e a cuidar do pasto do que a frases rebuscadas e modos corteses, e apesar de não ter nada de extraordinário que a diferenciasse das outras lavradoras que vivam nas redondezas, acreditava Dom Quixote ser esta uma dama de alta linhagem e de berço e, em sua imaginação, batizou-a de Dulcineia del Toboso. Punha-se o cavaleiro disposto a lutar contra qualquer homem da Espanha que não a reconhecesse como a mais formosa e talentosa senhora deste mundo.

A lança foi a mais fácil de se fabricar, e agora munido de um cavalo de batalha, armadura completa e carregando no peito e no pensamento incomparável dama, achava-se preparado o pobre homem de melhor idade, ou pelo menos assim acreditava, para seguir em frente e encarar as mais loucas aventuras que, como tinha certeza o próprio, estavam por vir.

# Capítulos II-III

## Da primeira partida que de casa Dom Quixote fez

Concluídos todos os preparativos, Dom Quixote não quis mais delongas e, antes do nascer do sol num dos dias mais quentes do verão, pulou da cama – tomando todo o cuidado para a sobrinha e a criada não acordarem –, vestiu a armadura, selou Rocinante e, com a lança à mão e a espada retinindo na cintura, os campos atravessou no mais alto estado de satisfação e alegria com que seu propósito havia sido cumprido. Mal podia esperar o cavaleiro pelo início de suas aventuras ou pela chance de experimentar a força do seu poderoso braço contra algum guerreiro iníquo, ou, melhor ainda, quem sabe algum dragão ou gigante; mas assim que meteu os pés em planície aberta, acometeu-lhe um pensamento terrível que quase o fez abandonar a aventura antes mesmo de iniciá-la: de acordo com os princípios da cavalaria, ele deveria receber a alcunha de cavaleiro antes de se lançar a quaisquer batalhas ou combates, e munir-se tão somente de armas brancas, sem nenhum tipo de empresa em seu escudo, até provar sua bravura e resistência e conquistar o direito a ganhá-la. Consolou--se, no entanto, ao fazer-se sagrar cavaleiro pelo primeiro que topou pelo caminho; e, quanto à armadura branca, estava decidido a equiparar a própria ao brilho do luar, lustrando-a com todo empenho e esmero.

Confortando-se com pensamentos como esse, o cavaleiro seguiu em frente, permitindo ao seu cavalo escolher as direções, acreditando, ao fazê-lo, que seria guiado de modo mais seguro e rápido rumo às aventuras que o aguardavam. E, enquanto cavalgava, divertia-se citando passagens imaginárias dos livros que seriam escritos sobre seus nobres feitos – livros estes que dava como certeza, e feitos que surpreenderiam o mundo inteiro tamanha a bravura e a obstinação do cavaleiro. Às vezes, rompia Dom

Quixote num discurso inflamado, chamava pela amada Dulcineia e dizia:

– Ó, princesa Dulcineia, senhora deste cativo coração, quão mal fizestes-me ao desprezares-me e privares-me da presença de tua beleza!

E assim seguia caminho Dom Quixote, encordoando outros desvarios sob o sol cada vez mais presente e acalorado, capaz de derreter-lhe os miolos e o elmo, se o cavaleiro o tivesse. Viajou quase o dia inteiro sem encontrar nada de extraordinário, pensamento que o desesperava, pois, como já dito, mal podia esperar pelo sabor de suas aventuras.

Já era quase noite quando ele avistou uma estalagem simples às margens da estrada e, de pé, à porta, duas camponesas espantadas olhavam para a estranha figura que delas se aproximava. Mas, para a imaginação frutífera de Dom Quixote, punha-se a estalagem como um castelo de quatro torres, e as moças na entrada, duas graciosas e nobres senhoras de beleza sem-par. Atrás delas, o cavaleiro pareceu ter visto uma ponte levadiça e um fosso, e esperou que algum anão aparecesse nas ameias do castelo e que este, ao som de uma trombeta, anunciasse a chegada do cavaleiro aos portões.

Àquela altura, um porqueiro que recolhia um bando de porcos tocou uma buzina para chamar a atenção da manada e tirá-la do meio da estrada, o que, aos olhos e ouvidos de Dom Quixote, soou como o sinal do anão que anunciaria sua chegada. O cavaleiro, então, aproximou-se com imensa satisfação, enquanto Rocinante, sentindo o cheiro da estrebaria, de feno e água, ergueu as orelhas e avançou num trote acelerado em direção à porta da estalagem; Dom Quixote dirigiu-se às damas atônitas que ali o aguardavam.

As damas, ao verem um homem armado se aproximar, rapidamente lhe deram as costas e foram refugiar-se dentro da estalagem, mas Dom Quixote logo tratou de erguer a viseira e, com toda a cortesia e gentileza do mundo, disse-lhes:

– Senhoras, rogo-lhes que não fujam nem temam nenhum tipo de grosseria de minha parte, pois, professo, fazer qualquer tipo de mal a duas donas de tamanha nobreza, como ambas me parecem, é contra os princípios da cavalaria.

As duas moças, diante da abordagem estranha e atípica e do tratamento como “donas” não conseguiram conter o riso, riso este pelo qual Dom Quixote as repreendeu:

– A modéstia é a menina dos olhos da beleza, posto que o riso sem causa é o fruto da tolice.

Só faziam as duas rirem ainda mais a linguagem enigmática e a aparência desajeitada do homem, deixando o cavaleiro à flor da pele. E as coisas poderiam ter piorado ainda mais não fosse o dono da propriedade ter aparecido para ver o que se passava. Ao ver a figura grotesca a cavalo, cuja armadura não combinava e a montaria era a mais ridícula que se pode imaginar, teve o homem de reunir todas as suas forças para não cair no riso com as moças; mas, meio temeroso do estranho cavaleiro que portava uma lança pontiaguda e uma espada aparentemente grande e pesada, com cortesia dirigiu-se a Dom Quixote e disse-lhe que se estava à procura de comida e de alojamento, ali teria o melhor que a estalagem poderia oferecer a ele ou ao cavalo. E o pobre e velho cavaleiro, que tinha passado o dia inteiro cavalgando sob a luz do sol, sem comida e sem bebida, apeou-se no mesmo instante e conduziu Rocinante em direção à cavalaria, alertando o dono da estalagem para que o animal recebesse o melhor tratamento possível, pois se tratava do melhor cavalo do mundo. O anfitrião, no entanto, observando o cavalo raquítico, ossos à vista e já de idade, teve de fazer esforço ainda maior desta vez para conter o riso.

As duas moças, agora apercebidas do homem ensandecido que ali havia, decidiram adentrar o espírito da ocasião.

Ajudaram as duas a retirar a armadura de Dom Quixote, mas não puderam fazer nada em relação ao capacete, já que estava bem preso ao redor do pescoço do cavaleiro com fitas de cetim verde e,

qualquer que fosse o pretexto, o homem jamais permitiria que elas fossem cortadas.

As duas colocaram uma mesa na porta da estalagem para o cavaleiro tomar um pouco de ar e trouxe-lhe o anfitrião um punhado de peixe mal temperado e malcozido e um pedaço de pão preto e bolorento, quase tanto quanto a armadura de Dom Quixote. E que cena engraçada foi assistir à refeição do cavaleiro, pois, com o capacete ainda na cabeça, ele mal conseguia alcançar a boca, então, pouco a pouco, teve de ser alimentado, pedaço por pedaço, pelas mãos de uma das moças; quanto à bebida, teria Dom Quixote desistido de molhar a boca, não fosse o dono da estalagem lhe trazer um pedaço de cana com dois furos, e levar uma das extremidades à boca do cavaleiro e despejar o vinho pela outra.

Enquanto comia e bebia, escutou Dom Quixote a buzina do porqueiro soar mais uma vez e sentiu-se regozijado e satisfeito, convencido de que se encontrava em algum castelo famoso e que a música era um regalo a ele oferecido; também estava certo de que o peixe era uma truta, o pão, o mais branco e fresco, as moças, duas belas e nobres damas e o dono da estalagem, o mordomo do castelo. Mas algo ainda o angustiava: o fato de não terem se dirigido a ele como cavaleiro, falha que resolveu Dom Quixote remediar assim que terminasse o jantar.

Findada a refeição, chamou o dono da estalagem, levou-o à estrebaria e, lá, ajoelhou-se diante do homem e declarou que dali não se levantaria até que ele atendesse ao seu desejo e o chamasse de cavaleiro para que pudesse seguir adiante com as suas aventuras em consonância com as regras da cavalaria. Aos olhos de Dom Quixote, o dono da estalagem, como pessoa de grande autoridade, teria, portanto, plenos poderes para torná-lo um cavaleiro, se assim o quisesse.

O dono da estalagem, sujeito chegado a uma troça, logo não teve dúvida da sandice do seu hóspede e resolveu, assim, deixar-se levar pela ocasião e satisfez a vontade de Dom Quixote; disse que, de muito bom grado, o tornaria um cavaleiro e que ele próprio tinha

sido um cavaleiro andante em sua época, tendo vagado por toda a Espanha à procura de aventuras, descobrindo a leveza de seus pés nas ocasiões de fuga e a rapidez de seus dedos ao bater algumas carteiras por onde passou, até que, depois de enganar tanta gente, foi obrigado a recolher-se naquele castelo onde vivia de recursos próprios e daqueles de outras pessoas, aceitando o dinheiro de cavaleiros andantes em troca da gentileza e dos serviços que prestava. E quando contou Dom Quixote ao homem que nunca carregava consigo dinheiro em suas viagens, advertiu-o o dono da estalagem não haver erro mais grave que este a se cometer, e que o fato de o dinheiro e das camisas limpas não serem mencionados nas novelas de cavalaria não significava que os cavaleiros deles não necessitassem; muito pelo contrário.

Ao final da conversa, acordou-se que o dono da estalagem declararia Dom Quixote cavaleiro na manhã seguinte, e que passaria o hóspede a noite vigiando sua armadura em oração e em jejum, como era de costume entre os cavaleiros antes de receberem a honraria e partirem em busca de suas aventuras com a bravura física e o espírito despreocupado.

Ficou acertado entre o dono da estalagem e Dom Quixote que a cerimônia ocorreria no pátio da estalagem. Vestiu Dom Quixote sua armadura e capacete ao lado de um poço de onde alguns homens retiravam água e, com a lança à mão, de um lado para o outro começou a marchar feito um sentinela em serviço. À medida que as horas passavam e a marcha prosseguia, o dono da estalagem convidou outras pessoas para assistirem à cerimônia, explicando-lhes que estavam diante de um doido e que a condecoração ocorreria na manhã seguinte. Os que por ali passavam, ao observarem a firmeza com que Dom Quixote caminhava de um lado para o outro sob a luz da lua e o modo resolutivo com que empunhava a lança, ficavam maravilhados e, na mesma proporção, aturdidos ante o desvario do pobre.

Nisto, um dos que estavam ao redor do poço precisou içar a água, não percebeu o louco por perto, tampouco viu as armas sobre a pia;

acabou tirando-as de lá, e, num impulso, as arremessou longe, mesmo instante em que Dom Quixote enristou a lança e acertou o homem num golpe tão certo que a vítima caiu no chão, perdeu totalmente os sentidos e lá ficou, atordoada. Logo depois, também transportando água do poço num balde outro homem, sem saber o que havia acontecido com o primeiro, aproximou-se e, Dom Quixote, vendo-o como um inimigo, também o atacou, metendo-lhe a lança na cabeça num golpe que quase a escangalhou em quatro.

Só escutaram o barulho aqueles dentro da estalagem depois da segunda vítima e acudiram para ver o que se passava. Vendo o sucedido e as condições deploráveis dos dois homens no chão, pedras contra Dom Quixote começaram a atirar, sem ousarem aproximar-se dele; Dom Quixote, protegendo-se da melhor forma possível com seu broquel, desafiou-os a se achegarem caso não temessem pela vida e revidou as ofensas e xingamentos. Praguejou e esbravejou de tal modo o cavaleiro que os algozes ficaram com medo e o deixaram em paz, e o fizeram não apenas por isso, mas também pelas súplicas do dono da estalagem que não cessava de dizer ser aquele um doido incapaz de responder pelos próprios atos, ainda que acabasse por ceifar a vida de todos ali.

Não agradavam o dono da estalagem os disparates de Dom Quixote e desejava livrar-se do estranho cavaleiro depressa e com o mínimo possível de problemas. Aproximou-se o homem do poço e disse a Dom Quixote ter chegado a hora da cerimônia de condecoração e que todos os requisitos haviam sido atendidos durante aquele período de vigilância do hóspede. O dono da estalagem, então, pegou um livro de contabilidade em que registrava toda a palha e a cevada que vendia e ordenou a Dom Quixote que se ajoelhasse diante dele. Na sequência, em tom solene, proferiu o discurso, como se estivesse entoando uma oração com todo o fervor, com o cavaleiro e as duas moças que trabalhavam na estalagem, de pé, ao lado deles, cada um segurando uma vela, com o mesmo empenho com que tentavam segurar o riso. Ao término da leitura, pegou o dono da estalagem a



espada de Dom Quixote e com força deu um tapa no ombro dele, fingindo murmurar algumas orações enquanto o fazia. Uma das moças cingiu a espada de Dom Quixote, dizendo, enquanto o fazia:

– Que Deus faça de vossa senhoria um afortunado cavaleiro e que sucesso ele lhe conceda nesta jornada!

E assim findou-se a cerimônia e Dom Quixote deu-se por satisfeito. E tudo aconteceu como o proprietário da estalagem desejava. De tão ansioso para partir em sua jornada, o mais novo e recém-nomeado cavaleiro selou seu cavalo e, no mesmo instante, foi-se embora, sem pagar a conta do jantar, mas o dono da estalagem, de tão feliz que estava ao vê-lo partir, nenhuma objeção fez, agradecendo pela sorte de ter se livrado do tal cavaleiro de título duvidoso. Fechou a porta o vendeiro o mais rápido que pôde, erguendo as mãos aos céus em agradecimento à partida de Dom Quixote.

# Capítulo IV

## **Das outras aventuras do nobre cavaleiro Dom Quixote**

Já tinha amanhecido quando saiu o recém--nomeado cavaleiro da estalagem. Seguindo a sugestão do dono do estabelecimento, guiou o cavalo no caminho de volta para casa, decidido a voltar para buscar dinheiro, uma muda de camisas e providenciar um escudeiro. Pouco caminho tinha percorrido quando, de repente, escutou um gemido vindo de dentro do matagal na beira da estrada, como de alguém com dor. Fez uma pausa Dom Quixote para agradecer aos céus a graça da oportunidade de cumprir sua obrigação e de satisfazer seus desejos de cavaleiro, pois tinha certeza de que havia recebido um chamado divino para oferecer ajuda e proteção a alguém em extrema necessidade. Rapidamente, guiou as rédeas do cavalo na direção de onde os gritos pareciam vir; tendo adentrado poucos passos na floresta, avistou o cavaleiro um jovem desnudo da cintura para cima, amarrado a uma árvore, sendo açoitado impiedosamente por um poderoso fazendeiro. Desesperado, o rapaz não parava de gritar:

– Nunca mais vou fazer isso, senhor! Nunca mais! Prometo que vou cuidar melhor do rebanho daqui pra frente!

Ao se dar conta do que ali passava, indignou-se Dom Quixote.

– Descortês cavaleiro! – reprimiu em tom furioso. – Como podeis atacar um pobre rapaz incapaz de se defender! Suba ao vosso cavalo e tome vossa lança! Sabereis que vos comportai como um covarde!

O fazendeiro desviou o olhar e viu Dom Quixote todo munido, enristando lança e, em um tom amigável, disse-lhe:

– Senhor cavaleiro, este rapaz que castigo é meu servo. Pago a ele para vigiar um bando de ovelhas, mas é tão descuidado que todo dia perco uma. E quando o castigo por sua negligência, ele me

acusa de avarento, alegando que só faço isso para não pagar os salários que lhe devo! Jamais vi uma mentira tão pecaminosa!

A defesa do fazendeiro só deixou Dom Quixote ainda mais furioso. Ameaçou o cavaleiro atravessar o peito do homem com a lança se o menino não fosse libertado imediatamente e recebesse cada centavo do salário que lhe pertencia. Em seguida, ajudou o rapaz a calcular o montante correspondente a nove meses de trabalho, a sete reais por cada mês, e chegaram os dois ao total de sessenta e três reais. Ao fazendeiro foi oferecida a escolha entre o pagamento da dívida ou a morte. Tremendo de medo, o homem respondeu que o valor não era tão alto assim, posto que deveriam ser abatidos do montante os três pares de sapato que ele havia dado ao rapaz mais um real de duas sangrias que ele havia pagado quando o menino ficou doente. Mas Dom Quixote não estava disposto a concessões e declarou que os açoites injustificados recebidos pelo rapaz já serviam como pagamento dos sapatos e das sangrias, pois, como o cavaleiro defendeu:

– Se o rapaz estragos fez ao couro dos sapatos que ganhou, vós provocastes prejuízo maior ao couro dele; e se o barbeiro o sangue dele tirou na doença, vós o sugastes enquanto ele estava sadio. Por isso, declaro, este menino nada lhe deve.

Diante de seu julgamento final, o fazendeiro começou a lamentar que ali dinheiro consigo não tinha, e implorou para que Dom Quixote deixasse André, o criado, voltar para casa com ele, quando pagaria centavo por centavo devido ao rapaz. Ao escutar a proposta, André voltou-se para o nosso cavaleiro andante e o alertou que tão logo partisse Dom Quixote, seu amo o esfolaria feito um São Bartolomeu; mas assegurou-lhe o cavaleiro que, tendo o fazendeiro jurado pela ordem da cavalaria que, ele, Dom Quixote havia lhe conferido, a justiça seria feita, e ele próprio garantiria o pagamento.

Ressabiado, porém, o jovem ousou corrigir Dom Quixote.

– Vigie o que diz, senhor – ponderou o menino. – Este meu amo não é nenhum cavaleiro, é João Haldudo, o rico, de Quintanar.

Afirmou Dom Quixote aquilo pouco importar e o fazendeiro novamente jurou por toda a ordem da cavalaria do mundo que pagaria o rapaz como prometido assim que voltassem os dois para casa.

– Cumprais com sua palavra e juramento – advertiu Dom Quixote –, pois caso não o façais, pelo mesmo juramento declaro que voltarei, caçar-vos-ei pelos confins da terra e castigar-vos-ei, onde quer que estejais, ainda que vos escondeis melhor que uma lagartixa! E se quiserdes saber quem voz ordena, para senti-vos firmemente obrigado a cumprir, sabeis que sou o valoroso Dom Quixote de La Mancha, o desfazedor das mazelas e das injustiças. E que assim Deus convosco esteja! Jamais esqueceis o prometido sob pena do que já vos alertei!

E, com essas palavras, esporeou o cavalo, partiu num galope triunfante e logo desapareceu de vista. Tendo certeza o fazendeiro de que o desfazedor de mazelas e injustiças tinha sumido completamente, decidiu fazer o criado, André, pagar ali mesmo o que devia ao amo, sem esperar chegar em casa; voltou a amarrar o criado na árvore e o espancou quase até a morte.

– Seu valente cavaleiro me fez perceber uma afeição por você que até então eu desconhecia. Agora lhe devo ainda mais do que antes. Anda, vá procurar por ele! – ordenou o homem, deferindo uma última chicotada no rapaz antes de desamarrá-lo. E, enquanto o pobre moído saía aos prantos, o fazendeiro cheio de saúde e vigor ali ficou parado, às gargalhadas.

Pois eis que assim nosso nobre cavaleiro desfez essa injustiça e sentiu-se um verdadeiro herói diante do feito, um começo muito auspicioso para um iniciante da cavalaria. E, enquanto percorria a estrada em direção à sua aldeia, regozijado com o próprio comportamento, disse para si mesmo:

– Ó Dulcineia del Toboso, a mais bela das belíssimas damas! Podes neste dia considerar-te a mais afortunada entre as mulheres, pois sobre ti recaiu a sorte de ter um sujeito submisso às tuas vontades e aos teus prazeres, um cavaleiro renomado como Dom

Quixote de La Mancha, que, como todo o mundo fez saber, ontem recebeu a ordem da cavalaria e hoje desfez a maior mazela perpetrada pela injustiça e pela crueldade: sim, este nobre cavaleiro hoje arrancou o açoite da mão de um opressor impiedoso que sem causa alguma chicoteava uma pobre e indefesa criança.

Enquanto seguia caminho nessas práticas, refletindo e conversando consigo, viu-se Dom Quixote entre uma encruzilhada na estrada. Como não poderia deixar de ser, tinha de fazer exatamente como mandava a ordem da cavalaria, seguir a tradição, então, parou como fazem todos os cavaleiros dos livros, pensou um pouco e, depois de muita reflexão e cogitação, por fim entregou a decisão ao instinto do cavalo. O nobre animal, ao perceber que seu amo havia entregado tal resolução à sua vontade, foi direto para a estrebaria.

Depois de percorrer alguns quilômetros, encontrou Dom Quixote seis mercadores de Toledo que estavam a caminho de Múrcia para comprar seda, acompanhados de quatro criados a cavalo e outros três a pé. No mesmo instante em que os avistou, a imaginação fértil do cavaleiro o levou a acreditar que ali estava uma nova aventura, então, tratou logo de desferir gestos nobres. Com pompa, ajeitou o corpo nos estribos, preparou a lança e fincou-se no meio da estrada. E ali aguardou a chegada dos comerciantes que lhe pareciam verdadeiros cavaleiros, tais como ele; à medida que o grupo se aproximou, brandindo a lança Dom Quixote os deteve, exclamando:

– Que o mundo todo se detenha, a menos que todo o mundo confesse que não há donzela mais bela que a Imperatriz de La Mancha, a incomparável Dulcineia del Toboso!

Nada fizeram os treze homens diante de tais palavras a não ser permanecerem imóveis e nenhum deles sequer hesitou em pensar que o juízo faltava àquela criatura. Um dos viajantes, no entanto, fosse por curiosidade ou pela vontade de provocar o riso dos que o acompanhavam, pediu a Dom Quixote que lhes apresentasse a ilustre dama para que só então todos fizessem o que ele havia pedido.

Mas não se deixaria enganar o nobre cavaleiro.

– Se ela a vós mostrar, qual mérito seria confessar verdade tão manifesta? Deveis acreditar sem nunca a ver; do contrário, considerai-vos comigo em batalha. Ora, plebe! Confio na validade da causa que mantenho!

O comerciante chegado ao chiste tentou suplicar, sugeriu que um simples retrato da bela dama seria o suficiente para a constatação de sua beleza. Mas Dom Quixote estava convencido de que aqueles homens não passavam de empertigados blasfemadores que mereciam uma sova como lição. Então, de repente, o cavaleiro partiu para cima do homem com tamanha fúria que, não fosse a sorte de o seu cavalo cambalear, o comerciante poderia ter morrido. Enquanto caía Rocinante, nosso herói galante passou por cima da cabeça do homem, atingiu o chão e saindo rolando pelo matagal, tomando certa distância. Mas quando tentou se levantar, não conseguiu: pesavam demais a armadura, o capacete, as esporas, o broquel e a lança. E, para piorar a situação, um dos criados, depois de quebrar a lança do cavaleiro em duas, com um dos pedaços passou a agredi-lo até o ponto em que não parecia suportar mais Dom Quixote. Por fim, o homem, cansado, foi se juntar ao grupo que prosseguia seu caminho. E Dom Quixote no chão continuava, sem conseguir levantar-se.

# Capítulo V

## **Em que o infortúnio do nosso cavaleiro andante parece não ter fim**

Quando começou a perceber Dom Quixote que estava, por assim dizer, derreado no chão, voltou os pensamentos para o costumeiro remédio, os livros sobre cavalaria, que, na verdade, haviam sido a causa de sua queda. E trouxeram-lhe os devaneios a lembrança a história de Baldovinos e do Marquês de Mântua, quando Carloto o largou ferido na encosta da montanha e o Marquês, ao recobrar os sentidos, não teve dúvidas de que havia sido ferido por bandoleiros. Então, começou a fingir sofrimento pungente nosso nobre cavaleiro, rolando de um lado para o outro no chão, repetindo as palavras que em seus livros havia lido, atribuídas a Baldovinos enquanto este no chão se encontrava ferido; até que Dom Quixote foi visto por um camponês de sua própria aldeia, um vizinho mais precisamente, que o levou até o Marquês de Mântua, tio de Baldovinos. Este vizinho de bom coração muito preocupado ficou com o nobre cavaleiro e seus delírios. Ele retirou o peitoral de sua armadura e levantou a viseira, esperando encontrá-lo gravemente ferido, mas nenhum resquício de sangue tampouco hematomas viu. Em seguida, com esforço o homem conseguiu colocar o combalido guerreiro em cima do seu jumento, que parecia sentir aquela como a carga mais leve que já havia levado por toda a vida, e amarrou as partes da armadura de Dom Quixote em Rocinante. E assim rumaram em direção à aldeia. Por conta dos golpes e dos machucados, mesmo sentado não foi fácil para o cavaleiro sustentar o próprio corpo em cima do burro; os suspiros profundos e constantes de Dom Quixote em direção aos céus recobravam o romantismo cavaleiresco da situação. Mas toda vez que o camponês ouvia os suspiros, ao cavaleiro perguntava se este estava passando bem, ao que Dom Quixote respondia na língua de outro herói, de um livro diferente.

Já era noite quando chegaram à casa de Dom Quixote, na aldeia. A criada, o cura e o barbeiro da aldeia estavam atordoados, pois o velho cavaleiro tinha desaparecido de La Mancha com o pangaré e a armadura havia seis dias. Concluía os três serem os livros culpados pela confusão mental de Dom Quixote e concordaram que esses fossem queimados em público, momento em que o homem de repente apareceu com o próprio Dom Quixote. Todos correram para recepcionar o cavaleiro com ele ainda montado no burro, de onde não saiu porque não tinha forças para isso e insistiu encontrar-se gravemente ferido não por culpa própria, mas do cavalo, e pediu que o levassem para descansar e mandassem a sábia Urganda curá-lo.

Levaram o cavaleiro para a cama, mas feridas e hematomas não encontraram em seu corpo, embora insistisse Dom Quixote em repetir que havia sido ferido numa batalha com dez gigantes, os maiores e mais sanguinários do mundo. Depois, o cavaleiro pediu que lhe dessem de comer e, em seguida, caiu no sono.



# Capítulo VI

## **Da inusitada e curiosa escolha que o cura e o barbeiro fizeram na biblioteca do nosso engenhoso cavaleiro**

Na manhã seguinte, o cura e seu amigo barbeiro, o mestre Nicolau, foram à casa de Dom Quixote para pôr um fim naquela que seria a causa de todos os seus disparates – a biblioteca do amigo treloucado. O cura pediu à sobrinha de Dom Quixote a chave da biblioteca, que ela lhe entregou de muito bom gosto. Todos entraram, e a criada, que foi logo atrás, espantou-se ao ver os livros que havia no cômodo. Como que acossada, saiu às pressas e retornou com uma tigela d'água benta e um hissope, pedindo ao cura que benzesse a biblioteca para que dos livros saísse o encantador e a ela própria seu feitiço lançasse.

Temia a pobre que os fantasmas dos livros dela viessem se vingar, perturbando-a por ter pedido que fossem desterrados do mundo.

Diante do pavor da criada, abismou-se também o cura e pediu ao barbeiro que lhe passasse os livros, um por um, pois temia que houvesse ali alguma publicação inofensiva que não merecesse a pena de morte. Contudo, tanto a sobrinha de Dom Quixote quanto a criada, irredutíveis, protestaram contra tal leniência e insistiram para que uma fogueira fosse acesa no pátio e que nenhum livro dali fosse poupado. O barbeiro, por sua vez, que tinha particular afeição por poesia, defendeu que fossem poupados os livros daquele gênero, mas foi prontamente refutado pela sobrinha, cujas argumentações enfáticas sustentavam que aqueles livros muito estrago já tinham causado.

– Com todo o respeito que lhe devo – suplicou ao cura –, é melhor que tudo aqui seja queimado, pois, uma vez curado desta obsessão pela cavalaria, caso meu tio comece a ler estes poemas pastorais, pode começar a alimentar a fantasia de se tornar pastor, de passear

pelos bosques e pelas pastagens, cantando e tocando flauta. Pior do que a situação em que meu tio se encontra, seria se resolvesse tornar-se poeta, pois, esse mal, dizem, é incurável e contagioso.

Diante da enfática justificativa, fortemente apoiada pela criada, os argumentos dos dois homens de nada adiantaram e o barbeiro testemunhou aquela que aos seus olhos era a melhor forma de literatura ser arremessada numa pilha que ganhava cada vez mais forma para se transformar em cinzas. Escaparam desse derradeiro destino apenas alguns livros, graças à ousadia do cura ante a implacável força feminina ali presente. E um volume em particular, intitulado *As lágrimas de Angélica*, defendeu o cura bravamente.

– Em lágrimas eu me esfacelaria – admitiu – se meus olhos testemunhassem essas páginas transformarem-se em pó.

# Capítulo VII

## Da segunda partida do nosso digno cavaleiro, Dom Quixote de La Mancha

Enquanto elogiava o cura os méritos de *As lágrimas de Angélica*, de repente ouviu-se um grito e um ruído estridentes do quarto de Dom Quixote. Todos correram para ver o que tinha acontecido e, quando chegaram ao quarto do cavaleiro, encontraram-no de pé, espada à mão, desferindo golpes e cutiladas ao seu redor, entre delírios e gritos e com o suor lhe escorrendo pelo corpo. A distância, Dom Quixote via valorosos e desafiantes guerreiros e dizia que o invejoso Dom Roldão o havia golpeado com o tronco de um carvalho por conta de seus honrosos feitos na cavalaria. A muito custo, depois de lhe enxugarem o suor, que ele insistia ser sangue, conseguiram levá-lo de volta para a cama. O cavaleiro, então, pediu algo para comer e, de barriga cheia, voltou a pegar no sono.

Depois de ter a criada queimado todos os livros que havia pela casa, o cura e o barbeiro consentiram que prudente seria se proteger da fúria do amigo assim que este descobrisse que seus tesouros tinham desaparecido. Então, os dois decidiram desmontar toda a estrutura da biblioteca. Dois dias depois, quando nosso cavaleiro se levantou da cama, foi à biblioteca, mas ali, obviamente, nada encontrou: no lugar da porta, havia apenas uma parede. Perguntou à criada onde estavam seus livros, bem como o cômodo onde ficavam guardados, mas à mulher tinham instruído bem, de modo que alegou ser tudo aquilo culpa do diabo. A sobrinha disse ao tio acreditar que algum feiticeiro tinha levado tudo embora. Contou ainda que chegou a ver a criatura, saindo de uma nuvem e montado numa serpente e que, quando desapareceu, uma fumaça tomou conta da casa inteira e não restaram vestígios nem da biblioteca nem dos livros. A sobrinha disse também ter ouvido claramente o feiticeiro dizer que se tratava do sábio Munhatão.

Convenceu-se Dom Quixote com a explicação da sobrinha. Manifestou apenas uma dúvida quanto à identidade do homem:

– Ele deve ter dito Frestão, não Munhatão.

Veio a criada ao socorro da menina e alegou não ter certeza se tinha ouvido a criatura dizer “Frestão” ou “Fritão” ou algo assim, mas disse não ter a menor dúvida de que o nome terminava com “ão”.

Isso bastou para convencer o cavaleiro de que somente alguém como seu grande inimigo, o sábio Munhatão, cuja inveja jamais toleraria as profecias que Dom Quixote estava prestes a cumprir ao pelejar com certo cavaleiro de quem o próprio Munhatão havia se tornado amigo.

Depois desses ocorridos, ficou trancado nosso nobre cavaleiro em casa por quinze dias. Seus amigos língua solta, o cura e o barbeiro, fizeram tudo que podiam para desviar o pensamento de Dom Quixote quando este começava a falar sobre a retomada da cavalaria. Mas ardia feito brasa a chama dentro do peito do nosso nobre cavaleiro. E seria difícil apagá-la.

Por ali, vizinho à casa de Dom Quixote morava um homem chamado Sancho Pança, sujeito pobre e honesto, casado e com filhos. Sancho não passava dia e noite pensando no que lia das novelas de cavalaria, mesmo porque o homem simplesmente não sabia ler, tampouco escrever, e nem mesmo capacidade de raciocínio tinha; se a Dom Quixote faltava o equilíbrio mental, nem ao menos com uma mente poderia contar Sancho.

E para esse pobre coitado Dom Quixote passou uma hora contando sobre suas aventuras, tentando persuadir e convencer Sancho de que estava perdendo a beleza da vida ao passar o resto de seus dias como lavrador e que deveria tornar-se escudeiro de algum nobre cavaleiro – como o próprio Dom Quixote, por exemplo. E assim, depois de muitos argumentos e promessas, Sancho decidiu aceitar o nobre vizinho como seu mestre e amo. Foi alertado de que deveria munir-se de todos os recursos necessários a uma posição tão importante e elevada; e o lavrador, por sua vez, assegurou ao mestre que levaria seu melhor burro, no entanto, a

menção a esse ignóbil animal de algum modo pegou o cavaleiro de surpresa. Dom Quixote vasculhou a memória, procurando ocasião em que na montaria algum outro animal que não o cavalo tivesse sido usado, mas não se recordou de nada. Contudo, um escudeiro a pé serventia não teria, então, o cavaleiro decidiu levar Sancho consigo, montado no burro e tudo; é claro que, na cabeça de Dom Quixote, oportunidade ao escudeiro de tomar o cavalo de algum cavaleiro na primeira ocasião não faltaria.

Certa noite, sem serem vistos, os dois saíram da aldeia. Com o espírito de aventura de um jovem e vendo-se como o governador de alguma ilha conquistada, montou Sancho Pança no burro. Dom Quixote pegou o mesmo caminho de sua primeira empreitada, a estrada que levava aos campos de Montiel.

## Capítulos VIII-IX

**Da boa fortuna que o valente Dom Quixote teve na terrível e inimaginável aventura dos moinhos de vento, com outros fatos dignos de registro, incluindo a terrível batalha entre o galhardo biscainho e o bravo manchego**

Depois de percorrerem alguns quilômetros, de repente os dois avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento espalhados por uma planície. Dom Quixote, com os olhos esbugalhados sem parecer acreditar no que viam, esporeou o cavalo.

– Veja, Sancho Pança! – exclamou. – Trinta ou mais gigantes monstruosos se apresentam! Enlaçá-los-ei numa batalha e os matarei; como cavaleiro, farei o que é justo. Bem serve a Deus aquele que varre da face da terra raça tão má!

– Que gigantes? – perguntou Sancho curioso.

– Aqueles com braço compridos – respondeu Dom Quixote.

– O senhor meu vá me desculpar – ponderou Sancho –, ali não tem gigante nenhum, mas moinhos de vento. E o que parece braço é vela. É ela que faz as mós funcionarem.

Diante de tão tola observação do escudeiro, não sabia Dom Quixote se a inocência era fruto de ignorância, de inexperiência ou de covardia. Então, sugeriu o cavaleiro que o escudeiro ficasse de fora e que orasse enquanto ele, Dom Quixote, enfrentava os gigantes sozinho. A glória de vencer por si mesmo tal desigual combate seria muito maior, pensou o nosso cavaleiro.

Assim, preparou-se Dom Quixote para o ataque, confiando-se às mãos de sua amada Dulcineia e, em seguida, apesar dos apelos e súplicas insistentes de Sancho Pança, esporeou Rocinante e partiu. Nesse exato momento, uma brisa começou a soprar e se movimentaram as velas dos moinhos de vento. Num galope impetuoso, o cavaleiro enfiou a lança com tanta força em uma das

velas que a arma se estilhaçou e dela só sobraram pedaços. Tamanho foi o choque que o cavaleiro caiu do cavalo, foi arremessado aos ares e, atordoado, Rocinante foi ao chão. Os dois saíram rolando pelo campo, feridos e machucados.

Sancho saiu depressa ao encontro de seu amo, tão rápido quanto assim permitiu seu burro. Maior não poderia ser a preocupação do escudeiro, que esperava seu mestre encontrar morto e com ele todas as suas esperanças de governar uma ilha inteira. O cavaleiro estonteado não conseguia se mexer e Sancho Pança também não pôde conter a reprimenda ao seu mestre.

– Senhor, bem que eu disse! – exclamou. Mas não escutava nada Dom Quixote e respondeu com o aventureiro espírito de cavaleiro:

– Aquietas-te, meu caro Sancho! Pois que numa guerra, a sorte muda de lado o tempo todo. Jamais esqueça-te desta lição.

Dom Quixote também revelou a seu fiel escudeiro a suspeita de que o sábio Frestão, o mesmo que lhe roubou a biblioteca e os livros, por pura inveja e sede de vingança, tinha transformado os gigantes em moinhos de vento apenas para que o cavaleiro incapaz fosse de se vangloriar de tê-los derrotado. Perder a sua lança, no entanto, foi a pior parte de tudo, como confessou o cavaleiro.

A duras penas, conseguiu Sancho subir Dom Quixote ao cavalo e os dois seguiram caminho, rumo à estrada de Porto Lápice. Ao longo do percurso, o cavaleiro perscrutava a mata ao redor à procura de um galho de árvore que pudesse substituir sua lança. Lembrou-se de ter lido em algum canto de seus livros que certo cavaleiro, em alguma situação emergencial, fez o mesmo.

Depois de alertar seu mestre para sentar-se ereto no cavalo, Sancho de seu corpo recebeu aviso que era chegada a hora de comer. Seu mestre, no entanto, desprezou tal alerta, pois fome não sentia e deixou o escudeiro fartar-se.

Começou a anoitecer e os dois a mata continuaram adentrando. Ali, Dom Quixote finalmente escolheu o galho de um carvalho que lhe serviria de lança, prendendo em uma das extremidades o ferro da ponta da que havia se quebrado. Passou a noite inteira nosso

cavaleiro encarando o céu, imaginando sua doce Dulcineia tal como o faziam os heróis dos livros de cavalaria, cujos olhos não conseguiam pregar imaginando suas amadas.

Sancho Pança, por outro lado, igual sorte não teve, Dulcineia nenhuma lhe percorria os pensamentos e nem mesmo da esposa conseguia se lembrar, pois tinha cheia de vinho a barriga. Ao acordar na manhã seguinte e procurar a bebida do odre que carregava, muito lamentou o escudeiro por encontrá-lo vazio.

Num ato de coragem, nosso cavaleiro manteve o jejum e preferiu o apetite saciar com os delírios de grandes feitos de seus antecessores. Logo que o dia amanheceu, Dom Quixote e Sancho Pança voltaram a pegar a estrada rumo a Porto Lápice, que começaram a avistar à tarde. Com uma aventura diante dos olhos, para o cavaleiro aquele era o oportuno momento para orientar seu escudeiro sobre a etiqueta e as diretrizes da cavalaria.

– Sob nenhuma hipótese hás de meter a mão à espada para defender-me, a menos que vejas que os que me atacam são canalhas ou gentalha; nesse caso, é teu dever minha vida assegurar. Mas se meus inimigos cavaleiros forem, de modo nenhum debes intervir ao meu socorro enquanto não receberes o título de cavaleiro.

Ao amo Sancho prometeu obedecer tanto quanto sua natureza humana assim lhe permitia. O escudeiro declarou que era um homem de paz e que detestava conflitos, mas que, se fosse atacado, não seria capaz de fazer vistas grossas mais de uma vez. Dom Quixote certa razão viu no argumento; ainda assim, insistiu ao escudeiro para conter qualquer imprudente impulso caso os dois defrontassem membros da cavalaria. E Sancho Pança jurou manter e guardar a sua palavra e o combinado tal como os domingos.

Enquanto nosso nobre cavaleiro instruía o escudeiro, na estrada apareceram dois frades da ordem de São Bento, montados em duas mulas; logo atrás, vinha um coche escoltado por quase meia dúzia de homens montados em mulas e dois homens a pé. A bordo do coche havia uma senhora biscainha, a caminho de Sevilha.



E o que mais isso poderia ser que não uma emboscada armada por encantadores para raptar uma princesa? Os frades, que inocentemente viajavam sozinhos, aos olhos de Dom Quixote tornaram-se dois mal-intencionados e, na sede de aventura do nosso nobre cavaleiro, o mais próximo deles tomava proporções monstruosas.

– Pior que os moinhos de vento esta será! – reclamou Sancho que, em vão, tentou convencer seu mestre do que ali de fato havia.

Mas Dom Quixote o interrompeu no mesmo instante.

– Que conheces tu sobre aventuras? – repreendeu e deu o assunto por encerrado.

Num ato de coragem, o cavaleiro avançou e posicionou-se no meio do caminho.

– Seres possuídos e descomunais! Ordeno que libertai agora mesmo a princesa que nesta carruagem carregam à força. Do contrário, preparai-vos para aqui mesmo a morte encontrar como punição de vossos atos malignos! – exclamou.

As mulas, de orelhas erguidas e espantadas diante de tal figura, pararam, e ficaram os frades boquiabertos, estupefatos com o que ali viam. Quando por fim conseguiram recobrar a capacidade de raciocínio, disseram que viajavam sozinhos e alegaram desconhecer os viajantes que atrás deles vinham.

Mas o cavaleiro não se deixou enganar pela desculpa e nem sequer importância deu à explicação, ao contrário, refutou-a furiosamente:

– Conversa fiada não me convence! Conheço bem a vossa espécie, canalhas mentirosos! – E, metendo esporas em Rocinante e com a lança empunhada, arremeteu contra os dois frades feito um redemoinho, com tanta fúria que, se um deles a mula não arredasse, teria virado picadinho. O outro teve a pele salva graças à escapada que deu, quase tão rápida quanto o poder de ataque do nosso herói.

Àquela altura, Sancho Pança começou a compreender seu verdadeiro papel como escudeiro de um bem-sucedido cavaleiro. À

beira da estrada, avistou o primeiro frade estirado no chão, sem fôlego por ter saltado da mula tão depressa. Foi até o homem e começou a despi-lo, arrancando-lhe o hábito, sob o pretexto de que, como despojos da batalha, a vestimenta lhe pertencia.

Mas o escudeiro foi interceptado pelos homens que acompanhavam a carruagem, e que graça nenhuma viram naquilo. Sancho Pança começou a discorrer sobre as lições de etiqueta que tinha aprendido para situações como essa, mas tanto melhor seria se tivesse escolhido calar-se, pois os homens o atacaram e o espancaram a chutes e socos, deixando-o estirado no chão. Em seguida, os agressores foram acudir o empalidecido e trêmulo frade e o ajudaram a montar na mula. Assim que subiu ao animal, o homem apressou-se o máximo que pôde e correu para alcançar o companheiro, e assim o percurso os dois continuaram, traçando o sinal da cruz mais do que se tivessem encontrado o próprio diabo em pessoa.

Entrementes, tentava Dom Quixote convencer a bela dama ocupante do coche a retornar para El Toboso para que a própria pudesse contar à Dulcineia a estranha e conspícua aventura que ele havia enfrentado para libertá-la de seus algozes.

Mas a insistência de Dom Quixote incomodou a um cavaleiro biscainho, que era um dos acompanhantes montados a cavalo, e logo uma briga começou. Como não tinha escudo, o biscainho pegou uma almofada da carruagem e com ela passou a se defender. A batalha começou aguerrida, tanto que Dom Quixote de início perdeu um pedaço de sua orelha, o que o enfureceu ainda mais; atacou o adversário com tanta força que do desgraçado arrancou sangue do nariz, da boca e das orelhas. Se o biscainho não tivesse agarrado o pescoço de sua montaria, teria sido arremessado no mesmo instante. Ficou a cabo da mula completar o estrago e, quando o animal, sobressaltado, começou a rolar pelo campo, mergulhou o cavaleiro de cabeça no chão.

Aproveitando o momento, aproximou-se Dom Quixote do homem e ordenou que se rendesse caso não quisesse ter a cabeça

decepada. Totalmente atordado, o biscainho nada pôde fazer, e não fosse pelas orações das senhoras no coche que rogavam pela vida do pobre, ele teria sido decapitado ali mesmo. Por fim, nosso nobre cavaleiro concordou em poupar a vida do adversário sob uma condição: que ele à inigualável Dulcineia de El Toboso se apresentasse e que sua punição por ela assim fosse determinada. Quando as senhoras prometeram que o escudeiro faria tudo que lhe fosse pedido, nosso herói de La Mancha concordou em deixar o homem em paz.

# Capítulo X

## **Da conversa agradável entre Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança**

Ao recobrar a consciência, Sancho Pança novamente viu seu mestre em batalha e pensou que o melhor a ser feito seria rezar e rogar a Deus pela vitória de Dom Quixote; e assim suas preces foram atendidas. Pois logo o cavaleiro do combate emergiu como vencedor! Tomado pela emoção e pela gratidão a Deus, o escudeiro foi ter com o seu mestre e ajoelhou-se diante dele, beijou-lhe a mão e o ajudou a montar no cavalo, sem esquecer, por nem um momento sequer, a ilha da qual Dom Quixote havia prometido torná-lo governador. O esperançoso escudeiro a seu amo lembrou da promessa, e Dom Quixote declarou que se tudo continuasse como estava, honras maiores lhe estariam resguardadas, e que talvez Sancho pudesse se tornar rei ou até mesmo imperador.

Prazido de tal perspectiva, Sancho montou em seu burro e tomou caminho atrás do mestre, que à sua frente lépido galopava. Sancho, ao ver Dom Quixote embrenhar-se numa mata ao redor, apressou o burro na mesma direção e chamou, pedindo ao seu amo que o esperasse.

Dignou-se nosso nobre cavaleiro a escutar a súplica de seu exausto escudeiro, parou e esperou Sancho alcançá-lo. O escudeiro atreveu-se a sugerir que se escondessem em alguma igreja, temeroso de que, àquela altura, os frades à Santa Irmandade tivessem relatado os fatos; ao que nosso nobre cavaleiro reagiu com gargalhadas ante tamanha ingenuidade e medo. A Sancho só restou admitir que nunca em toda a sua vida havia servido tão valente e corajoso cavaleiro, embora não tenha deixado de implorar a seu mestre que não tomasse por pouca coisa o ferimento na orelha, e ofereceu-lhe para tratar do machucado um punhado do unguento que carregava consigo. Só depois de um longo e eloquente discurso sobre o intrigante bálsamo de Ferrabrás que tinha o poder de curar

e restabelecer os mais profundos ferimentos – capaz até mesmo de recompor com uniformidade e exatidão e trazer de volta à vida um corpo partido em dois – é que Dom Quixote condescendeu em aplicar o unguento do escudeiro, mas não o fez sem a falta do milagroso bálsamo lamentar.

Pois eis que agora Sancho Pança numerosas possibilidades de ganhar dinheiro com tal remédio extraordinário vislumbrou. Dispor-se-ia a abrir mão dos direitos de conquistar qualquer trono para obter a receita da bebida, mas seu mestre disse que chegada a hora, lhe ensinaria segredos ainda maiores e, de repente, mudou de assunto e começou a praguejar contra o biscainho, de quem tinha acabado de se lembrar ao sentir uma físgada na orelha ferida. Ver o capacete partido só fez a raiva ainda maior, e nosso cavaleiro jurou pelo criador e pelos quatro Evangelhos que se vingaria. Diante disso, lembrou Sancho ao mestre do juramento que este havia feito às senhoras. Não havia lhes prometido a remissão do castigo do homem caso este se apresentasse à Dulcineia? Pois assim lembrado por seu escudeiro, Dom Quixote declarou nulo e sem efeito seu juramento e elogiou Sancho Pança por, mesmo sem plena consciência, tê-lo lembrado dos costumes da cavalaria.

Então, repetiu nosso nobre cavaleiro os votos que à cavalaria havia feito e jurou confiscar de algum cavaleiro adversário um capacete tão bom quanto o seu. Àquela altura, começava Sancho a perguntar-se se tantos juramentos não comprometeriam a segurança de seu mestre e, portanto, aventou a possibilidade de depararem algum adversário sem capacete e indagou Dom Quixote o que ele pretendia fazer tal fosse o caso. Assegurou o cavaleiro ao escudeiro que em breve os dois encontrariam mais homens armados do que aqueles que chegaram a Albraca para a conquista da bela Angélica.

Involuntariamente, Sancho recobrou sua tão sonhada e inveterada ilha a ser conquistada, e novamente seu mestre o aconselhou ao coração aquietar, posto que motivo para preocupação como essa não haveria. Nosso nobre cavaleiro ainda melhor fez, pois

assossejou o escudeiro explicando que se tal ilha desaparecesse ou, por algum motivo, faltasse, muitos outros reinos poderiam ainda ser conquistados, como o da Dinamarca ou de Sobradisa, cujas vantagens ainda eram maiores em comparação às ilhas porque estavam em terra firme, e os dois, portanto, não precisariam nem de barco nem de nado para chegar a eles.

Dom Quixote agora começava a sentir fome e pediu ao escudeiro que de sua alforja lhe desse um pouco de comida. Desculpou-se Sancho por ali nada ter além de cebola, queijo e umas crostas de pão, comida indigna de um nobre cavaleiro, mas Dom Quixote o aquietou, explicando que a cavalaria implica autonegação e que, como era sabido, muitos cavaleiros um mês passavam sem comer, mas recomendou a Sancho que vez em quando recolhesse as frutas secas que pelo caminho encontrasse como medida de precaução em caso de fome extrema. O escudeiro, porém, temendo que algo mais substancial seu organismo pedisse, ponderou que acrescentaria uma ou outra ave que abateria quando a encontrasse pelo caminho. O mestre objeção direta não fez, presumindo que nem só de frutas secas sobreviviam *todos* os cavaleiros.

Assim que terminaram a cerceada refeição, prosseguiram o caminho a cavalo, afoitos por encontrar abrigo antes de a noite cair. Ao escurecer, viram-se entre casebres de cabreiros e nosso nobre cavaleiro decidiu que ali passariam a noite. Sancho tinha a esperança de que encontrariam alguma casa onde teriam cama confortável para descansar, mas a seu mestre agradava a ideia de novamente dormir ao ar livre, pois cada abnegação tornava Dom Quixote mais digno e mais valoroso membro da cavalaria.

# Capítulo XI

## **Do que ao nosso nobre cavaleiro sucedeu com certos cabreiros**

Nosso nobre cavaleiro e seu fiel escudeiro cordialmente foram recebidos pelos cabreiros que os convidaram a partilhar de sua refeição, servida apenas em uma toalha feita de lã de carneiro estendida no chão. A Dom Quixote cederam um lugar de honra com um cocho virado de cabeça para baixo. Sancho de pé permaneceu para servi-lo, mas seu mestre insistiu para que o escudeiro se sentasse ao seu lado e de igual para igual se servisse. Sancho o convite recusou. Disse que de sua refeição muito melhor desfrutaria em um cantinho, sozinho, onde poderia mastigar como bem quisesse, sem ter de preocupar-se com as formalidades requeridas pela presença ilustre e nobre de seu mestre. Sancho chamou a atenção de seu mestre para o fato de que diante de companhia tão célebre como essa, um humilde amo como ele teria de vigiar o modo de mastigar, espirrar, tossir e de outros acessos involuntários, além de não poder beber até fartar-se. Nosso nobre cavaleiro, no entanto, tais argumentos recusou e obrigou o escudeiro a sentar-se ao lado dele.

Os cabreiros, encantados com o inflamado e eloquente discurso do nosso cavaleiro, ainda mais estupefatos ficaram quando Dom Quixote deu início a uma poética e pomposa fala sobre a Era Dourada, depois de servir-se de uma porção de bolotas que lhe fez lembrar tal época e lhe coube de inspiração.

Sancho aproveitou-se do longo discurso do mestre visitando o ancorote que tinham deixado suspenso num carvalho para manter o vinho mais fresco.

Mal Dom Quixote seu discurso havia terminado quando ao longe ouviram uma música. Logo um jovem de aprazível aparência apareceu, de vinte e poucos anos, tocando alaúde. Atendendo ao pedido dos cabreiros, o rapaz começou a tocar uma balada de amor

a que Dom Quixote reconheceu de imediato. Mas Sancho Pança, mais disposto ao sono do que à cantoria, ao pé do ouvido sugeriu a seu mestre que consideração tivesse por aqueles homens que ao nascer do sol teriam de pular da cama para o pão à mesa garantir. O apelo, no entanto, não comoveu Dom Quixote, especialmente porque o ferimento da orelha mais uma vez começou a incomodar nosso nobre cavaleiro. Um dos cabreiros ajuda ofereceu, arrancou umas folhas de alecrim de uma árvore, colocou-as na boca, mastigou-as bem, depois, acrescentou uma pitada de sal, pôs a mistura numa bandagem e com ela cobriu a orelha ferida de Dom Quixote. Pois eis que como nosso cavaleiro sabiamente previa, precisão de outro curativo não houve.



# Capítulo XII

## **Do que contou certo cabreiro entre os que estavam com Dom Quixote**

Dom Quixote estava prestes a recolher-se, quando um jovem da aldeia aproximou-se da cabana para avisar aos cabreiros sobre a morte de um famoso aldeão chamado Crisóstomo. Contou o rapaz que à boca miúda corria que Crisóstomo – que de estudante havia se tornado pastor – havia morrido de amor à filha de Guilherme, o rico. No testamento, o pastor afirmava que seu desejo era ser enterrado feito um mouro no exato lugar em que havia conhecido a moça, ao pé de uma rocha, junto a uma nascente, nos campos, mas os padres da aldeia a esse e outros pedidos do testamento se opuseram, pois acreditavam que eram pagãos tais terras.

Ambrósio, amigo do peito do falecido e estudante que pastor também havia se tornado, oposição à igreja fez e determinado estava a cumprir a vontade do amigo. O moço contou aos cabreiros que a comunidade estava alvoraçada e que muitas surpresas poderiam esperar daquela manhã, quando o enterro estava para acontecer.

Intrigado para saber mais sobre a donzela por cujo amor Ambrósio havia morrido, Dom Quixote fez perguntas sobre ela. Um dos cabreiros, de nome Pedro, contou-lhe tudo o que sabia a respeito.

Os pais de Marcela – a donzela por quem Crisóstomo havia se apaixonado – e também os pais do rapaz falecido, apesar de serem agricultores, eram gente abastada. O pai e a mãe de Marcela morreram quando ela ainda era bebê e a menina foi criada pelo tio, um padre da aldeia. À medida que o tempo passava, a beleza de Marcela a proporção do seu crescimento acompanhava, e seu tio muitas propostas de casamento recebia, mas a donzela nenhuma delas aceitava. Certo dia, ela apareceu com traje de pastora e declarou sua intenção de voltar-se para a vida religiosa, para consternação de toda a gente da aldeia.

Nessa mesma época, o pai de Crisóstomo morreu e toda sua fortuna deixou para o filho, que tinha acabado de terminar seus estudos em Astronomia e em outras disciplinas tão eruditas quanto, na Universidade de Salamanca. Junto do companheiro e amigo Ambrósio, Crisóstomo voltou para casa e ambos muito populares tornaram-se na aldeia. Foi então que Crisóstomo viu Marcela e perdidamente apaixonado ficou, e decidiu, como tantos outros, tornar-se pastor para perto da moça permanecer. A donzela, porém, indiferente aos gracejos do moço permanecia e a dor do desprezo custou a vida ao rapaz.

Terminada a história, Pedro aconselhou nosso cavaleiro que não perdesse a cerimônia que os amigos pastores de Crisóstomo pela manhã realizariam. Àquela altura muito aborrecido pela tagarelice do cabreiro, Sancho em voz alta pensou que talvez era chegada a hora de seu mestre descansar, e Pedro suplicou para que o cavaleiro em seu casebre dormisse, pois temeroso estava de que a geada noturna a ferida piorasse.

Então, Dom Quixote retirou-se e na cama ofertada pelos anfitriões foi descansar; à imitação dos enamorados de Marcela, sonhou a noite toda com sua amada. Sancho, tão confortável e desfavorecido de saudáveis memórias quanto um ancorote, entre o corcel de seu amo e seu próprio burro, o corpo estirou.

# Capítulo XIII

## Em que finda a história da pastora Marcela e outros eventos

Tão logo o sol nasceu, ao leste, Dom Quixote despertou e um pouco mais tarde lá estavam a caminho do enterro de Crisóstomo.

Uma curta distância tinham percorrido quando encontraram seis pastores, todos trajados com pelicos pretos e a cabeça coroada com grinalda cipreste e amargo oleandro. Cada um dos homens empunhava uma vara de azevinho. Bem atrás deles dois fidalgos aproximavam-se a cavalo, acompanhados de outros três criados a pé. Ao parar para trocarem saudações, souberam que todos seguiam para a mesma direção, o lugar do enterro. Ao encontrar os pastores trajados de luto, os dois fidalgos souberam da triste e fatídica história do amor de Crisóstomo por Marcela, história essa que a curiosidade e a tristeza dos homens despertou, bem como a vontade de prestarem sua homenagem ao rapaz.

O cavaleiro armado, é claro, chamou a atenção dos homens, e um deles pela curiosidade deixou levar-se e perguntou o motivo de tamanho arsenal numa manhã tão pacífica quanto aquela; pois eis que o nosso cavaleiro respondeu que o perigo aviso não manda e que as armas se fizeram para aqueles cujo chamado para cavaleiro havia recebido.

Os fidalgos de pronto notaram que a Dom Quixote faltava o juízo, mas um deles, dado à troça, quando nosso cavaleiro começou a discorrer sobre a cavalaria e os cavaleiros errantes, logo lhe perguntou de que se tratavam. Sem poupar saliva, nosso herói aos homens explicou os mistérios da ordem da cavalaria. Descreveu os feitos do Rei Artur, contou sobre a famosa Távola Redonda e sobre a história de Dom Lancelote com a Rainha Guinevere.

Durante as descrições, o fidalgo brincalhão logo identificou a espécie de loucura do nosso cavaleiro e decidiu permitir ao cavaleiro um pouco mais dos próprios disparates a caminho da

sepultura. Vez em quando ele lançava uma pergunta ou comentário para não perder o fio da meada, como quando astuciosamente sugeriu que o chamado do cavaleiro errante era tão árduo quanto o de um monge cartuxo, ao que Dom Quixote respondeu que considerava a sua missão ainda mais necessária, posto que comparação não havia à altura de suas incumbências, haja vista que, se um dia imperador se tornasse, só o seria depois de muito sacrifício, sangue e suor.

Nesse ponto, os dois concordaram, mas havia algo que o fidalgo desaprovava: sempre que pelejava, o cavaleiro se encomendava à amada e não a Deus, o que, para ele, além de errado era anticristão. O nobre cavaleiro, no entanto, erro nenhum via nisso e argumentou que nada mais humano havia do que pensar antes na amada num momento tão austero quanto uma batalha e declarou ainda que muitas vezes o cavaleiro errante diria coisas em voz baixa, em conversas consigo, coisas que não poderiam ser compreendidas e que somente os céus poderiam interpretar como um chamado à cortejada ou a Deus.

O fidalgo, então, logo outro argumento encontrou. Manifestou sua dúvida de que todos os cavaleiros errantes estariam apaixonados, pois que alguns deles referiam-se a damas fictícias. Com veemência, o nobre cavaleiro refutou o argumento, mas o viajante contou talvez ter lido em algum lugar que Dom Galaor, irmão do valente Amadis de Gaula, nunca se encomendou a dama nenhuma e nem por isso deixou de ser considerado corajoso e ilustre cavaleiro. Contrapondo o argumento, Dom Quixote declarou:

– Senhor, uma andorinha sozinha não faz verão!

E nosso nobre cavaleiro afirmou ainda, como quem tem total convicção, que Dom Galaor profundamente apaixonado estava, mas em segredo guardava o sentimento. Nesse exato momento, Dom Quixote um suspiro deixou escapar, de cansaço. Mas o gesto foi mal interpretado pelo viajante, que ao nosso cavaleiro perguntou se este receio tinha de revelar o nome de *sua* amada de beleza sem-par.

– Dulcineia del Toboso, de La Mancha – respondeu prontamente Dom Quixote e desta vez qualificou-a como princesa, exaltando suas virtudes e sua beleza ao viajante que achou graça ao ouvir o cavaleiro citar a ancestralidade e a linhagem da moça. Primeiro, o cavaleiro citou todas as famílias da Espanha com que a amada ligação não tinha para só então dizer que a moça descendia dos Toboso de Mancha, uma linhagem moderna cujos sucessores jamais poderia prever-se.

Por sua vez, o viajante a Dom Quixote contou sobre sua família, afirmando que obviamente não ousaria compará-la à da formosa Dulcineia, embora nunca antes tivesse ouvido falar dela, confissão que a nosso nobre cavaleiro muito surpreendeu.

Durante a conversa que se sucedeu entre o cavaleiro e o viajante – que se chamava Vivaldo –, os dois avistaram vários pastores, todos com pelicos pretos de lã e grinalda na cabeça. Seis deles carregavam um esquife onde jazia o corpo de Crisóstomo. Ao redor do corpo, havia papéis e livros espalhados. Ao chegarem ao local que o falecido ainda em vida havia escolhido para seu descanso, Ambrósio, seu melhor amigo, proferiu algumas palavras em sua memória; citou a decepção do amigo ao receber cruel tratamento de parte daquela por quem só fez amar, a mesma que o falecido teria no mundo imortalizado por meio da poesia, se ao próprio Ambrósio não tivesse confiado a incumbência de tais versos às chamas do fogo entregar depois que o corpo dele, Crisóstomo, fosse entregue aos vermes da terra.

Vivaldo, no entanto, inconformado com o que considerava um descalabro pôr fim a tão belos versos, implorou a Ambrósio para que não entregasse aqueles escritos ao esquecimento e, enquanto falava, estendeu a mão em direção a alguns dos papéis. Ambrósio permitiu que ele os guardasse. Todos os demais foram queimados.

Apreciando os versos com entusiasmo, Vivaldo deteve-se em um cujo título era *Canção desesperada*. Ao vê-lo, Ambrósio pediu ao homem para que o lesse em voz alta, assim todos ali reunidos poderiam os últimos versos do falecido pastor apreciar. Enquanto

Vivaldo declamava os excruciantes versos, alguns dos pastores começaram a sepultura do falecido cavar.

# Capítulo XIV

## Onde são descritos os excruciantes versos do falecido e outras peripécias

O último verso tinha Vivaldo acabado de ler e prestes estava a verificar os outros papéis que havia conseguido salvar do fogo quando, de repente, no sopé da rocha onde se cavava o túmulo, seus olhos testemunharam uma aparição maravilhosa. Pois outra não era senão a própria Marcela, a pastora, e todos ficaram espantados ante tal presença. Assim que a viu, Ambrósio, deveras indignado, ordenou que a moça fosse embora. Mas a ordem foi descumprida e Marcela pediu a todos que a ouvissem, pois ela ali estava para defender-se, ciente do que a acusavam: crueldade, falta de coração, arrogância, ingratidão, execrabilidade. No entanto, declarou a própria Marcela, ódio era um sentimento que desconhecia e ninguém por ela havia sido enganado. Crisóstomo havia se enamorado por sua beleza, mas ela não o amava e tampouco a qualquer outro homem, pois, por conta de seu inato desejo pela liberdade, havia escolhido a solidão, os bosques e os campos. Ora, deveria ela obrigar-se a abrir mão do próprio desejo porque um homem declarou amá-la e seu sentimento não era correspondido? Deveria ser declarada culpada pela morte de Crisóstomo? Por não sentir o mesmo que ele? Qual agravo não seria ferir a honra e a virtude femininas? E de que fortuna desfrutaria Crisóstomo se tais qualidades destituísse de Marcela?

E assim a moça prosseguiu numa profunda e efusiva fala e, ao findá-la, reação nenhuma esperou, tanto que se virou e saiu correndo pela floresta feito um animal fugindo da presa. Todos os presentes ali permaneceram, tomados por um estado de silêncio e admiração, fruto não só da beleza como também do discurso sincero e sensato da donzela. Alguns, no entanto, pareceram querer seguir a moça, quase que enfeitiçados por tamanhos brilho e beleza

de seus olhos, mas por Dom Quixote interceptados foram, e advertiu-os o nosso nobre cavaleiro:

– Que ninguém, qualquer que seja a sua condição, atreva-se a seguir esta moça, sob pena de incorrer em minha feroz indignação! Já Marcela declarou, com claros e satisfatórios argumentos, que sobre si não recai nenhuma culpa pela morte de Crisóstomo. Em vez de perseguida e culpada, que por todas as pessoas boas do mundo seja honrada e estimada, posto que Marcela prova ser a única que nele habita com virtuoso coração.

A declaração foi feita pelo cavaleiro em tom de ameaça, com a mão no punho da espada. Fosse por medo ou porque a cova de Crisóstomo já estava totalmente aberta e o corpo do falecido estava a poucos centímetros do sepulcro, ninguém dali arredou o pé e todos permaneceram no lugar onde estavam, até o enterro acabar. O túmulo foi selado com uma pedra grande e os pastores, entre lágrimas, espalharam sobre ela flores e ramos.

Os dois viajantes convidaram Dom Quixote a acompanhá-los até Sevilha, onde, segundo os próprios, nosso nobre cavaleiro em abundância encontraria suas tão ansiadas aventuras. Mas Dom Quixote lhes disse que suas obrigações naquele momento o impediam de o convite aceitar, pois tinha a missão de extirpar daquelas terras a gatunice e a bandidagem; agradeceu os dois homens, que sua viagem prosseguiram sem o cavaleiro.

Pois eis que agora Dom Quixote claramente seu dever enxergava. Desbravaria as matas à procura da formosa Marcela, certo de que a moça de seus préstimos necessitaria.

Mas as coisas não se sucederam do modo como nosso nobre cavaleiro esperava.



# Capítulo XV

## **Da infortunada aventura que a Dom Quixote ocorreu quando encontrou cruéis iangueses**

Depois de despedir-se de seus anfitriões, acompanhado de seu escudeiro nosso nobre cavaleiro partiu na mesma direção onde tinham visto Marcela desaparecer. Os dois vaguearam por um tempo sem nem um vestígio da moça encontrar, até que chegaram a um prado em que havia água corrente de um riacho, e como a sede, o calor e o cansaço já os ameaçavam abater, Dom Quixote e Sancho decidiram ali permanecer até a refeição do meio-dia. Satisfizeram-se com o que havia sobrado dos alforjes enquanto Rocinante e o burro de Sancho, soltos, puderam se fartar de toda a grama que encontraram.

Pois por obra do destino, naquela mesma hora pelas redondezas descansava um bando de iangueses que suas éguas soltas deixaram a pastar. Assim que Rocinante as avistou, quis trocar saudações e num trote saiu em direção à manada. Mas as éguas, no entanto, pareciam indispostas a conversa fiada com um desconhecido, tanto que o receberam oferecendo as costas e desferindo coices e dentadas, a ponto de deixarem Rocinante sem sela e a pelo nu. Àquela altura, os iangueses já tinham escutado a agitação e correram, armados com gravetos, e com tanta violência golpearam Rocinante que o pobre animal ficou caído no chão.

Assim que terminaram a refeição, Dom Quixote e Sancho saíram para Rocinante e o burro procurarem. Logo que se inteirou da situação, nosso nobre cavaleiro concluiu, e a Sancho confidenciou, que tal obra de cavaleiros errantes não poderia ser, e no mesmo instante incumbiu o escudeiro de ajudá-lo na peleja pela honra de Rocinante. Ao ver o grupo grande em que o adversário se apresentava, Sancho a seu mestre suplicou para que ele em vingança não pensasse, mas a convicção com que Dom Quixote

afirmou que ele por si valia mais do que cem, aquietou o coração do escudeiro.

Dom Quixote, num ataque certo, à espada meteu a mão e rasgou parte do ombro de um dos oponentes; Sancho também lutou bravamente. Mas os adversários, ao verem que lutavam contra um grupo tão pequeno, os atacaram todos de uma só vez e depois de alguns golpes nosso cavaleiro e seu escudeiro derrubaram, deixando ambos gravemente feridos. Temerosos, pois, do mal que fizeram e do poder da lei, os iangueses abriram fuga o mais depressa que puderam.

Ao recobrar os sentidos, Sancho dúvida não teve de que todos os seus ossos tinham sido quebrados e só conseguiu olhar para o lado em direção ao seu mestre e confessar que desejava ter à mão o bálsamo de Ferrabrás de que Dom Quixote havia falado. O remédio mais falta fez ao escudeiro do que ao próprio mestre, que prometeu ter o bálsamo em seu poder dali a dois dias. Quanto às feridas, nosso cavaleiro tomou toda a culpa para si, pois sentia o peso do castigo de Deus por ter empunhado sua espada a homens que tal peleja não mereciam; portanto, decidiu que dali em diante tão somente Sancho seria o encarregado de dar cabo à vida daqueles cujo título de cavaleiro não possuíam.

O escudeiro se opôs, pois afirmava ter esposa e filhos para alimentar, além de ser por natureza um homem pacífico, manso e sossegado e rogou a Deus para que de antemão perdoasse o mal e as ofensas que pudesse qualquer homem lhe fazer para todo o sempre; porém Dom Quixote repreendeu o escudeiro, alertando-o para que a coragem de atacar e defender-se jamais se perdesse em todo e qualquer tipo de contingência.

O coração mole de Sancho para Rocinante voltou-se, posto que o cavalo havia sido a causa de todo aquele imbróglio. O pobre animal em situação grave encontrava-se. Então, chegaram à conclusão de que melhor seria que Dom Quixote – sem poder manter-se sentado e ereto – montasse no burro do escudeiro, decisão tomada quando Dom Quixote lembrou-se de Sileno, pedagogo do Alegre Deus da

Folgança, que para entrar na cidade com portões atravessou escarranchado num belo asno.

Depois que Dom Quixote foi bem atado e que Rocinante levantou-se do chão, Sancho pegou os dois animais pelo cabresto, os conduziu até a estrada e dali prosseguiram caminho. Pouco tempo depois, o escudeiro avistou o que uma venda parecia ser, mas Dom Quixote certo estava de que ali havia um castelo, e antes que consentissem sobre a natureza do que seus olhos viam, chegaram ao portão e entraram.

# Capítulo XVI

## **Do que se sucedeu com o engenhoso cavaleiro na venda que seus olhos viram como castelo**

Quando o vendeiro avistou o ferido montado no burro, quis logo saber o que havia acontecido. A esposa do homem era mulher bondosa e de boa índole, e quando Sancho explicou que seu mestre havia despencado de uma rocha, ofereceram-se ela e a filha do casal para cuidar dele. A filha do casal é uma asturiana de olho torto, nariz pontiagudo e curvo, e maçãs do rosto rechonchudas improvisou uma cama para Dom Quixote usando quatro tábuas do sótão, onde um arrieiro certa vez também havia se hospedado. Acomodado ali, Dom Quixote das mãos da esposa do vendeiro recebeu cuidados, que logo lhe cobriu o corpo todo com emplastros, mais do que qualquer cobertor poderia fazê-lo. Entrementes, ela, a filha e a asturiana, curiosas que estavam, a Sancho perguntaram sobre seu mestre.

Entusiasmado, ou tanto quanto o corpo lhe permitiu, Sancho contou sobre as portentosas aventuras que tinham experimentado, e atônitos, todos o ouviram. As órbitas dos olhos da serva asturiana, tamanha surpresa, pareciam saltar pálpebras afora. Encantada com o que tinha ouvido, a moça indagou a Sancho o que era um cavaleiro errante. O escudeiro de Dom Quixote respondeu que se tratava de um aventureiro que poderia, num dia, ser o mais pobre e desditoso dos homens para no outro transformar-se num imperador de coroas e reinos o suficiente cercado para doá-los a seu bel-prazer a seu escudeiro e subordinados. À tal resposta reagiram as mulheres, manifestando surpresa ao ver que ele próprio, a julgar pela aparência, não era dono sequer de uma faixa de terra. Foi então que Sancho contou que ele e seu mestre pouco tempo de estrada tinham, que ainda era muito cedo, pois as aventuras que

tinham topado pela frente não eram dignas de menção e não passavam do começo.

Nosso nobre cavaleiro, que em silêncio escutava tudo o que contava o escudeiro, sentou-se na cama e expressou a grande honra que a família a eles havia concedido ao recebê-los em sua casa, bem como a indescritível gratidão pelo gesto, e contou sobre sua amada Dulcineia del Toboso, de La Mancha.

As mulheres, para quem as palavras do nobre cavaleiro mais soavam como grego, o olhavam estupefatas; depois, agradeceram a cortesia de seus ditos e os deixaram descansar. Foram cuidar de Sancho, que pela asturiana foi enchido de emplastros e parecia carecer de tantos cuidados quanto seu mestre.

## Capítulo XVII

**Em que não cessam os numerosos infortúnios que o destemido Dom Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pança enfrentaram na venda, que nosso nobre cavaleiro, para a própria infelicidade, imaginou ser um castelo**

Na manhã seguinte, Sancho, sentindo ainda mais dor, lembrou seu mestre sobre o famoso bálsamo que ele prepararia. O próprio Dom Quixote ansioso estava por preparar o miraculoso remédio, então, mandou Sancho ir buscar numa suposta fortaleza do castelo um pouco de óleo, vinho, alecrim e sal. O escudeiro logo voltou com tudo em mãos e Dom Quixote levou os ingredientes a uma panela e os ferveu. Depois, nosso cavaleiro a mistura despejou em um cantil, benzeu-se e murmurou vários Pai-Nossos e Ave-Marias até exaurir-se; na sequência, deu uma boa golada na bebida e no mesmo instante começou a vomitar e a transpirar, enquanto o rosto e o corpo se contraíam em terríveis espasmos. Tamanho foi o efeito que o mestre de Sancho Pança pediu que à cama o levassem, e ali dormiu por três horas. Ao acordar, tremendo alívio das dores sentiu e convencido ficou de que tinha acertado o ponto do providencial bálsamo de Ferrabrás.

Ante a miraculosa recuperação de seu mestre, Sancho a ele pediu permissão para beber um gole da mistura, e Dom Quixote cedeu de bom grado. Ao contrário de seu mestre, o estômago do pobre Sancho suportou a bebida por mais tempo, mas, enquanto isso, o sofrimento do fiel escudeiro parecia não ter fim; sentiu cólicas, fraqueza, desfaleceu a ponto de achar que sua hora havia chegado. A extrema agonia o fez até mesmo amaldiçoar seu mestre por ter lhe dado uma poção do diabo; pois Dom Quixote só fez perceber

que apenas aqueles intitulados cavaleiros poderiam das benesses do bálsamo lograr-se. E Sancho, contorcendo-se em convulsões, praguejava ainda mais. A tormenta do pobre escudeiro por horas perdurou.

Enquanto isso, o próprio Dom Quixote, sedento por novas aventuras, selou Rocinante, e como Sancho ainda padecia dos efeitos do bálsamo, precisou ajudar seu escudeiro a montar no asno. Todos da venda aos dois observavam partir, e quando os olhos de Dom Quixote na formosa filha do vendeiro repousaram, nosso cavaleiro um suspiro pesado deixou escapar, mas ninguém ali percebeu o verdadeiro motivo, imaginando o gesto involuntário como mera consequência da dor nas costelas.

Quando estava prestes a partir, o cavaleiro chamou o dono da venda e a ele pediu que respondesse de todo o coração se havia algum inimigo que havia lhe feito mal e cujo castigo a vida ainda não tinha providenciado, pois, fosse esse o caso, Dom Quixote daria conta da punição. O vendeiro sem titubear respondeu ao cavaleiro que não se preocupasse, pois ele próprio cuidaria das pendências com seus desafetos e disse que nada mais desejava do cavaleiro além do pagamento pela hospedagem e pelas refeições que ele e seu escudeiro tinham consumido.

– Pagamento? Não digais que cá está uma venda?! – inquiriu Dom Quixote, os ouvidos sem poder acreditar no que seu próprio dono havia acabado de dizer. O cavaleiro suas memórias revolveu à procura de algum incidente em que um cavaleiro havia pago por comida e bebida e, sem conseguir se lembrar de nada, empunhou a lança, montou em Rocinante e num apressurado galope partiu, deixando seu escudeiro para trás.

O vendeiro prontamente agiu para reaver o que lhe deviam, mas a indiferença de Sancho ante às suas queixas só serviu para provar a veracidade de um antigo provérbio: diga-me com quem andas e eu te direi quem és. Sancho ao vendeiro redarguiu, alegando que não poderia ele as regras da cavalaria infringir.

Para o infortúnio do escudeiro, muitos hóspedes da venda acompanhavam a conversa, gente brincalhona e maliciosa, achando graça do que ouviam; pois eis sem cerimônia alguma apearam Sancho do burro, pegaram um cobertor, deitaram o escudeiro no meio dele e começaram a atirá-lo para o ar feito um boneco. O estômago do escudeiro não escapou ileso ao vaivém; a dor retornou e o pobre coitado, indefeso, começou a gemer e a gritar. Seu amo de longe escutou os gritos e, crente de que uma nova e gloriosa aventura se punha à frente, deu meia-volta com Rocinante e disparou numa cavalgada tomando o caminho para retornar à venda.

Pois nosso cavaleiro os portões fechados encontrou, mas por cima do muro espreitou e viu a covardia a que submetiam seu fiel escudeiro ao lançá-lo pelo ares, e a cena só serviu para abrasar a raiva do nosso nobre cavaleiro, incapaz de ir ao socorro de Sancho, sentindo o corpo quebrantado e moído. Por fim, quando se deram por satisfeitos os gatunos, sem o menor cuidado montaram o escudeiro no burro e lhe desejaram boa viagem. A asturiana caolha, num gesto de compaixão, ao pobre coitado ofereceu água, mas, ao vê-la, Dom Quixote começou a gesticular e a brandir desesperadamente o cantil no ar, exclamando:

– Sancho, filho meu, não bebais dessa água! Pois a morte aí se impõe! Vejais, tenho cá o sacratíssimo bálsamo! Serve-te de duas gotas e te pões são!

Mas aos apelos Sancho ouvidos não pôde dar e a seu mestre com amargor lembrou que o escudeiro não pertencia à ordem da cavalaria e, sem demora, levou à boca o copo d'água que a moça havia lhe oferecido. No entanto, ao se dar conta de que ali vinho não havia, Sancho implorou à asturiana que dessa bebida lhe trouxesse, e ela o fez de bom grado e com espírito cristão, pagando do próprio bolso. Depois de beber do vinho, Sancho esporeou o asno e atravessou os portões da venda. Quanto ao vendeiro, deixou partir o homem sem que lhe pagasse o devido, não sem antes, porém, apropriar-se do alforje de Sancho sem que o último percebesse.



# Capítulo XVII

## **Em que se conta a prosa entre Sancho Pança e seu mestre Dom Quixote e outras aventuras dignas de registro**

Dom Quixote ao escudeiro disse ter certeza de que a venda era de fato um castelo encantado e que, para não descumprir as leis da cavalaria, justiça não pôde fazer àquela gentalha. Afirmou também que não conseguiu do cavalo apear-se e escalar a parede por fruto de algum encantamento de parte daquele lugar, pois, do contrário, teria colocado a mão naqueles patifes e salvo seu escudeiro de tal infâmia. Para Sancho, era chegada a hora de o mestre à sua casa retornar. Sugeriu a Dom Quixote que regressassem, pois era tempo de colheita e lembrou ao cavaleiro de que não haviam vencido nem sequer uma batalha, salvo a peleja contra o biscainho, que mesmo assim rendeu ao mestre uma cutilada na orelha, sem falar nos estragos causados ao armamento.

Nosso cavaleiro, porém, disposição para contemplar a má sorte do passado não tinha e eis que no mesmo momento avistou ao longe uma nuvem de poeira e, talvez, dois exércitos preparando-se para uma batalha? Sim, há de ser, cada um posicionado em lados opostos da estrada! E Dom Quixote convenceu o escudeiro que ali estavam o exército do poderoso Imperador Alifanfarrão e de seu inimigo, El-Rei dos garamantes Pentapolim de desguarnecido braço, explicando, ao ver um pastor com o braço desprotegido, que o homem nas pelejas sempre entrava de braço nu.

Sancho a seu mestre perguntou o que fariam, ao que Dom Quixote respondeu que estava muito claro: sua missão era ajudar aos fracos e necessitados. Depois, explicou ao escudeiro que o motivo da briga era a bela filha de Pentapolim, por quem o pagão Alifanfarrão enamorado estava e com quem queria casar-se, mas o pai da donzela recusava-se a consentir no matrimônio, a menos que

Alifanfarrão se convertesse. De imediato, o instinto de justiça do escudeiro despertou, e Sancho logo sua escolha fez: apoiaria e lutaria por Pentapolim. O espírito aguerrido do escudeiro muito agradou seu mestre, pois cavaleiros armados não se exigiam para contendas desse tipo e ademais Sancho teria a oportunidade de dar-se a ver.

Coçando a cabeça, Sancho com seu fiel burrico começou a preocupar-se, posto que boa ideia não lhe parecia pelejar montado num animal do tipo, e se decidisse ir a pé, temia que o pobre se perdesse em meio à confusão. Dom Quixote, contudo, tratou de acalmar o escudeiro, pois quando da batalha saíssem vitoriosos, centenas de cavalos teriam à disposição para escolher, e pediu a Sancho que o acompanhasse até o topo de uma colina para que pudesse mostrar ao bravo escudeiro os tenebrosos e ilustres cavaleiros de ambos os exércitos. E nosso nobre cavaleiro listou nome após nome, um mais valoroso que o outro. Mas Sancho nada via a não ser dois rebanhos de ovelhas e pastores e assim alertou seu mestre, que respondeu:

– Pois engano maior nesta vista nunca cometeste! Que te passa aos ouvidos? Não ouves o relincho dos corcéis, o zurro das trombetas, o rufar dos tambores, meu caro Sancho?

Sancho de pronto respondeu que nada escutava a não ser o balido dos carneiros e das ovelhas. O mestre explicou que o medo perturba os sentidos e as coisas faz parecerem diferentes do que são. E, certo de que o medo havia paralisado Sancho, sem mais pensar nosso nobre cavaleiro cravou esporas em Rocinante e saiu em disparada, feito um raio, decidido a derrotar o Imperador pagão.

Com a lança em riste, Dom Quixote cavalgou e se embrenhou por entre as ovelhas, desferindo golpes por todos os lados, à esquerda e à direita. Em pânico, os pastores usaram suas fundas e começaram a arremessar pedras na cabeça e no corpo do nosso cavaleiro, mas apenas quando atingido nas costelas é que Dom Quixote deu-se por gravemente ferido. Em meio à aguerrida batalha, lembrou-se ele de repente do cantil com o santíssimo bálsamo,

levou-o à boca e a engolir prestes estava quando uma pedra em cheio acertou o vasilhame, atirando-o longe e na sequência veio outra, golpeando um dente. Nosso cavaleiro tão atordoado ficou com a força do golpe que perdeu as rédeas e caiu do cavalo. Do homem ferido os homens se aproximaram e ao verem as graves feridas, seus rebanhos reuniram e depressa começaram a escapar, levando consigo as sete ovelhas que Dom Quixote havia matado com sua lança.

Durante o embate, Sancho no topo da colina permaneceu, desesperado com o que seus olhos testemunhavam. Totalmente fora de si, os cabelos e a barba o escudeiro arrancava e contra si mesmo praguejava, amaldiçoando o momento em que colocou os olhos em seu mestre e concordou lançar-se nessas aventuras sem pé nem cabeça. Quando os pastores e as ovelhas desapareceram completamente, Sancho foi correndo ao encontro de seu mestre.

– Senhor Dom Quixote, bem que lhe disse – advertiu o escudeiro ao cavaleiro caído – que não eram exércitos, mas rebanhos de ovelhas!

Mas novamente nosso herói atribuiu o infortúnio a seu arqui-inimigo, o maldito sábio Frestão, que disfarçou seus exércitos de tal modo que nada pareciam além de pobres e inofensivas ovelhas. Então, Dom Quixote aconselhou ao escudeiro que perseguisse o inimigo com cautela, pois que com os próprios olhos Sancho veria que o cavaleiro havia dito a verdade, e que, não tardaria muito, as tropas voltariam à sua forma original.

Porém, antes que houvesse tempo de Sancho ao menos pensar se deveria ou não ir atrás do bando de ovelhas e pastores, o gole do bálsamo que Dom Quixote durante o embate havia conseguido beber começou a surtir efeito e a presença do escudeiro, naquele momento, fez-se necessária. Passado o momento de provação, levantou-se Dom Quixote e pediu ao escudeiro algo para comer. Só então descobriu Sancho que sua alforja, com todo seu precioso conteúdo, tinha desaparecido. Ambos ficaram desolados. Nosso nobre cavaleiro lançou mão do abundante otimismo em relação ao

futuro para um pouco de esperança oferecer ao desiludido Sancho. Tarefa fácil essa não era, e, nosso nobre cavaleiro poderia ter fracassado, não fosse o dente quebrado e as feridas pelo corpo terem feito Sancho repensar os planos de para casa voltar. Quando, a pedido de seu mestre, o escudeiro o dedo levou à boca de Dom Quixote para ter ideia do tamanho do estrago causado, ficou de coração partido. É claro que ele não poderia deixar seu mestre nessas condições, abandonado à própria sorte; pois eis que Sancho concordou em ficar e os dois prosseguiram estrada adiante, esperando no meio do caminho abrigo encontrar, bem como algo com que pudessem saciar a fome.

# Capítulo XIX

## **Do discurso astuto entre Sancho e seu mestre e da aventura que sucedeu a ambos com um defunto, além de outros acontecimentos notáveis**

Escureceu e os dois nenhum lugar encontraram para abrigarem-se. De repente, em meio à escuridão surgiu um punhado de luzes se aproximando pouco a pouco, devagar, sem que Dom Quixote tampouco Sancho conseguissem identificar de que se tratava. Sancho começou a tremer feito uma vara verde e até nosso nobre cavaleiro amedrontou-se e por entre os dentes murmurou um discreto Pai-Nosso enquanto sentia um frio lhe arrepiar os pelos. Os dois foram para a beira da estrada, de onde logo conseguiram avistar vinte pessoas montadas, todas trajadas com camisa branca e carregando tochas nas mãos. Batendo os dentes de medo, Sancho observou admirado a encantadora procissão, de onde mais gente aparecia, pois atrás dos que estavam montados a cavalo, outros vinham, estes vestidos de preto e montados em mulas e postos em torno de uma liteira coberta por um enorme pano preto. Enquanto se movimentava, o tempo todo aquela gente entoava um murmúrio solene e ao mesmo tempo tenebroso, e Sancho Pança, tamanho pavor, parecia à beira da paralisia.

A coragem de Dom Quixote – bastante abalada dada a cena fantasmagórica que depararam àquela altura da noite – de repente recobrou forças e reascendeu a ponto de o nosso nobre cavaleiro sem demora ao grupo perguntar aonde estavam levando o rei ferido que na liteira carregavam. Tal pergunta, porém, estranha a um dos homens soou, que ao cavaleiro ordenou que dali picasse a mula. A ordem elevou à combustão a raiva de Dom Quixote. O cavaleiro tomou o freio da mula que, espantada, empinou-se nas patas traseiras e jogou seu dono no chão. Outro homem aproximou-se de

Dom Quixote e tentou em vão estabelecer conversa, e sucedeu-se que num instante a procissão se espalhou pelos campos e planícies, com as tochas reluzindo por todos os cantos em meio ao breu. Enquanto nosso cavaleiro errante destilava cutiladas por todas as direções com sua lança, os enlutados, envoltos e enroscados nos próprios trajes compridos, iam caindo por todos os lados, rolando pela planície, tropeçando nas valas e no matagal. Gemidos e grunhidos se misturavam às orações e todos ali dúvida não tiveram de que o diabo em pessoa havia aparecido para interromper a procissão e levar embora o corpo do falecido.

Quando findou a batalha, Dom Quixote achegou-se ao homem que havia sido arremessado da própria mula e ordenou que se rendesse. O pobre coitado disse a Dom Quixote que este grande equívoco havia cometido, pois não se tratava o defunto de rei nenhum e tampouco havia morrido pelejando, mas de uma febre. Acrescentou o homem ainda que ele próprio era um servo da Santa Igreja, incapaz de fazer mal a alguém. Diante de tal confissão, nosso cavaleiro um ligeiro pedido de desculpas fez por ter em meio ao breu confundido o homem com um malandrino ou deveras com o próprio diabo, e a ele explicou seu dever de desfazer todas as mazelas e injustiças e que o ataque nada mais era que uma tentativa de cumprir sua missão. O digno eclesiástico, porém, não arredou tão facilmente e, antes de partir, em bom latim e sem cerimônia excomungou seu agressor.

Sancho, desejoso por botar para fora a raiva que o sufocava, exclamou para o homem:

– Se deseja vossa Senhoria saber quem há sido o herói que assim os pôs, nosso mestre a vós se apresentará e saberás que se trata do glorioso Dom Quixote de La Mancha, por outros conhecido como “O Cavaleiro da Triste Figura”.

Ao escudeiro Dom Quixote indagou por que o havia chamado daquela forma. Sancho respondeu que os dentes perdidos naquela batalha deixaram seu mestre tão abatido que o escudeiro em outro apelido não conseguiu pensar. O cavaleiro achou graça do elogioso

apelido e gostou tanto que passou a adotar a alcunha e da aparência miserável satisfez-se, posto que os cavaleiros do passado conhecidos se tornaram ao tomar para si algum apelido.

Depois dessa conversa com seu mestre, Sancho o convenceu a seguir caminho e a deixar aquela gente para trás, mas tal tarefa fácil não se fez, pois Dom Quixote muito curioso estava para ver de perto os restos mortais do defunto. O escudeiro, depois de o casaco transformar numa espécie de bolsa, o abasteceu com a comida que os religiosos carregavam e haviam deixado para trás. Assim, o cavaleiro e seu escudeiro, ao chegarem a um vale espaçoso, os estômagos recompensaram com todas as refeições que deixaram de fazer, mas faltou vinho para completar o banquete; entre os suprimentos, não havia nem mesmo água.

## Capítulo XX

**Da aventura jamais vista e ouvida, que cavaleiro famoso nenhum enfrentou, e que foi enfrentada e concluída pelo valente Dom Quixote de La Mancha com muito menos perigo do que qualquer outra já vivenciada por famosos cavaleiros deste mundo**

A sede de Sancho despertou seus instintos para sair em busca de bebida. Ao olhar para os campos e planícies dos arredores, imaginou que água ali por perto haveria. Assim, montados, a pouca distância dali já era noite quando cavaleiro e escudeiro chegaram a um prado e o barulho de água corrente escutaram. Então, de repente, ouviram um estrondo ensurdecador, sem conseguir enxergar de que direção vinha, um ruído parecido com o retinir de martelos gigantescos, e acompanhava o barulho um vento inconstante. O ruído estrondoso e a escuridão da noite infundiriam medo e terror a qualquer coração, por mais forte que o fosse; mas a Dom Quixote o mistério só fez conflagrar o ímpeto cavaleiresco e não tardou para nosso cavaleiro preparar-se para a disparada feito um relâmpago. Olhando em direção a Sancho, ele bradou:

– Sou eu o homem que deve ressuscitar os Cavaleiros da Távola Redonda, os Doze Pares de França e os Nove da Fama, aquele que há de em esquecimento pôr todos os cavaleiros errantes de tempos passados e para quem estão reservados todos os maiores perigos e os grandiosíssimos feitos. Pois assim, meu nobre escudeiro, apertais as silhas ao Rocinante, e Deus contigo esteja! E esperas por mim três dias, não mais. Se durante esse tempo eu não voltar, regresses para a tua aldeia e dali vais a El Toboso, onde deves dizer à minha sem-par donzela Dulcineia que seu cativo cavaleiro desta terra partiu tentando cumprir missões que dela me fizessem digno.



Ao escutar tais palavras, a chorar desatou o nosso Sancho e implorou a seu mestre que não se lançasse a tão terrível aventura. O escudeiro até mesmo ofereceu sacrificar-se e abster-se d'água por três dias, tudo para que seu mestre ficasse. Mas como Dom Quixote decidido estava e firme manteve-se, Sancho logo percebeu que ali estava um caso em que os fins justificam os meios; enquanto apertava as silhas de Rocinante, atou ambas as patas do cavalo, então, quando Dom Quixote montou e ameaçou partir, o animal não conseguia se mover, apenas saltar. Quanto mais o cavaleiro esporeava Rocinante, com ainda mais dificuldade o cavalo se mexia; Sancho, então, vendo seu plano funcionar, sem grande dificuldade conseguiu convencer seu mestre de que aquilo só poderia ser um sinal dos céus para que o cavaleiro não se lançasse numa aventura às cegas àquela hora da noite e que esperasse o dia raiar. Dom Quixote essa sugestão recusou e quase pôs-se também a chorar por não conseguir partir, mas Sancho os ânimos de seu mestre tentou acalmar contando intrigantes histórias para entretê-lo.

Ao amanhecer, Sancho as patas de Rocinante desatou e o cavalo rapidamente animou-se. Ao ver a empolgação do bicho, Dom Quixote um sinal dos céus imaginou ser. Nosso nobre cavaleiro de seu escudeiro tornou a se despedir, e Sancho começou a chorar como no dia anterior, mas em vão; Dom Quixote meteu esporas em Rocinante e partiu. O escudeiro, até o fim decidido a acompanhar seu mestre, pegou seu jumentinho pelo cabresto, como de costume e, a pé, saiu atrás do seu cavaleiro errante.

Os dois passaram por uma campina ladeada de árvores, depois uma catarata d'água corrente e abundante. Bem próximo aos rochedos havia um punhado de casas dilapidadas, caindo aos pedaços, e era dali que o ruído estrondoso emanava. Ao aproximar-se da barulheira, espantou-se Rocinante, que, histérico, começou a fazer piruetas para trás e para a frente, e nosso cavaleiro traçou o sinal da cruz e às mãos de Deus e às de sua amada Dulcineia recomendou-se.

Achegando-se com toda a cautela por trás das casas, Dom Quixote espreitou pelo canto e de lá a causa do assombroso ruído viu: seis maços de pisão do tipo que se usava em fábricas.

Sancho não conseguiu conter-se e numa gargalhada incontável caiu. Dom Quixote pasmou-se de vergonha e surpresa e, ao escutar a zombaria de Sancho atrás dele, enfureceu-se e repetiu quase tudo que havia dito na noite anterior quando prestes a partir estava montado num cavalo manco.

Contudo, o escudeiro parar de rir não conseguia, por mais que tentasse. Teve quatro acessos de riso em diferentes momentos, até que seu mestre se enfadou para valer e ao homem meteu duas bordoadas com a lança. Os golpes aquietaram Sancho que ainda um esbregue de Dom Quixote tomou pela explosão de riso e ainda advertido foi de que episódio assim não tornaria a acontecer. Nosso nobre cavaleiro citou vários capítulos de livros de cavalaria e comentou sobre Gadalin, escudeiro de Amadis de Gaula, verdadeiro modelo de escudeiro, que sempre se dirigia a seu mestre de gorro na mão, cabeça inclinada e corpo encurvado. E exemplos muitos havia, dos quais o cavaleiro citou alguns, os mais memoráveis. E, então, Dom Quixote decretou que a partir daquele dia, o respeito a barreira seria entre ele e seu escudeiro em toda e qualquer ocasião. Também mencionou os benefícios que lhe reservavam sua posição de escudeiro e que, se em último caso tais não se cumprissem, Sancho seus ordenados não receberia, como o cavaleiro havia deixado registrado em seu testamento. Nosso nobre cavaleiro desde o princípio tudo havia considerado; conhecia o mundo e missão venturosa havia aceitado para si.

# Capítulo XXI

## **Que trata da estupenda aventura e da rica recompensa do elmo de Mambrino, bem como de outros fatos que a nosso cavaleiro invencível sucederam-se**

Começou a chover e Sancho sugeriu que se abrigassem no moinho do pisão, mas Dom Quixote tomou tanta aversão a ele que nem sequer queria lhe ouvir o nome, então os dois seguiram caminho.

Nisto, apareceu um homem a cavalo, que na cabeça carregava algo brilhante feito ouro, e no mesmo instante nosso cavaleiro exclamou:

– Vejas que se aproxima aquele que na cabeça carrega o elmo de Mambrino, sobre o qual proferi o juramento de que te lembras.

Mas Sancho reagiu dizendo a seu mestre que nada mais queria saber sobre moinhos de pisão, comentário que o nosso cavaleiro em nada compreendeu. O escudeiro disse também conseguir ver claramente que o homem estava montado num jumento e que carregava algo reluzente na cabeça.

O caso é que havia por ali duas aldeias tão pequenas que a botica e a barbearia de uma delas atendia às duas. O barbeiro tinha sido chamado para sangrar um enfermo e barbear outro freguês na cidade vizinha, por isso o homem vinha carregando consigo uma bacia de latão. Estava na metade do caminho quando começou a chover e, com medo de que a água lhe estragasse o chapéu, cobriu a cabeça com a bacia areada, resplandecente feito ouro.

Mas Dom Quixote, que mais bom senso tinha do que seu escudeiro, a toda velocidade com que podia cavalgar Rocinante, partiu num galope e começou a perseguir o cavaleiro desconhecido. O barbeiro, amedrontado ao ver a lança do nosso nobre cavaleiro apontada para ele, no mesmo instante deixou-se cair do jumentinho

e saiu correndo sem parar, feito um raio, deixando para trás a bacia de latão que aos olhos do nosso herói reluzia feito um troféu. Mas Dom Quixote intrigado estava por não entender por que aquele elmo viseira não tinha.

– Cabeça das grandes tinha este pagão – observou Dom Quixote, girando a bacia de latão de um lado para o outro, tentando encaixá-la na própria cabeça, de um lado ou de outro.

– Pois parece senão uma bacia de barbeiro – comentou Sancho Pança, reunindo todas as forças para sustentar a gargalhada.

Contudo, nosso nobre cavaleiro ouvidos não deu a tal disparate e avisou que pararia na primeira ferraria que encontrassem para reparar o apetrecho. Outra questão que preocupava Dom Quixote logo de aviso: a fome. Quando os dois perceberam que o burro do barbeiro comida trazia, trataram de ali mesmo satisfazer o apetite.

Sancho a seu mestre começou a falar sobre os espólios da guerra; mas irredutível mantinha-se nosso cavaleiro, convencido de que não havia nada de cavaleiresco em trocar um asno ruim por um bom, como era da vontade do escudeiro que, então, teve de satisfazer-se com os restos do barbeiro.

Nisto os dois partiram novamente. Pouco tempo depois, Sancho necessidade sentiu de desabafar algo que no coração vinha guardando há algum tempo. O escudeiro sugeriu que em vez de vaguearem em busca de aventuras jamais testemunhadas e, deveras, inexploradas e desconhecidas, que fossem servir a algum grande imperador engajado em alguma guerra, pois assim seus feitos permaneceriam por toda a eternidade. O comentário tocou fundo o coração do mestre e mais do que isso; nosso nobre cavaleiro, em verdadeiro estado de êxtase, começou a enumerar todas as grandes honrarias reservadas ao Cavaleiro da Triste Figura.

Num rompante de astúcia, imaginou que sua primeira tarefa seria encontrar um rei, pai de uma donzela de suprema beleza, pois é claro que antes de tudo nosso cavaleiro casar-se com uma princesa teria. De tal modo entusiasmou o plano Dom Quixote, que por um

instante até esqueceu-se de sua amada Dulcineia. A única preocupação do cavaleiro, então, era sua linhagem real e ele não conseguia lembrar-se de nenhum imperador ou rei de cujo primo de segundo grau poderia ser. No entanto, resolveu não conceder tal desassossego ao pensamento, pois não há no mundo dois tipos de linhagem? De mais a mais, não teria o amor, desde o início dos tempos, operado maravilhas? E por que não haveria tal princesa de tomar por esposo o filho de um aguadeiro? E se o seu futuro sogro ao matrimônio se opusesse, tudo que o cavaleiro precisaria fazer seria raptar sua amada e levá-la para onde ele quisesse.

E assim prosseguiu nosso fidalgo, que continuou imaginando-se nos mais românticos papéis da história deste reino ainda desconhecido, e Sancho começou a pensar que era chegada a hora de valer-se dos louros de sua honrada posição. Tendo sido andador duma irmandade, contou que seus trajes lhe caíam muito bem, e que a própria esposa morreria de orgulho quando o visse com um manto de duque, regado a ouro, renda e pedras preciosas. Assim concordou Dom Quixote, mas advertiu o escudeiro que ele teria de barbear-se com mais frequência, pois já não era muito afeito a cuidar de sua aparência. Argumentou Sancho que tal tarefa trabalho nenhum seria, já que teria um barbeiro próprio e também um picador à sua disposição; o escudeiro sabia que todos os de fama andavam acompanhados por tal homem, pois certa vez, em Madri, tinha visto um homem acompanhado por outro a cavalo, como se fosse o próprio rabo. Na ocasião, perguntou por que o cavaleiro andava acompanhado de tal maneira e soube que os grandes sempre carregavam atrás de si um picador. A Dom Quixote a ideia de um barbeiro para Sancho muito agradou, e o escudeiro pediu a seu mestre para apressar-se e que saíssem logo ao encontro da tal ilha de que Sancho seria governador, para que finalmente pudesse se apossar das regalias que sua posição de conde ou duque resguardava.

# Capítulo XXII

## **Da liberdade que Dom Quixote concedeu a inúmeros desafortunados que foram levados contra sua vontade para onde por vontade própria não desejavam ir**

Mal tinham escudeiro e cavaleiro terminado a conversa, quando um grupo de algemados surgiu na estrada, vigiados por dois homens a cavalo e outros dois a pé.

– Escravos de galeotes – explicou Sancho a situação com brevíssimas palavras.

– Escravos? Se contra a própria vontade esses senhores são levados, é o caso do cumprimento do meu ofício – afirmou Dom Quixote.

Nosso cavaleiro aproximou-se dos guardas e a eles perguntou que crimes tais homens tinham cometido contra a sua majestade, o Rei, e um deles respondeu que não responderia e que tal assunto não era da conta de quem perguntava.

– No entanto, gostaria de saber a resposta – insistiu Dom Quixote e deu sequência a ditos tão peculiares e envolventes que um dos guardas se convenceu a conceder permissão ao então desconhecido para a cada um dos escravos perguntar sobre seu crime e sua sentença.

Dom Quixote indagou a todos, menos o décimo segundo e quando desse aproximou-se, descobriu que o homem de uma maneira diferente acorrentado estava. Tinha seus trinta e poucos anos e era vesgo. Estava acorrentado com ferros tão grandes e pesados que mal conseguia as mãos levantar. Nosso cavaleiro perguntou-lhe qual era seu delito e o homem respondeu que tinha cometido mais crimes do que todos os outros juntos. O guarda, então, contou ao cavaleiro que o homem havia escrito uma história de sua vida inacabada e que não era outro senão Ginez de Passamonte ou o

Ginezinho de Parapilha, como era mais conhecido. Ao escutar o apelido, o acusado com veemência rebateu e sucedeu-se uma furiosa discussão e troca de farpas entre ele e o guarda; este perdeu a paciência e estava a ponto de atacar o prisioneiro quando interveio Dom Quixote, implorando para que o homem de modo mais gentil fosse tratado. Estando todos os prisioneiros de mãos atadas, não era de se admirar sua língua solta. O cavaleiro continuou a defendê-los e ao guarda lembrou que havia um Deus nos céus que a todos os pecadores puniria e findou o dito pedindo a liberação imediata dos homens.

Tal pedido soou como um disparate para o guarda, que ao cavaleiro desejou boa sorte, mandou-lhe seguir caminho, aconselhou que endireitasse a bacia que levava à cabeça e que não metesse o bedelho onde chamado não era. Foi a gota d'água para nosso cavaleiro. Ele atacou o homem com tanta rapidez que o mosquete o guarda deixou cair ao chão. Os outros guardas foram tomados de sobressalto diante do que viam e tamanha confusão instalou-se que, Sancho, aproveitando o rebuliço, abriu as correntes do suposto criminoso Ginez. De repente, o homem estava livre e com ele todos os demais prisioneiros suas correntes tinham rompido; instalado o pandemônio, aos guardas outra opção não restou a não ser fugir o mais rápido quanto as pernas lhes permitiam.

Quando findou-se o caos, Dom Quixote aos prisioneiros pediu que se reunissem ao seu redor e lhe mostrassem reverência pelo benefício recebido, e exigiu que eles, armados com suas correntes, fossem a El Toboso e ali se apresentassem perante a senhora Dulcineia e a ela prestassem seu tributo. Ginez tentou explicar que cada um deveria tomar um lado para escapar da perseguição dos guardas e ofereceu orações em intenção da estimada moça, mas Dom Quixote a nenhum argumento deu ouvidos. Nosso cavaleiro redarguiu e ameaçou o homem que, ao perceber que ao cavaleiro faltava o juízo, perdeu o que lhe restava de paciência e mandou que todos o atacassem a pedradas, até o ponto em que Rocinante e seu

dono foram ao chão. Ali, Dom Quixote foi espancado. Atrás do seu burro Sancho escondeu-se, mas os prisioneiros o encontraram e lhe arrancaram o paletó, deixando-o de queixo a bater, tremendo de frio.

Enquanto ali estava, Dom Quixote, temendo o peso da vingança da Santa Irmandade pelo que ele havia feito, também refletia e rememorava enraivecida a ingratidão da humanidade e a perversidade da Idade do Ferro.



## Capítulo XXII

### **Do que se sucedeu ao valoroso Dom Quixote em Serra Morena, mais uma das mais raras aventuras contadas nesta legítima história**

Sancho por fim conseguiu seu mestre convencer de que melhor seria esconderem-se nas montanhas de Serra Morena por alguns dias, caso viessem atrás deles. E Dom Quixote satisfeito ficou ao constatar que a comida carregada no jumento de Sancho havia sido poupada. Quando a noite caiu, os dois debaixo de umas árvores entre dois rochedos refugiaram-se, mas por obra do destino, exatamente nesse mesmo lugar foi se esconder Ginez, o prisioneiro que tinham libertado. Enquanto Sancho dormia tranquilamente, Ginez roubou-lhe o jumento e ao raiar do dia o ladrão já estava bem longe dali. Dom Quixote, despertado pelo choro dolorido do escudeiro, prometeu que lhe daria três burros para compensar aquela perda e a promessa bastou para as lágrimas de Sancho cessarem. No entanto, o escudeiro agora teria de acompanhar seu mestre a pé e tentou o fel da dor atenuar mastigando o que havia sobrado do despojo clerical, que agora havia ficado a seu cargo carregar.

De repente, Sancho deu-se conta que seu mestre estava parado, cutucando com a lança um volume que havia no chão da estrada. Achevou-se para ver do que se tratava e encontrou um coxim velho com uma mala amarrada a ele. Ávido e curioso para saber o que ali havia, Sancho abriu a mala e encontrou quatro camisas de material muito fino, mais um punhado de roupas de linho, quase cem escudos de ouro presos num lenço e um livrinho de lembranças com esmerado acabamento, este último o único entre os achados com que Dom Quixote fez questão de ficar. Cheio de curiosidade, nosso cavaleiro começou a ler as páginas e descobriu que ali havia os lamentos de um amante rejeitado.

Entrementes, a preciosa descoberta dos escudos de ouro fez Sancho esquecer completamente toda a dor, o sofrimento e a humilhação que havia passado desde que escudeiro tinha se tornado. Dom Quixote, por outro lado, ávido estava por descobrir mais sobre o dono daquela maleta, pois certo estava de que algo muito estranho havia no desaparecimento do sujeito. Enquanto pensava no que fazer, avistou por cima de um teso um homem seminu, saltando de rocha em rocha com notáveis rapidez e agilidade.

Mas o cavaleiro em nenhum modo de chegar até ali conseguiu imaginar, então, por algum tempo, pensou no que fazer. Nisto apareceram na encosta da montanha um bando de cabras guiadas por um cabreiro já de idade. Dom Quixote acenou para o homem e lhe pediu que descesse, e o ancião o atendeu, surpreso por ver duas almas ali. Assim que o cabreiro se achegou, Dom Quixote o encheu de perguntas sobre o estranho seminu que tinha visto e o ancião lhe contou tudo o que sabia sobre o tal homem e sua maleta.

O estranho, segundo o homem, era um jovem de boa aparência e bons modos e que andava mal do juízo devido à traição que havia sofrido por parte de um amigo. Contou também que nunca por ali tinha andado alguém em tamanho estado de doidice. Durante seus ataques de loucura, o homem das pessoas se aproximava, arrancava das mãos delas a comida que lhe era oferecida e saía correndo feito um animal fugindo da presa. Depois, o moço voltava a aparecer, pedindo comida e com lágrimas a escorrer pelo rosto.

Enquanto os três conversavam sobre o pobre jovem, por obra do acaso o sujeito apareceu e os cumprimentou com muita cortesia. Dom Quixote do mesmo modo retribuiu a saudação, apeando-se do alquebrado Rocinante e ao moço dirigindo-se de braços abertos; no abraço Dom Quixote reteve o rapaz por um bom tempo, como se fossem conhecidos de longa data. O jovem, que vamos apelidar de o Roto da Má Figura, depois de um tempo apartou-se do abraço daquele que já conhecemos como o Cavaleiro da Triste Figura,

apoiou as mãos nos ombros deste, olhou fundo em seus olhos e lhe dirigiu as palavras reveladas no capítulo adiante.

# Capítulo XXIV

## Em que prossegue a aventura da Serra Morena

Sucedeu-se que o Roto da Má Figura a Dom Quixote agradeceu por inigualáveis gentileza e cortesia e Dom Quixote contou que sua existência consistia no dever de amparar e servir àqueles que se encontram em estado de desespero e necessidade. O cavaleiro ao jovem suplicou que dissesse o nome do culpado por sua desgraça, pois ao sujeito a vingança seria providenciada. O Roto da Má Figura com estranheza olhou para Dom Quixote e a ele pediu:

– Se me der de comer, conto a história que a mim se passou.

Sancho e o cabreiro ofereceram ao rapaz algo para lhe aliviar a fome e ele devorou tudo feito um animal à beira da inanição. Ao terminar, o jovem fez um gesto para que o acompanhassem e chegaram a uma área de grama crescida, onde deitaram-se sem que nenhum deles abrisse a boca. Antes de começar sua história, o rapaz alertou para que não fosse interrompido ou jamais saberiam o final. Dom Quixote respeitosamente e em nome dos três ali presentes concordou com a condição.

O jovem contou que enamorado estava de Lucinda, e que o melhor amigo dele, Dom Fernando, filho de um nobre da Espanha, tinha roubado sua amada. Mas, de repente, Dom Quixote interrompeu a história e o rapaz recusou-se a continuar. Nosso nobre cavaleiro, dada curiosidade que lhe ameaçava o tino, perdeu a cabeça e a paciência com o Roto de Má Figura.

Sucedeu-se ao rapaz um ataque de fúria ao ouvir tantas ofensas, e ele pegou uma pedra e atirou contra o peito do errante cavaleiro com tanta força que Dom Quixote caiu de costas no chão. Nisto, Sancho Pança lançou-se contra o maluco, mas o jovem de algum poder sobrenatural parecia dotado, pois com um único golpe derrubou o escudeiro no chão, pisou-lhe no peito e torceu-lhe as

costas. Tampouco escapou da sova o cabreiro, e o doido, terminado o serviço, embrenhou-se no meio do mato.

Ao olhar para o pobre cabreiro moído no chão, Sancho enfureceu-se por ele não ter contado dos rompantes violentos do sujeito, e transformaram-se as ofensas em tapas; os dois agarram um a barba do outro e, não fosse por Dom Quixote, a peleja teria findado em algo pior. Nosso nobre cavaleiro tratou de acalmar o escudeiro, absolvendo o ancião de toda sua culpa. Depois, eriçado e curiosíssimo, indagou o cabreiro se ele acaso sabia qual era o final da história e se o homem sabia onde poderia encontrar o tal Cardênio (nome que o rapaz revelou durante a conversa). O ancião respondeu que ideia nenhuma tinha de onde o rapaz refugiava-se e alertou Dom Quixote que se pela vizinhança o cavaleiro permanecesse, não tardaria a reencontrar o doido.

# Capítulo XXV

## **Que trata de estranhos acontecimentos que ao bravo cavaleiro de La Mancha sucederam-se em Serra Moderna**

Dom Quixote e Sancho Pança começaram a adentrar os arredores ainda desconhecidos da montanha e a pé, de mau humor e em silêncio, o escudeiro acompanhou seu mestre. Por fim, Sancho a Dom Quixote pediu permissão para lhe abrir o coração, e nosso nobre cavaleiro ao pedido atendeu, libertando o escudeiro da coibição. Sancho pediu a seu mestre sua bênção e permissão para retornar à sua esposa e aos filhos, mas Dom Quixote irredutível permanecia, até ocorrer-lhe uma grande ideia cuja realização dependeria de Sancho, que serviria de mensageiro e uma carta deveria entregar à sem-par Dulcineia.

Para resumo de conversa, Dom Quixote decidiu apropriar-se da condição de ensandecido, procurando imitar valentes cavaleiros tais como Dom Roldão e Amadis, decisão que rendeu alguns comentários de Sancho no sentido de que doido seria considerado qualquer um que confundisse uma bacia de latão com um elmo. E nosso nobre cavaleiro seguiu contando ao escudeiro a que sofrimentos, misérias, penitência e loucuras ele se submeteria; e sem querer, a Sancho revelou a verdadeira identidade da formosa Dulcineia, a quem o escudeiro sempre tomou como princesa, porém, com espanto, agora soube o fiel Sancho que não se tratava de ninguém senão a filha de Lourenço Corchuelo, pois era ela, Aldonça Lourenço, dama com a pujança de um homem e que um pé de cabra era capaz de manusear tão bem quanto um.

Tendo nosso nobre cavaleiro determinado exilar-se no deserto ante a recusa de sua amada Dulcineia, ocorreu-lhe que ótima ideia seria dar a conhecer os sacrifícios e o sofrimento a que estava disposto a sujeitar-se para a própria punição. Assim, Dom Quixote ao

escudeiro concedeu permissão para regressar à família e aos filhos e ordenou que consigo levasse Rocinante, para que desse modo, abandonado aos próprios pés, penitência ainda maior pudesse cumprir. O cavaleiro, então, tratou de providenciar uma carta à sua amada, contando a ela a dor de um pobre coração ferido e rejeitado, do padecimento ainda maior por não poder sequer vê-la e que culminaria na morte do dono de tal coração que satisfeito partiria por atender à crueldade e ao desejo de sua estimada.

A tudo ouviu Sancho, cuja cobiça não lhe permitiu esquecer os três burros que seu mestre havia lhe prometido; então, no livreto surrado e esquecido de Cardênio, Dom Quixote à sua sobrinha uma ordem escreveu.

Antes de partirem, Dom Quixote pediu a Sancho que esperasse para ver alguns dos desvarios que ele pretendia cometer depois que o escudeiro se ausentasse. Depois, pôs-se nu e forjou algumas sandices diante de Sancho que quase desatou a chorar e a seu mestre implorou que parasse. E quando o lavrador demonstrou o medo de o caminho de volta não conseguir encontrar, Dom Quixote lhe assegurou que permaneceria no mesmo lugar, ou pelos contornos, aguardando o regresso do escudeiro, o aconselhou a cortar alguns galhos e espalhá-los pelo caminho e disse ainda que no pico do mais alto penhasco estaria, observando os passos de Sancho.

Quando por fim o escudeiro de seu mestre despediu-se, permitiu-se o direito de jurar pela própria consciência que o fidalgo era mesmo caso de sandice confirmada.

# Capítulo XXVI

## Em que se prosseguem as finezas que de amante fez Dom Quixote em Serra Morena

Logo que Sancho partiu, Dom Quixote chegou à conclusão de que seu cilício estava por deveras difícil de cumprir. Então nosso nobre cavaleiro mudou de ideia e, em vez de imitar os ataques de fúria de Roldão, procurou inspiração na melancolia de Amadis, cuja fama de enamorado alcançou com ações mais tênues e menos extenuantes. Mas, para imitá-lo, Dom Quixote necessitava de um rosário, mas ali de nenhum dispunha. Por um instante, nosso cavaleiro viu-se ante a um dilema, mas como que por um milagre, ocorreu-lhe a ideia de usar a fralda da própria camisa, e uma longa tira rasgou dela, com que improvisou onze nós e, ali isolado, começou a entoar repetidamente credos e Ave-Marias. Movido pelo amor, nosso cavaleiro, vez em quando gravava nos arvoredos versos à cruel e formosa amada, entoando queixosas e românticas declarações. E assim percorria os campos Dom Quixote, suspirando, cantando, chamando por faunos e silvanos por entre os bosques, pelas ninfas dos rios e vez ou outra procurava ervas para sustentar-se.

Mas enquanto Dom Quixote exilava-se nos bosques, Sancho prosseguia caminho rumo a El Toboso. No segundo dia de viagem, deparou a venda em que havia ocorrido aquele infeliz acidente do cobertor. O cheiro da comida despertou o estômago e o lembrou que era chegada a hora do jantar, mas ficou receoso de entrar. Enquanto se via às voltas com a indecisão, dois homens achegaram-se e um deles perguntou:

– Ora, não é Sancho Pança?

– Decerto – respondeu o outro.

Pois eis que os dois eram nada mais nada menos que o cura e o barbeiro da aldeia de Dom Quixote.

Logo os dois vieram até ele e perguntaram sobre Dom Quixote, não sem antes desconfiarem que o escudeiro havia roubado e



matado o homem, do contrário, por que estaria montado em Rocinante? Foi então que Sancho a eles revelou onde seu mestre havia se refugiado e também contou todo o resto; sobre o amor desatinado que Dom Quixote sentia pela filha de Lourenço Corchuelo e sobre a carta que seu mestre havia lhe recomendado entregar. Quando o cura pediu para vê-la, Sancho não a conseguiu encontrar. Nisto, o escudeiro deu-se conta de que Dom Quixote não havia lhe entregado nem o livreto com a carta para Dulcineia nem a cédula assinada pelo seu amo em que lhe prometia os três burrinhos. Sancho no mesmo instante empalideceu e começou a estapear-se feito doido, mas de nada adiantou. O cura e o barbeiro disseram-lhe que a única saída seria reencontrar Dom Quixote e pedir-lhe que as reescrevesse, e Sancho, desesperado e afoito pelos burricos, outra saída não via a não ser voltar e procurar pelo seu mestre.

Depois de consolar-se de certo modo, o escudeiro tentou recitar a epístola de amor de seu mestre e os ditos impressionaram de tal forma o cura e o barbeiro que o escudeiro precisou repeti-los três vezes, incrementando a fala a cada feita. Por fim, os dois o convidaram para entrar na venda e jantar, enquanto conversariam sobre a viagem até o paraíso da penitência, mas Sancho recusou o convite de pronto, sem explicação dar. Disse apenas que ao ar livre preferia comer e pediu aos homens que ali lhe trouxessem a comida e também um pouco de cevada para Rocinante.

Enquanto o cura e o barbeiro serviam Sancho, ao primeiro ocorreu uma estratégia que de imediato foi aceita por todos os interessados. O cura, disfarçado, feito uma donzela de inocente aparência, iria ao encontro de Dom Quixote; o barbeiro, por sua vez, apareceria ao lado dele comportando-se feito um escudeiro. A falsa donzela estado de grande angústia mostraria e deveria rogar por proteção, e Dom Quixote, como bravo cavaleiro que era, certamente ao pedido da moça atenderia. Ela, então, suplicaria para que o cavaleiro a protegesse em sua jornada e lhe pediria o favor de não ter de responder a perguntas sobre a sua identidade até sentir-se segura

no conforto do seu lar. Assim que os três lá chegassem, descobririam um remédio para a estranha loucura do fidalgo.

# Capítulo XXVII

## **De como o cura e o barbeiro com seu plano prosseguiram e de outros assuntos dignos de registro nesta grande história**

O cura à vendeira pediu que lhe emprestasse um vestido e satisfizesse a curiosidade da senhora ao contar sobre a loucura de Dom Quixote e da missão dos três. Depois que o homem descreveu Dom Quixote, de pronto a vendeira lembrou-se do cavaleiro e de bom grado providenciou as roupas e a cauda de um boi que o barbeiro transformou em barba. Como garantia, o cura deixou com a vendeira uma batina novinha em folha.

Findada a transformação do cura, a consciência do religioso começou a incomodá-lo, então, acordaram, ele e o barbeiro, a trocarem de papéis. O cura retirou o vestido e os apetrechos femininos da vendeira e o barbeiro decidiu disfarçar-se apenas quando da encosta da montanha se aproximassem. Enquanto isso, Sancho recebia instruções de como agir e o que dizer quando seu mestre encontrasse.

No dia seguinte ao da partida, os três chegaram ao lugar onde Sancho havia espalhado galhos. Melhor seria que Sancho fosse à frente para a Dom Quixote entregar a resposta da amada Dulcineia, como sugeriu o cura; todos concordaram com a ideia.

Assustaram-se o cura e o barbeiro quando, enquanto descansavam à sombra de algumas árvores, escutaram de longe a voz de um homem cantarolando. O canto soava doce e agradável e declamava versos rebuscados. Logo avistaram o dono daquela voz, ninguém mais, ninguém menos que Cardênio, o Roto de Má Figura. Não tardou muito e o homem logo apareceu com feições de mais perfeito juízo, e contou-lhes da lamentável desgraça que a ele havia se sucedido e cujas lembranças, segundo o próprio, lhe perturbava os sentidos. Ambos, cura e barbeiro, intrigados por conhecer a

história de vida do rapaz, suplicaram para que ele a contasse, e o pedido foi aceito; souberam, então, os dois, da traição que o moço havia sofrido de parte de um amigo. Desta vez, Cardênio não foi interrompido e concluiu a história, que o mesmo de romântica tinha de desastrada. Quando o rapaz havia terminado de contar o fim do que havia sucedido, ouviu-se uma voz queixosa, dizendo o que no capítulo seguinte se revelará.

# Capítulo XXVIII

## **Que trata das estranhas e deleitosas aventuras que se passaram ao cura e ao barbeiro também em Serra Morena**

Quando Cardênio, o cura e o barbeiro olharam em direção à voz, deram com um jovem de traços finos e delicados, lavando os pés nas águas do riacho que havia por ali, mais abaixo. Vestia-se como um camponês e uma gorra na cabeça usava. Depois de banhar-se, tirou a gorra da cabeça e de dentro dela pegou um lençinho que usou para secar os pés. Ao descobrir a cabeça, as madeixas ruivas se espalharam pelos ombros e todos ficaram admirados ao notar que, vez de um rapaz, havia ali uma formosíssima moça, pelo menos a mais bela entre todas as que já tinham visto. Tamanho foi o espanto que o cura (ou talvez o barbeiro) deixou escapar um grito; assustada ao ver os três homens, a moça saiu correndo feito o diabo da cruz, mas tropeçou e caiu.

O cura foi o primeiro a acudi-la, aproximou-se, dirigiu-lhe algumas palavras gentis e disse que os três ali estavam para servi-la e cumprir-lhe os seus desejos, quaisquer que fossem. O vigário suplicou para que a moça a eles contasse o que a afligia, pois estava certo de que ela havia ali se refugiado por algum motivo.

Num primeiro momento, a donzela parecia fora de si, mas, passado um tempo, demonstrou que tinha ganhado confiança no cura e pôs-se a falar com uma voz melancólica e igualmente bela. Ela sentou-se em uma pedra, os outros dois aproximaram-se, e a moça, entre lágrimas, começou a explicar as razões por estar ali. Contou-lhes sobre um certo Grandes de Espanha, que vivia em Andaluzia e de quem o pai dela, que rico de posses não era, mas de coração, era vassalo. O Grandes de Espanha tinha dois filhos, e a moça havia sido noiva do mais jovem deles, Dom Fernando. Pois

eis que o rapaz havia a abandonado para enlaçar-se com uma dama da nobreza, chamada Lucinda.

Ao escutar o nome da amada, mudou-se a expressão de Cardênio e lágrimas desataram a rolar pelo seu rosto. Doroteia – como descobriram ser o nome da moça – intrigada pôs-se diante de tamanhos interesse e comoção, mas prosseguiu com a história. Contou como, após o casamento de Dom Fernando com Lucinda, tinha fugido de casa e agora sem rumo andava. Certo cabreiro, no coração de Serra Morena, lhe ofereceu emprego como criado, mas quando descobriu que se tratava de uma moça, a expulsou. Enquanto Doroteia via-se às voltas com a implacável trama do destino, caminhava por entre os arvoredos e rogava a Deus para que dela se condoesse, cortou a sola dos pés e os lavava no riacho quando se sucedeu o encontro com os três homens.

# Capítulo XXIX

## **Que trata da manobra e do método utilizado para resgatar nosso enamorado cavaleiro da árdua penitência que havia se imposto**

Doroteia havia aberto seu coração com ímpar simplicidade. Ao terminar a história, o cura apressou-se para oferecer-lhe consolo, mas Cardênio já tinha se antecipado e ao lado da moça estava.

– Senhorita, não é, pois, Doroteia, filha única do rico Clenardo? – indagou afoito.

Admirada pôs-se a moça, pois não havia citado o nome do pai. Ela perguntou ao jovem seu nome e ele respondeu que era Cardênio, que havia sido traído por Dom Fernando, o amigo traidor e amante infiel; depois, o rapaz jurou por todo o mais sagrado que Dom Fernando com ela se casaria, ou do contrário Cardênio o desafiaria para um duelo. Ante os ditos comoventes do jovem, Doroteia dividiu-se em lágrimas e agradecimentos. O cura, então, sugeriu que ambos retornassem com ele e com o barbeiro para o vilarejo, onde poderiam os planos traçar para consertar e corrigir todo o mal sucedido, e Doroteia e Cardênio aceitaram de bom grado a ideia.

Nisto viram Sancho se aproximando e o cura contou ao jovem e à donzela o motivo da presença dele. Explicou a intrigante natureza da loucura de Dom Quixote e Cardênio contou que já tinha encontrado o cavaleiro.

Sancho relatou que a seu mestre havia encontrado morto de fome e aos prantos, clamando pela amada Dulcineia e que, quando mandou o suposto recado da donzela para que ele a El Toboso retornasse, Dom Quixote recusou-se, pois ao fim sua penitência ainda não havia chegado e ele, portanto, ainda não era merecedor da graça de sua amada. Sancho deveras preocupado estava com o perigo que corria de não conquistar sua ilha, seus títulos e todas as honras a ele resguardadas, e o cura de tudo fez para acalmar o

pobre coitado. O vigário contou a Doroteia e Cardênio o que tinham ideado para trazer Dom Quixote de volta para casa e convencê-lo a lançar-se numa aventura para salvar uma donzela angustiada.

De imediato, Doroteia ofereceu-se para interpretar a donzela. Por ter ela também lido muitos romances de cavalaria, dava-se por expedita a implorar dons a cavaleiros errantes. Consigo Doroteia carregava traje feminino completo, vestido com rendas e babados dos mais requintados e quando Sancho a viu toda adornada, embasbacado perguntou de onde vinha tão opulenta dama. O cura respondeu que a moça era herdeira do grande reino de Micomicão, que depois de ter sido destronado por um malvado gigante, fez com que ela viesse da Guiné para pedir ao nobre cavaleiro seu auxílio. No mesmo instante, a possibilidade de a fama de seu amo espalhar-se pelos confins da terra, a chama da esperança de Sancho reacendeu.

Enquanto Sancho satisfazia-se com hipóteses e visões, Doroteia montou na mula do cura e o barbeiro adornou-se com o rabo do boi. A Sancho foi pedido que os guiasse para onde seu mestre estava e o cura o alertou de que o sucesso da empreitada dependia dele; o escudeiro de Dom Quixote foi orientado a não revelar que quem ali estavam eram o cura e o barbeiro, pois, se o fizesse, o império de Dom Quixote ruiria antes mesmo de erguer-se. E assim deu-se início ao combinado, e o cura e Cardênio não os acompanharam, de comum acordo entre todos que assim melhor seria.

Tinham avançado quase uma légua quando avistaram Dom Quixote no topo de um rochedo, vestido, mas sem sua armadura. Doroteia fustigou a mula e achegou-se de Dom Quixote; assim que o viu, ajoelhou-se diante dele e contou-lhe o motivo de sua vinda, afirmando que dali não partiria sem antes receber um dom outorgado pelo nobre cavaleiro. Enquanto a donzela ajoelhava-se, Sancho, ao pé do ouvido de seu mestre, sussurrou algumas informações sobre a identidade da moça, temeroso que estava de que Dom Quixote se recuasse a ouvi-la. Porém, por mais que mal do juízo estivesse, riquezas e posses pouco importavam ao fidalgo,



pois desembainharia sua espada, conforme o próprio, para fazer-se cumprir a justiça e defender os mansos e os oprimidos que nele encontrassem auxílio e conforto. Quando a princesa lhe contou sobre o gigante que havia lhe tomado o reinado, Dom Quixote de pronto a atendeu, prometendo-lhe o cumprimento de seu ofício de cavaleiro. Como prova de gratidão, Doroteia quis beijar a mão de Dom Quixote, mas nosso nobre e cortês cavaleiro jamais consentiria tal gesto e a seu escudeiro ordenou que selasse Rocinante imediatamente, enquanto entrajava sua armadura e preparava-se para sua missão cumprir.

E assim partiram, cavaleiro e escudeiro, este a pé, sorridente e afoito pelos benefícios de que em pouquíssimo tempo se apossaria. Pouco tinham avançado quando chegaram ao local em que Cardênio e o cura tinham se escondido. Nisto, o cura teve a ideia de cortar a barba de Cardênio, pois de todo modo Dom Quixote não o reconheceria, e emprestou ao rapaz seu capote cinza e seu gibão preto, ficando o moço apenas com a calça e o gibão. Terminado o disfarce, os dois pegaram um atalho pela mata e deram na estrada aberta, chegando antes de Dom Quixote.

Quando o cavaleiro se aproximou deles, fingiu-se admirado o cura ao encontrar seu velho amigo, e Dom Quixote, de tão surpreso, quase não o reconheceu e num gesto de cortesia ofereceu-lhe Rocinante, já que o cura estava a pé, mas o homem recusou a oferta e disse que no máximo poderia aceitar a mula de um dos senhores que os acompanhava, mas mesmo quando o fez, convidou o homem que junto de Dom Quixote andava a montar também. Mas a ideia não apeteceu a mula, que começou a disparar coices no ar. Por sorte, o barbeiro não se machucou, mas, com a reação do animal, teve um sobressalto e deu de cara no chão. Com a queda, foi-se também a barba postiça que o disfarçado escudeiro usava; mais que depressa ele levou as mãos ao rosto e cobriu a cara, reclamando que tinha quebrado alguns dentes. Dom Quixote, ao ver a barba no chão sem nenhuma manchinha de sangue, atônito ficou e concluiu que aquilo só poderia ser um milagre.

O cura, esbaforido, apressou-se, foi ao socorro do barbeiro e começou a entoar coisas que ninguém compreendeu, enquanto o falso escudeiro gemia estatelado no chão. Quando o barbeiro por fim levantou-se, Dom Quixote ficou ainda mais embasbacado ao ver o homem de novo com as barbas e suplicou ao cura para que lhe ensinasse os encantos para produzir tal curativo, e o cura lhe prometeu que assim o faria. E assim todos prosseguiram caminho.

Como havia combinado com os demais, o cura perguntou à princesa que direção da estrada deveriam tomar e disse que, para chegarem ao reino de Micomicão, teriam de ir para Cartagena, onde embarcariam num navio que os levaria até a própria aldeia onde o cura morava e, de lá, seriam necessários nove anos para chegar a Micomicão. Mas a princesa corrigiu o eclesiástico e afirmou que de lá havia partido há apenas dois anos à procura do nobre e famoso cavaleiro para a sua cortesia encomendar-se e reaver o reino que a ela pertencia.

Nisto, Dom Quixote deu-se conta dos trajes simples do religioso e, curioso, perguntou o motivo de o homem estar vestido daquele jeito. O cura (sabendo por Sancho do incidente que havia se passado com os prisioneiros) contou que ele e o mestre Nicolau, quando estavam a caminho de Sevilha, foram abordados por assaltantes e, pelo que soube, o bando tinha sido solto por um homem montado a cavalo, tão corajoso quanto audacioso, pois tinha conseguido libertar todos, apesar dos guardas que acompanhavam a bandidagem. O cura criticou o homem impiedosamente, acusando-o de patife e criminoso por ter contrariado a lei e ido contra o seu Rei e completou que só um doido poderia ter cometido tal desvario. A Santa Irmandade, acrescentou o religioso, o perseguiria e o próprio cura temia que a alma do pobre se perderia. Para terminar, o cura pediu a Deus o perdão para esse ser ignominioso por ter defraudado o que para aqueles bandoleiros a justiça havia imposto.

Nosso nobre cavaleiro pareceu verdadeiramente comovido com o sermão do cura, pois ficou cabisbaixo e calado, sem, no entanto,

atrever-se a admitir que em si mesmo jazia a culpa por aquele infortúnio e tampouco ter consciência de que o cura sabia de tudo.

# Capítulo XXX

## Da desventurosa discrição da encantadora Doroteia e de outros deleitosos e divertidos fatos

Ao escutar os ditos do cura, Sancho, como bom cristão, ficou com medo de que sua própria alma também estivesse condenada, afinal, o que seria ele senão um cúmplice? Pois eis que o escudeiro confessou ali mesmo, diante do cura e de Dom Quixote, para vergonha e fúria deste, sua culpa e a de seu mestre. A princesa, ante tal quiproquó, tratou de acalmar nosso valente cavaleiro enquanto ainda havia tempo, recordando-o da promessa e do juramento que ele havia feito de em bulha nenhuma se meter até recobrar o reino que a ela pertencia. Dom Quixote dirigiu-se à donzela com toda a cortesia e manifestou seu arrependimento por ter-se permitido levar pela irritação e jurou-lhe que manteria sua palavra. Depois, pediu à donzela que lhe contasse todo o possível sobre sua vida, suas mágoas e sobre quem lhe havia feito mal. Doroteia respondeu que de muito boa vontade contaria e assim começou a relatar detalhadamente os fatos.

Porém, a princesa pôs-se a apresentar-se e vacilou por não conseguir lembrar-se do nome que lhe tinham inventado. Por sorte, o cura – que havia tido a ideia de um nome comprido e raro – depressa interveio e citou o nome da donzela, livrando a moça do embaraço. Depois de contar a Dom Quixote que se chamava Princesa Micomicadela, a donzela prosseguiu com a história e contou que era órfã e que um certo gigante e senhor de uma ilha muito próxima ao reino dela havia lhe pedido a mão em casamento, mas ela recusou o pedido. O gigante, então, com sua gente apossou-se do reino da princesa e ela fugiu para a Espanha, onde recebeu a revelação de um sábio de que encontraria certo cavaleiro andante de nome Dom Quixote, também conhecido como Cavaleiro

da Triste Figura, que poderia ser reconhecido por um sinal com certos pelos no ombro esquerdo.

Logo que ouviu o relato da princesa, Dom Quixote depressa quis despir-se, mas Sancho o deteve, assegurando a todos que seu mestre era, sim, o dono de tal sinal. Doroteia afirmou dúvida nenhuma ter sobre o caso, pois outras características de Dom Quixote coincidiam com a descrição do sábio e acrescentou que logo ela em Ossuna desembarcou, tomou conhecimento dos feitos do cavaleiro. Mas é evidente que não tão cuidadosa quanto Dom Quixote, um estudante de geografia, nossa princesa dissimulada seria. O cavaleiro, então, a indagou:

- Como desembarcou Vossa Alteza em Ossuna, estimada senhora, se lá porto marítimo não se vê?

Mais uma vez o finório cura veio ao socorro da donzela e a conversa interrompeu:

- O que desejou dizer esta senhora princesa é que, depois de ter desembarcado em Málaga, a primeira vez que de nosso cavaleiro teve notícia foi em Ossuna.

Com grandiosíssima confiança, Doroteia pôs-se a confirmar as palavras do cura no mesmo instante.

Porém, por receio de não conseguir safar-se de outro imbróglio, a princesa tratou logo de apressar sua história e enfatizou o quão feliz estava por ter encontrado o cortês cavaleiro antes do que imaginava. Doroteia enfatizou, com muita cautela, dessa vez, que outra previsão o sábio havia feito, de que, uma vez decepada a cabeça do gigante, o cavaleiro deveria a mão da princesa em casamento pedir, que ela lhe concederia sem réplica nenhuma. Nosso cavaleiro, no entanto, afirmou fidelidade à sua sem-par Dulcineia, o que Sancho contestou sem poder acreditar que seu mestre preferia Dulcineia, cuja beleza jamais chegaria às unhas dos pés de tão bela princesa.

Dom Quixote, enfurecido perante tamanha tolice de seu escudeiro, com uma bordoadada da lança o derrubou no chão e, não fosse pelo intrometimento da princesa, o desafortunado Sancho poderia nunca

mais entoar uma Ave--Maria sequer, quiçá um credo e tampouco tornaria a experimentar o sabor de uma refeição. Apressurado, o escudeiro tratou de desfazer o mal-entendido, e, seguindo a sugestão da princesa, tomou a mão de seu mestre e a beijou.

Nisto, avistaram um homem montado num asno, e Sancho, pressagiando, claro, a presença do seu larapiado burrico, reconheceu que o sujeito era Ginez de Passamonte. Gritando feito um doido, o escudeiro saiu correndo atrás do ladrão, que à primeira chamada tratou logo de apear-se e deu no pé. Sancho, aos brados de alegria, de tão contente por reencontrar o burro, até esqueceu-se de perseguir o larápio. E nosso nobre cavaleiro, igualmente aprazido, tampouco lembrou-se da rusga que tinha acabado de suceder-se; pediu a Sancho para chegar-se e que lhe contasse tudo que a formosíssima Dulcineia havia lhe mandado dizer. E fez isso repetidas vezes.

# Capítulo XXXI

## Das afáveis conversas entre Dom Quixote e Sancho Pança e de outros fatos

Dom Quixote ansioso estava por saber que joia sua amada havia oferecido a Sancho antes de ele partir<sup>1</sup> e o escudeiro respondeu que a única coisa oferecida a ele pela donzela foi pão e queijo. Nosso cavaleiro tratou de acalotá-lo, justificando que de certo Dulcineia não tinha à mão nenhuma joia para oferecer e enfatizou sua admiração pela rapidez com que o escudeiro fez a viagem e Sancho pontuou que a Rocinante não faltou vontade, pois tinha cavalgado na velocidade de um raio. Dom Quixote, então, teve a certeza de que tal milagre só poderia ser obra de algum afável sábio.

---

<sup>1</sup> Era costume entre cavaleiros e damas presentear os escudeiros com alguma joia em troca do favor de enviarem mensagens para a pessoa amada. (N.T.)

# Capítulos XXXII-XXXIV

## Que trata do que se sucedeu na venda à trupe do nosso nobre cavaleiro

No dia seguinte, chegaram à venda. A vendeira de imediato pediu de volta seu rabo de boi, e todos decidiram que a partir de então, o barbeiro apareceria sem disfarces e teria supostamente chegado à venda após o episódio com os ladrões.

A Dom Quixote, exaurido, ofereceram uma cama no sótão onde o cavaleiro certa vez já havia dormido. Enquanto os outros jantavam, a vendeira contava a quem quisesse ouvir os disparates de Dom Quixote e o episódio da manta que se sucedeu a Sancho. E enquanto o cura explicava o motivo da loucura de Dom Quixote, o vendeiro a ele confidenciou que a ele próprio apetecia os romances de cavalaria e que muitas vezes lia em voz alta trechos de tais livros para a família e seus criados. Contou também, o homem, que tinha lido um romance intitulado *Novela do Curioso Impertinente* que muito o agradou e mostrou o manuscrito ao cura, que de pronto interessou-se e manifestou o desejo de ter um exemplar. Nisto, o vendeiro pediu ao cura que o lesse em voz alta e, estando ávidos por ouvi-lo todos os ali presentes, o religioso atendeu ao pedido.



# Capítulo XXXV

## **Que trata da heroica e prodigiosa batalha que Dom Quixote travou com uns odres de vinho tinto e da Novela do Curioso Impertinente**

O cura tinha quase terminado a leitura do romance (que durou dois capítulos, aqui omitidos) quando Sancho Pança apareceu de repente, exclamando a todos para que viessem assistir à mais aguerrida batalha de todos os tempos, no sótão; pediu reforços, solicitou ao grupo ajuda para derrotar o inimigo, ninguém mais, ninguém menos que o gigante impiedoso que havia invadido o reino de Micomicão. Contou ainda que, quando saiu, seu mestre com sua lança tinha acabado de cortar a cabeça do gigante, deixando-o sangrar feito um porco abatido.

Enquanto prosseguia com seu horripilante relato, ouviram um estrondo e uns gritos do sótão, e o vendeiro, recordando-se dos inúmeros odres de vinho que ali tinha dependurado na noite anterior, levantou-se da cadeira depressa e correu até lá. Todos os demais o acompanharam.

Pois eis que a profecia do hospedeiro se tornou realidade. O chão do sótão estava coberto de vinho tinto e havia odres vazios espalhados por toda a parte. Em meio ao mar de “sangue” estava Dom Quixote, empunhando sua lança, desferindo cutiladas por todos os lados e praticamente nu, vestindo apenas sua camisa. O mais intrigante, porém, não eram os trajes (ou a falta deles) de nosso nobre cavaleiro, mas seus olhos fechados, cerrados; era evidente que no ataque de sonambulismo ele já havia chegado ao reino distante da Princesa Micomicadela e encontrado o famigerado gigante.

Ao ver todo seu precioso vinho voando pelos ares, o vendeiro pôs-se enfurecido e, com os punhos cerrados, partiu para cima de Dom

Quixote, mas os socos e os murros pouco efeito surtiram, quando muito, só aumentaram ainda mais o sono do valente cavaleiro. O embaraço todo só teve solução quando o barbeiro atirou um balde d'água fria no sonâmbulo e o fez recobrar seus sentidos.

A Princesa Micomicadela, que do lado de fora da porta ficou escutando o desfecho da reconquista do seu reino, inquietou-se ao escutar também o rebuliço que lá dentro se sucedia e decidiu entrar para ver o resultado da batalha, mas logo que ali botou os pés, deu meia-volta depressa, constrangida ao ver seu cavaleiro em trajes menores.

Desesperado, o vendeiro jurou que daquela vez o cavaleiro errante e seu escudeiro não escapariam sem pagar. Nisto, Dom Quixote, de quem a mão o cura segurava, tentando acalmá-lo, pôs-se de joelhos no chão, imaginando ali estar diante de Doroteia, e começou a exclamar:

– Opulenta e poderosa princesa! Pode Vossa Alteza de hoje em diante desfrutar da paz, pois aquele que mal lhe fez já nesta terra não mais vive!

Pouco depois, nosso cavaleiro deu mostras de extremo cansaço, e o cura, o barbeiro e Cardênio o levaram até a cama, onde ele adormeceu.

Em seguida, foram consolar Sancho, aflito por não conseguir encontrar a cabeça do tal gigante. O escudeiro jurou tê-la visto cair quando seu mestre arremeteu contra o inimigo e preocupava-se porque, caso não a encontrasse, recompensa para ele não haveria, tampouco para seu amo. Doroteia, no entanto, fez-se valer de seu papel de princesa e aclamou e consolou o pobre.

Todo esse tempo, o vendeiro e a vendeira lamentavam pelo rabo de boi que, segundo ela, tinha perdido sua utilidade depois de ter servido como barba; o vendeiro, por sua vez, o pagamento pelo vinho e por todo o estrago exigia. O cura assegurou aos dois que ele próprio providenciaria o pagamento por todo o prejuízo e, quando os ânimos da estalagem acalmaram-se, todos voltaram a se reunir onde o cura lia em voz alta a *Novela do Curioso Impertinente*

e pediram a ele que prosseguisse com a leitura; assim o eclesiástico o fez. Todos ali acharam a história interessantíssima e a escutaram atentamente.

# Capítulo XXXVI

## Que trata de outros curiosos fatos sucedidos na venda

Ouviram o barulho de algumas pessoas se achegando a cavalo e o hospedeiro correu para os hóspedes recepcionar. Eram quatro homens, com largas e adargas, mascarados com um véu preto, e uma mulher vestida de branco, a cavalo e com o rosto coberto por um véu, e vinham também mais dois criados a pé. Um dos quatro homens, de distinção e bons modos, ajudou a mulher a apear-se e todos entraram na estalagem.

Assim que entraram no cômodo onde o cura tinha acabado de ler a *Novela do Curioso Impertinente*, Doroteia levou as mãos ao rosto para cobri-lo e Cardênio foi para o sótão, onde Dom Quixote repousava. Enquanto o gentil recém-chegado acomodava numa cadeira a mulher que os acompanhava, ela deixou escapar um profundo suspiro e deixou esmorecer os braços, como que num gesto de extremo cansaço. O cura, intrigado e querendo saber de quem era aquela gente tão misteriosa, perguntou a um dos criados de quem se tratavam, mas nenhum deles sabia, pois, como contaram, tinham encontrado os viajantes na estrada que bom emprego e bom salário lhes ofereceram. Disseram apenas desconfiar que aquela senhora estivesse sendo levada contra a própria vontade, pois a mulher nada mais fazia senão suspirar durante a viagem inteira e nem uma palavra sequer havia dirigido à comitiva.

Doroteia, ao escutar os profundos suspiros da mulher, compadeceu-se e perguntou à senhora se havia algo que pudesse fazer para ajudá-la. Embora a moça tenha feito a pergunta repetidas vezes, não obteve resposta.

Quando o homem de porte distinto percebeu o interesse de Doroteia em agradar a senhora, alertou-a para que seu tempo não perdesse, pois a mulher só fazia mentir e a recompensa por

qualquer gesto de gentileza seria a ingratidão. Ao ouvir os ditos, a mulher rapidamente redarguiu:

– Mentira nenhuma nunca proferi! Pelo contrário, antes vejo-me em tamanhas desgraça e miséria por ser verdadeira. Sois vós quem banca o mentiroso e falso ao declarar tamanha inverdade!

Cardênio, que vinha voltando do sótão, ao ouvir de longe tais palavras exclamou:

– Valha-me Deus! Que isto que meus ouvidos escutam? É a voz dela?

Ao escutar o comentário, mas sem ver ninguém, agitou-se e levantou-se a senhora, mas foi contida pelo homem de porte. Com a agitação repentina, lhe caiu do rosto o véu que o encobria, e todos puderam ver a brancura e a grandiosíssima beleza que havia ali escondida. E, enquanto o homem de tudo fazia para detê-la e impedi-la de sair, também a máscara dele caiu e Doroteia no mesmo instante o reconheceu: Dom Fernando. Pouco depois de a mente processar o que os olhos viam, a donzela vacilou e cambaleou, mas o barbeiro a amparou, salvando a moça da queda. O cura correu para acudi-la, jogou um pouco d'água no rosto de Doroteia que acordou de pronto. Ao ouvir o gemido da moça, Cardênio apressou-se para ver o que tinha acontecido, temeroso de que o pior tivesse acontecido à sua amada Lucinda, cuja voz ele claramente tinha ouvido pouco antes. Curiosa cena sucedeu-se quando os quatro ficaram frente a frente.

Lucinda foi a primeira a romper o silêncio e a Dom Fernando implorou que a vida dela tirasse para que seu amado Cardênio pudesse acreditar que ela a ele até o último momento havia sido verdadeira, leal e fiel.

Doroteia, ao ouvir as palavras de Lucinda, ajoelhou-se diante de Dom Fernando, a ele implorou para que reconsiderasse todos os seus erros e imperfeições e o fez banhada em lágrimas, suplicando para que o amado renunciasse à Lucinda e a deixasse livre para seu fiel Cardênio; confessou o quanto ainda o amava apesar de todos os seus equívocos e disse que o perdoaria se o homem

permitisse que a nobreza de seu próprio sangue aflorasse e aniquilasse para sempre tal face impura. O pranto e a franqueza da donzela comoveram Dom Fernando, que também caiu no choro e prometeu aceitar aquilo que o destino por própria obra parecia trazer aos quatro ao reuni-los novamente daquela estranha maneira.

Ele disse à Lucinda que quando encontrou a carta em que ela declarava que jamais poderia casar-se com outro homem senão Cardênio, enfureceu-se tanto que esteve a ponto de matá-la, mas impedido foi por obra do acaso. Dom Fernando, então, saiu de casa e só voltou no dia seguinte, quando descobriu que Lucinda tinha fugido. Alguns meses depois, soube que a moça havia se trancado num convento, foi quando contratou os criados que os acompanhavam na viagem e, com a ajuda deles, a tirou do convento, mas declarou-se agora arrependido do que havia feito, rogava aos céus permissão para viver para sempre com sua Doroteia e a todos eles pediu perdão. Depois, estimou suas bênçãos ao exultante casal formado por Cardênio e Lucinda, que de tanta emoção não se cabiam em lágrimas. A essa altura, nem mesmo Sancho conseguiu conter-se e também em pranto caiu, mas por outro motivo: entristeceu-se ao ver sua Princesa Micomicadela perder o título de realeza e transformar-se numa simples donzela.

# Capítulo XXXVII

## No qual prossegue a história da famosa Princesa Micomicadela com outras jocosas aventuras

Sancho considerou que era seu dever de escudeiro contar ao seu mestre de uma vez por todas tudo que havia se sucedido. Achegou-se a Dom Quixote, ainda sonolento, e disse:

– Senhor meu, Cavaleiro da Triste Figura, que adormeçais no sono mais profundo de todos, sem dar-vos à preocupação de defrontar inimigo algum, tampouco restaurar o reino de suposta princesa, pois que o caso está por resolvido e acabado.

Dom Quixote as palavras de seu escudeiro endossou, e depois lhe contou da beligerante batalha que havia travado com o gigante e deteve-se no grandiosíssimo mar de sangue que havia escorrido da cabeça decepada do seu adversário.

– Vinho tinto, estimado amo – pontuou Sancho –, e não menos que noventa litros, que devem ser pagos! Vereis que a nobre princesa se converteu numa dama de nome Doroteia, e tereis ocasião de saber e conhecer outros fatos.

E assim sucedeu-se um extenso diálogo entre mestre e criado. Ao perceber que o escudeiro havia confundido sangue com vinho, Dom Quixote o chamou de tolo, e sobre a suposta conversão da princesa numa simples dama, os medos que o perturbaram durante a primeira estada naquela venda voltaram a incomodá-lo e nosso nobre cavaleiro, então, dúvida nenhuma teve de que tudo aquilo havia sido arte de encantamento; mas não conseguiu seu escudeiro convencer quanto a este último, pois a lembrança do episódio da manta ainda perturbava a memória de Sancho. Não fosse por tal desgraça, como disse o próprio homem, não duvidaria de que os sucedidos fossem obra de encantamento.

Entrementes, a Dom Fernando e aos demais o cura contava sobre o estranho mal que acometia a Dom Quixote, descreveu como conseguiram tirá-lo do topo de uma montanha onde cumpria uma penitência autoinfligida e relatou ainda as estranhas aventuras relatadas por Sancho. Riram-se todos ao ouvir o caso, e aquele lhes pareceu ser um tipo de doidice das mais extraordinárias de que já se teve notícia. Dom Fernando manifestou o desejo de que Doroteia prosseguisse com o seu papel de princesa e assim todos decidiram seguir caminho em direção à aldeia de La Mancha.

Nisto, apareceu armado com todos os seus apetrechos Dom Quixote, com a bacia de latão na cabeça, lança à mão e o escudo no braço. Abismou-se Dom Fernando ao ver o rosto amarelo, ressequido e o queixo alongado do cavaleiro. Depois de um momento de silêncio, Dom Quixote voltou-se para Doroteia e a ela renovou a promessa de reconquistar o reino perdido. O cavaleiro afirmou que consentia e respeitava a interferência do espírito do pai da moça, o rei, que havia decidido transformá-la numa donzela particular, condição que claramente a poria numa situação de maior segurança e proteção contra o mal que poderia acometê-la ao retornar para casa.

O inocente escudeiro interrompeu Dom Quixote quando o mestre começou a narrar a peleja sucedida no sótão e, irreverente, comentou que ele havia atacado odres de vinho, em vez de gigantes,, mas Dom Fernando mandou que o homem se calasse. Ao final do discurso, Doroteia levantou-se e agradeceu ao Cavaleiro da Triste Figura por reafirmar o dom a ela outorgado.

Ao ouvir a amável voz da donzela, Dom Quixote enfureceu-se com Sancho e repreendeu o escudeiro por tamanho desvario, que se tolo era, não esperasse o mesmo de seu amo. Sancho reagiu dizendo que esperava equívoco ter cometido sobre a identidade da senhora princesa, mas que quanto ao vinho não restavam dúvidas, posto que ele tinha visto com os próprios olhos os odres espalhados à cabeceira de seu amo, ademais, não havia o chão do sótão se transformado num mar de sangue? Dom Quixote reagiu com ainda



maior enfurecimento e no mesmo instante interveio Dom Fernando, propondo que passassem a noite numa agradável conversa em vez de prosseguir a jornada.

Enquanto isso, dois viajantes, um homem e uma mulher vestidos à mourisco, entraram na venda e pediram um quarto para passar a noite, mas foram informados de que não havia nenhum. Doroteia condoeu-se da desconhecida – cujo rosto estava coberto por um véu – e lhe disse que ela e Lucinda de bom grado poderiam com ela dividir o quarto. A mulher levantou-se da cadeira, fez um sinal com as mãos e curvou-se para agradecê-las; como a desconhecida manteve silêncio, Doroteia e Lucinda imaginaram que ela não sabia falar a língua das duas. Foi então que o homem que a acompanhava aproximou-se e, ao ver a mulher cercada pelas hóspedes da casa, confirmou a suspeita delas de que inútil seria fazer perguntas à estrangeira, pois ela não sabia falar nenhuma língua a não ser a própria. Doroteia e Lucinda explicaram que pergunta nenhuma fizeram, apenas ofereceram seus aposentos para a mulher passar a noite. Ao entender o caso, o homem pareceu gratíssimo e agradeceu às duas repetidamente.

As duas, curiosas por saber quem era aquela senhora, perguntaram ao estranho se ela era cristã e o homem respondeu que não, embora a mulher desejasse tornar-se uma. Relatou também que se tratava de uma dama da nobreza de Argel, terra onde vivia. A explicação só serviu para aguçar ainda mais a curiosidade das duas donzelas, que desejosas estavam por ver o rosto da tal dama e desvendar suas raízes, tanto que Doroteia não pôde conter--se e pediu à mulher que tirasse o véu. Quando o homem, falando a língua da misteriosa dama, a ela explicou o pedido, a moura retirou o véu e todos ficaram embasbacados e consentiram que aquela lhes parecia a mais bela face entre as que pela terra já haviam passado. Dom Fernando perguntou ao homem como a mulher chamava-se e ele respondeu “Lola Zoraida”, mas quando escutou o próprio nome, a formosíssima dama exclamou depressa que seu nome era Maria, não Zoraida. Abraçou-a Lucinda

com toda a afabilidade e a moura disse que poderiam chamá-la pelo nome.

Àquela altura, a ceia já estava pronta e todos acomodaram-se em torno de uma mesa comprida e à cabeceira desta Dom Quixote foi convidado a sentar-se. A pedido do cavaleiro, Doroteia, ou a princesa de Micomicão, melhor dizendo, sentou-se à direita dele. E todos contentes estavam enquanto compartilhavam e trocavam sorrisos e gentilezas. Pois eis que, de repente, nosso cavaleiro parou de comer e, muito inspirado, deu início a um extenso discurso sobre a ordem da cavalaria andante, rememorando todo o bem que ela à humanidade havia feito. Tais foram a perfeição, a eloquência e o charme do discurso do nosso nobre cavaleiro que todos os presentes mal podiam acreditar haver ali um doido.

# Capítulo XXXVIII

## Do intrigante discurso que Dom Quixote fez sobre as armas e as letras

E assim prosseguiu seu discurso nosso cavaleiro, contando sobre a época em que a vitória em uma batalha dependia antes da coragem e do bom espadachim que de artifícios físicos, como o chumbo e a pólvora. E confessou o temor pelo exercício da cavalaria andante ter aceitado em tempos tão diferentes como os que ali viviam, posto que embora as armas e a artilharia não lhe metessem medo, não deixavam de incomodá-lo, pois nunca poderia saber quando uma bala, destinada a alguém, ceifaria a vida de um inocente. E a pior parte de uma morte dessa natureza, como afirmou nosso cavaleiro, era o fato de a bala ter sido disparada por algum covarde infame. E assim comprometeu-se mais uma vez Dom Quixote, apesar de todas as intempéries do cumprimento de tal ofício, a não desistir daquilo que havia se comprometido a fazer: reestabelecer a justiça valendo-se dos princípios da cavalaria errante.

Enquanto o amo falava, Sancho preocupado ficou ao vê-lo deixar de comer. Vez ou outra, sempre que tinha a oportunidade, o escudeiro advertia Dom Quixote de que, de estômago cheio, muito tempo lhe restaria para contar o que bem quisesse.

Terminado o jantar, o vendeiro aos hóspedes informou ter reorganizado seus aposentos para acomodar todos e que as três mulheres poderiam dormir no sótão, gentilmente cedido por Dom Quixote. Então, a atenção geral voltou-se para a estrangeira. Dom Fernando fez algumas perguntas ao cativo sobre a vida de sua esposa e o marido respondeu que, embora não faltassem fatos interessantes à história de vida dela, o que seria dito certamente não soaria agradável aos ouvidos de todos. No entanto, afirmou o marido, poderia contar a história caso todos consentissem em ouvi-la. O cura implorou para que homem assim o fizesse e, ao ver o

interesse dos demais hóspedes, o cativo começou advertindo que, embora verdadeira, a história que ele estava prestes a contar poderia soar estranha e ficcional. Dado o recado, enquanto as atenções da hospedaria inteira voltavam-se para os viajantes mouros, o cativo começou a contar o que se vê a seguir.

# Capítulos XXXIX-XLI

## Em que o cativo narra os decursos de sua vida e suas aventuras

Havia saído da Espanha ainda menino, disse o cativo, movido pelo desejo de tornar-se soldado e serviu o Exército como Gran-Duque de Alva, em Flandres, na guerra dos cristãos contra os turcos, os mouros e os árabes. Em um desses confrontos, foi preso por Uchali, rei de Argel, mas a essa altura já havia sido promovido ao posto de capitão. O homem foi mantido em cativeiro por um bom tempo, primeiro em Constantinopla, depois em Túnis e também em Argel. Em Constantinopla, encontrou vários outros prisioneiros cristãos e lembrava-se particularmente de Dom Pedro de Aguilar, corajoso soldado nativo de Andaluzia e, segundo o cativo, exímio poeta que vivia declarando sonetos, dos quais o cativo chegou a decorar de tanto que gostou. Certo dia, Dom Pedro de Aguilar conseguiu escapar, mas nunca souberam o que ao homem teria acontecido depois.

No instante em que o cativo mencionou o nome de Dom Pedro de Aguilar, as donzelas e Dom Fernando trocaram olhares e sorrisos e este, então, contou ao homem que Dom Pedro era irmão dele e acrescentou que seguro estava em Andaluzia, onde havia se casado e vivia feliz, gozando de muita saúde e pai de três filhos. Dom Fernando comentou ainda sobre a vocação de seu irmão para a poesia e que ele próprio também sabia de cor os dois sonetos mencionados pelo cativo. Nisto, todos pediram a Dom Fernando para recitá-los e o convite foi aceito de bom grado pelo rapaz, que declamou os versos com emoção e presença de espírito. Na sequência, retomou o cativo o seu relato.

Em Argel, de frente à prisão morava um grande alcaide chamado Agi Morato, homem abastado e pai de filha única, moça de grandiosíssima beleza e cujo contato com o cristianismo deu-se ainda na infância, por meio de uma escrava de seu pai; as crenças e

práticas que a mulher a ensinava despertaram o interesse da menina pela religião e pelo desejo de tornar-se cristã. Em certa ocasião, essa linda algeriana, através da janela, avistou o cativo na prisão, apaixonou-se e, um dia, enviou uma mensagem para o rapaz, implorando-lhe para fugir e levá-la com ele. Vez em quando, a donzela atirava algumas moedas embrulhadas num lenço, que o cativo escondia e guardava uma a uma até conseguir a quantia suficiente para comprar a própria liberdade e a de outros escravos mantidos na prisão.

Porém, para conseguir resgatar a donzela das mãos do pai, viu-se o cativo obrigado a fiar-se a um renegado algeriano que tinha se convertido ao cristianismo. Era por meio deste homem que o cativo enviava suas cartas para Zoraida; era um sujeito dissimulado, que comprou uma barca com que começou a percorrer a cidade e algumas ilhas das redondezas, trazendo, na volta, figos para eliminar todas as suspeitas de que havia adquirido o barco para outros fins que não a comercialização. Certo dia, decidiram que era chegada a hora da fuga e o cativo resgatou a si próprio, pagando pela liberdade.

Naquela noite, o renegado ancorou a barca entre a prisão e o jardim da casa de Zoraida e, com a ajuda de vários cristãos que o acompanhavam e o ajudavam a remar, afoitos para à Espanha regressar, embarcaram a tripulação moura presa a ferros e correntes.

Zoraida assistiu a tudo da janela e, ao ver o cativo e o renegado aproximarem-se, saiu correndo para o jardim e mostrou-se toda adornada de pérolas e pedras preciosas. Pediu ao renegado que a acompanhasse até a casa e, quando voltaram, trouxeram consigo um baú cheio de ouro. Nisto, o pai de Zoraida despertou do sono e, em árabe, começou a gritar o mais alto que pôde que estava sendo roubado por cristãos. Não fosse pela ligeireza do renegado, tudo teria ido por água abaixo. O homem amarrou e amordaçou o rei e o levou para o andar de baixo, onde Zoraida, nos braços do amado,

desfaleceu. Então, os três foram para o navio e partiram para Malorca.

Tardou o alcaide a perceber que sua filha havia partido com o cativo por vontade própria e, quando soube disso, atirou-se ao mar, mas foi resgatado por um dos remadores. Ao ver-se dentro da barca, começou a amaldiçoar a própria filha, chamando-a por xingamentos terríveis, entre eles o de “cristã maldita”. Por fim, consentiram que o melhor a se fazer seria deixar o pai de Zoraida e os outros mouros em terra firme; pois, quando o velho alcaide assistiu à barca partir com sua filha, desatou a chorar e a gritar o mais alto que podia, ameaçando dar cabo da própria vida caso a filha não regressasse. As últimas palavras ouvidas foram:

– Por tudo te perdoo, filha minha!

E a lembrança ressoava em seus ouvidos e a fazia derramar lágrimas tantas quantas suficientes para preencher todo aquele mar.

Com menos de um dia de viagem chegariam à costa da Espanha. Em alto-mar, navegando com os remos em descanso e sob a luz da lua que resplandecia nas águas, avistaram de longe um navio. Pouco tempo depois, descobriram ser aquele um corsário francês de Rochelle que se aproximou para saqueá-los e, de repente, dispararam duas peças de artilharia que causaram terrível estrago à barca e cortaram o mastro ao meio. Quando a embarcação começou a afundar, os ocupantes imploraram por socorro ao corsário, cujo capitão era menos tenebroso do que poderia se imaginar. Depois que estavam a salvo no navio, disseram-lhe que se não tivessem ignorado o chamado do corsário, a barca estaria intacta. No entanto, a tripulação do capitão despojou-os de todos os seus valiosos pertences, entre eles as pérolas, as joias e o dinheiro de Zoraida; mas o baú de ouro foi discretamente lançado ao mar pelo renegado sem que ninguém percebesse.

No dia seguinte, avistaram a costa espanhola e o capitão meteu os resgatados numa barca, deu-lhes um pouco de pão e água para seguirem viagem e, antes de os deixarem partir, movido por um estranho sentimento de compaixão, ofereceu a Zoraida quarenta

escudos de ouro e não permitiu que lhe tirassem o belo vestido que ela usava. E, assim, seguiram viagem e chegaram à costa logo depois da meia-noite. Logo que atingiram terra firme, desembarcaram depressa, ansiosos por saber sua localização exata. Viram que estavam ao sopé de uma montanha, decidiram subi-la e lá chegando resolveram descansar até o resto da noite para só então os arredores explorarem.

Depois que amanheceu, saíram e encontraram um jovem pastor, mas o rapaz, ao ver os trajes dos estrangeiros, saiu correndo feito um carneirinho assustado, gritando aos quatro cantos que os mouros tinham invadido o país. E, não muito tempo depois, os viajantes depararam cinquenta homens a cavalo, da guarda costeira, mas o grupo, depois de ouvir as explicações do cativo e de ver que em vez de mouros havia ali cristãos, concluiu desnecessário o desassossego do pobre pastor. Fortuna maior ainda se sucedeu quando um dos guardas reconheceu entre o grupo um sobrinho seu, e nisto não houve um só homem da tropa que não se apeou do cavalo para oferecê-lo aos recém-chegados; alguns até saíram para buscar a barca em que estavam a bordo. Ao chegar à cidade, os fugitivos com alegria foram recebidos pelo povo.

Logo que colocaram os pés por ali, foram à igreja para dar graças ao Senhor pela dádiva recebida e Zoraida ficou impressionadíssima com as imagens espalhadas por todos os lados. Ela, o renegado e o cativo foram para a casa do cristão que tinha os acompanhado e os demais hospedaram-se por diferentes casas dos moradores da cidade. Passados seis dias, o renegado partiu para Granada para, por meio da Santa Inquisição, regressar à santa Igreja. Os outros cativos partiram cada um para suas próprias casas, até que restaram apenas o sujeito que narra esta história e Zoraida. Ele, então, decidiu procurar o pai que não via há muitos anos e nem sequer sabia se ainda vivia. E, no percurso, encontraram esta estalagem aonde acabaram de chegar. E eis o fim da história do cativo, até aqui.



# Capítulo XLII

## **Que trata de outros sucedidos na estalagem e de acontecimentos dignos de relato**

Tendo o cativo terminado sua intrigante e auspiciosa história, Dom Fernando levantou-se, agradeceu o relato e ávidos punham-se todos para expressar sua bondade e gentileza. Dom Fernando implorou ao capitão que aceitasse sua oferta de hospedagem e de levá-lo ao marquês, seu irmão, que, segundo ele, com muita honra aceitaria ser o padrinho de batismo de Zoraida. Com muita polidez agradeceu o capitão por todas as ofertas, mas não aceitou nenhuma.

Começava a anoitecer e todos preparavam-se para a seus aposentos recolherem-se quando, de súbito, chegou à estalagem um coche e alguns homens a cavalo. A vendeira avisou-lhes que todos os aposentos estavam ocupados e um criado pediu que arranjassem um quarto para o seu senhor, um ouvidor. Assim que percebeu haver ali gente da lei, a vendeira desdobrou-se em cortesias e gentilezas para agradar os recém--chegados e ofereceu ceder o próprio quarto e sua cama para hospedá-los. Nisto, o ouvidor, com um traje talar de mangas pretas e babados, saiu do coche e com ele veio uma bela moça com seus dezesseis anos de idade. Todos ficaram aturdidos com a beleza e os modos da donzela.

Eis que o primeiro a saudar os novos hóspedes não foi outro senão Dom Quixote que, em tom solene e linguagem rebuscada e distinta, ofereceu as boas-vindas aos que chegaram ao castelo e terminou seus ditos assim:

– Desfrutais deste paraíso! Pois aqui encontrareis as estrelas e os sóis para acompanharem o céu que vossa senhoria consigo traz. Aqui vereis representadas em suprema excelência as armas e a beleza em seu mais altíssimo estado de perfeição.

Depois de uma recepção tão inusitada, hesitou por um momento o ouvidor, como se estivesse com receio de naquele lugar entrar com a sua filha e preocupado com a natureza do estabelecimento. Estariam num asilo ou numa estalagem? O homem perscrutou a intrigante armadura de Dom Quixote e depois olhou para os demais, o que evidentemente o fez sentir-se mais à vontade.

Acordou-se que a filha dormiria com as senhoras, o que muito a agradou, pois de imediato a menina identificou-se com tão formosas e cortesias damas. O ouvidor surpreendeu-se pela presença de tanta gente distinta na estalagem, tanto quanto ficou intrigado com os estranhos comportamento e aparência de Dom Quixote.

No momento em que o capitão e ex-cativo deu com os olhos no ouvidor, sentiu que ali estava seu irmão mais novo e perguntou a um dos criados como se chamava o homem, e soube que se tratava de João Perez de Viedma, recentemente nomeado ouvidor do Supremo Tribunal Federal do México, país para onde ele e os criados estavam a caminho. O capitão perguntou ainda ao criado se sabia de que parte da Espanha vinha o ouvidor, no que o homem respondeu ter ouvido falar que o ouvidor havia nascido na região montanhosa de Leon. Não restaram mais dúvidas ao capitão, teve certeza de que aquele era o seu irmão e apressou-se para contar ao cura, a Dom Fernando e a Cardênio sua descoberta; também temia ele que o irmão se recusasse a reconhecê-lo dada sua pobreza.

O cura compreendeu a preocupação do homem, mostrou-se disposto a ajudá-lo e pediu-lhe a confiança para resolver a questão com discrição. Então, quando o ouvidor os convidou para lhe fazerem companhia durante o jantar, à mesa o cura começou a contar a história do cativo. Enquanto narrava os fatos, fingiu ele próprio também ter sido um cativo nas mãos dos turcos e dos algerianos e contou ter a preciosa amizade de um soldado e capitão também prisioneiro. Quando o eclesiástico terminou seu relato, lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto e o ouvidor suplicou para que o cura o ajudasse a encontrar seu estimado irmão, por quem seu velho pai não cessava de orar e perguntar, para que o homem o

visse pelo menos mais uma vez antes de partir deste para outro mundo. Foi então que o capitão, também em lágrimas, deu um passo à frente e, quando o ouvidor o reconheceu, os dois envolveram-se num abraço. Depois, o ouvidor abraçou Zoraida e ofereceu a ela todos os seus bens; a filha, que o acompanhava, juntou-se a eles e todos ali comoveram-se com a alegria dos dois irmãos que se reencontravam depois de tantos anos de separação.

Em silêncio, nosso nobre cavaleiro observava atento tudo que se passava diante dos seus olhos e tal fortuna atribuía aos artifícios da cavalaria.

Passado o furor do reencontro, o ouvidor pediu a seu irmão e à Zoraida que com ele voltassem para Sevilha, pois, de lá, enviaria um mensageiro ao pai para comunicar as boas-novas e convidá-lo para as bodas e o batismo. Como o ouvidor precisava partir dali a um mês para a Nova Espanha, acordaram que seria breve a passagem por Sevilha.

Já era tarde da noite e restava pouco para amanhecer, mas, como todos estavam cansados, decidiram retirar-se para descansar. Dom Quixote, apesar do cansaço, ofereceu-se para manter a guarda pelo resto da noite, temendo o novo ataque de algum gigante ou de qualquer outro malandrino que viesse a se chegar ao castelo em busca do tesouro de beleza que ali encontrava-se agora. Os hóspedes, já cientes do mal que acometia o nosso cavaleiro, agradeceram com muita cortesia a oferta e, assim que se viram a sós com o ouvidor, apressaram-se para contar ao homem sobre o estado mental do cavaleiro. Ao ouvir o relato das aventuras e das tentativas de Dom Quixote de reavivar a ordem da cavalaria andante da Espanha, o ouvidor achou graça.

Entre os ali presentes, apenas um não partilhava de tanta alegria: Sancho, incomodado com a decisão de seu amo de permanecer acordado até o amanhecer. Mas, como aparentemente não lhe restava nada a não ser conformar-se, o escudeiro se ajeitou como pôde nos aparelhos do seu burro.

Enquanto vigiava o castelo e o sol ameaçava raiar, Doroteia, que já estava desperta, de repente assustou-se ao escutar a voz de homem, muito entoada e suave e que aos ouvidos lhe pareceu a mais doce do mundo. Cardênio foi o segundo a ser despertado ao ouvir a mesma voz e sentiu que deveria compartilhar sua alegria com as damas; foi até o sótão para acordá-las, mas, ao bater à porta, Doroteia respondeu dizendo que já tinham escutado o que parecia soar como música para os ouvidos. A única que ainda dormia era Clara, a filha do ouvidor.

# Capítulo XLIII

## **Em que se conta a deleitosa história do rapaz das mulas e outros estranhos acontecimentos sucedidos na estalagem**

Doroteia e as outras senhoras não sabiam se deveriam acordar Clara, mas chegaram ao consenso de que seria melhor fazê-lo, pois a moça poderia arrepender-se depois se os seus ouvidos não testemunhassem o que lá fora aconteceria. Então, depois que a abanaram com delicadeza, a menina despertou e as senhoras lhes pediram para sentar-se na cama. Pois mal Clara havia escutado uma nota inteira e desatou a chorar histericamente. Abraçou-se à Doroteia e suplicou:

– Ai, senhora de minh'alma, por que me acordou? A maior bondade que a sorte poderia me fazer era cerrar-me os olhos e os ouvidos para não ver nem ouvir este desventurado músico!

Doroteia nada pôde compreender do que se dava com a menina e esforços não mediu para acalmá-la enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto da donzela, que além de tudo também tremia feito uma vara verde. Quando, por fim, começou a acalmar-se, Clara explicou à Doroteia, sussurrando, a história de amor que havia se passado entre ela e o cantador, que, segundo a menina, de almocreve nada tinha, posto que era filho único e herdeiro de um fidalgo de Aragão. O rapaz morava defronte à casa do ouvidor e quando viu Clara pela primeira vez, por ela declarou-se enamorado. A menina, órfã de mãe e sem ter a quem contar o que se passava, teve de acompanhar o seu pai até Madri, que foi chamado para assumir posição em Nova Espanha, mas não pôde despedir-se do rapaz. Nisto, o jovem, não muito mais velho que ela, soube da viagem, vestiu-se como almocreve e partiu à procura dela. Em todas as estalagens onde ela e o pai haviam se hospedado para passar a noite e prosseguir viagem no dia seguinte, o rapaz aparecia ao

amanhecer, aguardando para vê-la, e Clara punha-se apavorada toda vez, com medo de seu pai descobrir o amor entre ela e o jovem.

Abraçada à Doroteia com toda a força, Clara confessou amar o rapaz de todo o seu coração e alma, afirmando ter certeza de que não conseguiria viver sem ele. Doroteia confortou a moça, prometeu-lhe que com a intervenção de Deus tudo acabaria bem, recomendou à moça que se confiasse nas mãos divinas e rezou para que ao raiar do dia pudesse trazer boas notícias à Clara. Os ditos da senhora aquietaram e revigoraram o coração da jovem e logo todas adormeceram novamente.

Esse tempo todo, só não pregaram os olhos a criada asturiana caolha e a filha do vendeiro, que resolveram manter-se atentas a Dom Quixote e decidiram pregar uma peça no cavaleiro antes que o dia clareasse. Foram para o palheiro, onde havia um buraco na parede e, ao verem Dom Quixote passar montado em Rocinante, o chamaram:

– Senhor, venha cá, por favor, se não o incomodamos.

Ao virar-se para ver quem o chamava, percebeu o buraco na parede do palheiro e este lhe pareceu uma janela toda ornamentada como não seria de se estranhar naquele belo castelo como o que ele imaginava ser em lugar da venda. Dali, avistou duas donzelas e no mesmo instante reconheceu serem elas a filha do senhor daquele castelo e sua criada. Com um olhar pesaroso, porém, fitou as moças, certo de que suas intenções nada mais levariam a romper sua fidelidade e lealdade à formosa Dulcineia, a quem nosso nobre cavaleiro tinha acabado de encomendar-se sob o luar. Nisto, Dom Quixote chegou-se à fresta, dirigiu-se às duas moças e as advertiu que não deveriam deixar-se dominar por sentimento que ele jamais poderia corresponder e falou daquela que era a dona absoluta de sua alma, a sem-par Dulcineia del Toboso de La Mancha, a quem ele havia jurado amor e admiração eternos. E, por fim, recomendou à filha do vendeiro que se recolhesse aos seus aposentos, para que não se mostrasse desagradecido o cavaleiro, e

afirmou que se dele pedisse coisa que não fosse amor, ainda que se tratasse de um fio de cabelo de Medusa, ele o faria de muito bom grado.

No mesmo instante, percebeu a donzela que era chegada a hora, então, apressou-se para explicar que o caso não era o cabelo de Medusa tampouco o de qualquer outra mulher, mas coisa muito mais simples, pois queria apenas sentir o toque da mão de tão valoroso cavaleiro.

Antes de atender ao desejo da donzela, Dom Quixote reafirmou sua fidelidade e lealdade à mais bela dama da terra, e exigiu que a moça não lhe beijasse a mão, apenas a tocasse. Para ele, tal pedido não soava estranho, claro, pois que dama não se orgulharia de ter tocado a mão de um notável cavaleiro errante como ele? (O próprio Dom Quixote certamente o faria, se não gozasse de tal título privilegiado.) Mas o cavaleiro preferia a descrição à bajulação sempre. Porém, para satisfazer o desejo da menina, Dom Quixote ficou de pé na sela de Rocinante para poder alcançar a janela e enfiar o braço pela fresta da parede.

Nisto, a criada asturiana já tinha ido à cavalaria para pegar o cabresto do burrico de Sancho Pança, com que a filha do vendeiro rapidamente meteu-lhe um nó e, com uma laçada, prendeu e amarrou o pulso de Dom Quixote. Para completar a traquinagem, as duas, antes de saírem do celeiro, amarraram a outra ponta do cabresto no ferrolho da porta. E, aos risos, fugiram, deixando para trás o cavaleiro queixoso da aspereza do toque da moça.

Levou algum tempo para o cavaleiro perceber que não havia mais ninguém do outro lado do celeiro, e nisto também notou que seu apoio tão seguro não era, pois corria o risco de Rocinante mover-se sem prévio aviso, o que decerto seria muito incomum dada à mansidão do cavalo, mas caso se sucedesse tal infortúnio, Dom Quixote ficaria dependurado pelo braço. Foi então que começou a imaginar que tudo aquilo se passava por obra de encantamento e rogou a todos os santos, à Dulcineia, a Sancho e a todos os sábios,

e evocou todos os nomes de que podia recordar para que o ajudassem.

Mas ninguém apareceu. O nascer da luz do sol, que começava a despontar, consigo trouxe quatro viajantes a cavalo que, tendo encontrado os portões ainda fechados, chamaram. Dom Quixote, embora exausto, as vozes escutou e o espírito sentinela falou mais alto. Nosso nobre cavaleiro reuniu forças e conseguiu repreender os recém-chegados por tamanha insolência, como era possível tamanha estupidez, como não viam que os portões do castelo ainda não estavam abertos e que todos ali ainda descansavam? Então, ordenou aos homens que dali se retirassem e voltassem quando o dia aclarasse, só depois saberiam se teriam ou não permissão para entrar.

Um dos viajantes confundiu Dom Quixote com o estalajadeiro e de pronto foi repreendido pelo erro. O cavaleiro, sentindo-se ofendido, pôs-se a discursar sobre a ordem da cavalaria andante e do seu renascimento, até o momento em que se cansaram os homens de ouvi-lo e tornaram a bater na porta, desta vez com tanta força que o vendeiro acordou no mesmo momento e saiu às pressas. Os homens, já fatigados pela espera, atravessaram furiosos o portão e apearam-se de seus cavalos. No momento em que os cavalos avistaram Rocinante e a posição curiosa de Dom Quixote, achegaram-se para cheirá-lo e, com isso, Rocinante fez um movimento tão repentino que o braço do pobre cavaleiro quase lhe foi arrancado. E ali ficou suspenso enquanto gritos de dor lhe rasgavam a garganta e até o ar.



# Capítulo XLIV

## Em que prosseguem as inauditas aventuras na estalagem

Ao escutar os gritos de desespero de Dom Quixote, o vendeiro saiu esbaforido para ver a que se dava tanta agonia. Os recém-chegados saíram logo atrás, e a criada asturiana, tanto pelo desespero de seu amo quanto pelos gritos de socorro de Dom Quixote, apressou-se ainda mais, foi até o celeiro e desfez o nó do cabresto antes que alguém o visse. O cavaleiro caiu estatelado no chão, feito um peso morto.

O vendeiro e os viajantes, ao verem o homem naquelas condições, agitados perguntaram o motivo do alvoroço. Pois nosso nobre cavaleiro ignorou a pergunta no mesmo instante, arrancou a corda do pulso e levantou-se com a indiferença e a elegância que os depauperados membros lhe permitiram. Nisto, ergueu a cabeça com orgulho, abraçou o escudo, empunhou a lança e, tomando campo, retornou a meio galope já montado em Rocinante e bradou:

– Aquele que admitir, seja quem for, que fui vítima de encantamento por justa causa, mentiroso o declaro e, com efeito, está agora convocado e desafiado por mim, se a senhora minha e Vossa Alteza, princesa de Micomicão, assim conceder permissão, para uma singular batalha.

Tendo percebido a surpresa dos recém-chegados ao escutarem os desvarios de Dom Quixote, o vendeiro apressou-se por desfazer as impressões e aos novos hóspedes contou que o homem andava mal do juízo. Perguntaram ao vendeiro se por acaso tinha visto por ali um rapaz vestido como almocreve e ele respondeu que não, mas um entre os viajantes afirmou que o tal jovem deveria ali estar já que o coche do ouvidor se encontrava na estalagem. Os viajantes decidiram se espalhar pelos arredores e cada um foi para um lado diferente da venda, para que chance não houvesse de o rapaz escapar.

Curioso pôs-se o vendeiro para saber do que se tratava aquela caçada, mas ficou sem entender nada. Não sabia que aqueles eram criados do pai do suposto almocreve. E não tardou muito para o encontrarem dormindo, sem jamais cogitar que seria perseguido. O criado tratou de despertar o rapazete, que se chamava Dom Luís, com uma dura reprimenda, dizendo que não lhe faltava luxo e conforto tanto para dormir quanto para vestir-se, dada sua posição e origem distintas.

O jovem, sobressaltado e sonolento, demorou para entender o que ali se passava. Espantado, esfregou os olhos e ficou sem saber o que dizer ao criado depois de seus comentários, mas o homem continuou aconselhando o menino a regressar para casa, alegando que seu pai, por conta do desaparecimento do filho, muito doente encontrava-se. Dom Luís curioso estava por saber como o pai havia descoberto o caminho que tinha escolhido e que disfarçado de almocreve estava. O criado respondeu que um estudante, para quem Dom Luís tinha confessado os sentimentos por Clara, havia contado tudo para o pai de Dom Luís, por compadecer-se do sofrimento do homem.

Nisto, outro almocreve que, por acaso, estava a dormir bem perto de Dom Luís, não conseguiu guardar para si o que tinha acabado de escutar e achou por bem desaparecer dali. Entrou na venda, contou aos hóspedes o que se passava. Nisto tomaram conhecimento Dom Fernando e Cardênio do sofrimento daquele rapazito cantador cuja voz havia lhes soado como afago para os ouvidos; e quando o almocreve lhes contou que o jovem era um herdeiro fidalgo disfarçado, resolveram Dom Fernando e Cardênio correrem para ampará-lo.

Encontraram quatro homens em torno de Dom Luís, suplicando para que o menino regressasse à casa do pai e o rapaz, por sua vez, recusando-se a fazê-lo, afirmando que morto poderiam levá-lo, mas nunca vivo.

Nesse instante, da janela Doroteia avistou Cardênio, o chamou e lhe falou do que havia se passado entre o rapaz e Clara; Cardênio,

por sua vez, contou a ela sobre os criados que vieram a mando do pai buscar o filho. Enquanto Cardênio contava à Doroteia o que se sucedia, Clara ouviu tudo, desfaleceu e, não fosse por Doroteia tê-la amparado, teria desmaiado no chão.

Àquela altura, os criados já tinham trazido Dom Luís para dentro da venda, ameaçando levá-lo de volta para casa à força, caso por vontade própria o moço não o fizesse. Recusou-se mais uma vez o rapaz, com um argumento que chamou a atenção de todos os hóspedes, inclusive a do próprio Dom Quixote, tendo interrompido suas obrigações de sentinela para dar cabo do caso. Achevou-se também o ouvidor, e quando um dos criados o reconheceu como um dos vizinhos de Dom Luís, em Madri, suplicou para que aconselhasse o rapaz a voltar para casa e rever o pai doente.

O ouvidor foi falar com o rapaz das mulas e viu que era ninguém senão o filho de seu vizinho. Abraçou o rapaz e com muita gentileza perguntou o que o havia feito fugir de casa daquela maneira. Com o braço envolto no pescoço do jovem, o ouvidor o puxou de canto para indagar os motivos daquele traje e de ter abandonado o pai.

Enquanto o cortês ouvidor cuidava do caso de Dom Luís, deu início um alarido no portão da estalagem. Viram o vendeiro tentando conter dois hóspedes que queriam sair sem pagar a conta. O dono da estalagem, em vão, tentava agarrar um dos maladrinos para impedi-lo de fugir, levava murros e socos sem parar, tanto que já se cobria o rosto de hematomas escuros, com exceção do nariz, que se tornava cada vez mais vermelho. Assim que percebeu a vendeira o que se passava, imaginou ser aquela uma apropriada oportunidade para o valoroso cavaleiro errante demonstrar suas habilidades de espadachim e defensor da justiça, e mandou a filha depressa ir chamar Dom Quixote.

O cavaleiro, com muita calma e cortesia, recebeu e escutou a donzela, mas avisou que não poderia meter-se em uma nova aventura sem a permissão de Sua Alteza Real, a Princesa Micomicadela e, que tendo ela concedido a necessária licença, jamais deixaria de socorrer o pedido da donzela em sua aflição e

tampouco se deixaria derrotar qualquer que fosse a batalha. A criada asturiana entendeu a resposta como um sinal de hesitação e murmurou que, quando a princesa fosse encontrada, seu mestre já teria partido para o plano celestial. Pois a princesa foi rapidamente convocada e Dom Quixote pôs-se de joelhos diante dela, mas antes de o cavaleiro terminar seus extensos ditos cavalheirescos, Doroteia, já ciente da urgência da ocasião, lhe concedeu a permissão antecipando a conclusão de sua falha e outorgou-lhe uma bênção.

Dom Quixote levantou-se de pronto, desembainhou a espada e, caminhando em direção ao portão, parou de repente. O que teria causado tão repentina hesitação? – perguntaram-se todos, mas somente a criada asturiana verbalizou a dúvida em voz alta e o cavaleiro não tardou a responder; Dom Quixote prontamente explicou que não poderia desembainhar sua espada contra quem não fosse cavaleiro e mandou que chamassem Sancho, pois a seu escudeiro resguardava a responsabilidade e a satisfação de pelejar contra cidadãos comuns como os que estavam ali diante dos seus olhos.

Entrementes, Dom Luís, com o rosto banhado em lágrimas, confessava ao pai de Clara o incondicional amor que pela donzela sentia. Intrigou-se o magistrado que não viu outra solução a não ser refletir sobre o bem-estar da própria filha. Impressionado que estava com os modos e a descrição do rapaz de distinta e abastada família, o ouvidor pensou que à sua filha matrimônio como esse convinha. No entanto, considerou mais sensato que esperassem mais um dia para refletir sobre o seu consentimento. Preferia o magistrado aguardar a aprovação do pai de Dom Luís, embora presumisse que tal enlace agradaria o homem por ser Clara uma dama titulada.

E enquanto o destino dos dois jovens enamorados era considerado pelo ouvidor, instalava-se a boa paz entre o vendeiro e os dois hóspedes que, convencidos pelos ditos cavalheirescos do ouvidor e tendo sido convocado Sancho para ajudar na solução da questão, recobriram o juízo e pagaram o que deviam. Deu-se, então, o caso

por resolvido e o vendeiro não exigiu nem um centavo a mais pelos estragos que lhe causaram ao rosto ferido.

Eis que, restabelecida a paz, quem aparece, senão o dono do elmo de Mambrino?! Estava o barbeiro a levar seu asno para o estábulo, quando avistou Sancho Pança remexendo no aparelho do burro, que o próprio havia arrancado do barbeiro quando Dom Quixote lhe tirou a bacia. Apeou-se do asno o barbeiro e correu em direção a Sancho, com quem falou em tom de ameaça:

– Ah, seu patife, que vos pego! Dê-me a bacia, a albarda e todo o resto que me roubou!

Porém, o escudeiro não estava disposto a entregar de mãos beijadas o espólio que tinha conquistado numa peleja justa. Brigou Sancho com a força dos punhos e também dos argumentos ao vê-lo ser chamado de ladrão pelo barbeiro. Dom Quixote, que chegou rápido para ver o que se sucedia, encheu-se de orgulho e contentamento, sobretudo ao ver a boca do barbeiro banhada em sangue, certamente resultado de um soco que o escudeiro meteu nos dentes do ofensor. Causou tão boa impressão a Dom Quixote a demonstração de valentia e de força física de Sancho que o cavaleiro concluiu: ao escudeiro o título de cavaleiro seria bem empregado no primeiro momento que o deparasse.

Logo que conseguiu recompor-se, o barbeiro prosseguiu com as acusações ao escudeiro e a seu amo. Não estava disposto a arrefecer. Contou a todos os hóspedes que se achegaram de repente em torno deles a verdade do que tinha se sucedido e colocou no próprio jumento a albarda que antes estava na montaria de Sancho, para provar como lhe caía feito uma luva; completou a denúncia contando que tinham lhe tirado também a bacia de latão.

Ao ouvir a bizarra acusação, Dom Quixote, com um riso sarcástico, mandou Sancho buscar o elmo de Mambrino (o que, diga-se de passagem, pareceu um estratagema arriscadíssimo para o escudeiro) e quando ele voltou com a bacia, seu mestre a segurou com toda a confiança e a mostrou para todos ali presentes.

– Caríssimos! Com que cara pode este senhor afirmar que aqui se vê uma bacia e não o elmo de que lhes falei? Juro pela ordem da cavalaria que professo ser este o elmo que deste senhor conquistei, sem ter lhe tirado ou posto coisa nenhuma.

Sancho endossou os ditos de seu amo, acrescentando:

– Desde que conquistou este elmo, meu mestre só entrou em batalha uma vez, quando livrou aqueles prisioneiros infelizes. Não fosse por este *baci-elmo*, teria morrido naquela peleja, porque foi atacado com uma chuva de pedras.

# Capítulo XLV

## **Em que se soluciona o caso do elmo de Mambrino e contam-se outras aventuras verdadeiramente sucedidas**

O barbeiro voltou-se aos presentes e perguntou-lhes o que pensavam sobre o desvario de Dom Quixote. Então, ocorreu a ideia ao nosso barbeiro, amigo de Dom Quixote, que vivia na mesma aldeia que o cavaleiro, de pregar uma peça ao colega de profissão e dar corda à bizzarice. Num tom sério, perguntou ao suposto dono do pertence que loucura o acometia, pois era evidente que ali nas mãos de Dom Quixote estava um elmo, embora, claro, não fosse dos mais completos.

Tão aturdido o pobre barbeiro sentiu-se ao ver um colega tão instruído e aparentemente muito sensato não conseguir diferenciar uma bacia de um elmo, que quase desfaleceu. Mas quando o respeitado cura, Cardênio, Dom Fernando e todos os demais, ao perceberem de pronto o truque do homem, insistiram que o barbeiro dono da bacia estava errado, o suor começou a escolher pelo rosto do homem, que esbravejou:

– Valha-me Deus! Como pode senhores tão honrados confundirem uma bacia com um elmo?! Eis um caso para fazer constranger-se uma universidade inteira, por mais prudente que seja! E se isto que vemos é um elmo em vez de bacia, então a albarda deve ser um jaez!

Alguém entre os ali presentes apressou-se a afirmar que certamente aquilo era um jaez, não uma albarda, que só alguém mal do juízo poderia cometer tal aberração. E quando Dom Fernando, pessoa tão distinta entre os presentes, ofereceu-se para propor uma votação para concluírem o quiproquó da albarda-jaez, o barbeiro não teve dúvidas de que o homem era um doido.

Àquela altura, o grupo de espectadores tinha aumentado com a chegada de quatro criados de Dom Luís, do próprio Dom Luís e de três novos hóspedes, esses oficiais da Santa Irmandade, e para eles tudo ali parecia um completo desatino. Um dos recém-chegados, oficial da Irmandade, arriscou dizer que embriagado estaria qualquer um ali que afirmasse ser aquela bacia um elmo. Que infelicidade a do pobre proferir tal afirmação, pois nosso cavaleiro enristou sua lança e desferiu uma cutilada no ar com tamanhas ferocidade e pontaria que, não fosse pela fortuna de o homem conseguir desviar a tempo, cairia ali mesmo, perfurado e estatelado no chão.

O alvoroço que se sucedeu é digno dos livros de ficção. O vendeiro veio ao socorro de seus companheiros da Santa Irmandade e a vendeira gritava histérica por medo de o marido ser decapitado pela impiedosa lança de Dom Quixote. Todas as senhoras gritavam, choravam e queixavam-se. De repente, a balbúrdia foi interrompida pela voz de Dom Quixote que, feito a ligeireza de uma rajada de vento e com a astúcia e a lucidez da cavalaria errante, no ambiente reinstalou a paz. Pois que cena curiosa esta, ver os hóspedes aparentemente lúcidos obedecerem às ordens de um doido. A mixórdia atemorizou tanto aquela gente, e o chamado serviu como um chacoalhão para recobrem os sentidos.

Mas assim que voltaram a se aquietar, a raiva que nutriam os oficiais da Santa Irmandade por Dom Quixote voltou a ferver. Ocorreu a um dos homens que, entre os mandados de prisão recebidos, um correspondia a Dom Quixote, acusado de libertar uns prisioneiros. Ao ter certeza de que era o cavaleiro o fugitivo, arremeteu contra ele de modo tão repentino, o agarrou pelo pescoço com tanta força, que a Dom Quixote faltou pouco para não morrer sufocado.

– Auxílio à Santa Irmandade! – exclamou o oficial. – E para que testemunhem a razão pela qual o peço, leiam este pergaminho em que se ordena a prisão deste salteador!



Dom Quixote, vendo-se tratado tão indignamente pelo facínora, agarrou com toda a força o pescoço do homem, espumando feito uma fera raivosa. Não fosse Dom Fernando e os demais apartarem os dois, teriam se matado ali mesmo. O oficial, porém, não deixou de reclamar o bandido, acusação da qual Dom Quixote riu-se, pois em que lugar deste e de outros planos, por todos os séculos, alguém testemunhou um mandado de prisão contra um cavaleiro andante? Será que este quadrilheiro, a serviço da Santa Irmandade, ignorante das leis e dos princípios, não sabia que a lei de um cavaleiro andante é a sua espada, o seu brio, o foro e a sua vontade, a pragmática? E assim prosseguiu tergiversando sobre a infundada acusação e concluiu emblematicamente seu discurso com uma provocação:

– E que cavaleiro andante já existiu, ou há de existir neste mundo, que não tenha coragem o suficiente para, sozinho, meter quatrocentas pauladas em quatrocentos oficiais da Santa Irmandade que o afrontem?

Enquanto o amo discursava com a costumeira eloquência, Sancho recordava de todos os insucessos que tiveram naquela estalagem e não conseguiu evitar a seguinte observação:

– Valei-me, Senhor Jesus Cristo! É bem verdade o que diz meu mestre sobre os encantamentos deste castelo. Não se pode passar nem uma hora aqui em paz!

# Capítulo XLVI

## **Do fim da insigne aventura com os oficiais da Santa Irmandade e da atemorizante ferocidade do nosso digno cavaleiro Dom Quixote**

De muita saliva precisou gastar o cura para convencer os oficiais da Santa Irmandade a não prenderem Dom Quixote, alegou, pois, que o homem andava mal do juízo e por isso em pouco tempo seria libertado. Além disso, os advertiu que o cavaleiro não se entregaria jamais.

Sancho e o barbeiro ainda continuavam debatendo sobre a albarda (ou seria o jaez?) e finalmente os oficiais concordaram servir de mediadores entre o caso para solucionar a pendência. Para pôr um fim o quanto antes na história toda, o cura deu oito reais para o barbeiro e recebeu deste um recibo.

Nisto, Dom Fernando conseguiu convencer três criados de Dom Luís a regressarem a Madri, enquanto o outro concordou em permanecer e acompanhar o rapaz e Dom Fernando aonde quer que fossem. Com isso, pôs-se Clara tão contente que de seus olhos brotava a felicidade. Zoraida parecia sentir-se em casa entre os cristãos, apesar do barulho e de toda a confusão que havia se sucedido na estalagem no curto espaço de tempo em que ela lá hospedava-se.

Ao ver o cura oferecendo dinheiro ao barbeiro pela bacia de latão, não se olvidou, por sua vez, o vendeiro de seus odres de vinho e de todo o estrago causado por Dom Quixote. Dom Fernando, num gesto generoso, pagou toda a dívida depois que o cura consentiu que seria justo tal acerto de contas.

Ao ver-se nosso cavaleiro livre e desimpedido de pendências, voltou-se à Doroteia. Ajoelhou-se diante da donzela e disse-lhe estar disposto e ávido por servi-la e por dar fim ao seu

desassossego. Exigiu, pois, que partissem o quanto antes, ao que a princesa respondeu de forma simples e direta que a vontade do cavaleiro era também a sua e que deveria ser cumprida prontamente. Assim, Dom Quixote ordenou a Sancho selar Rocinante e também o burro, mas o escudeiro, ao contrário de seu amo, de nada parecia animado e entusiasmado.

– Senhor meu! – exclamou. – Há muita coisa por debaixo do pano por aqui do que os ouvidos ouvem e os olhos veem. – E, como Dom Quixote pediu a Sancho que desembuchasse o que bem quisesse, o escudeiro soltou a língua: – Esta senhora, que se diz princesa de Micomicão, é tão princesa quanto minha mãe, porque, se membro da realeza o fosse como diz, não andaria aos cantos por aí aos beijos com um certo senhor aqui presente.

Embora o afortunado dos beijos fosse Dom Fernando, o próprio marido, Doroteia enrubesceu na mesma hora e as bochechas mais pareciam duas beterrabas. Sancho, receoso de que a princesa estivesse mais para loureira, queria seu mestre poupar de uma viagem tão extensa (dois anos!) até Micomicão e evitar que, no fim das contas, outro sujeito que não Dom Quixote colhesse os louros de tão ousada empreitada.

A cólera que sentiu nosso nobre cavaleiro diante de tamanha difamação não caberia nestas páginas. Santo Deus! Chamas pareciam saltar-lhe pelos olhos! Começou Dom Quixote a gaguejar, tartamudear, a língua esforçando-se para unir as sílabas ao ponto que Sancho recolheu-se feito um passarinho sem ninho, tremendo de medo da lança de seu mestre. Estava o linguarudo a um passo de virar as costas e dar no pé até a poeira baixar quando Doroteia veio acudi-lo. Sugeriu a senhora que o estranho comportamento do homem só poderia ser obra de encantamento. Que outra razão senão esta poderia explicar os testemunhos tão diabólicos contra ela, e como o pobre poderia por sua própria vontade destilar palavras tão ofensivas à honestidade de alguém como ela? Conhecendo a natureza bondosa e inocente do coração de seu escudeiro, Dom Quixote considerou a explicação muito plausível,

pois o que mais faria Sancho agir com tamanho desrespeito diante de um membro da realeza? Pois veio Dom Fernando também tomar partido da causa e defender Sancho, que humildemente pôs-se de joelhos diante de seu mestre e lhe beijou a mão sem parar, implorando por perdão, concedido pelo cavaleiro com floreios e uma bênção ao homem.

– Pois, agora, Sancho meu filho, estás convencido da verdade que venho fazendo-te a conhecer, que as coisas se sucedem neste castelo por obra de encantamento?!

Sancho concordou com muita obediência e mansidão, sem deixar, no entanto, de tecer um comentário:

– Creio sem dúvidas, senhor, exceto pelo episódio do cobertor, que se sucedeu por vias ordinárias.

Mas Dom Quixote, como de costume, não estava dado a amenidades e respondeu que, tivesse sido esse o caso, ele teria se vingado, mas como o poderia, se não tinha encontrado os tais patifes em carne e osso? O que teria sido o sucedido senão obra de encantamento?

Os ali presentes não se continham de curiosidade para saber o que havia sido tal episódio com o cobertor, e o vendeiro lhes contou tudo, tim-tim por tim-tim, do que tinha se passado. O relato agradou, riram-se todos. Não fosse Dom Quixote reafirmar e garantir que tudo havia sido obra de encantamento, o escudeiro certamente teria posto fim à zombaria.

Havia dois dias que aquela gente tinha chegado à estalagem e Dom Fernando e Doroteia ansiavam por partir. Para evitar que os dois os acompanhassem até a aldeia, ficou combinado que o casal partiria sozinho; enquanto isso, o cura e o barbeiro pensariam num modo de levar Dom Quixote de volta para sua terra.

Nisto, um carreiro passou pela região naquele dia e souberam que o homem seguiria na direção de El Toboso, então, fizeram um acordo para acompanhá-lo na viagem. Sabendo de todo o caso, o carreiro ordenou aos criados que preparassem uma espécie de jaula com barras, capaz de caber Dom Quixote. Depois, combinaram que

Dom Fernando e seus amigos, junto dos oficiais da Santa Irmandade, dos criados de Dom Luís e do vendeiro cobririam o rosto e se disfarçariam para que Dom Quixote pensasse haver ali outra gente que não a da venda.

Feito isto, caminhando na pontinha dos pés, foram até o quarto do corajoso cavaleiro errante e o encontraram num sono profundo. Amarram-no pelas mãos e pés, sem acordá-lo e saíram em silêncio. Pasmou-se Dom Quixote ao acordar e ver-se de mãos e pés atados, incapaz de mexer-se e, diante de todas aquelas figuras disfarçadas, concluiu serem mais e mais fantasmas daquele castelo encantado. Como estava incapaz de defender-se, os homens não tiveram nenhuma dificuldade de metê-lo na jaula. Depois que prenderam as barras com toda a força e segurança, levaram-na para fora da estalagem e depois para dentro do carreiro.

Enquanto o grupo caminhava carregando nos ombros a jaula rumo aos portões da estalagem, o barbeiro murmurava com voz rouca uns dizeres estranhos, pois coube a ele ser o porta-voz da profecia; pediu ao Cavaleiro da Triste Figura que não se afligisse por tal prisão, pois era ela certa forma de penitência, humilhação através da qual irromperia a exultação, as amarras amargas que o conduziriam ao doce enlace do matrimônio. E tal profecia se cumpriria, conforme declarou o barbeiro, quando o feroz leão manchego com a pomba branca tobosina se unisse e se tornassem um só, e dessa união nasceriam aqueles que incandesceriam todos os cantos do mundo.

Ao escutar esses dizeres, irrompeu no coração do nosso nobre cavaleiro tamanha emoção que ele teria se ajoelhado não fossem as condições em que se via. Ergueu os olhos aos céus e agradeceu ao divino por ter enviado tão providencial profeta; rogou para que não o deixasse apodrecer dentro daquelas grades e também para que não permitisse que seu fiel escudeiro Sancho Pança o abandonasse, pois se por acaso não desfrutasse da ilha que tanto havia lhe sido prometida, poderia ao menos gozar de alguns benefícios conforme tinha lhe assegurado o cavaleiro em seu testamento. Muito

comovido Sancho com os ditos de seu mestre encantado e encarcerado, abaixou e beijou-lhe as mãos (teve de beijar as duas, pois estavam amarradas). E eis que chegaram ao carro de bois, onde estava tudo pronto para a partida.

# Capítulo XLVII

## **Da estranha maneira como levaram o encantado Dom Quixote de La Mancha e de outros fatos dignos de registro**

Uma vez enjaulado, Dom Quixote pôs-se surpreso e um tanto impaciente com a demora com que carregavam um cavaleiro encantado. A carroça mal tinha percorrido um metro quando parou. Que emoção ou heroísmo poderia haver naquele gênero de encantamento? Nunca havia lido em nenhuma página sequer dos romances de cavalaria fato semelhante. E como poderiam carregar tão nobre cavaleiro num carro de bois? Mas que diferentes tempos se mostravam esses, concluiu o cavaleiro, e era preciso reestabelecer a olvidada cavalaria venturosa, posto que, por ora, tinha de contentar-se com preguiçosa e desleixada obra de encantamento. Mesmo assim, considerou-se digno de perguntar a Sancho o que lhe parecia tal picardia.

– Não sei o que me parece, por não ser eu tão lido dos romances de cavalaria quanto o senhor meu, mas me atrevo a palpar que estas obras que por aqui se sucedem não são coisa de católico.

Pôs-se a gargalhar Dom Quixote ante a descomunal ingenuidade de seu escudeiro. E como poderiam ser católicos tais fantasmas, se são tomados por demônios, feitos de nada mais além que ar?

– Por Deus, mestre – retrucou Sancho afoito –, já toquei um deles e juro, o maldito é de carne e osso. E sempre ouvi dizer que esses espíritos cheiram a enxofre, mas o que toquei cheira a âmbar.

Referia-se o escudeiro a Dom Fernando que, como boa parte da gente distinta, usava perfume, mas Dom Quixote explicou a Sancho que esse demônio em particular, de tão endiabrado, disfarçava-se para se passar por gente.

Enquanto se passava entre os dois essa prosa sobre demônios, religião e da procedência desses corpos fantásticos, despediam-se

o cura e o barbeiro de Dom Fernando, bem como de sua esposa, Doroteia, e de Cardênio, Lucinda, do ouvidor e sua filha, Clara, do capitão e de sua noiva, Zoraida. Todos prometeram escrever ao cura para saber o desfecho da empreitada com Dom Quixote.

Depois de uma longa troca de abraços, o cura e o barbeiro preparavam-se para seguir viagem quando o vendeiro veio correndo atrás deles com uns papéis e os entregou ao cura, como presente. Disse o estalajadeiro que se tratava do manuscrito da *Novela de Rinconete e Cortadillo*, encontrada na mesma maleta de onde havia tirado a *Novela do Curioso Impertinente*, esta última que o cura havia lido em voz alta para todos numa ocasião.

O cura agradeceu o vendeiro e diz-se confiante de que houvesse ali história tão boa quanto a outra novela. Em seguida, ele e o barbeiro cobriram o rosto para não serem reconhecidos por Dom Quixote e tomaram cada um seu lugar atrás do carro de bois, montados em mulas. Os três oficiais da Santa Irmandade, a pedido do cura, os acompanhavam para escoltá-los até El Toboso, munidos de escopetas. Sancho Pança, montado no próprio burro, conduzia pelas rédeas Rocinante. Quando por fim se poria o carro de bois em movimento, a vendeira fingiu chorar da suposta desgraça de Dom Quixote, que implorou à senhora que não o fizesse, pois, no fim, a virtude triunfaria.

À frente do grupo seguia o carro de bois e os oficiais marchavam ao lado dele, e logo atrás vinha Sancho levando Rocinante de rédea, como já se disse, e, na retaguarda, vinham o cura e o barbeiro montados. O passo lento dos bois tinha de ser imitado por todo o grupo, então, certos mistério e solenidade perpassavam o cortejo, e a rigidez e a mudez do cavaleiro enjaulado na gaiola de madeira feito uma estátua de pedra corroboravam a cena.

Tinham percorrido várias léguas quando, de repente, o cura escutou o barulho de uns cavaleiros se aproximando. Dando uma volta a meio galope, ele voltou o rosto e avistou seis ou sete homens montados em mulas cavalgando rápido. Em pouco tempo ultrapassaram a procissão e trocaram cumprimentos com o cura e o



barbeiro. Um dos homens era o cônego de Toledo que, ao ver Dom Quixote enjaulado e escoltado por oficiais da Santa Irmandade, logo imaginou haver ali sujeito perigoso. Não conteve a curiosidade e fez algumas perguntas a um dos oficiais, entre elas, por que o prisioneiro era levado daquela maneira, ao que o homem não soube responder, então, pediu ao próprio Dom Quixote que explicasse.

O cavaleiro errante tinha escutado a pergunta do cônego e se declarou disposto a explicar caso o homem fosse versado na cavalaria andante. O cônego afirmou ter sido leitor voraz de livros de cavalaria, então, Dom Quixote tratou de esclarecer os fatos; contou que havia sido enjaulado e que se encontrava impotente por obra de encantamento. Nesse momento, o cura, ao ouvir a conversa e temendo ali a possibilidade de um contratempo na execução de seu plano, achegou-se e interveio. Endossou o que o cavaleiro errante havia contado e acrescentou que tal encantamento não teria sido resultado de pecados cometidos, mas do ódio de seus inimigos pelos seus virtuosos feitos, dos quais tal renomado Cavaleiro da Triste Figura era o maior cumpridor naquela era.

Diante do tom de tais relatos, o cônego ficou boquiaberto e começou a traçar o sinal da cruz, e o mesmo fizeram os que o acompanhavam. Mas, por sorte, Sancho estava escutando a conversa e, ao ver disfarçado o cura com uma máscara, logo suspeitou que estavam tentando pregar uma peça em seu mestre, então, resolveu dar com a língua nos dentes.

– Senhores, não sei se aos seus ouvidos agradará o que tenho a dizer, mas encontra-se meu mestre tão encantado quanto a senhora minha mãe! Pois não veem que desfruta do pleno funcionamento de todos os sentidos? Come, dorme e bebe. Então, onde hão de ter tais obras de encantamento? Ouvi dizer que, quando se está encantado, não se consegue fazer nada disso, quiçá falar. E meu mestre é capaz de falar mais do que trinta advogados juntos, se assim o deixarem! – E, depois, voltando-se ao cura, o escudeiro exclamou: – Ah, senhor cura, senhor cura! Pensa o senhor que não o conheço? Por mais que tape a cara e que dissimule seus planos,

saiba que o reconheço. Não fosse pelos seus embustes, a essa altura casado estaria meu amo com a Princesa Micomicadela e eu seria no mínimo conde, pois coisa menor não se poderia esperar.

E, então, o fiel Sancho Pança prosseguiu com seus dizeres para que na consciência do cura pesassem as armadilhas que tinha arquitetado para Dom Quixote e pelas quais o vigário não deixaria de pagar quando ao céu chegasse (se é que iria para lá!), a menos que se arrependesse e consertasse seus erros ali mesmo.

Nisto, o barbeiro achou por bem pôr um freio na tagarelice do homem e a ele ofereceu fazer companhia a seu mestre na jaula, mas Sancho redarguiu de imediato:

– Senhor barbeiro, vigie a língua, que nem tudo neste mundo é fazer barbas e a Deus pertence a verdade!

Vendo, pois, a persistência e a teima de Sancho, achou por bem o cura explicar ao cônego toda a verdade que havia se passado com o cavaleiro andante e seu escudeiro. Assim, pediu-lhe que se adiantasse com seus criados para seguirem caminho. Depois que soube de toda a história, confessou o cônego considerar, de fato, prejudiciais tais livros de cavalaria por tratarem tão somente de coisas fantasiosas e pôs-se a rir quando o cura narrou o episódio em que ele e o barbeiro atearam fogo em todos os livros de Dom Quixote.

– Pois que espírito – indagou o cônego –, senão um bárbaro ou inculto poderá deleitar-se ao ler que um imenso grupo de cavaleiros navega mar adentro perfilando o vento, anoitece na Lombardia e amanhece nas terras do Preste João das Índias?

# Capítulo XLVIII

## **Em que prossegue o cônego com os assuntos dos livros de cavalaria e com outros causos de seu engenho**

Aproveitaram muitíssimo aquela prosa o cura e o cônego, tanto que este contou até mesmo ter começado a escrever certa história de cavalaria e do zelo com que se deteve aos desvarios de tal gênero, pois acreditava que tanto melhor seria a ficção quanto mais se assemelhasse à realidade. Além disso, contou também o cônego do cuidado de seguir o bom gosto e os preceitos da arte, elementos que, segundo ele, pareciam ignorados por outros escritores do gênero. Da ficção, a conversa partiu para a dramaturgia, outro tópico em que cura e cônego partilhavam da mesma opinião. Consentiram os dois que as peças daquela época eram verdadeiras necessidades, bem como os atores que as representavam e que seus escritores de dramaturgia, em vez de tentarem aprimorar o gosto pelo nacional, preferiam produzir coisas de mau gosto. Mesmo assim, citou o cônego três excelentes peças que havia assistido em Madri e que tinham rendido muito lucro aos seus produtores, o que, para ele, era a prova de que o grande público apreciava o teatro, desde que a peça fosse uma boa produção.

Enquanto os dois religiosos passavam o tempo numa prosa entusiasmada, o barbeiro achegou-se ao cura e avisou que tinham aparentemente chegado a um bom lugar para os bois servirem-se de abundante pasto. Era por volta do meio-dia e o cônego decidiu acompanhá-los no momento de descanso e ofereceu ao grupo as provisões que vinham carregando em uma das mulas, enquanto as outras foram levadas para uma venda que havia ali por perto para lhes darem de comer e de beber.

Tendo o cura e o barbeiro se afastado de Dom Quixote, Sancho pensou ser aquele o momento ideal para falar-lhe sem ser visto,

então, apressou-se para ao cavaleiro contar sobre o plano que o cura e o barbeiro tinham traçado; completou que só podia aquilo ser fruto de inveja e maldade por ter o amo, com suas grandiosíssimas façanhas, superado os dois. Dom Quixote, entretanto, com complacência advertiu o escudeiro para não se deixar enganar pelos corpos fantásticos que poderiam aludir às figuras do barbeiro e do cura, pois tal manobra garantiria a plena e segura execução da necromancia.

# Capítulo XLIX

## **Que trata da permissão concedida a Dom Quixote para sair de sua jaula e da tentativa do cônego de desfazer as fantasias do nosso nobre cavaleiro**

Durante a conversa com Sancho, nosso cavaleiro sentiu uma repentina necessidade de sair da gaiola e esticar as pernas e os braços. Nisto, Sancho foi ao cura pedir a permissão da saída de seu mestre por um instante e recebeu do vigário o consentimento, desde que se compromettesse a não o deixar escapar. Ache­garam-se à gaiola o cura e o cônego e Dom Quixote sua palavra de cavaleiro ofereceu, jurando que não ousaria jamais conceder-se tal liberdade; enquanto isso, os dois homens o soltaram das amarras.

Pois a primeira coisa que nosso cavaleiro fez foi correr ao lugar onde estava Rocinante. Pensou o cônego que este seria um bom momento para tentar convencer o homem a desistir de seus disparates. Dom Quixote escutou tudo com muitíssima atenção e cortesia, mas, terminada a fala do cônego, o cavaleiro disse ter refletido e chegado à conclusão de que era ao religioso, e não a ele, que faltava o juízo, já que tinha o homem se atrevido a blasfemar contra a ordem da cavalaria andante. E prosseguiu o cavaleiro, contando as façanhas de todos os memoráveis cavaleiros sobre os quais ele havia lido. Pasmou-se o cônego ao ver a grande facilidade e a clareza mental com que Dom Quixote narrava os tais venturosos feitos de seus cavaleiros e lamentou por ver tanto conhecimento de natureza duvidosa corroer tão brilhante cérebro.

# Capítulos L-LI

## **Das ligeiras controvérsias entre Dom Quixote e o cônego e de outros fatos**

Pois se o cônego havia tentado convencer nosso nobre cavaleiro de suas convicções, era agora Dom Quixote quem o tentava convencer das suas. Ora, não era essa a grande missão do cavaleiro neste mundo? Reacender o espírito do cavalheirismo? Nisto, contou Dom Quixote ao cônego as numerosas virtudes que havia desenvolvido desde que recebeu a honraria da cavalaria, entre elas cortesia, generosidade, bravura e paciência, para citar apenas algumas das que mencionou; relatou que havia aprendido a suportar dificuldades de todos os tipos, sendo a mais recente delas o encantamento. E terminou seu longo discurso expressando o desejo de em breve tornar-se imperador, pois, assim, faria o bem a seus fiéis amigos, em especial a seu escudeiro, Sancho Pança.

Ao ouvir as palavras de seu amo, Sancho voltou a lembrá-lo do condado que iria governar. O cônego interrompeu o escudeiro, tecendo comentários sobre a relação entre administração e Estado, bem como de suas dificuldades, mas Sancho não tardou a contrapor o homem ao dizer que tarefa fácil seria delegar a alguém que cuidasse de tais burocracias. Na tréplica e com uma linguagem filosófica, vários argumentos apresentou o cônego, coisa que soou sem pé nem cabeça para o fiel escudeiro. Então, valendo-se da própria capacidade de raciocínio, Sancho retrucou:

– Tenho tanta alma quanto qualquer outro e tanto corpo como qualquer outro também, e tão rei serei do meu reino como cada qual do seu próprio, então, que venha o Estado, e adeus, vejamo-nos por aí, como diria um cego a outro.

Admirou-se o cônego ao ver o modo como o suposto cavaleiro e seu escudeiro defendiam suas crenças e superstições. Assim que Sancho terminou sua fala, o repasto era servido ali mesmo, na grama.

No momento em que se preparavam para se sentar, viram uma cabra sair correndo do meio da mata, e logo atrás vinha um homem cuja voz podia-se ouvir muito bem, mesmo a distância. Não tardou muito e o sujeito apareceu, pegou a cabra pelos chifres e começou a conversar com ela, chamando-a de filha como se ali houvesse uma criança. Parecia compreender tudo a cabrinha e impressionou-se tanto o cônego que pediu ao cabreiro para acalmar-se e o convidou para se sentar e jantar com eles.

De bom grado o cabreiro aceitou o convite e, terminada a refeição, viram que de tolo o cabreiro nada tinha; tendo o sujeito perguntado aos presentes se gostariam de ouvir uma história, todos aceitaram e puseram-se ansiosos para saber de que se tratava. Retirou-se apenas Sancho Pança, para poder fartar-se da comida à guisa do conselho de seu amo: o escudeiro de um cavaleiro errante deve comer até não poder mais toda vez que se lhe aprouver a ocasião.

E nisto o cabreiro começou a contar a história, depois de pedir à cabrita para sentar ao lado dele. E assim ela o fez e, enquanto o pastor contava a desditosa história de amor entre ele e Leandra, filha de um lavrador rico que havia recusado tanto o amor dele quanto o de Anselmo, também pretendente da donzela, para ficar com um sujeito metido a galã, Vicente de la Roca, a cabra o olhava com empatia e parecia entendida do caso.

# Capítulo LII

## **Da discussão que teve Dom Quixote com o cabreiro e da rara aventura dos penitentes que teve um final feliz graças ao seu suor**

Todos apreciaram a história do cabreiro e o agradeceram muitíssimo por contá-la. Dom Quixote ofereceu ao homem seus préstimos em tempos futuros e explicou que se não estivesse sob a força de obras de encantamento, partiria imediatamente para trazer Leandra às suas mãos. Ao notar o estranho comportamento do cavaleiro, a curiosa aparência de Dom Quixote e sua rebuscada linguagem, admirou-se o homem e perguntou ao barbeiro que parafuso faltava ao sujeito que falava feito os cavaleiros dos livros de cavalaria andante. Neste mesmíssimo instante, Dom Quixote arremeteu contra o homem com toda a fúria do mundo e começou ali uma brutal batalha a ponto de esmurrarem tanto o rosto um do outro que estavam praticamente irreconhecíveis. E a briga sucedeu-se bem no meio da refeição, os dois se engalfinhavam como cães raivosos, copos e pratos ou voavam pelos ares ou eram esmagados. A plateia, pois, instigava a briga e sangue jorrava por todas as partes. Nisto, Dom Quixote tropeçou, o cabreiro aproveitou a deixa e o colocou de costas para o chão; o único que não açulava os combatentes era Sancho Pança, que se desesperava e era contido por um dos criados do cônego e não cessava de se queixar por não poder acudir seu amo.

Foi então que ouviram soar uma trombeta, um ruído solene que chamou a atenção de todos. Entusiasmou-se Dom Quixote, pois só poderia aquele ser o chamado para uma nova aventura, um sinal emitido por alguém em situação de perigo, então, pediu ao cabreiro, seu oponente, um momento de trégua na briga. Logo que se pôs de pé, nosso nobre cavaleiro correu até Rocinante, enfreou o cavalo numa fração de segundo, montou, abraçou o escudo, enristou a



lança, vestiu o capacete e saiu em disparada rumo ao som que havia escutado.

Poucos metros havia percorrido Dom Quixote com Rocinante que, como habitual, trotava devagar, quando avistou uma procissão com toda a gente vestida de branco, alguns carregando imagens envoltas num manto preto. Caminhavam os fiéis convocados pelo clérigo para rogar aos céus compadecimento, pois a região vinha sofrendo muitíssimo com ondas de calor e escassez de chuva. Um eremitério próximo dali era o destino da procissão que se recolheria para cumprir penitência e clamar pela misericórdia divina.

Mas o que essa procissão sugeriu à imaginativa mente de Dom Quixote senão uma das muitas peripécias que ele havia lido em seus livros de cavalaria, em que uma formosa e honrada dama era levada contra a própria vontade por um bando de larápios? Para o nosso nobre cavaleiro, o que havia ali envolto num manto preto era a formosa dama, não uma imagem. Apertando com os pés o dorso de Rocinante, pois sequer houve tempo de colocar as esporas no animal, tentou Dom Quixote fazê-lo arremeter num galope para atacar feito um verdadeiro cavaleiro errante.

O fiel escudeiro, o cura, o cônego e o barbeiro todo o possível fizeram e se esgoelaram para deter o cavaleiro. Sancho, desesperado, bradou:

– Senhor Dom Quixote, aonde vai? Que demônios se apossaram de ti para ir contra a nossa fé católica? Valha-nos Deus! Não vês aí uma procissão de penitentes? – Em lágrimas e quase sufocado com o próprio choro, questionou Sancho ainda se o amo tinha consciência do que estava por fazer. Por todos os Santos! Afrontava Dom Quixote a imagem da bendita Virgem Imaculada! Mal sabia o pobre Sancho que com a lança em riste planejava seu mestre libertar uma suposta senhora raptada.

Ao aproximar-se dos penitentes, Dom Quixote sufrenou Rocinante e com uma fala confusa, mas não menos rebuscada como era de costume, exigiu que a formosa senhora – que, segundo afirmação

do próprio, era levada contra a própria vontade – fosse libertada imediatamente.

Um dos clérigos, que havia começado a entoar a ladainha, interrompeu-a de repente e advertiu o cavaleiro que não interviesse na procissão, pois os penitentes flagelavam-se e tal ritual não poderia talhar-se daquele modo. Dom Quixote fez apenas exigir mais uma vez o cumprimento de sua ordem, e as palavras tresloucadas provocaram risos aos penitentes, que não conseguiram conter-se. Tão desrespeitoso gesto ateou fogo na fúria do cavaleiro que arremeteu contra a procissão, mas foi detido pelo golpe do bordão desferido por um dos penitentes que carregava o andor. Foi ao chão o pobre cavaleiro.

Sancho correu e, ao ver o amo estendido no chão, deu-o logo por morto. Desatou o escudeiro a chorar, debruçou-se sobre o corpo do mestre, berrando e choramingando feito um bebê. Que coisa de dar pena foi aquela, ver a tristeza e a inocência do pobre e fiel escudeiro, lamentando pela vida do amo ceifada com um mero pedaço de pau. Terminou a queixa agradecendo ao amo pela generosidade desde sempre demonstrada, pois nos oito meses de serviços prestados, a Sancho o cavaleiro havia oferecido a melhor ilha que poderia o mar circundar.

De repente, ainda sob a agonia do luto, ouviu Sancho um gemido, a voz esganiçada de seu amo implorando para ajudá-lo a voltar para o carro de bois, pois muito ferido encontrava-se o ombro. Nisto, Dom Quixote encomendou-se à formosa Dulcineia e Sancho aconselhou que voltassem para a sua aldeia, de onde poderiam preparar-se para venturas expedições em um momento mais oportuno. A sugestão agradou o cavaleiro que aceitou de boa vontade e respondeu que esta má ideia não seria, pois, nesse meio tempo, deixaram passar a má influência das estrelas.

Naquele momento, o cura, o cônego e os oficiais da Santa Irmandade já tinham se aproximado do grupo. O cura reconheceu entre os clérigos da procissão um conhecido seu, o que tornou a zaragata muito menor e facilitou explicar as necessidades de Dom

Quixote que haviam causado toda aquela tormenta. Depois de despedir-se do cônego, do cabreiro e dos penitentes, o cura pagou os oficiais da Santa Irmandade pelos seus préstimos, que consideram o momento oportuno para apartar-se do grupo. Pediu o cônego ao cura que o mantivesse informado sobre o estado de Dom Quixote, muito preocupava-o o caso. Nisto, levaram o cavaleiro novamente para o carro de bois, onde um punhado generoso de feno serviu de confortável repouso desta vez; e, depois de seis dias de viagem, adentraram a aldeia de La Mancha os bois, com carro e tudo, e o grupo que acompanhava o enjaulado Dom Quixote. Ao cruzarem a praça, sendo este dia domingo, o povo aglomerou-se ao redor deles e toda gente ficou atônita com o que via.

Souberam logo, a sobrinha e a criada de Dom Quixote, que o cavaleiro havia retornado. Quando o viram em tamanho estado de abatimento e magreza, começaram a chorar e a se debater, amaldiçoando todos os endiabrados livros de cavalaria.

Soube a esposa de Sancho da sua chegada e, assim que o encontrou, perguntou ela sobre o burro e o esposo respondeu que se achava em condições melhores do que o próprio dono. A próxima pergunta a que o fiel escudeiro teve de responder foi quanto a seus ganhos e o que ele havia trazido à esposa e aos filhos; Sancho, que de paciência comprazia-se muito pouco na ocasião, respondeu dizendo que ela em breve o veria governador de uma ilha ou quem sabe imperador, e a tornaria uma nobre e distinta dama. Nenhuma criatura esperaria que Tereza Pança compreendesse tais dizeres, pois concretizaram-se as previsões. Arriscou-se Sancho a discursar brevemente sobre as idiossincrasias da cavalaria andante, contando sobre algumas de suas memoráveis experiências, como o episódio do manteamento que, para o escudeiro, havia sido o zênite do ofício de escudeiro.

Pois enquanto sucedia-se isso tudo na casa dos Pança, sobrinha e criada despiram Dom Quixote e o levaram para a cama. Contou-lhes o cura sobre os percalços e as tribulações a que tiveram de se submeter para trazer o nosso nobre cavaleiro de volta para casa. As

duas elevaram preces e gratidão aos céus e, temerosas de que o infortúnio tornasse a ocorrer, prometeram constante estado de alerta, sem nunca parar de maldizer os livros de cavalaria, arrependendo-se de não terem ateado fogo em tudo aquilo muito antes.

# Volume II

# Capítulo I

## **Da conversa sucedida entre o cura, o barbeiro e Dom Quixote sobre a doença do cavaleiro**

Quase um mês se passou desde que o cavaleiro havia regressado para casa. Nesse tempo, temerosos de que Dom Quixote se lembrasse das aventuras de cavalaria e resolvesse se atirar em tal disparate mais uma vez, nem o cura nem o barbeiro foram vê-lo, mas visitaram sua sobrinha e criada e lhes aconselharam o que fazer; mostraram-se as duas muitíssimo esperançosas e começavam a considerar que o nosso nobre cavaleiro havia recobrado o juízo, pois em suas conversas nunca havia tocado em coisas da cavalaria e, sempre que falava de outros assuntos, o fazia com aparente e apropriada sanidade mental.

Quando por fim decidiram o cura e o barbeiro que era chegada a hora de fazer uma visita ao amigo, combinaram não tocar em assuntos de cavalaria. Encontraram-no na cama, com um barrete toledano vermelho na cabeça. A aparência havia mudado bastante; estava tão seco e amarelo que mais parecia um pergaminho do que um corpo. Mas Dom Quixote os recebeu com cortesia e logo deram início a uma conversa animada, que culminou num assunto complexo: Estado e governo.

Falou Dom Quixote com tal clareza, sanidade e capacidade de raciocínio que se abismaram o cura e o barbeiro e tiveram quase certeza de que a mente do homem havia se curado. Na sequência, começaram a falar sobre as notícias da corte e dos rumos de que o turco atacaria sem aviso e que, mesmo sem saber ao certo quando, para salvaguardar a ilha de Malta e as costas de Nápoles e da Sicília, sua majestade, o rei, já havia mandado abastecê-las.

A isso Dom Quixote respondeu que sua majestade poderia tal questão resolver se seguisse o seu conselho. Ao escutar o

comentário, preocuparam-se o cura e o barbeiro e perguntaram de que se tratava tal conselho, mas, antes de responder, Dom Quixote exigiu aos dois manter segredo sobre o que contaria e é claro que os dois deram sua palavra. Nisto, com o tom solene e familiar de sua fala, começou o cavaleiro a enumerar os incontáveis heróis dos famigerados livros de cavalaria que, sozinhos, tinham derrotado exércitos de milhões de homens. Terminou sua fala dizendo que Deus havia concebido à nação um cavaleiro andante capaz de deter o ataque turco e completou que o escolhido era ninguém mais, ninguém menos que ele próprio.

Sobrinha e criada, ao ouvirem tais dizeres, desataram a chorar, e preocupação menor não foi a do cura e do barbeiro. Pasmou-se tanto o cura que olhou bem para o amigo e lhe perguntou se realmente acreditava que os heróis de cavalaria eram de carne e osso, pois ele próprio estava convencido de que tais histórias não passavam de fábulas e fantasias e que nenhum desses personagens em verdade existia. Dom Quixote zombeteou do cura e pôs-se a descrever seus heróis, afirmando ter tanta certeza da existência desses cavaleiros que, numa certa ocasião, podia jurar ter visto, em carne e osso, o próprio Amadis de Gaula, e tantos outros dignos de admiração. E, não satisfeito, começou a detalhar as virtudes de cada um desses cavaleiros e descreveu a cor de seus olhos, barba, cabelo, altura, pele e tudo o mais que sua úbere imaginação trazia à tona. E admiraram-se tanto os dois amigos com os desvarios de Dom Quixote que chegavam a gargalhar. A descrição de Roldão em particular foi a que mais provocou risos, pois Dom Quixote relatou ter o homem pernas tortas, estatura mediana, pele morena, corpo peludo, cortesia e boa criação.

O cura comentou que não era de se admirar que Roldão havia sido desprezado pela formosa Angélica. Mas Dom Quixote refutou, pois Angélica não passava de uma donzela frívola e tonta e de mente leviana, e o cavaleiro lamentou ainda o fato de Roldão não ter sido poeta, pois, se o fosse, teria libelado contra tal senhora e registrado por toda a eternidade e em forma de poesia seus infortúnios.

Nisto, interromperam a prosa ao escutar uma conversa no jardim, entremeada por gritos, e apressaram-se até lá. Foi quando Dom Quixote e o cura viram as duas mulheres tentando impedir um homem de entrar na casa.



# Capítulo II

## **Da notável altercação que Sancho Pança teve com a sobrinha e a criada de Dom Quixote, e de outros chistosos acontecimentos**

Eis que o homem não era outro senão Sancho, que exigia ver o amo, mas sobrinha e criada estavam determinadas a impedi-lo, pois julgavam ser ele quem incitava tais desvarios em Dom Quixote, além de arrastá-lo por andanças desatinadas. Defendeu-se Sancho dessas acusações, acusando o próprio Dom Quixote que, segundo ele, foi quem o aliciou, e completou que continuava à espera de tal ilha prometida pelo homem.

Assim que reconheceu o escudeiro, Dom Quixote arrastou o homem para dentro o mais depressa que pôde, com medo de que Sancho desatasse a contar às duas os detalhes de suas venturosas façanhas, como o episódio em que libertaram prisioneiros e outros que não condiziam com seu mérito de cavaleiro. Nisto, partiram o barbeiro e o cura, desacreditados ambos da cura do amigo. O cura comentou que não se surpreenderia se logo recebesse notícia de nova investida de Dom Quixote e Sancho Pança. Apesar de curiosos por saber o que se passava entre amo e criado do outro lado da porta, convicção não faltava ao cura e ao barbeiro de que poderiam confiar nos olhos e ouvidos atentos da sobrinha e da criada de Dom Quixote e sabiam que quanto antes as duas contariam o que havia se passado.

A sós com o escudeiro, Dom Quixote o repreendeu por ter dito à criada que havia sido ele, Dom Quixote, o culpado por arrastá-lo de casa, pois sabia que havia partido para a empreitada de livre e espontânea vontade; saíram juntos, peregrinaram juntos, e uma pequena vantagem teve o cavaleiro, pois foi alvejado cem vezes, enquanto ao escudeiro mantearam apenas uma vez. A Sancho a

divisão pareceu justa, porque, como deveria ser, ao cavaleiro errante cabia desfrutar os maiores benefícios das batalhas.

Nisto, Dom Quixote citou uma expressão latina que só fez despertar a ira de Sancho, pois menosprezava a fatídica peça que tinham pregado nele com o cobertor e que tinha lhe parecido o auge do seu sofrimento no cumprimento de sua função como escudeiro. Mas a tentativa de Sancho de contrapor a divisão dos fatos proposta foi no mesmo instante defendida por Dom Quixote, pois, segundo o cavaleiro, o sofrimento físico do escudeiro naquele episódio não se compararia à dolorosíssima agonia do coração e da alma do cavaleiro ao ver Sancho em tal situação. Resolvido o caso da divisão, Dom Quixote começou a perguntar ao escudeiro o que andavam comentando pela aldeia de suas façanhas.

A princípio meio receoso, Sancho foi instigado por Dom Quixote – e eximido de qualquer culpa caso o que viesse a contar não agradasse aos ouvidos de seu amo – e contou sobre as diferentes opiniões que corriam à boca miúda entre o povo da aldeia. A Dom Quixote nada disso surpreenderia, afinal, há algum registro de que o mundo deu o merecido reconhecimento a um gênio ou a um valorosíssimo herói enquanto eram vivos? Começou o cavaleiro a listar todos os alterosos da história que tinham sido perseguidos.

Sancho, porém, havia poupado seu mestre do pior e resolveu deixar essa parte por último, quando reuniu coragem para contar sobre um tal livro intitulado *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, publicado e que andava circulando mundo afora. Na história, havia não só Dom Quixote, como o próprio Sancho – sim, com seu nome verdadeiro e tudo! – e também a senhora Dulcineia del Toboso. Admirou-se tanto o nosso nobre cavaleiro que até o sinal da cruz traçou, sem conseguir imaginar como todos os sucedidos tinham sido narrados (inclusive os episódios passados a sós entre o próprio Dom Quixote e Sancho) pelo autor do livro. No mesmo instante dúvida nenhuma teve o cavaleiro de que o manuscrito só poderia ser obra de algum sábio ou encantador, mas Sancho lhe contou que soube se tratar o escritor de Cid Hamete

Berinjela, informação obtida por ninguém mais, ninguém menos que o filho de Bartolomeu Carrasco, rapaz que veio estudar em Salamanca. Sancho perguntou a Dom Quixote se era de sua vontade encontrar o bacharel e o cavaleiro pediu ao escudeiro que fosse buscá-lo imediatamente, pois opinião nenhuma poderia emitir enquanto não apurasse os fatos.

– Cid Hamete Berinjela? – repetiu Dom Quixote consigo. – Isso é nome de mouro.

– Sim, ouvi dizer que os mouros gostam de berinjela – comentou Sancho.

– Sancho, meu amigo, não confundistes o nome deste tal “Cid” que em árabe significa “senhor”? – indagou Dom Quixote.

– Pode muito bem ser, senhor. Mas o bacharel é quem pode dizer – respondeu Sancho.

E, com isso, saiu o escudeiro depressa para trazer o homem.

# Capítulo III

## Da divertida conversa entre Dom Quixote, Sancho Pança e o bacharel Sansão Carrasco

Tendo Sancho partido, deveras pensativo pôs-se Dom Quixote sobre o tal livro, afinal, que verdade poderia se esperar de uma história escrita pela mão de um mouro? Talvez o escrito não passasse de boato e publicação nenhuma houvesse. Como poderia alguém, num curto espaço de tempo desde que o cavaleiro retornou à sua casa, ter escrito um livro? Preocupava-se mais o cavaleiro, no entanto, com a possibilidade de o tal Cid Hamete Berinjela ter tratado com indecorosidade o sacratíssimo amor pela formosa e sem-par Dulcineia del Toboso.

Imbuído nessas e noutras possibilidades, viu Sancho retornar trazendo consigo o jovem Carrasco, que, apesar de se chamar Sansão, não tinha grande porte físico tampouco estatura. O que lhe faltava nesses quesitos, sobrava no entendimento e no humor. Tinha seus vinte e quatro anos, rosto redondo e jovial, boca grande e nariz chato. E que outros sinais além desses poderiam revelar alma mais burlesca? Pois eis que o sujeito comprovou as suspeitas logo que chegou, pôs-se de joelhos ante a Dom Quixote e beijou-lhe a mão respeitosamente, declarando-o o primeiro e mais importante cavaleiro daquela era. Completou seus dizeres rogando a Deus uma bênção a Cid Hamete Benengeli, biógrafo de tão nobre cavaleiro, bem como ao digno e instruído sujeito a quem coube a árdua tarefa de traduzir do árabe para o castelhano vulgar tal valorosa obra para fazê-la conhecida por toda a gente.

– Então, é verdade haver uma história sobre meus feitos e escrita por um mouro e sábio? – perguntou Dom Quixote, fazendo o rapaz levantar-se.

O bacharel confirmou a existência de tal publicação e contou como o mundo vindicava essa memorável crônica de heroísmo e sacrifícios. Não deixou Dom Quixote de registrar o imenso

contentamento e fonte de inspiração que é para um homem receber em vida o reconhecimento pelos seus feitos. Concordou o bacharel com tudo e aproveitou o ensejo para cumprimentar o cavaleiro pela bravura, ousadia, gentileza e paciência, virtudes descritas no livro que havia lido e num tom emotivo falou do belo e platônico amor do nosso cavaleiro andante. Começou Dom Quixote nesse instante a perguntar quais entre as suas façanhas cavaleirescas chamaram mais a atenção dos leitores. Segundo o bacharel, a resposta dependia do gosto de cada leitor: a alguns agradava a aventura dos moinhos de vento que ao cavaleiro pareceram gigantes encantados; outros preferiam ler sobre os exércitos que eram na verdade rebanhos de carneiros; havia ainda os que consideram a aguerrida batalha contra o biscoito o melhor capítulo de todos e aqueles que relataram nunca ter lido coisa mais fantástica do que a libertação dos prisioneiros.

Nisto, Sancho interrompeu o rapaz e perguntou o que lhe contaram sobre o sucedido com os arrieiros, quando Rocinante resolveu se engraçar com as éguas. Sansão respondeu que nada havia passado despercebido no livro, nem mesmo as cabriolas que deu Sancho no episódio do mantear, mas o escudeiro corrigiu o moço:

– Não dei cabriolas na manta, no ar sim, e mais do que eu gostaria.

Nesse ponto, Dom Quixote interveio, dizendo que tem altos e baixos toda história, pois tanto a fortuna quanto a desgraça devem ser narradas.

Contou o bacharel também que alguns leitores manifestaram o desejo de que muitas das surras sofridas pelo herói fossem omitidas da narrativa, mas disso discordou Sancho, que manifestou seu total apoio ao escritor e, com uma piscadela para Dom Quixote, disse:

– É aí que há de verem a verdade da história!

Mas é claro que o nosso nobre cavaleiro via a questão com outros olhos, pois acreditava que as bordoadas diminuía a importância dos feitos, e o suposto autor deveria tê-las omitido, segundo Dom Quixote. Nisto, murmurou algo Sancho, mas o cavaleiro o

repreendeu e ordenou que se calasse para continuarem ouvindo o relato da referida história.

– E de mim? – exclamou Sancho. – Que dizem ser um dos *presonagens* principais?

– *Personagens* – corrigiu-o Sansão, completando que Sancho era o segundo mais importante da história, embora muitos achassem que fosse o primeiro.

Contou Sansão que o autor havia recebido críticas por ter incluído no livro a história de um tal de *curioso impertinente*, que relação nenhuma tinha com a história do próprio Dom Quixote. O comentário só fez esclarecer ainda mais para o cavaleiro a violação dos direitos de herói e justificava a insatisfação dos leitores.

E assim prosseguiu o bacharel, contando sobre todos os feitos e façanhas narrados no livro e que se espalhavam pelo mundo por meio do grande sábio mouro Cid Hamete Benengeli. E assim continuou Dom Quixote com sua sequência de perguntas. Quando se deu por satisfeito com as respostas de Sansão, já era chegada a hora do jantar. Retirou-se Sancho o mais depressa que pôde, temendo a reação da esposa por conta do atraso para o jantar; o rapaz foi convidado a acompanhar Dom Quixote à mesa.

Entretinha Dom Quixote seu convidado, entre uma garfada e outra, com contos de cavalaria. Terminada a refeição, tiraram uma soneca e, quando acordaram, encontraram Sancho à porta, ansioso para retomar a conversa sobre a afamada história.

# Capítulo IV

## **Em que Sancho Pança satisfaz todas as dúvidas e perguntas do bacharel Sansão Carrasco com outros fatos dignos de conhecimento e registro**

Curioso estava Sansão por saber o que Sancho havia feito com os cem escudos encontrados naquela mochila. O escudeiro respondeu que havia gastado o montante em benefício próprio, da esposa e dos filhos e completou que se não fosse por eles e se tivesse voltado para casa de mãos vazias, a esposa não teria tolerado as andanças dele com Dom Quixote. Dispôs-se, então, o escudeiro, a satisfazer a curiosidade de quem bem quisesse saber dele, e que ele próprio em pessoa estaria ali para responder até ao rei, fosse o caso.

– E ninguém tem nada com o que eu trouxe ou deixei de trazer – afirmou o escudeiro –, e nem é da conta de fulano ou beltrano se gastei ou não, pois fosse receber pelas bordoadas que tomei nesta viagem, não haveria dinheiro no mundo que as pagasse, ainda que valesse só quatro maravedis cada uma, porque cem escudos não pagariam nem metade da dívida. E que cada um meta a língua na própria vida, e ainda não confundam preto com branco nem branco com preto, pois cada qual é como Deus o fez e muitas vezes ainda pior.

Intrigado, Dom Quixote perguntou se o bacharel tinha notícia de segunda parte do tal livro, e Sansão respondeu que teria sido essa a promessa do autor, mas nenhuma outra publicação a sucedeu, então, restava apenas a hipótese, embora, dado o lucro gerado, o escritor manifestasse interesse na continuação, segundo o próprio havia declarado.

– Interessam ao autor o dinheiro e o lucro, não? – perguntou Sancho. – É bom que se faça saber a este senhor mouro, que meu

mestre e eu lhe daremos aventuras e sucessos de todos os tipos, o suficiente para justificar não só uma segunda parte, mas uma centena delas. Sem dúvida deve pensar o bom homem que estamos cá a dormir, mas deixe-o pensar que desprezamos o gato enquanto o peixe frita. O que digo de minha parte é que se meu amo tomasse o meu conselho, a essa hora estaríamos bem longe daqui, desfazendo mazelas e injustiças, como é o uso e o costume de bons cavaleiros andantes.

Nem tinha acabado Sancho de dizer essas palavras, Rocinante começou a relinchar. De que maneira essa interferência poderia ser interpretada senão como um bom presságio? No mesmo instante, decidiu Dom Quixote partir dali a alguns dias. Advertiu-o o bacharel para que não se expusesse a grandes riscos como os da jornada anterior e suplicou para nunca se esquecer de que sua vida não mais lhe pertencia, mas aos que dele necessitavam, como os oprimidos e desamparados.

– Isto é o que mais me abomina, senhor Sansão, que meu mestre arremeta contra uma centena de homens feito um menino guloso diante dum banquete de doces. Corpo do mundo, senhor bacharel! Há tempo para atacar e para recuar! – ponderou Sancho.

Nisto, Sancho sentiu que era seu dever, por ele próprio e por consideração à sua esposa e filhos, esclarecer de uma vez por todas sua posição na batalha: como escudeiro, com muito gosto se responsabilizaria pelo conforto e asseio de seu amo e de Rocinante, mas a seu mestre caberia desembainhar a espada, honra sempre reservada ao cavaleiro, e declarou Sancho ainda que cumpriria com primor seu ofício, digno de cada centímetro da ilha ou do reino a ele designado e que aceitaria de muito bom grado.

Depois de o bacharel ter recomendado Saragoça e o reino de Aragão como verdadeiros paraísos para as intencionadas aventuras, Dom Quixote perguntou ao sujeito se era poeta e ele respondeu que não era dos famosos, mas que se arriscava a compor alguns versos. O cavaleiro, então, ao bacharel perguntou se poderia compor um poema à formosa Dulcineia del Toboso, mas de



um modo peculiar: que no início de cada verso houvesse uma letra do nome da donzela, assim, ao final do poema, ao unir as primeiras letras na vertical, se leria “Dulcineia del Toboso”. Prometeu Sansão que tentaria, mas Dom Quixote o advertiu:

– Há de ser assim, pois, caso não esteja o nome patente e manifesto, nenhuma mulher neste mundo poria fé em tais versos.

E assim prometeu o bacharel a fazê-lo e entregar o poema a Dom Quixote antes de sua partida da cidade, que seria dali a alguns dias e jurou também manter segredo do combinado; Sancho e Dom Quixote despediram-se do bacharel e o cavaleiro assegurou que o manteria informado de tudo que lhes sucedesse. Nisto, Sancho voltou para casa e começou a preparar todo o necessário para a segunda venturosa jornada com seu amo.

# Capítulo V

## **Da arguta e divertida conversa que se passou entre Sancho e Teresa Pança e de outros fatos dignos de relato**

Quando Sancho Pança chegou em casa naquela noite, Teresa notou algo de diferente no esposo e, depois de muito perguntar, Sancho por fim contou a ela que havia decidido lançar-se ao mundo mais uma vez para acompanhar seu amo em busca de novas aventuras, durante as quais, como confessou o próprio, esperava encontrar mais cem escudos e trazê-los para casa. Contou também sobre os promissores planos para o futuro, quando se tornaria governante da tão sonhada ilha; a filha do casal, Maria, se casaria com um distintíssimo conde, Teresa se tornaria Dona Teresa Pança, e Sancho a imaginou com as melhores vestimentas da nobreza, sentada em alcátofas na igreja, cercada de almofadas e travesseiros, caminhando num tapete vermelho e felpudo. E quanto ao filho dos Pança, é claro, conforme reza a tradição, seguiria os passos do pai, então, que se tornaria Sanchito senão um governante?

Mas desdenhava Teresa de tudo que o ilustríssimo marido propunha, o que deixou o escudeiro deveras irritado, pois esperava uma atitude mais apreciativa; de certo, poucos maridos (quicá nenhum) naquela aldeia dispor-se-iam a fazer o mesmo pela esposa e os filhos. E nesta alteração, Sancho, a exemplo e no mesmo tom impositivo de seu amo, começou a citar todos os provérbios que já havia escutado e esperava assim contrapor os argumentos defendidos pela esposa. Pois eis que o tão compreensivo Sancho perdeu o pouco da paciência que lhe restava e, então, não viu outra saída a esposa se não ceder e concordar com a tal partida, desde que o marido levasse junto o filho, para que fosse aprendendo o ofício de governador, assim que Sancho assumisse tal posição e mandasse dinheiro para Teresa. Concordou o escudeiro de Dom

Quixote com essas condições e alertou a esposa para que, chegado o momento, vestisse Sanchito como verdadeiro príncipe de sangue.

E enquanto recebia as instruções do marido, que definiria o destino da própria esposa e dos filhos, pôs-se a prantear o coração da pobre Teresa, que não suportou mais aquela dor e desatou a chorar de tristeza. Ao vê-la em tamanho estado de agonia, pois tinha Sancho acabado de definir o destino de Maria, filha do casal, que se casaria com um conde em vez de um simples lavrador, Sancho tentou aquietar a esposa e prometeu tentar adiar ao máximo o matrimônio; a promessa pareceu acalantar um pouco o coração de Teresa, que enxugou as lágrimas.

Terminada a conversa e tendo fim o caso, Sancho retornou à casa de seu amo para acertarem detalhes importantes da partida.

# Capítulo VI

## **Do que se sucedeu entre Dom Quixote, a sobrinha e a criada, um dos capítulos mais importantes de toda a história**

Enquanto Sancho e a esposa trocavam os referidos dizeres, outra alteração se dava na casa de Dom Quixote. Suspeitou a criada que seu amo se preparava para nova andança, suspeita que logo foi confirmada. Ela e a sobrinha todo o possível fizeram para impedir a partida, mas nosso nobre cavaleiro nas mesmas proporções rebateu todos os argumentos, recusou os conselhos e demoveu todas as preces com a enfática declaração: jamais a humanidade deveria despojar-se de cavaleiros andantes para defender os fracos e virtuosos, para punir a arrogância e o pecados, e que havia sido ele o designado para reaver ao mundo tal estado de ordem. E quando a sobrinha o acusou de teimoso e praguejou contra todas as histórias de cavalaria, Dom Quixote ameaçou castigá-la por tais blasfêmias e desatou a discorrer sobre as proezas da cavalaria num tão eloquente discurso que arrancou exclamações de surpresa da sobrinha, mas também queixumes e um suspiro de lamento e piedade, pois a ela de repente pareceu que o tio tinha despercebido a vocação de pregador (e quem dera a tivesse seguido!).

Nisto, começou Dom Quixote a versar sobre tudo o que há debaixo do sol e terminou seus dizeres recitando um poema. Pôs-se ainda mais atônita a sobrinha, que declarou o tio sabedor de todas as coisas da terra e ousou a supor que até mesmo de alvenaria conhecia o tio, tanto que seria capaz de erguer uma casa. A audaciosa suposição foi aceita de bom grado por Dom Quixote, que, segundo o próprio, se não estivesse tão arrebatado pelo cumprimento do ofício de cavaleiro, não haveria coisa nesse mundo que não o fizesse, desde construir gaiolas a fabricar palitos de dente.

Ouviram então alguém bater à porta. Era Sancho Pança. Assim que viu a criada de quem se tratava, saiu depressa para não o ver, tamanha a raiva que sentia do homem. Foi a sobrinha quem abriu a porta, e Sancho correu até o quarto do amo e foi muito bem recebido. Engataram, cavaleiro e escudeiro, numa conversa a portas fechadas.

# Capítulo VII

## Do que se passou entre Dom Quixote e seu escudeiro e de outros memoráveis fatos

Assim que a criada escutou Dom Quixote virar a chave da porta, viu que se avizinhava o perigo, então, envolveu o xale nas costas e saiu depressa até a casa do bacharel Sansão Carrasco. Sabendo que o rapaz era o mais novo amigo de seu amo, imaginou que o bacharel poderia convencê-lo a desistir daquele disparate. Aflita e esbaforida, pôs-se de joelhos diante do homem e contou que seu amo planejava sair andando por aí de novo.

– Vai-se por aí aonde, senhora minha? – perguntou o bacharel aventureiro.

– Pela porta da loucura – respondeu a criada desesperada. – Vai sair outra vez, e já é a terceira, a caçar por este mundo aquilo que chama de aventura.

E prosseguiu a senhora, contando da primeira partida do amo que acabou sendo trazido de volta atravessado nas costas de um burro; e da segunda, de onde chegou à aldeia enjaulado num carro de bois e tão abatido e amarelo que nem a própria mãe teria o reconhecido, sendo esta última andança a mais atribulada de todas, pois foram necessários mais de seiscentos ovos para fazer o amo recuperar a carne que lhe cobria os ossos.

O bacharel tratou de acalmar a senhora e lhe prometeu fazer tudo o que estivesse a seu alcance por Dom Quixote. Aconselhou-a a voltar para casa e preparar algo quente para o café da manhã e, durante o caminho, rezar a oração de Santa Apolônia, e disse ainda que ele mesmo estaria lá dali a pouco. Retrucou, pois, a criada, já que a oração de Santa Apolônia era para quem sofria de dor de dente, não do juízo, mas Sansão reafirmou que a senhora fizesse o recomendado, porque ele, como bacharel por Salamanca, sabia das coisas. E assim partiu a criada, entoando a oração como foi

instruída; o bacharel, por sua vez, foi procurar o cura para decidirem o que fazer.

Enquanto isso, debatiam Dom Quixote e Sancho sobre o que o futuro lhes reservava e o escudeiro contou ao mestre a feliz notícia de que tinha conseguido convencer a esposa a concordar com a sua partida e a consecutiva posse como governador. Aborreceu-se Sancho com as contínuas interrupções e correções de seu amo. Sempre que o escudeiro cometia algum erro, usando uma palavra no lugar de seu antônimo ou repetindo algum vocábulo várias vezes, o que acontecia em quase todas as frases de sua fala, Dom Quixote o interrompia e perguntava o que queria dizer, até o ponto em que nem o pobre Sancho, de tão confuso, sabia o que queria dizer. Por fim, Dom Quixote pediu que Sancho desembuchasse de uma vez o que a mulher havia lhe dito e o escudeiro voltou a falar com toda a pompa e citando todos os provérbios de que conseguia lembrar-se:

– Disse a senhora minha que o senhor meu deve jogar todas as cartas à mesa, que conversa é coisa tão boa quanto beleza. E concordou que é melhor um pássaro na mão do que a ferida no coração.

– E assim eu que o diga – concordou Dom Quixote. – Mas continue, Sancho, meu amigo, que falas hoje como se tivesse engolido uma biblioteca inteira.

– O caso é o seguinte – continuou Sancho. – Como sabe, senhor meu, melhor do que eu, a morte é nossa única certeza. Hoje cá estamos e amanhã viramos pó. Tão rápido morre o cordeiro como o carneiro, e o tanto de vezes que cada um respira neste mundo é coisa que a Deus cabe; a morte é surda, e quem pode saber quando baterá à nossa porta? E não há quem possa deter sua insistência, nem com preces, força física, cetros e mitras e, como ouvimos dizer por aí todo dia, nesses púlpitos.

– Sancho, filho, verdade mais pura não há nisso tudo, mas aonde queres chegar com todos esses ditos? – indagou Dom Quixote.

E revelou-se, então, o motivo dos prolixos dizeres. Desejava Sancho que seu amo estabelecesse um salário certo ao escudeiro e

o que ele ganharia mês a mês por servi-lo, mas eis aqui um inconveniente: não se recordava Dom Quixote de ter visto, em nenhum dos muitos livros que havia lido, ocasião em que um cavaleiro havia estabelecido um salário fixo para seu escudeiro. E como poderia, então, Dom Quixote abrir tal precedente? Pois coube ao nosso cavaleiro o triste e austero dever de recusar o mesquinho pedido de seu escudeiro e informá-lo de que seus serviços não eram mais necessários. E nosso valoroso herói também foi cruel o bastante para declarar que não faltariam escudeiros ávidos por servi-lo, gente mais obediente, solícita, entendida e menos tagarela que Sancho.

Ao pobre Sancho faltou o chão. Esperava, pois, o escudeiro, que seu mestre o recebesse com mais polidez e cortesia, na certeza de que era sua própria pessoa indispensável para o cavaleiro. Enquanto pasmava-se o escudeiro, Sansão, o bacharel, entrou de repente, acompanhado da sobrinha e da criada de Dom Quixote. Ajoelhou-se o rapaz aos pés do cavaleiro como fez da outra vez e pôs-se a declamar:

– Ó flor da cavalaria andante! Ó luz resplandecente das armas! Ó honra e espelho da nação espanhola! Permita Deus todo-poderoso que aquele ou aqueles que quiserem impor impedimento à tua terceira saída não encontrem saída no labirinto dos próprios desejos, e que jamais se cumpra o que mais desejam!

Levantou-se Sansão e, olhando para a criada, angustiada e espantada com o que tinha acabado de ouvir, disse que de nada adiantaria contestar o desejo de seu amo, pois estava determinado e não haveria Santa Apolônia ou qualquer outro santo que o fizesse mudar de ideia. Dito isso, voltou-se para Dom Quixote mais uma vez e, no mesmo tom solene e dissimulado, perguntou ao cavaleiro se ele lhe concederia a honra de torná-lo escudeiro ou até mesmo o mais submisso dos criados.

Ebugalharam-se os olhos de Sancho e dali a pouco encheram-se de lágrimas. Temeroso de que perdesse tanto o papel de escudeiro quanto a tão sonhada ilha, ajoelhou-se ante Dom Quixote e beijou-



lhe a mão, implorando por perdão. Depois, suplicou para que partissem imediatamente da aldeia. Nosso nobre cavaleiro, depois de recolher a ovelha desgarrada e trazê-la de volta, a abraçou, obteve o consentimento do bacharel e decidiu que ele e Sancho partiriam dali a três dias. O escudeiro prometeu providenciar um elmo para Dom Quixote antes da partida.

Enquanto isso, conversava todos os dias o bacharel com o cura e o barbeiro. A sobrinha e a criada amaldiçoavam o aprendiz de bacharel e todas as gerações do homem e mal pregavam o olho à noite, com medo de que Dom Quixote aproveitasse para escapar.

Findados os três dias, na noite do terceiro Dom Quixote e Sancho, com a retaguarda de Sansão, sem que ninguém os visse nem ouvisse, deixaram a aldeia rumo a Toboso. Depois de percorrem meia légua, Sansão desejou sorte ao cavaleiro andante, o envolveu num abraço fraterno e suplicou-lhe que desse notícias da boa ou má sorte que tivessem. E, com isso, o bacharel voltou para a aldeia.

# Capítulo VIII

## **Em que se conta o que se passou a Dom Quixote rumo ao encontro de sua dama Dulcineia del Toboso**

Mal Sansão havia partido, pôs-se a relinchar Rocinante e a zurrar o ruço de Sancho, gestos que foram interpretados como bons presságios tanto pelo cavaleiro quanto pelo escudeiro. Mas os zurros do burro de Sancho sobrepuseram os relinchos de Rocinante, o que Sancho tomou como sinal de que sua própria sorte seria muito maior que a de seu mestre, mas preferiu calar o bico e guardou consigo suas impressões.

Ao anoitecer, Sancho e Dom Quixote passaram a falar sobre o incomensurável amor do cavaleiro pela formosa Dulcineia, que ele nunca tinha visto em carne e osso e por quem peregrinava àquela altura da noite para tomar-lhe a bênção e sua licença antes de a novas batalhas lançar-se.

Preocupava-se agora Sancho com o desempenho da própria imaginação que tinha lá suas limitações e poderia render uma embrulhada. Para cada nova pergunta de seu mestre, precisava o escudeiro pensar numa rápida e convincente resposta, temeroso de que Dom Quixote descobrisse que ele nunca havia colocado os pés em Toboso para entregar a carta à dama Dulcineia. Pediu nosso nobre cavaleiro que o escudeiro mais uma vez contasse a reação da donzela ao receber a mensagem enquanto Dom Quixote, isolado, impunha-se penitência em Serra Morena, mas enfureceu-se quando o escudeiro teimou que a moça peneirava trigo em vez de pérolas na ocasião do encontro. As frestas do curral, mencionadas por Sancho, naturalmente havia de ser uma varanda, um corredor ou a galeria de algum rico e régio palácio; o pobre narrava o fato de tal modo porque seu vocabulário limitado não o permitiria descrever os fatos tais como o eram. Ou porventura algum sábio encantador

estivesse a mascarar a realidade mais uma vez e disfarçá-la para enganar o escudeiro.

Os comentários do amo de repente fizeram Sancho pensar no livro de que o bacharel havia dado notícia e o escudeiro pôs-se deveras desassossegado com a possibilidade de o autor ter deturpado seu caráter naquelas páginas; considerou que era seu dever e obrigação defender-se de tão endiabrado infame e, contando, pois, com os ouvidos atentos do amo, prosseguiu Sancho com suas lucubrações, mas chegou à conclusão que se expressa com a seguinte declaração:

– Que digam o que bem quiserem, porque sozinho nasci e sozinho me encontro. Não perco nem ganho, e embora me veja nas páginas de livro, passado de mão em mão mundo afora, não me importo nem um pouco. Falem bem ou falem mal, que falem de mim!

Talvez tenham as palavras de Sancho feito o pensamento de Dom Quixote divagar pelo mundo e recobrar as grandes façanhas, pois começou a contemplar todos os túmulos e monumentos de grandes mortais de que havia conhecimento na história; mencionou alguns que haviam se tornado santos, e nisto pôs-se curioso Sancho, que perguntou:

– Diga-me senhor, que façanha maior há de ser: ressuscitar um defunto ou matar um gigante?

Admirou-se Dom Quixote com a inusitada pergunta do escudeiro e respondeu:

– Pois a resposta é clara. Ressuscitar um morto.

– Peguei meu mestre! – exclamou Sancho e confessou a Dom Quixote a conclusão de que tornar-se santo era mais afortunado negócio, pois, ao tomar conhecimento das prerrogativas e da fama de tal condição, concluiu o escudeiro que a vida de um santo era mais pacífica e apaziguada que a de um cavaleiro andante, posto que esse último deve guardar vigilância dia e noite, faça chuva ou sol.

– Nem todos podemos ser frades – comentou Dom Quixote laconicamente e prosseguiu dizendo que o número de cavaleiros

andantes do mundo era muito pequeno, mas que a cavalaria é uma religião e um dos meios pelos quais se vai ao céu. Mas Sancho, teimoso como de costume, insistiu que há mais frades no céu do que cavaleiros errantes. E assim seguiram caminho, cavaleiro e escudeiro, sem lhes suceder nenhuma aventura digna de se contar.

Por fim, no outro dia, ao amanhecer, avistaram a grande cidade de Toboso e aumentaram as preocupações de Sancho à medida que se aproximavam do local em que batia o coração da sem-par Dulcineia. O que diria ou faria o escudeiro quando seu amo o mandasse procurar a donzela? Decidiu, pois, Dom Quixote adentrar a cidade à noite; então, os dois passaram o dia descansando à sombra de alguns carvalhos, próximo de Toboso.

# Capítulo IX

## Em que se conta o que nele se verá

Era meia-noite quando os dois entraram em Toboso. Estava escuríssimo, então, não poderia levar a culpa o pobre Sancho por não encontrarem a casa de Dulcineia em todo aquele breu. Foram recebidos por uma infinidade de ruídos: latido de cachorros, zurro de jumentos, miado de gatos e o guincho de porcos, o que para Dom Quixote significava mau agouro. Disse o cavaleiro ao escudeiro:

– Sancho, filho, mostra-me o palácio em que vive Dulcineia. É possível que a encontremos acordada.

– Como hei de guiá-lo a um palácio, se o que vi foi vossa amada num casebre? – retrucou Sancho.

– Pois é certo que estava retirada em algum aposento de seu palácio, como é o costume de altas damas e princesas – afirmou Dom Quixote.

Nisto, disse Sancho que fizessem como era do agrado de seu mestre, mas perguntou-lhe se achava certo um cavaleiro sair batendo de porta em porta àquela hora da noite. Não quis Dom Quixote perder tempo com tal assunto, pois tudo que queria, dizia ele, era encontrar o palácio e depois resolveriam o que fazer. E assim adentraram a cidade e por onde passavam Dom Quixote insistia ter avistado o referido palácio, apontando para um lado, depois para o outro, até que chegaram, por fim, à torre grande de uma igreja. Pensou, assim, o cavaleiro que finalmente tinham a encontrado; era ali que havia de estar tão formosa senhora, lhe dizia o coração.

Sancho, no entanto, ao ver a alegria de seu amo e tendo avistado a torre da igreja, incomodou-se, pois à sua alma supersticiosa não agradava a ideia de atravessar sepulturas àquela hora da noite. Então, o mais depressa que pôde declarou a seu amo ter agora certeza de que a senhora Dulcineia vivia num beco sem saída,

comentário que despertou a cólera de Dom Quixote feito fogo na brasa.

– Amaldiçoado sejas, seu imbecil! Onde vistes que castelos e palácios régios se constroem em becos sem saída?

– Senhor, cada terra com seus costumes, me deixe procurar por entre essas travessas e vielas.

Pois é evidente que a resposta desagradou nosso nobre cavaleiro, que tornou a repreender o escudeiro:

– Lava-te a boca para falar de minha dama. Vamos em festa e em paz e não confundas gato por lebre.

Ainda receoso, arriscou Sancho a perguntar ao amo como poderia esperar que o escudeiro encontrasse o tal lugar no breu da noite, se tinha ele visto a casa apenas uma vez, enquanto seu mestre, que por outro lado já a tinha visitado um milhão de vezes, também não conseguia reconhecê-la. Repreendeu Dom Quixote o seu escudeiro mais uma vez, e reforçou que já havia mil vezes se declarado enamorado por Dulcineia sem nunca a ter visitado em seu palácio.

Nisto, apareceram um lavrador e duas mulas na estrada, a caminho do trabalho, cantarolando um sinistro verso. Bastou o sucedido para Dom Quixote certificar-se de que não colheria o louro de seus esforços naquela noite. No entanto, pediu ao homem que lhe mostrasse a direção do palácio em que vivia a incomparável princesa Dulcineia, mas soube que o lavrador não morava por ali, tinha acabado de chegar à cidade.

Entristeceu-se Dom Quixote com a notícia, porém Sancho sugeriu que os dois saíssem da cidade e ali pelos arredores traçassem um plano para encontrar a tão formosa dama. Tendo o cavaleiro aceito de boa vontade a sugestão, os dois se embrenharam numa floresta ali próxima e decidiram que Sacho retornaria à cidade e, como mensageiro oficial de Dom Quixote, procuraria a sem-par Dulcineia.

# Capítulo X

## **Em que se conta o laborioso artifício de que lançou mão Sancho para encantar a senhora Dulcineia e outros fatos tão ridículos como verdadeiros**

Instruiu Dom Quixote a Sancho para que solicitasse à Dulcineia deixar-se ver pelo cativo cavaleiro e suplicou para que o escudeiro prestasse atenção a todos os detalhes da expressão e do comportamento da donzela e que os contasse depois. Depois de montar no burro, partiu então Sancho e logo os dois sumiram de vista. A uma distância segura dali, apeou-se do jumento e, sentado no chão e sozinho, começou a pensar em voz alta. Num meditativo solilóquio, falou do imbróglio em que tinha se metido e chegou à conclusão de que para tudo nesta vida há remédio, exceto para a morte. Se podia seu amo confundir moinhos de vento com gigantes e trocar um rebanho de ovelhas por um exército, por que não poderia Sancho tomar o branco pelo preto e uma lavradeira pela princesa Dulcineia? Tendo, pois, chegado a essa satisfatória resolução, decidiu o escudeiro demorar-se por ali até a tarde, espaço de tempo em que poderia muito bem ter ido a Toboso e retornado.

No início da tarde, quando se preparava Sancho para partir, encontrou três lavradeiras montadas em burros e a caminho da cidade. Assim que as viu, correu Sancho para contar a seu amo. Exultou-se Dom Quixote ao saber que a senhora Dulcineia, acompanhada de duas damas, viria encontrá-lo, tanto que prometeu ao escudeiro as crias que suas três éguas dessem naquele ano. E prosseguiu o aldrabão Sancho a descrever as três moças com quem topou, detalhando o ouro, as pedras preciosas e as pérolas de seus trajes. Mas, ao deparar as três moças, disse Dom Quixote não ver ali nada além de três lavradeiras montadas em jumentos, deveras

longe da altivez de uma princesa. Por fim conseguiu, pois, o escudeiro convencer Dom Quixote de que ali estava a senhora de inigualável beleza de que seu amo tanto falava, e que tão formosa dama tinha vindo para recebê-lo com boa graça e boa vontade. Diante das moças, pôs-se de joelhos Dom Quixote no empoeirado chão da estrada e declarou sua incomensurável gratidão à Vossa Magnifiquíssima Alteza por ter percorrido aquelas léguas para oferecer o ar da graça a um sôfrego enamorado.

A aldeã, em nada favorecida de beleza, ao ser chamada de Vossa Magnifiquíssima Alteza e de Dulcineia, concluiu serem aqueles dois pulhas chacoteadores. Enraivecida, esbravejou:

– Saia do caminho! Cuidem do que é teu e deixem-nos passar porque não temos tempo pra bizarrices. – E com isso partiu, deixando para trás o cavaleiro ajoelhado.

Para ajudar o amo em suas súplicas, havia se ajoelhado também Sancho. Ao ver as lavradeiras partirem, o escudeiro exclamou:

– Ó princesa e senhora universal de Toboso! Como pode um coração tão nobre não se enternecer ao ver de joelhos em vossa sublime presença o baluarte da cavalaria andante?

Depois que as moças correram campo afora e desapareceram de vista, Dom Quixote virou-se para o escudeiro e, abatido, queixou-se de seu malfadado destino e de a que ponto tão impiedosos nigromantes tinham chegado para satisfazerem o ódio e a malícia. E o pior de tudo, desabafou nosso nobre cavaleiro, era ver em que tinham tão perversos encantadores transformado a belíssima e perfumada Dulcineia: numa moça vil, mal apanhada e que cheirava a alho. E enquanto prosseguia Dom Quixote com seus lamentos, esforçava-se Sancho para conter o riso de alegria por ter conseguido resolver um disparate com outro.

Depois do infortunado encontro e da conversa que se sucedeu entre cavaleiro e escudeiro, tornaram os dois a montar e seguiram viagem rumo à Saragoça.



# Capítulo XI

## Da estranha aventura que se sucedeu entre Dom Quixote e a carreta das Cortes da Morte

Todo o possível fez Sancho para que seu amo recobrasse o ânimo e o entusiasmo, tamanho o abatimento do cavaleiro. A suposta transformação da formosa Dulcineia numa aldeã recaiu feito uma cutilada desferida pelos encantadores no peito de Dom Quixote. Embora acordado, campeava o Rocinante num estado de sono do qual despertava vez em quando. Até que de súbito despertou e esbugalhou os olhos ao avistar na estrada uma carreta; sentada bem à frente, vinha a morte, guiada por mulas que eram conduzidas pelo próprio demônio disfarçado de carreiro.

Averiguou melhor a cena Dom Quixote e conseguiu identificar o restante das estranhas figuras que acompanhavam o cortejo: de um lado da morte havia um anjo de asas e tudo e, do outro lado, estava um imperador com uma coroa de ouro na cabeça; depois, viu que estavam ali também o Cupido (tido como uma divindade) e um cavaleiro com um chapéu cheio de plumas. Vinham com o cortejo outras estranhíssimas figuras, com trajes e expressão esquisitos. Vendo tudo aquilo, assustou-se Sancho a ponto de bater os dentes. Pois até mesmo nosso destemido cavaleiro espantou-se, mas em pouquíssimo tempo o heroísmo venceu qualquer temor e Dom Quixote recuperou o ânimo, feliz por ali haver nova aventura. Meteu esporas em Rocinante, pôs-se de frente para a carreta e num galope repentino, exclamou:

– Dize-me já quem aí se apresenta, se carreiro, cocheiro ou o próprio diabo, quem quer que seja, e para onde ides e quem são estes que levais nisso que mais parece a barca de Caronte do que uma carreta!

Falou o diabo por ele próprio e por aqueles que levava, explicando que eram inofensivos comediantes da companhia de Ângulo e que tinham se apresentado na peça *As cortes da morte* e a

apresentariam novamente numa aldeia que dali se avistava; como a peça era a mesma, viajavam a caráter para poupar tempo e não terem o trabalho de se trocar e de se maquiar. Mostrou--se muito cortês o diabo e igualmente disposto a fornecer as informações que Dom Quixote bem quisesse, e reforçou que, como o belzebu em pessoa, era um dos principais personagens do ato e estava preparado para tudo que lhe aprouvesse. Desapontado com a descoberta, nosso nobre cavaleiro expressou sua decepção e contou ao grupo ter imaginado que ali se punha uma grandiosa aventura. Depois, despediu-se de todos, desejou boa viagem e contou que desde menino admirava os atores e atrizes e sua arte.

Quando o grupo estava prestes a partir, um dos atores da companhia, que trazia três bexigas cheias de ar amarradas na ponta de um pau, aproximou-se e começou a esgrimi-las no chão, bem abaixo do focinho de Rocinante. O cavalo se assustou de tal modo que saiu em disparada feito uma bala de canhão, com o freio nos dentes. Sancho, desesperado e certo de que seu amo se esborracharia no chão, correu o mais rápido que pôde atrás do cavalo, mas, quando conseguiu por fim alcançá-lo, já estavam estirados no chão cavaleiro e cavalo, como era de costume terminarem esses incidentes.

Tendo Sancho deixado o o ruço para trás para poder acudir Dom Quixote e Rocinante, o demônio das bexigas montou no bicho e começou a fazer cócegas em suas orelhas. O burro saiu correndo pelos campos como se fugisse do próprio diabo.

Agoniou-se Sancho ao ver o burrito fugitivo e ficou sem saber se socorria seu amo e o pangaré ou se ia atrás do ruço e do diabo. Como escudeiro fiel, falaram mais alto a consideração e o afeto por Dom Quixote, então apressou-se para cuidar do cavaleiro. Depois que conseguiu ajudá-lo a levantar e montar em Rocinante, contou a seu mestre que o demônio tinha fugido com o jumento. De imediato, preparou-se Dom Quixote para perseguir o inimigo, mas, no mesmo instante, Sancho avistou o ruço voltando em direção a eles e pediu ao amo para acalmar-se.

Ansioso estava Dom Quixote para dar uma lição no demônio fanfarrão, ainda que precisasse descontar em algum outro da carreta e, se preciso fosse, nem mesmo o imperador escaparia. Fez o que pôde Sancho para advertir o amo do perigo de se meter com aquela gente, posto que os atores eram favorecidos e tratados como príncipes por muitos, mas ainda que o próprio rei em pessoa interviesse a favor daquele bando, não escaparia o grupo do ensinamento do cavaleiro andante.

Assim, apressou-se em direção à carreta e a alcançou quando já estava perto das casas que havia na aldeia a que os artistas se dirigiam. Ordenou, pois, que parassem porque queria lhes ensinar como deveria se tratar os jumentos e os cavalos que serviam aos escudeiros e aos cavaleiros errantes. Entenderam os da carreta, pelo tom estentóreo de quem lhes falava, que a coisa era séria. Rapidamente saltaram e muniram-se de pedras.

Logo chegou Sancho e, ao ver os da carreta prontos para atacar, implorou ao amo para não mexer nem com a morte nem com os demais, sobretudo porque nenhum dos integrantes do grupo todo era cavaleiro andante, o que deslegitimaria tal peleja. Defendeu, pois, que o caso fosse resolvido com espírito cristão e que o bando fosse perdoado. Prometeu ainda ao seu mestre que convenceria o burro a entregar-se novamente à vontade do seu dono. Eis a resolução para aquela ofensa.

Nosso nobre cavaleiro atendeu aos pedidos de Sancho cristão e deixou a caravana de fantasmas tomar o rumo que devia; aliviou-se o escudeiro por ter evitado descomunal flagelo a ele e seu amo, que sabe lá Deus (ou o Diabo) como teria terminado.

# Capítulo XII

## Da esquisita aventura que se passou a Dom Quixote com o destemido Cavaleiro dos Espelhos

Sancho e Dom Quixote passaram a noite debaixo de uns sobreiros e, enquanto se serviam da ceia, como de costume o escudeiro desatou a falar com o linguajar rebuscado que vinha usando nos últimos tempos, mas se enroscou com as próprias palavras. Citou ditados, inúmeros deles, mas, como sempre, com o sentido distorcido ou para se referir ao contrário do que queria dizer. Riu-se Dom Quixote da inocência do homem e até tentou arremedar a estranha trapalhada que Sancho cometia; ora falava com seu jeito simplório e despreocupado, ora tentava imitar o vocabulário atilado do cavaleiro, repetindo com toda a pompa as frases que ouvia nos discursos inflamados e floreados de seu amo sobre a cavalaria andante.

Pouco depois de adormecerem, Dom Quixote despertou ao ouvir o barulho de homens conversando. Levantou o mais rápido que pôde para ver do que se tratava e deparou um verdadeiro cavaleiro, munido de todo o aparato da cavalaria, apeando-se do cavalo enquanto parecia reclamar e queixar-se de algo que o perturbava. Apressou-se Dom Quixote para acordar Sancho, que despertou não pelo chacoalho de seu amo, mas pelo que cantava o estranho cavaleiro e espantou-se tanto quanto o cavaleiro, mas, ao contrário dele, de nada entusiasmou-se.

Se se admirou nosso nobre cavaleiro ao abrir os olhos e perceber o que ali havia, maior foi seu espanto quando, de repente, começou ouvir o seguinte:

– Ó mais formosa e ingrata da terra! Como pudestes, sereníssima Cassildeia de Vandália, permitir que sofra e se acabe este cativo cavaleiro em incessantes andanças e árduas tarefas? Não te

satisfazes por já ter obrigado todos os cavaleiros de Navarra, os leoneses, os tartésios, todos os castelhanos e todos os cavaleiros de La Mancha a confessarem que sois a mais bela entre as mulheres do mundo?

Ao escutar as últimas palavras do estranho cavaleiro, teve Dom Quixote de conter o ímpeto de contestar tal afirmação, mas Sancho, que não era dos mais discretos, começou a conversar com Dom Quixote e logo os dois achegaram-se ao queixoso Cavaleiro da Selva, que os saudou de maneira muito cortês ao saber de quem se tratavam.

Em pouco tempo, os dois cavaleiros errantes engataram numa agradável conversa na qual Sancho não pôde deixar de intrometer-se, mas o Cavaleiro da Selva o repreendeu no mesmo instante, dizendo que nunca, jamais permitia que seu escudeiro abrisse a boca. Depois, sugeriu Sancho ao escudeiro do Cavaleiro da Selva que fossem para onde pudessem conversar sem que os amos os ouvissem, e pudessem falar à própria vontade nos limites que permitia a cavalaria.

## Capítulo XIII-XIV

### **Em que prossegue a aventura do Cavaleiro da Selva, com um novo e tranquilo colóquio que se sucedeu entre os dois escudeiros**

E passaram a maior parte da noite os dois escudeiros bebendo e conversando, a lamentar o fadário da vida de escudeiro. Sugeriu o da Selva, pouco antes de irem dormir, que desistissem de servir aos cavaleiros e Sancho respondeu que permaneceria no cumprimento de seu ofício até que ele e Dom Quixote chegassem a Saragoça, onde poderia o escudeiro decidir o que fazer.

Enquanto isso, trocavam confidências os dois cavaleiros, e o da Selva contou ao da Triste Figura seus sucessos e intempéries, detendo-se em uma batalha em particular. Com os ouvidos atentos permanecia nosso nobre cavaleiro, mas quase ficou sem ar quando o sujeito contou ter derrotado em combate o famoso Dom Quixote de La Mancha e tê-lo feito confessar que sua Cassildeia era mais formosa que a Dulcineia del Toboso. Fez o que pôde Dom Quixote para conter-se e não expressar, tampouco falar, o que lhe revolia por dentro e, nesse meio tempo, também quis saber até que ponto chegaria o atrevimento do falastrão. Num gesto astuto, nosso nobre cavaleiro questionou o da Selva e cogitou a possibilidade de ele ter confundido o valoroso Dom Quixote de La Mancha, pois este jamais se deixaria vencer por quem quer que fosse. Nisto, pôs-se o da Selva a descrever Dom Quixote em detalhes, persistência que despertou em nosso nobre cavaleiro a necessidade de agir. Revelou-se, pois, como o valorosíssimo cavaleiro andante e declarou que só haveria de ser algum encantador ou sábio disfarçado quem quer que se apresentasse como Dom Quixote de La Mancha para defraudar da fama que a cavalaria lhe reservava. Contou ao da Selva sobre o infortúnio causado pelos impiedosos nigromantes ao transfigurarem sua formosa Dulcineia e desafiou o

cavaleiro para uma peleja, caso não desse por verdade a declaração que tinha acabado de ouvir.

Respondeu o Cavaleiro da Selva que, quem uma vez o venceu ainda que transformado, poderia repetir o feito com o próprio ser, e que com disposição aceitaria pelejar com Dom Quixote tal quando se fizesse oportuna a ocasião. Como cauteloso e sangue-frio cavaleiro, sugeriu o da Selva ao da Triste Figura que descansassem e aguardassem o amanhecer para travar singular batalha no romper do sol. Acordaram que o cavaleiro vencido ficaria à mercê do vencedor e faria tudo que deste fosse vontade, desde que respeitadas as diretrizes da cavalaria.

Puseram-se ansiosos os dois para revelar cada um a seu escudeiro o que se sucederia na manhã seguinte, então, acordaram os companheiros e lhes deram a notícia. Apavorou-se Sancho com a possibilidade de derrota de seu amo, pois, enquanto se entupiam de vinho antes de adormecerem, o escudeiro do da Selva havia passado a noite inteira contando sobre as façanhas e valentias de seu mestre.

Ambos os escudeiros foram depressa buscar o gado e, no caminho, inquietou-se Sancho por saber que teria de travar uma batalha muito dura contra o simpático escudeiro, como expressa a ordem da cavalaria no combate entre dois cavaleiros andantes. O escudeiro do Triste Figura confessou ao da Selva que preferia pagar a multa, que não deveria passar de dois arráteis de cera, à igreja do que pelejar com ele; completou que nem que quisesse poderia lançar-se na empreitada porque nunca carregava consigo uma espada. O da Selva confessou ao da Triste Figura não se importar, disse que trazia dois sacos de pano de igual tamanho e que poderiam se bater de forma justa com aquelas armas. Agradou a Sancho a ideia, mas viu o da Selva encher os sacos com pedras, o repreendeu e recomendou que deixassem os cavaleiros se atracarem como bem quisessem, sem que precisassem pelejar os escudeiros. No entanto, insistiu o da Selva para que os dois combatessem também, ainda que por meia hora apenas, e

ofereceu-se para esbofetear algumas vezes o da Triste Figura para lhe despertar a raiva antes da batalha.

Até que começou a raiar o sol e a clarear as coisas. Ao olhar ao redor, a primeira coisa que viu Sancho foi o nariz sobressalente do escudeiro do da Selva, para fora da viseira do elmo. Era de tão demasiadas grandeza e feiura que Sancho tremeu-se todo e paralisou; tinha uma curva no meio, verrugas, muitas verrugas, e, de tão avantajado, pendia abaixo do queixo e tinha cor berinjela. Admirou-se tanto Sancho com aquilo que os olhos só faltaram saltar do rosto e a tremedeira dos pés à cabeça mais parecia que o pobre sofria de convulsões. O semblante apavoradíssimo do escudeiro quase meteu medo ao próprio Dom Quixote, mas a bravura do nosso nobre cavaleiro sobrepuja o temor; sacolejou os ombros como quem extirpa um espírito maligno do próprio corpo e preparou-se para combater o oponente.

Antes de a batalha começar, suplicou Sancho ao mestre para que o ajudasse a subir em uma árvore, tamanho o pavor que sentia do narigudo, que mais lhe pareceu um monstro. Enquanto ajudava Dom Quixote a Sancho trepar na árvore, o cavaleiro escutou um dos oponentes montado aproximar-se pelas costas dele e, sem saber se se tratava do escudeiro ou do cavaleiro e, apavorado, ainda que inconscientemente, com a proporção do nariz que poderia muito bem levá-lo ao chão com uma simples baforada, virou-se Dom Quixote e arremeteu contra o da Selva.

Ocorre que o escudeiro do da Selva estava a aquecer o cavalo, que tinha o mesmo porte de Rocinante e ia dando trotes lá e cá à medida que o sujeito o esporeava. Vez ou outra o escudeiro sofria as rédeas do bicho e foi numa ocasião dessas que Dom Quixote de repente escutou um baque pelas suas costas e virou-se com tudo. Quando terminou a meia-volta, num gesto particularmente hesitante e contemplativo de Rocinante, avistou Dom Quixote as costas do da Selva, reluzindo a certa distância. Movido pelo som e pelo próprio instinto e sem saber se estava indo ou vindo o escudeiro, arremeteu contra ele e com um golpe da lança o atacou



com tamanha fúria que atirou o homem do cavalo; tal foi a queda que o da Selva ali ficou estatelado feito morto.

Vendo Sancho a feliz arremetida de seu amo e o auspicioso fim da contenda, suspirou aliviado e desceu da árvore, aproximando-se do narigudo com cuidado e proporcional curiosidade. Bastou uma espiadela e Sancho começou a traçar o sinal da cruz como quem tinha acabado de ver o diabo em pessoa, tanto que Dom Quixote chegou a pensar que o escudeiro tinha endoidado. Virando, pois, Sancho para o seu amo, viu-o montado em Rocinante, contente e satisfeito e suplicou para que o cavaleiro desse cabo da assombração metendo a lança na boca da monstriaca criatura.

Nem bem Sancho tinha terminado a frase e já desembainhava a espada e preparava-se para atacar o corpo do inimigo vencido quando, de repente, o escudeiro do da Selva, agora sem o narigão, ergueu-se e implorou:

– Veja o que está prestes a fazer, senhor Dom Quixote! Este aos seus pés caído é o bacharel Sansão Carrasco, seu amigo, e eu sou seu escudeiro!

– E o nariz? – indagou Sancho, embasbacado ao ver o homem com uma fisionomia totalmente diferente.

– Está aqui no meu bolso – respondeu o escudeiro do da Selva, sacando o nariz postiço e de enorme proporção do bolso. Enquanto, cada vez mais espantado, observava Sancho ao homem, exclamou:

– Virgem Maria! Não é Tomé Cecial, meu vizinho fofoqueiro?

Respondeu afirmativa e contentemente o desnarigado.

Nisto, ressuscitou o bacharel dos mortos e ao vê-lo de olhos abertos, apontou Dom Quixote a espada no rosto do atrevido e declarou morto o então da Selva, agora Cavaleiro dos Espelhos – como passou a ser chamado por causa da armadura reluzente – caso não jurasse ser Dulcineia del Toboso a senhora mais bela que no mundo havia. Exigiu ainda o cavaleiro da Triste Figura que o dos Espelhos se apresentasse perante a referida e formosíssima dama para que dele ela fizesse o que fosse de sua vontade. Depois,

deveria o cavaleiro retornar e informar a Dom Quixote a punição recebida, bem como relatar o que havia se passado na conversa.

Confessou tudo o Sansão caído no chão, inclusive que o tal cavaleiro que supostamente havia vencido não era Dom Quixote. Derreado, pediu ajuda o sujeito e ele e seu escudeiro saíram depressa para procurar ajuda na aldeia mais próxima. Nisto, nosso nobre cavaleiro e seu fiel escudeiro pegaram a estrada rumo a Saragoça.

# Capítulo XV

## Em que se revela quem era o Cavaleiro dos Espelhos e a que veio

Enquanto montava Rocinante a caminho de Saragoça, ansiava Dom Quixote pelo retorno do Cavaleiro dos Espelhos que traria uma mensagem de sua formosa Dulcineia. Queria saber, sobretudo, se achava-se ainda encantada a donzela. Lembrou-se da grandiosíssima vitória que teve sobre o atrevido cavaleiro e não pôde deixar de vangloriar-se pelo feito.

Enquanto nosso nobre cavaleiro tais fatos contemplava, continuava a lamentar o bacharel cavaleiro do que o destino havia lhe reservado. Resolveu Sansão por contra própria se passar por cavaleiro andante com a única e altruísta intenção de destituir e derrotar o cavaleiro Dom Quixote num combate, tarefa que julgou, claro, de fácil execução. Pois de caso pensado havia proposto o homem que o derrotado se colocasse à disposição das vontades do vencedor. Sucedeu-se que, depois da partida de Dom Quixote, o bacharel, o cura e o barbeiro refletiram sobre o que fazer, e quando Sansão ofereceu disfarçar-se de cavaleiro e desafiar Dom Quixote num duelo que o traria de volta para casa, deram-se por satisfeitiíssimos os outros dois. Convenceram Tomé Cecial, vizinho de Sancho Pança, a bancar o escudeiro de Sansão.

Pois agora, pseudocavaleiro e pseudoescudeiro viam o feitiço virar contra o feiticeiro e provavam o dissabor do fatídico desfecho do combate com o Cavaleiro da Triste Figura. Enquanto falavam do malsucedido, o escudeiro resumiu seus pensamentos com a seguinte pergunta:

– Diga-me uma coisa, senhor Carrasco, quem é mais doido? Quem o é sem saber ou aquele que se faz?

Embora ao bacharel a pergunta fizesse todo o sentido, não queria ele admitir o tormento e a dor que a derrota havia lhe causado. O

intento de trazer Dom Quixote de volta para casa e fazê-lo recuperar o juízo transformou-se em um desejo interior de vingança.

Aliviou-se ao menos a dor física do cavaleiro graças a um curandeiro que encontraram por ali, no caminho da estrada. Tomé Cecial, escudeiro por um dia e uma noite, livrou-se do imbróglio da cavalaria andante e tornou a cuidar de seus afazeres menos arriscados na aldeia de La Mancha; no entanto, permanecia viva em Sansão a sede de vingança.

# Capítulo XVI

## Do que sucedeu a Dom Quixote com um discreto Cavaleiro de La Mancha

Enquanto regozijava-se Dom Quixote com seus próprios feitos e com o reacender da chama da cavalaria andante, não saía da cabeça de Sancho o monstruoso nariz do pseudoescudeiro. Quando foi ter sobre o assunto com o seu amo, perguntou Dom Quixote se a Sancho ainda restava alguma dúvida de que o Cavaleiro dos Espelhos e seu escudeiro eram fruto de encantamento, obra de nigromantes que os transfiguraram para que os dois se passassem por Sansão e Tomé. Para nosso nobre cavaleiro, tão afeiçoado amigo como o era Sansão jamais invejaria as façanhas de Dom Quixote e nunca lhe arrebataria das mãos a glória da cavalaria. E, com isso, encerrou a questão.

Enquanto conversavam sobre tal assunto e sobre a transfiguração de Dulcineia, encontraram pela estrada um homem a cavalo e vestido num gabão verde. Num gesto cortês, Dom Quixote o chamou e o convidou a acompanhá-los na viagem, convite prontamente aceito pelo viajante. Perscrutaram-se cavaleiro e viajante, este, com seus cinquenta e poucos anos e traços apessoados, intrigou-se com a fisionomia de Dom Quixote; tratou logo nosso nobre cavaleiro de explicar o motivo de seus trajes e a missão que tinha a cumprir. Espantou-se ainda mais o do gabão verde ao escutar o que lhe disse Dom Quixote, e por fim conseguiu encontrar as palavras para indagar se os ouvidos tinham escutado direito, pois, para o de verde, não passava a cavalaria andante de fábula. Não tardou muito para o de verde suspeitar estar ali diante de um doido e ter a certeza de que não passava Sancho de um pobre incauto.

Perguntou Dom Quixote o nome do de gabão verde e soube que se tratava de Dom Diogo de Miranda e quis saber mais a respeito do homem. Contou, pois, o referido aos companheiros de viagem sobre

a vida mansa e tranquila que levava no campo, junto da esposa e do filho e seus dizeres tão simples quanto belos despertaram em Sancho tamanha admiração que o escudeiro saltou do burro de repente, agarrou-se à perna direita do homem e começou a beijar-lhe os pés com profundas devoção e admiração.

Constrangeu-se Dom Diogo com o procedimento de Sancho e perguntou a este o motivo do gesto, no que o escudeiro, embevecido, suplicou:

– Deixe-me beijá-lo, senhor! É o primeiro santo a cavalo que já encontrei em toda a minha vida!

O homem tratou de corrigir Sancho e confessou-se um pecador, mas o escudeiro, apesar do comentário do de verde e das gargalhadas de Dom Quixote, a mudar de opinião recusava-se. Contou Dom Diogo ao cavaleiro sobre aquele que era seu grande orgulho, o filho de dezoito anos que tinha estudado em Salamanca e compunha belíssimos poemas. A conversa acendeu em Dom Quixote o desejo de versar sobre poesia, que declarou estapafúrdio o ato de comercializar tão grandiosíssimo presente dos deuses e findou seu discurso sugerindo a Dom Diogo que deixasse seu filho compor versos em que fossem admoestados todos os vícios e censurado e repreendido todo o pecado; completou que, sobretudo, a pena do poeta é a língua da alma que nunca poderia deixar-se levar pela inveja, pelo rancor e tampouco pelo ódio. Admirou-se Dom Diogo com a perspicácia e clareza de raciocínio de Dom Quixote, tanto que começou a duvidar da própria crença de que o homem era mal do juízo; ficou sem saber o que pensar, mas o que parecia loucura, como refletiu depois, revelava-se pura excentricidade.

Enquanto discorria nosso nobre cavaleiro sobre poesia, Sancho, ao ver uns pastores que estavam ali por perto, foi até eles para pedir um pouco de leite. Quando Dom Quixote terminou seus dizeres e o do outro cavaleiro refletia o que poderia se passar naquela mente, Sancho escutou o mestre chamá-lo. Como estava com o elmo de Dom Quixote, picou o ruço depressa para chegar ao amo o mais

rápido possível e, quando o fez, descobriu a razão do chamado: um carro na estrada, cheio de bandeiras reais, aproximava-se.

# Capítulo XVII

## **Em que se relata o último ponto a que chegou e poderia chegar a insigne bravura de Dom Quixote, com a felizmente bem-sucedida aventura dos leões**

No momento em que Sancho ouviu o amo chamá-lo, estava a comprar coalhada dos pastores e, sem saber o que fazer com ela quando Dom Quixote o chamou e mandou que fosse depressa, guardou-a dentro do elmo de seu amo. Assim que o escudeiro se achegou, a primeira coisa que fez Dom Quixote foi lhe tomar da mão o elmo, bradando que precisava preparar-se para aquela que prometia ser uma emocionante aventura; mas não via Sancho nada além de um carro com bandeiras reais, que deveria trazer ali algum membro da realeza. Enquanto curioso observava o veículo se aproximar, Dom Quixote levou o elmo à cabeça e o encaixou a toda pressa para firmá-lo bem, mas, ao fazê-lo, espremeu a coalhada que havia ali dentro e o soro começou a correr pelo rosto e pelas barbas do nosso nobre cavaleiro, que de tão abismado pensou terem lhe derretido os miolos.

Sancho, sem dizer nada, ofereceu ao amo algo para limpar o rosto, e comentou Dom Quixote que, fosse aquilo suor, era sinal de que haveria de suceder-se terrível aventura. Enquanto limpava o rosto, o cavaleiro tirou o elmo e, ao sentir o cheiro de queijo, enfureceu-se, olhou para Sancho, o acusou de ter armado aquela peça e ainda o declarou traidor, patife e ameaçou destituí-lo. Com ares de inocência, Sancho olhou para o amo e afirmou que aquilo só poderia ser manobra do demônio ou de algum encantador, pois se o escudeiro tivesse a chance de meter a mão numa coalhada, a enfiaria estômago adentro, jamais dentro do elmo do próprio amo.

Ao cavaleiro convenceu o argumento e Dom Quixote se ocupava agora com o carro que logo os alcançou; abordou o carreiro, este



acompanhado de dois criados, e um homem montado numa mula:

– Aonde ides, irmãos? Que carro é este? O que levais aí? E que bandeiras são estas?

Respondeu o homem na mula que era seu o carro onde na ocasião transportavam dois enormes leões que o governador de Orã havia enviado de presente à sua majestade, o rei, e explicou que as bandeiras eram sinal da realeza e de que ali se levava coisa sua. Completou o sujeito que os bichos estavam famintos, já que não tinham comido nada naquele dia, e que precisavam se apressar para dar-lhes de comer.

Com um sorriso discreto, mas desdenhoso, e a voz serena, Dom Quixote mandou que abrissem as jaulas e deixassem que tais feras se fizessem saber quem era o valorosíssimo Cavaleiro de La Mancha. Ao escutar a sandice de seu amo, amedrontou-se Sancho e implorou ao viajante que pelo amor do divino não desse ouvidos ao pedido de seu amo e o impedisse de defrontar as feras enjauladas.

Perguntou o fidalgo a Sancho se por acaso seu amo era doido o suficiente para se meter com dois bichos famintos e ferozes como aqueles, e, mediante a resposta firme e enfática do escudeiro, o viajante achegou-se a Dom Quixote na tentativa de convencê-lo a desistir daquela insanidade. Pois foi o fidalgo imediatamente refutado pelo cavaleiro que lhe mandou ocupar-se da própria obrigação e ameaçou cravar a lança no peito do guarda, caso este se recusasse a abrir as jaulas e soltar aqueles animais de uma vez.

Assim instauraram-se indescritíveis confusão e consternação. Ajoelhou-se o carreiro diante do cavaleiro e, quando todos ali viram que convencido estava Dom Quixote a enfrentar os leões, começaram a recolher seus pertences e a correr, procurando se afastar do carro depressa. Tornaram Sancho e o fidalgo a tentar convencer o cavaleiro da loucura que estava prestes a cometer, mas de nada adiantaram as súplicas. Chorava Sancho tanto que as lágrimas escorriam sem cessar pelo rosto e Dom Quixote pediu ao

fidalgo que partisse dali e tomasse o máximo possível de distância, caso temesse o ataque dos leões.

Nisto, considerou Dom Quixote que melhor seria dar-se o combate a pé do que a cavalo, pois Rocinante poderia se espantar ao ver os leões. Assim, enristou a lança e avançou em direção ao carro. O guarda, então, abriu a primeira jaula aos poucos, e o leão de inaudita grandeza estendeu as patas e espreguiçou-se todo. Depois, soltou um bocejo e dali a pouco começou a lambar os olhos e o rosto com uma língua tão comprida que poderia se passar por um tapete. Depois de higienizar o rosto sujo, meteu a cabeça para fora da gaiola e, com um olhar que mais parecia duas brasas, olhou para todos os lados. Sem nem sequer surpreender-se com a presença do valente cavaleiro, teve o bicho a ousadia de virar as costas para o nosso herói e, depois, a passos mansos e altivos, tornou a entrar na jaula e se deitou, metendo o traseiro na vista de Dom Quixote.

Tal petulância irritou o cavaleiro, e ordenou Dom Quixote ao guarda que pegasse uma vara e provocasse o bicho com pauladas para que tornasse a sair da jaula, mas o homem numa reação contundente recusou-se e alegou que, se o fizesse, seria o primeiro a virar picadinho. O homem elogiou a bravura e a ousadia de Dom Quixote e completou que em nenhum canto do mundo se tinha notícia de tal gênero de valentia, e que seu oponente, o leão enjaulado, provou pela própria reação considerar o cavaleiro um intrépido combatente. Ofereceu--se ainda, o guarda, a atestar com sua palavra que o leão havia sido desafiado pelo cavaleiro andante em pessoa e desertou do combate. Com isso, aquietou-se Dom Quixote, mandou que o guarda fechasse as portas da jaula e fez sinal para que os fugitivos retornassem e soubessem da façanha pela boca do próprio homem.

O que fez nosso nobre cavaleiro quando viu Sancho aproximar-se foi ordenar que entregasse dois escudos de ouro ao fidalgo e ao guarda em recompensa pelo tempo que ali passaram por conta, mas o escudeiro mal conseguiu processar as palavras, curioso que

estava por saber o que havia feito dos leões, se estavam vivos ou mortos.

Nisto, o guarda contou em detalhes como o valoroso cavaleiro tinha, sozinho, desafiado os leões a saírem da jaula e em como os bichos, apesar de grandeza nunca antes vista, tinham se acovardado e recuado ao depararem tão valente e aguerrido cavaleiro; exagerou no relato o quanto pôde ao ver o escudo de ouro e acrescentou que, quando retornasse à Madri, não deixaria de levar tal façanha ao conhecimento do rei.

Ao escutar o relato, começou a bater mais forte o coração do nosso nobre cavaleiro e pediu ele ao guarda que, caso o rei lhe perguntasse o autor de tão grandioso feito, que respondesse ter sido o Cavaleiro dos Leões, pois tinha decidido adotar tal nome agora que lhe cabia o propósito.

Assim seguiu o carro caminho adiante, e Dom Quixote, Sancho e Dom Diogo tomaram o seu. Pediu o viajante ao Cavaleiro e ao escudeiro que apressassem o passo, pois queria chegar à sua aldeia antes do anoitecer e convidou os dois a passarem aquela noite em sua casa, oferecimento que foi aceito de muito bom grado por Dom Quixote.

# Capítulo XVIII

## **Do que se sucedeu a Dom Quixote no castelo ou casa do Cavaleiro do Gabão Verde, com outros extravagantes acontecimentos**

O Cavaleiro do Gabão Verde, como Dom Quixote havia nomeado seu anfitrião, chegou à sua casa à tarde e foi recebido pela esposa e pelo filho, que se admiraram ao ver a estranhíssima figura de Dom Quixote. Achevou-se à esposa o marido e beijou-lhe a mão depois de pedir permissão para tal; ela o recebeu com muita gentileza, assim como o fez o filho. Depois, convidaram as visitas para entrarem e Sancho ajudou o amo a retirar a armadura e a limpar o soro da coalhada que havia escorrido pelo rosto e pescoço. Depois, Dom Quixote foi juntar-se a pai e filho em outro cômodo da casa.

Admirou-se Dom Lourenço, filho de Dom Diogo, com o comportamento e o rebuscado linguajar do cavaleiro e, na primeira oportunidade, confidenciou sua perplexidade ao pai. Dom Diogo, então, contou ao filho que ele próprio estava embasbacado com tão intrigante figura e que não sabia se se tratava o homem de um doido ou de um sujeito discretíssimo, pois tinha testemunhado grandiosos atos de Dom Quixote, coisa que só mesmo um desajuizado poderia fazer. Tornou, pois, Dom Lourenço a conversar com Dom Quixote e o cavaleiro contou ao rapaz saber de seu talento e engenhosidade com a poesia. Com modéstia acatou o jovem o comentário e confirmou considerar-se poeta, mas não dos grandes, discrição que muito agradou o nosso nobre cavaleiro. Dom Quixote engatou num discurso entusiasmado, versando sobre questões relativas à educação, às unidades e à academia e tão abalizados e avançados soaram os dizeres do cavaleiro que Dom Lourenço continuava sem poder crer na sandice do homem; até Dom Quixote começar a falar

sobre a erradicação da ciência da cavalaria andante que, segundo o próprio, superava todas as outras.

Interrompeu o nosso cavaleiro o filho de Dom Diogo, como é de se esperar no decurso deste colóquio, dizendo que nunca tinha ouvido falar de tal ciência e que, embora já tivesse lido histórias de cavalaria, jamais acreditou na existência de tais cavaleiros. Ao escutar tamanha blasfêmia, Dom Quixote aos céus rogou para que o rapaz fosse libertado das falsas concepções que tinha quanto à existência da cavalaria andante. Nisto, o jantar foi servido.

Enquanto comiam, Dom Quixote pediu a Dom Lourenço que recitasse alguns de seus versos em voz alta, e o jovem atendeu com boa vontade ao pedido e leu alguns de seus sonetos e glosas. Pôs-se admiradíssimo nosso nobre cavaleiro ao escutá-los e elogiou os raríssimos dom e eloquência do rapaz. O elogio, embora tivesse partido de um suposto mentecapto, agradou tanto o pai de Dom Lourenço que o homem suplicou a Dom Quixote que se demorasse mais na visita. Entreteve-se por quatro dias o cavaleiro na companhia da família, ao fim dos quais pediu licença para partir.

Sentiu Dom Quixote que a abstenção do luxo e da ociosidade era um dever para viver de acordo com os princípios da ordem da cavalaria. Recebeu Sancho com um suspiro profundo e lágrimas nos olhos a notícia da partida, porque nunca em sua vida havia sido tão bem tratado. Antes de seguirem viagem, porém, o escudeiro encheu os alforjes com todo o possível que ali coube. Dom Quixote, numa elucubração final, declarou-se desejoso de que o poeta Dom Lourenço seguisse o caminho da cavalaria andante, mas também se disse ciente de que os pais do rapaz não o permitiriam desistir da já escolhida profissão, então, preferiu não versar sobre as virtudes inerentes ao ofício da cavalaria. Despediram-se o cavaleiro e o escudeiro, reiterando seus agradecimentos e trocando gentilezas com a família de Dom Diogo, que se compadeceu do pobre cavaleiro, mas sem chegar à conclusão nenhuma do que se passava na cabeça do homem.

# Capítulo XIX

## **Em que se conta a aventura do pastor enamorado e outros fatos divertidíssimos**

Fazia pouco tempo que tinham deixado a casa de Dom Diogo quando encontraram dois estudantes e dois lavradores montados em mulas e, como viajavam na mesma direção que Dom Quixote, ofereceu-se o cavaleiro para os acompanhar e pediu apenas que diminuíssem o passo de suas mulas porque, por serem mais jovens, andavam mais do que Rocinante e o ruço. Aceitaram os viajantes a oferta e não tardou muito para que o Cavaleiro dos Leões lhes contasse quem era e a que veio; igualmente não demoraram os estudantes para perceber que havia ali um doido, mas dos lavradores não se pode dizer o mesmo, pois lhes pareciam aqueles dizeres sem pé nem cabeça, embora atribuísem o fato à própria ignorância.

Gentilmente convidaram os estudantes ao cavaleiro para os acompanhar a um casamento, e Dom Quixote perguntou que príncipe se casaria sem que tivessem lhe dado notícia. Os estudantes explicaram ao cavaleiro que não se tratava da boda de nenhum príncipe, mas de um rico fazendeiro chamado Camacho com a formosa Quitéria, filha de um abastado da vizinhança, porém a donzela estava enamorada de um tal Basílio, um moço pastor que foi expulso da casa de Quitéria pelo pai dela e proibido de voltar a ver a moça. Sem suportar não ver mais a amada, havia enlouquecido o pobre Basílio.

Tendo escutado atentamente à história dos estudantes, irrompeu nosso nobre cavaleiro num discurso sobre o amor e o matrimônio. Vez em quando, interrompia-o Sancho com seus provérbios, e punha-se Dom Quixote a mudar de assunto, tamanha fúria que lhe causava as intromissões, até o ponto em que repreendeu o cavaleiro ao escudeiro e o acusou de ímprobo da linguagem.

Prosseguia a altercação entre Dom Quixote e Sancho e, dali a pouco, envolveram-se os estudantes no bate-boca, tomando cada um partido de um lado: enquanto um dava razão para o escudeiro, o outro concordava com o ponto de vista do cavaleiro. E meteram-se no engodo de tal modo que debatiam sobre um assunto, depois outro, até o ponto em que, sabe-se lá como, a discussão afervorada chegou ao assunto da arte de esgrima. Sucedeu-se que um deles trazia consigo um florete e sugeriu que resolvessem a pendência ali mesmo, de uma vez por todas. E assim o fizeram sob a supervisão do juiz da questão, ninguém mais, ninguém menos que Dom Quixote. Findou a disputa com o estudante que havia convocado a disputa tão derreado que se apiedou Sancho do pobre e foi consolá-lo, mas considerou seu dever aconselhar o rapaz a nunca mais desafiar ninguém a esgrimir, e que se fosse para brigar, que fosse mano a mano ou para atirar barras, pois para isso o homem tinha suficiente força. Nisto, levantou-se o desafiante, envolveu o oponente num abraço e depois disso os dois ficaram ainda mais amigos do que antes.

Prosseguiram viagem com Dom Quixote e Sancho Pança e, pouco tempo depois, escureceu. Começaram a ouvir o som dos instrumentos do casamento e avistaram alguns sinais da decoração e dos preparativos para a cerimônia. Não quis entrar nosso nobre cavaleiro, e considerou que era chegada a hora de partir, pois, como cavaleiro errante, tinha a obrigação de renunciar ao conforto de uma cama para ir dormir nos campos e nas florestas. Fizeram todo o possível os estudantes para convencerem o cavaleiro a ficar (e contaram com o enfático apoio de Sancho, amante do bom alojamento), mas, para infortúnio do escudeiro, os esforços foram em vão.

# Capítulo XX

## **Em que se conta sobre as bodas de Camacho, o rico, e o sucedido com Basílio, o pobre**

Na manhã seguinte, já tinha despertado Dom Quixote e levantado enquanto ainda roncava Sancho. Depois de proferir consigo mesmo algumas rebuscadas palavras sobre o adormecido escudeiro, Dom Quixote o cutucou com a lança para que acordasse. Ainda meio sonolento, só despertou de vez o preguiçoso ao sentir o cheiro de comida que vinha da festa. Ordenou Dom Quixote a Sancho que se apressasse para assistirem ao matrimônio, e os dois logo montaram e chegaram ao sítio onde ocorria o casório. Deparam-se com uma ramada e a atravessaram. Ali se preparava comida o suficiente para alimentar a cidade inteira, e a salivar pôs-se Sancho ao ver tudo aquilo, tanto que mal conseguiu conter-se. A bem da verdade, dali a pouco o escudeiro sucumbiu às tentações e com cerimônias não precisou preocupar-se, pois os cozinheiros lhe disseram que era aquela ocasião de que ninguém sairia sem fartar-se, desejo esse expresso pelo abastado noivo, Camacho, e até ofereceram a Sancho escumar umas galinhas de uma caçarola, o que acalentou o coração e o estômago do pobre.

Dali a pouco começaram a adentrar músicos e bailarinos, executando diferentes peças e passos, mas nada interessava tanto Sancho quanto as caçarolas, às quais ele retornou depois de findar uma contenda com seu amo sobre as qualidades de Camacho, o rico, e de Basílio, o pobre; sendo o primeiro o que ofertava aos convidados tão fartíssimo banquete, preferiu o escudeiro o lado dele.



# Capítulo XXI

## **Em que prosseguem as bodas de Camacho, com outros agradáveis acontecimentos**

Enquanto ainda mastigava Sancho, ouviram-se brados e gritos e, Dom Quixote, olhando ao redor para saber o motivo do alvoroço, viu a noiva e o noivo, acompanhados do padre e de seus pais, atravessarem a arcada. Caminharam até um palanque, cada um ocupou seu respectivo lugar e não houve quem não notasse a palidez da noiva. Mal tinham se acomodado quando ouviram por trás de si uma voz, gritando:

– Esperai, gente imprudente e precipitada!

Todos voltaram a cabeça a essa voz e viram Basílio, malvestido, com uma coroa cipreste na cabeça e um cajado na mão, que tinha uma ponta de aço e que ele enterrou no chão. Cansado, abatido e trêmulo, foi até a formosa Quitéria e a acusou de ter aceitado tal casamento por mero interesse, já que o noivo era homem de muitas posses, e o fez mesmo sabendo que pertencia o coração dela a ele, Basílio, sujeito desvalido e desafortunado. Terminou o dito desejando felicidades aos desposados e resolveu findar a própria infelicidade.

Nisto, arrancou o cajado que tinha fincado no chão, sacou de dentro dele uma rapieira e a cravou no peito. Caído no chão e banhado em sangue, as costas transpassadas pela ponta da arma, foi depressa acudido pelos amigos que se juntaram aos montes ao redor dele. Correu também ao socorro do rapaz Dom Quixote, que ergueu a cabeça de Basílio e aí perceberam que ele ainda respirava. Sugeriu alguém retirar a rapieira do peito do moribundo, mas não o permitiu o padre, pois não parecia bom que o fizessem antes de o rapaz se confessar, porque quando puxassem a arma, Basílio daria seu último suspiro.

Então ouviram a voz vacilante e plangente do rapaz, rogando que, para que o deixassem partir feliz, lhe fosse atendido seu último

pedido, o de tomar a mão de Quitéria como esposa. Advertiu-o o padre que tanto melhor seria pensar na salvação da alma e do próprio corpo num momento como aquele, mas Basílio insistiu e recusou-se a confessar sem antes realizar sua última vontade. Ao ouvir a súplica do esvaído, Dom Quixote também implorou para que se cumprisse o desejo do rapaz, pois nenhuma desonra seria para o senhor Camacho casar-se com a viúva de um homem que morreu de forma tão destemida e honrada. Tudo isto ouviu Camacho atento e, quando se juntaram às súplicas de Dom Quixote as dos amigos de Basílio, pedindo que o noivo pensasse na alma do pobre homem, Camacho consentiu, bem como Quitéria. E assim, declarou o padre a Quitéria e Basílio marido e mulher, e às lágrimas concedeu-lhes a bênção e rogou aos céus que salvassem a alma do novo esposo.

No instante que sucedeu a bênção, o moribundo se pôs de pé com a ligeireza de um cervo. Admirados, bradaram alguns que ali um milagre se fez! Mas confessou Basílio que tudo não havia passado de um truque e revelou-se que tudo havia sido planejado pelos dois enamorados, Basílio e Quitéria, tendo esta asseverado que de novo confirmava seus votos e dava por válido o enlace. Enfureceram-se alguns dos convidados de Camacho e ameaçaram matar Basílio, mas o valoroso Dom Quixote não permitiria que da vida de seu mais novo amigo dessem cabo. Com a lança em riste e bem acobertado pelo seu escudo, tomou à frente e todos afastaram-se. Enquanto isso, ocupava-se Sancho com as tinas, que para ele eram o que mais importava e que todos deviam respeitar, pois ali se guardava o vinho.

Incutindo medo naqueles que arremeteram contra Basílio, Dom Quixote declarou que, assim como na guerra, no amor todos os fins justificam os meios, desde que nenhum desabono se faça do objeto amado. Depois, ameaçou atravessar com a ponta de sua lança todo aquele que ousasse separar o que Deus uniu. Admiraram-se todos com aqueles resolutos dizeres, sem saber nada da personalidade que os proferia. Rendeu-se Camacho à persuasão de Dom Quixote

e dos dois amantes e assossejou-se tanto que ordenou que a festa seguisse como se nada tivesse se passado ali.

Orgulhou-se Basílio de seu feito, bem como orgulharam-se seus amigos e juntos preferiram ir festejar na aldeia do mais novo esposo. Levaram também Dom Quixote como convidado de honra por tão virtuosa defesa de Basílio; Sancho, é claro, acompanhou o amo, mas não o fez sem entristecer-se, desejoso que estava por saciar os dias e mais dias de fome com o que ainda se serviria no copioso banquete ofertado pelo abastado Camacho. Montado no ruço, sentia com pesar e melancolia o leve balanço de um lado para o outro, lamentando a fartura que deixava para trás.

# Capítulo XXII

## **Em que se conta a grande aventura da caverna de Montesinos, situada no coração de La Mancha, e que teve feliz desfecho graças ao valente Dom Quixote**

Por três dias hospedaram-se Dom Quixote e Sancho na casa dos recém-casados. Despediu-se Dom Quixote de Quitéria e Basílio, não sem antes engatar num extenso discurso sobre o amor e o matrimônio, e que pareceu Sancho levar mais a sério do que os próprios noivos, pois, findada a fala do cavaleiro, confessou o escudeiro que desejava ter escutado tais conselhos antes de ter se casado.

– Por que te queixas, Sancho, filho? É tão má assim a tua Teresa?  
– indagou Dom Quixote.

– Não é de toda má, mas também não é tão boa – respondeu o escudeiro cabisbaixo. – Não é tão boa quanto eu gostaria.

– Errastes, Sancho, ao falar mal da tua mulher, afinal de contas, é mãe dos teus filhos – repreendeu-o o cavaleiro.

– Quanto a isso estamos pau a pau, porque sempre que se faz a ocasião reclama de mim, principalmente quando está com ciúmes. E aí de mim, pois nem Satanás a aturaria!

Depois de trocar essa prosa com o escudeiro, decidiu nosso nobre cavaleiro que era chegada a hora de partir e pediu a um dos estudantes que o convidou para o casamento que arranjasse um guia para levá-lo à caverna de Montesinos. O rapaz ofereceu-lhe um primo seu, jovem estudante afeiçoado às histórias de cavalaria. Assim, sob as orações e recomendações dos que ficaram para trás, despediram-se e partiram em direção à famosa caverna.

No caminho, quis Dom Quixote que o primo licenciado lhe contasse tudo sobre os estudos, a profissão e a vida e quando soube que o rapaz compunha livros para dar aos príncipes, pediu

que lhe contasse mais sobre o assunto. Contou o estudante que vinha escrevendo por aqueles dias uma história que tratava da invenção dos costumes e das coisas, o que muito a Sancho interessou e lhe despertou a curiosidade:

– Diga-me, senhor, e que Deus o abençoe pelos livros a que dá estampa! Quem foi o primeiro homem que coçou a cabeça? Por mim, entendo que tenha sido nosso pai, Adão.

Satisfeito por ter o licenciado com toda a sua autoridade de autor confirmado sua suposição, entusiasmou-se Sancho a fazer outras perguntas de igual importância, o que fez o tempo passar mais rápido. Ao escurecer, chegaram a uma pequena aldeia, que ficava a uma curta distância da caverna de Montesinos.

Como a intenção do nosso nobre cavaleiro era desvendar os segredos mais profundos da caverna, compraram cem braças de corda e, na tarde seguinte, chegaram ao local, onde viram Dom Quixote animadíssimo e igualmente disposto para encarar a perigosa tarefa. Em torno do corpo o cavaleiro amarrou a corda, e não cessou Sancho nem um instante sequer de pedir ao amo que tomasse cuidado para não sepultar a própria vida, tamanho o abismo em que se meteria, e disse que não ter a menor curiosidade de saber o que havia ali. Antes de adentrar as profundezas daquela aventura, pôs-se de joelhos, recomendou-se à sem-par Dulcineia del Toboso e rogou aos céus que lhe dessem por exitosa a empreitada.

Para conseguir abrir caminho, teve de cortar o mato que havia na boca da caverna, e o fez com a força do braço e as cutiladas de sua lança, e nisto uma horda de corvos e morcegos saíram do buraco à toda pressa e susto, tanto que atiraram ao chão o cavaleiro. Benzeu-se Sancho e ficou para trás, oferecendo retaguarda ao amo até vê-lo desaparecer no breu da espantosa caverna, depois rogou a todos os santos de cujo nome conseguia lembrar-se para que protegessem a flor, nata e espuma da cavalaria andante, o valentão da terra, coração de aço e braços de bronze.

E assim, Sancho e o primo licenciado seguiram baixando a corda pouco a pouco, até que se foram as cem braças e deixaram de escutar a voz de Dom Quixote. Esperaram por meia hora e resolveram puxar a corda de volta, e não parou de chorar Sancho nesse ínterim. Mas, ao ver aproximando-se o amo do topo do buraco, muito se alegraram Sancho e o primo licenciado. Disse o escudeiro:

– Seja muito bem-vindo, senhor meu, pensamos que tinha ficado lá dentro para fazer geração.

Mas nosso nobre cavaleiro não respondia, então, resolveram deitá-lo no chão e viram que tinha adormecido. Quando conseguiram despertá-lo, voltou a si muito agitado e aparentemente espantado. Ergueu o rosto ao céu e pediu a Deus que perdoasse Sancho e o primo licenciado por terem interrompido tão glorioso e espetacular deleite. Sancho, que antes declarou não ter curiosidade por saber o que havia ali dentro, de repente quis muito descobrir o que o amo tinha visto naquele inferno, não se conteve e perguntou:

– Chamais aquele sítio de inferno?! Lava-te a boca, porque não merece esse nome.

Pediu Dom Quixote que lhe dessem algo de comer, pois estava morto de fome, e Sancho tirou boa parte do que trazia nos alforjes e ofereceu ao amo. Quando terminaram os três de comer, Dom Quixote pediu a Sancho e ao primo licenciado que se sentassem para escutar a história.

## Capítulo XXIII

**Das maravilhas que o incomparável Dom Quixote contou ter visto nas profundezas da caverna de Montesinos, maravilhas estas que, de tamanhas impossibilidade e magnitude, fazem com que se considere apócrifa esta aventura**

Contou o cavaleiro que, enquanto descia, de repente pousou numa concavidade dentro da caverna, grande o suficiente para caber dentro um carro com suas mulas. Lá, sem se dar conta, adormeceu num profundíssimo sono e, quando acordou, estava num belíssimo prado através do qual saiu caminhando, apreciando tudo, quando deparou suntuosos castelos e palácios e figuras das mais distintas possíveis, dentre elas, o próprio Montesinos em pessoa e encantado. Acompanhou Dom Quixote o homem até seu palácio, todo construído de cristal e alabastro, e Montesinos lhe mostrou o túmulo de um amigo, Durandarte, que jazia ali sob efeito de encantamento, a mão peluda apoiada no próprio peito. A Montesinos questionou Dom Quixote se era verdade, como contavam, que ele havia arrancado com uma adaga o coração do peito de seu grande amigo, Durandarte, para entregá-lo à senhora Belerma, e assentiu o homem, confirmando tudo.

Nisto, de repente escutaram um forte e comovente brado do cavaleiro, perguntando a Montesinos sem parar se o homem havia feito o que ele lhe pediu, se tinha entregado seu coração às mãos da senhora Belerma, na França.

Ao ouvir o clamor, Montesinos pôs-se de joelhos e com os olhos banhados em lágrimas assegurou ao primo que, assim que ele morreu, com um punhal arrancou-lhe do peito o coração, limpou-o com um lenço de renda tão bem quanto pôde e em seguida partiu

ao encontro de Belerma. Parou no primeiro sítio que topou na França para salgar o coração e conservá-lo fresco e depois o entregou à formosa senhora, que agora também se achava encantada naquela caverna.

Prosseguiu Dom Quixote a narrar a história. Contou Montesinos que Merlin, nigromante francês, havia profetizado que ele, Dom Quixote, ressuscitaria a cavalaria andante e no tempo marcado seria o único capaz de libertá-los de tamanha obra de encantamento. No entanto, quase terminou em desavença a conversa entre nosso nobre cavaleiro e Montesinos quando este contou que se Belerma parecia não tão formosa dama como se dizia a fama, era por conta das más noites que dormia por causa daquele encantamento, e que, não fosse por isso, sua beleza superaria até mesmo a da senhora Dulcineia del Toboso. Mas desculpou-se a tempo o cortês Montesinos e reconheceu como verdadeiro o ditado de que não há nada pior que comparações.

Debateram-se Sancho e o escritor para acreditarem que tudo aquilo havia acontecido em tão curto espaço de tempo, pois o cavaleiro havia passado menos de uma hora ali; mas, ao escutar isso, Dom Quixote insistiu que haviam se passado três dias e três noites. E contou que lá não sentia fome, que ninguém comia e que os encantados nunca dormiam, embora suas barbas, cabelos e unhas não deixassem de crescer.

Ao escutar tudo isso, pediu Sancho perdão a Deus por acreditar que seu amo havia mentido e o fez em voz alta, mas retratou-se no momento seguinte, quando Dom Quixote perguntou o que se passava na cabeça do escudeiro.

Algo havia se passado ao nosso cavaleiro dentro da caverna que lhe casou grandíssima dor. Tinha Dom Quixote encontrado uma das lavradeiras encantadas que estavam junto da formosa Dulcineia naquela fatídica ocasião e a moça lhe contou em segredo que a senhora de Dom Quixote havia mandado lhe pedir emprestados seis reais, que seriam embrulhados na saia trazida pela moça. E então ofereceu ele à moça tudo o que tinha, apenas quatro reais, e, em



troca, a moça entregou a Dom Quixote a bênção recomendada pela sua dama e o pedido que lhe mandasse dizer como está e lhe enchesse as mãos de beijos. Pois nisso, antes de partir, em vez de fazer o então prometido, deu uma cabriola de quase dois metros no ar.

– Valha-me Deus! – exclamou Sancho. – Como pode haver no mundo tantos nigromantes e com tamanho poder para transformar o tão bom juízo do meu amo em completa sandice? Ó senhor, por Deus, olhe para si, cuide de sua honra e não se ocupe com essa quinquilharia que insiste em lhe ocupar e perturbar a mente.

– Dizes isto, Sancho, porque me queres muito bem – respondeu Dom Quixote e atribuiu tal incredulidade à inocência e à falta de conhecimento do escudeiro. Pois prometeu ao cavaleiro, ainda, que quando chegasse o tempo marcado, Sancho saberia o que mais se sucedeu na caverna, coisa que o faria acreditar de vez no que Dom Quixote havia contado.

## Capítulo XXIV

### **Em que se contam algumas embrulhadas tão triviais quanto necessárias para o bom entendimento desta grandiosa história**

Espantou-se o licenciado ao ver Dom Quixote permitir que o criado lhe falasse daquele modo, mas atribuiu a brandura do temperamento à alegria que sentia o cavaleiro por ter experimentado as situações narradas. Depois de terem passado mais uma hora numa agradável conversa, saíram à procura de um lugar onde pudessem passar a noite. Conhecia o primo licenciado uma ermida não muito distante dali e seguiram em direção a ela. Encontraram, pois, no caminho, um homem montado numa mula carregada de lanças e alabardas. Intrigou-se Dom Quixote e quis saber aonde o sujeito levava tais armas, mas respondeu o homem que tinha muita pressa, pois precisava chegar à venda que ficava logo acima da ermida onde passaria a noite e acrescentou que, se acaso fosse esse o mesmo destino dos homens, os encontraria lá e lhes contaria interessantes e singulares fatos. Curioso que estava, Dom Quixote decidiu que passariam a noite naquela venda sem antes passar na ermida.

Pouco antes de chegarem à venda, encontraram um rapaz de alegre fisionomia, entre seus dezoito ou dezenove anos, carregando no ombro uma espada e nas costas uma trouxa. Falou-lhe Dom Quixote e perguntou aonde ia, e respondeu o jovem que ia para a guerra, a mando do rei. Contou que havia servido uns patifes interesseiros em Madri que mal lhe pagavam e que se cansou daquela vida. Agradou tanto aos ouvidos de Dom Quixote saber daquilo que o cavaleiro o convidou a montar na anca de Rocinante para irem juntos até a venda e jantar. O pajem, porém, vendo o abatimento do cavaleiro, disse preferir ir a pé, mas de bom grado aceitou o convite para jantar.

Assim que chegaram à venda, perguntou Dom Quixote ao vendeiro sobre o homem com lanças e alabardas. Alegrou-se Sancho ao ver que seu mestre tomou por verdadeira a venda e não por castelo, como era de costume.

# Capítulo XXV

## **Em que se conta a aventura dos zurros e o curioso sucedido com o homem das marionetes, além das memoráveis adivinhações do macaco**

Encontrou, pois, Dom Quixote o homem das lanças e alabardas dando de comer à sua mula e pediu que o sujeito o acompanhasse até um canto mais sossegado. Sem a curiosidade poder conter, o cavaleiro ofereceu ajuda para peneirar a cevada para que o homem pudesse contar de uma vez sua história. De muito bom grado, atendeu o sujeito ao pedido de Dom Quixote. E assim começou a narrar que certo magistrado de sua aldeia, que morava a quatro léguas e meia dali, deu por falta de um burro e veio a descobrir que a culpa do sumiço era de um criado seu. Algumas semanas depois, outro magistrado que morava na mesma aldeia, enquanto caçava nos bosques, encontrou o burro perdido e, ao voltar, deu a notícia para o colega, mas o alertou que, de tão arisco, ninguém conseguia aproximar-se do bicho e acabou por perdê-lo de vista mais uma vez. No entanto, esse mesmo homem sugeriu que saíssem os dois para tornar a procurá-lo, e de imediato aceitou a sugestão o do burro perdido; assim, traçaram um plano por meio do qual certamente conseguiriam capturar o animal. O caso é que os dois sabiam zurrar tão bem quanto um animal e decidiram posicionar-se cada um numa ponta da floresta, intercalando zurros de um lado e do outro. Pretendiam, pois, chamar a atenção do bicho e capturá-lo, já que davam por certo que o burro apareceria e atenderia ao chamado.

Sucedeu-se, porém, que os dois zurraram ao mesmo tempo e, quando corriam para olhar, dando por certo que o jumento tinha se manifestado, davam de cara um com o outro e nem sinal do burrito. Repetiram o estratagema uma, duas, três vezes, mas a cada

zurrada se enganavam. Terminaram, então, encontrando os restos mortais do jumento no meio da mata, devorado por lobos.

Dali a pouco espalhou-se pelo vilarejo e pelas adjacências a história dos dois magistrados zurrando um para o outro; num povoado em particular perto dali, criou-se o hábito de zurrar toda vez que encontravam alguém da aldeia dos magistrados zurradores, e a tal ponto chegou essa zombaria que os caçoados saíam à mão armada para atacarem os caçoadores. Pois eis o motivo das lanças e das alabardas que carregava o sujeito quando Dom Quixote o encontrou; serviam de escudo caso o homem desse por vista algum zombeteiro.

Terminava sua história o narrador quando ouviram alguém anunciar na porta da venda que a peça *Libertação de Melisendra* e o macaco adivinho haviam chegado, e no mesmo instante entrou o mestre Pedro em pessoa e foi recepcionado pelo dono da venda e todos os demais hóspedes.

Cobria-lhe um dos olhos um parche verde de seda e por meio do qual Dom Quixote imaginou algum acidente ter sofrido o homem. Pediu o cavaleiro ao dono da venda que lhe contasse tudo o que sabia sobre o mestre Pedro e soube que o sujeito viajava de cidade em cidade com sua apresentação de marionetes e era muito conhecido pelas redondezas. E o macaco, como também contou o dono da venda, de tão inteligente e esperto, poderia se passar por humano.

Quando deram por conta, já tinha se iniciado o espetáculo e reuniram-se todos em torno do mestre Pedro e do macaco adivinho. Dom Quixote e Sancho, ansiosíssimos por ter o seu futuro revelado, ofereceram ao mesmo tempo suas moedas, mas mestre Pedro recusou-se a receber e disse que só poderia fazê-lo quando o macaco cumprisse seus serviços.

Nisto, o macaquito pulou no ombro de seu mestre e começou a bater os dentes como se estivesse sussurrando algo no ouvido do homem. Quando aparentemente deu-se por satisfeito, saltou do ombro com a mesma ligeireza com que pulou e, no instante

seguinte, embasbacaram-se Dom Quixote e Sancho quando mestre Pedro lançou-se aos pés do primeiro, agarrou-lhe as pernas e bradou:

– Abraço essas pernas como quem abraçaria as duas colunas de Hércules. Ó ilustre ressuscitador da cavalaria andante, há tanto tempo olvidada! Louvado sejas, nobre cavaleiro!

Abismaram-se não só cavaleiro e escudeiro, mas o dono da venda e seus hóspedes, todos boquiabertos porque nunca antes tinham testemunhado tal comportamento de mestre Pedro.

E o inacreditável beiraria o inimaginável, pois, no momento seguinte, mestre Pedro agarrou os pés de Sancho, para quem o macaco adivinhador trazia graciosas notícias da esposa, Teresa, que vinha abrandando seu coração com o vinho de um canjirão, cujo bico havia se quebrado e que segurava à mão esquerda.

Considerou nosso nobre cavaleiro exagerada essa declaração, pois que descabido um macaco saber mais do que qualquer ser humano! E confidenciou a Sancho que o bicho só podia estar endemoniado. Levou o escudeiro para um canto da cavalaria onde ninguém poderia ouvir a conversa dos dois e disse ter certeza de que o tal mestre Pedro havia feito um pacto com o diabo, vendido a própria alma para enriquecer por meio do macaco e mostrou-se indignadíssimo por não terem ainda denunciado o homem ao Santo Ofício e o obrigado a contar toda a verdade.

Nisto, saiu mestre Pedro procurando Dom Quixote, pois a apresentação começaria dali a pouco. Antes de voltarem à venda, sugeriu Sancho a seu amo que perguntasse ao macaco se era verdade o que ele tinha visto na caverna de Montesinos. Assim o fez o cavaleiro e o bicho respondeu que algumas coisas que tinham se passado na caverna eram falsas e outras verdadeiras; no mesmo instante, acudiu Sancho e disse a Dom Quixote:

– Não lhe disse, senhor de minh'alma, que nem tudo que vistes naquele buraco era verdadeiro?

Pois insinuou o bicho adivinho que na próxima sexta-feira poderia revelar mais sobre a aventura e que, por ora, tinha de parar porque

sentia-se estafado.

Dom Quixote e Sancho foram até o retábulo onde se sucederia o número. Havia ali muitas velas acesas, espalhadas por todos os lados, formando um cenário luzente e vistoso. Como era quem havia de manipular os bonecos, mestre Pedro se enfiou por trás do cenário e ficou ao lado de fora um rapaz para narrar as cenas e instigar os espectadores. Sentaram-se à primeira fileira Dom Quixote, Sancho, o pajem e o primo licenciado. E principiou-se a apresentação.

# Capítulo XXVI

## **Em que prossegue a aventura do homem das marionetes, com outras coisas interessantíssimas**

O número, que tratava do modo como Melisendra foi libertada pelo marido, senhor Gaiferos, das mãos dos mouros, na cidade de Sansueña, hoje conhecida como Saragoça, tinha começado há pouco tempo quando pôs-se impaciente Dom Quixote e repreendeu o rapazote narrador enquanto este narrava a história para a plateia. Para o cavaleiro, desnecessários e inúteis eram tantos floreados. Dito isso, seguiram com a apresentação, mas novamente foi interrompida pelas críticas de Dom Quixote, desta vez, em relação aos efeitos no palco, pois mouros não batiam sinos, segundo o próprio, apenas atabales. Nisto, implorou mestre Pedro para que Dom Quixote não se detivesse em detalhes e que nem tão à risca visse as coisas, pois estavam ali para arrancar risos da plateia.

Concordou Dom Quixote em calar-se, e assim o número prosseguiu.

Mas dali a pouco começaram a soar trombetas, atabales, tambores, somados aos galopes dos cavaleiros dos que cavalgavam atrás dos dois amantes e excedeu o estardalhaço aquilo que a imaginação do cavaleiro poderia suportar; pois eis que Dom Quixote entendeu que era chegado o momento de socorrer os que se escapavam. Desembainhou a espada e com tamanha fúria e violência arremeteu contra o cavaleiro mouro, desferindo cutiladas por todos os lados, acertando toda a fantochada mourisca, descabeçando uns, destroçando outros, e metendo tamanho pavor e espanto nos presentes que todos correram para se esconder. Por um triz não perdeu mestre Pedro uma orelha, quiçá a cabeça, e só teve fim o ataque de fúria quando certificou-se o cavaleiro de ter decapitado todo o exército de papelão. Venturoso fim teve a cena,



por nenhuma gota de sangue sequer ter sido derramada, pois fosse esse o caso, teria ocorrido ali verdadeira carnificina. Assustado, o macaco adivinhão subiu para o telhado e lá ficou escondido, e até Sancho, acostumado com pandemônicas situações como aquela, apavorou-se e tremia de medo, pois nunca tinha visto seu mestre tão descontrolado.

Certo de que tinha vencido a batalha, nosso nobre cavaleiro dirigiu-se àqueles que se atrevessem a retornar:

– Queria que se apresentassem a mim agora todos aqueles que supõem e os que duvidam da serventia da cavalaria andante. Vejam! Se eu aqui não estivesse, o que teria sido do bondoso Dom Gaifeiros e da formosa Melisendra?

Entrementes, lamentava mestre Pedro a perda de todos os seus imperadores, reis, cavaleiros e cavalos, e apiedou-se tanto Sancho do coitado que lhe perguntou quanto custaria para reparar todo o estrago e pediu a Dom Quixote que restituísse o homem. Embora nosso nobre cavaleiro não se visse autor de nenhum prejuízo, gentilmente ofereceu-se para pagar a mestre Pedro a bagatela de quarenta reais e três quartos. A toda essa conversa ouvia o dono da venda, que interveio feito um mediador e disse ser aquele um valor justo para reparar o estrago causado às marionetes. Além desse montante, recebeu mestre Pedro mais dois reais para compensar a trabalhadeira de resgatar o macaco do telhado.

Enquanto o da venda e o das marionetes faziam as contas, tamanha a perturbação mental de Dom Quixote, preocupava-se ele com uma coisa apenas: se àquela altura Melisendra e o esposo estavam sãos e salvos. Prometeu mestre Pedro que assim que conseguisse apanhar o macaco lhe faria essa pergunta e desassossegado punha-se o homem com o companheiro macaquito, mas tinha esperança de que logo a fome desse sinal e o obrigasse a aparecer.

Passaram todos o resto da noite em tranquilidade e beberam à custa de Dom Quixote. De manhã bem cedo, partiu o homem das alabardas. Despediram-se também o primo licenciado e o pajem e a

este Dom Quixote ofereceu doze reais para ajudá-lo. Mas antes de todos eles, de madrugada e sem aviso partiu mestre Pedro, temeroso de que a Dom Quixote outro surto acometesse e de ter de passar por toda aquela embrulhada mais uma vez, quiçá até perder o macaco, que por sorte tinha conseguido recuperar.

Satisfeitíssimo deu-se o dono da venda com a generosidade de Dom Quixote e lamentou tanto a sua partida quanto a loucura que acometia a mente do pobre.

# Capítulo XXVII

## **Em que se revela quem eram mestre Pedro e o seu macaco, bem como o deveras infortunado desfecho que teve Dom Quixote com a aventura dos zurradores**

Que fortuna teve o das marionetes, mestre Pedro, pois nem Dom Quixote nem Sancho o reconheceram: era o ladrão que havia roubado o burro de Sancho enquanto este tirava um cochilo, naquele fatídico episódio da primeira parte. Nenhum dos dois reconheceu que o sujeito era ninguém mais, ninguém menos que Ginez de Passamonte, ou Ginezinho de Parapilha, como o chamava Dom Quixote. E foi simulando o ofício de titereiro e tapando o olho esquerdo que o patife encontrou jeito fácil para escapar das garras da justiça, posto que vinha sendo procurado desde o que se sucedeu naquela ocasião, depois de tamanha demonstração de generosidade e bravura de Dom Quixote. Tinha o sujeito comprado o macaco de uns cristãos que vinham da Barbária e logo treinou e ensinou o bicho a reagir a seus truques, enganando toda a gente, fazendo-a acreditar que o macaco era adivinho. O caso era que, antes de chegar a uma aldeia, o matreiro fugitivo procurava inteirar-se do que se passava por ali e, como era bom de memória, revés nenhum encontrava para executar a façanha do macaco adivinho e impressionar quem topasse pela frente.

Quando deixou a venda, de repente ocorreu a nosso cavaleiro passar pelas margens do Rio Ebro antes de entrar na cidade de Saragoça. Passaram dois dias na estrada, até que ao terceiro, quando subiam uma encosta, ouviram um estrondo de trombetas e arcabuzes. Dom Quixote, então, meteu esporas em Rocinante e num instante chegou ao cimo. Lá, viu centenas de homens armados com coisa de todo tipo. Havia entre eles bandeiras e uma em particular chamou a atenção do cavaleiro: era de cetim branco, com

a imagem de um burro pintada, e, ao ao redor da figura, lia-se o seguinte:

*Em vão não zurrarão*

*Os alcaides desta ocasião*

A frase a Dom Quixote fez lembrar que só poderiam ser aqueles soldados do povo das zurradas e comentou com Sancho que o homem que tinha lhe contado o caso deveria estar mal informado, pois a frase do estandarte mostrava que aquilo não era coisa de magistrados, mas de alcaides. Respondeu Sancho que os magistrados poderiam muito bem ter se tornado alcaides daquele povo e que, além disso, não era esse o caso, pois não importava a natureza dos zurradores, fossem magistrados ou alcaides, mas o fato em si.

Alvorçou-se o cavaleiro, no entanto, pois via-se diante de um dilema, sem saber como agir para não ferir os princípios da cavalaria errante.

Por fim, foram até os zurradores e, tendo recebido a devida permissão para abordá-los, irrompeu num comovente e extenso discurso sobre a guerra e a paz; criticou aqueles que se davam ao combate por ninharias e seguiu versando sobre outros assuntos, e bem quando estava prestes a convencer os ouvintes de seus dizeres, teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego.

Viu-se Sancho obrigado a quebrar o silêncio e, para continuar a deter a atenção daquela gente, continuou ele próprio o discurso, do seu jeito, mais ou menos em torno do mesmo assunto. Começou elogiando seu mestre (o agora Cavaleiro dos Leões!), sua generosidade, fluência em latim (língua que o escudeiro não entendia) e todas as tantas outras virtudes do cavaleiro. E continuou falando, declarando que tolos eram aqueles que se ofendiam ao ouvir um zurro e até contou o quanto lhe apetecia zurrar quando era menino, e o quanto toda a vizinhança o invejava por tão precioso dom. De repente o escudeiro bradou:

– Vou lhes mostrar!

E antes que houvesse tempo de Dom Quixote o interromper, Sancho apertou o próprio nariz com a mão, começou a zurrar e, de tão forte, ressoou o bramido por todos os vales e becos.

Um dos que entre ali estavam pensou ser aquele mais um caçador. Pois o sujeito em Sancho meteu tamanha bordoadada que, Dom Quixote, embora tenha feito o possível para acudir o escudeiro, teve de voltar as rédeas a Rocinante e recuar para poupar a própria vida. Mas Sancho, caído no chão, levava uma chuva de pedradas e pontapés, até que se contentaram os agressores, o montaram no burro e o deixaram seguir caminho atrás de seu amo, estando o escudeiro sem condição nenhuma de guiar, deixando-se levar apenas pelas passadas do ruço que acompanhava as de Rocinante. As tropas de zurradores permaneceram por ali até o cair da noite, mas, como nenhum exército adversário deu as caras, retornaram para sua aldeia.

## Capítulo XXVIII

### **Das coisas que conta Benengeli e que conhecerá quem as lê, se com atenção o fizer**

Quando o ruço alcançou o passo de seu fiel companheiro Rocinante, deixou-se Sancho cair do burro aos pés de seu mestre e lá ficou; mas nosso cavaleiro, enfurecido que estava, nenhum sinal de comprazimento esboçou.

– Que má hora escolheste para zurrar, Sancho! E dizes-me quem foi o bisbórria que te aconselhou a falar de corda em casa de enforcado? E para música de zurros, que harmonia há de se esperar se não a dos porretes?

Entregue a reprimenda ao escudeiro, foi o cavaleiro avaliar as condições dos ferimentos, dos quais queixava-se muito Sancho, mas encontrou mais hematomas do que outra coisa.

– Parece que falo com os ombros! – resmungou Sancho e implorou ao amo para que saíssem daquele inferno, e é óbvio que não deixaria o escudeiro de reclamar e lamentar por Dom Quixote tê-lo abandonado no meio da confusão, mas a isso o cavaleiro redarguiu declarando que aquele que se retira não foge.

Conseguiu o cavaleiro montar Sancho no burro e dali os dois partiram em direção a um bosque que avistaram de longe. Sentia o escudeiro como se tivessem lhe moído as costas, mas acalmou-se quando soube por Dom Quixote que lhe causara tamanha dor eram as pauladas que tomou de um homem. Tendo resolvido este assunto, Sancho tornou a alegrar-se, embora o entusiasmo e a disposição tenham durado pouco, pois, no decurso de sua habitual tagarelice, voltou a tocar no assunto da cavalaria andante. Enquanto lamentava o próprio destino, esquecia Sancho da dor; consentiu o generoso e cristão Dom Quixote com o desabafo e até motivou o pobre a dizer o que lhe viesse à cabeça. Entre o falatório, lembrou-

se Sancho de sua famigerada ilha e da promessa que o amo lhe havia feito, impertinência que rendeu uma indagação de Dom Quixote:

– Diga, filho, há quanto tempo te prometi esta ilha?

– Se bem me lembro, vinte anos e três dias, um pouco mais ou um pouco menos – respondeu o escudeiro com a costumeira ingenuidade.

Desatou a gargalhar Dom Quixote, tamanho absurdo de que deram conta seus ouvidos e, ante a demonstração de cobiça – pior defeito do queixoso, pensou Dom Quixote –, tornou a inflamar a raiva do cavaleiro que ordenou a Sancho guardar todo o dinheiro que tinha e voltar para sua Teresa.

Encheram-se de lágrimas os olhos de Sancho e, com a voz vacilante, disse que só lhe faltava um rabo para ser completo asno e que se seu amo o quisesse pôr, ele aceitaria de bom grado e o serviria pelo resto dos seus dias. Dito isso, ajoelhou-se aos pés de Dom Quixote e pediu-lhe perdão, pois se falava pelos cotovelos, era mais por ignorância do que por malícia, e completou a fala com um rifão sem pé nem cabeça, sem nenhum sentido para o que ali se falava.

Àquela altura e concedido o devido perdão, chegaram ao bosque e ao pé de umas árvores passaram a noite: Dom Quixote, meditando e revolvendo suas memórias; Sancho, lastimando as dores das pancadas que não o deixavam dormir. Ao amanhecer, seguiram seu caminho rumo às margens do Rio Ebro.

# Capítulo XXIX

## Da famosa aventura do barco encantado

Ao final de dois dias chegaram ao rio e a primeira coisa que saltou aos olhos do cavaleiro foi um barco sem remos e amarrado a uma árvore. Na mesma hora cismou o cavaleiro que a embarcação tinha sido enviada para levá-lo a algum grande cavaleiro ou a algum aflito necessitado de seus préstimos. De nada adiantaram as tentativas de Sancho de convencer o mestre que o barco nada tinha de encantado.

E eis que como era dado Sancho aos provérbios, decidiu seguir aquele que diz: “Faze o que manda teu amo e sentarás junto dele à mesa”. E, mesmo ciente de que aquilo era o mesmo que desistir da própria vida, prendeu ruço e Rocinante numa das árvores à margem e, tremendo feito uma vara verde, entrou no barco. A cabo de Dom Quixote ficou cortar a corda e os dois começaram a correr o rio pouco a pouco, enquanto ouviam ruço zurrar e Rocinante debater-se tentando se livrar da corda que o amarrava e saltar no rio. Vendo isso, Sancho começou a se debulhar em lágrimas, mas Dom Quixote, impaciente, ordenou ao escudeiro que se controlasse.

Logo chegaram à metade do rio e nosso nobre cavaleiro, para espanto de Sancho, começou a falar sobre cosmografia, os trezentos e sessenta graus do globo e a linha equinocial pela qual, segundo Dom Quixote, passavam naquele exato momento, coisa que ele sabia bem, porque os espanhóis, quando a atravessavam, viam a toda a tripulação morrerem os piolhos. Então, ao escudeiro pediu que fizesse o teste, e Sancho pousou a palma da mão no joelho esquerdo, levantou a cabeça e disse ao amo que ou era falacioso o tal teste, ou os dois não tinham atravessado a tal linha citada.

– Pois quê?! – perguntou Dom Quixote. – Encontrei algum piolho vivo?



– Alguns, sim, senhor – respondeu e no mesmo instante meteu a mão no riacho para limpar os dedos.

Nisto, avistaram umas azenhas gigantes, bem no meio do rio, e no mesmo instante entusiasmou-se nosso nobre cavaleiro e bradou a Sancho que deveria haver ali naquele castelo alguma princesa ou infanta aprisionada, à espera de alguém para salvá-la.

Fez tudo o que pôde Sancho para convencer seu amo de que aquilo não eram castelos, mas é claro que o cavaleiro não deu ouvidos e insistiu que ou achavam-se os castelos encantados para se fazerem parecer azenhas, ou a vítima do encantamento era o escudeiro por não poder ver que aquilo eram castelos, claro. Iam aproximando-se cada mais quando ouviram brados de um dos moleiros, avisando do perigo de o barco ser sugado pela força da água e arrastado para baixo das rodas.

Começaram os moleiros a desviar o barco com algumas varas, tentando evitar a tragédia, e nosso nobre cavaleiro, ao ver o rosto enfarinhado dos homens, dirigiu-se a Sancho e lhe pediu que olhasse bem para aqueles monstros que enviaram para assustá-los. Os moleiros, sem conseguir entender tamanha ousadia e desvario, não cessaram de gritar:

– Que diabos! Aonde ides vós? Não de ser loucos ou o quê? Quereis afogar-vos e esmigalhar-vos debaixo dessas rodas?

Ao ouvir os brados, Dom Quixote pôs-se de pé no barco e começou a brandir ferozmente a espada no ar, chamando-os de gente endemoniada e ordenando que libertassem a princesa que ali mantinham oprimida; enquanto isso, punha-se Sancho de joelhos no fundo do barco oscilante, rogando aos céus que os protegessem daquele perigo e nisso aproximava-se cada vez mais a embarcação da água fluente em torno das rodas das azenhas.

Por fim, conseguiram os moleiros deter o barco, mas, nisto, Dom Quixote e o escudeiro caíram na água; o cavaleiro, com o peso da armadura e das armas, afundou duas vezes, mas tanto ele quanto Sancho foram resgatados graças aos endiabrados enfarinhados. Assim que foram postos em terra firme, Sancho voltou a ajoelhar-se

e desta vez agradeceu a Deus Todo-Poderoso por da morte ter escapado e pediu que o livrasse de futuras tentações de arriscar a vida por mero capricho de seu amo.

Dali a um instante chegaram os pescadores, donos do barco agora todo moído, pedindo que lhe reparassem o prejuízo. Dom Quixote, depois de tentar sem sucesso convencer o moleiro a libertar a gente que se encontrava aprisionada naquele castelo, e cansado de dar murro em ponta de faca, pagou cinquenta reais pelo estrago e exclamou:

– Valha-nos, Deus! Não terá mais fim o atrevimento desses canalhas nigromantes? Neste mundo só se vê maquinação e trapaça contrária uma à outra. Não posso mais.

Depois, olhando para as azenhas, começou a lamentar-se e confessou à princesa cativa a desgraça de não poder libertá-la e rogou por perdão. Enquanto tudo isso se sucedia, pescadores e moleiros observavam intrigados os dois malucos.

Tendo findado as preces de Sancho e os queixumes de Dom Quixote, os dois retornaram para seus animais e partiram à procura de novas aventuras.

# Capítulo XXX

## Do que se passou entre Dom Quixote e uma formosa caçadora

Deixou Sancho o Rio Ebro sem arrependimentos, a não ser pelos cinquenta reais que teve de entregar ao pescador, e começou com muita consciência a considerar pura tolice o papel de escudeiro de um homem tão acometido do juízo quanto o era Dom Quixote. Mas, no fim da tarde do dia seguinte, avistaram uma campina e ao longe um grupo de pessoas. Decidiram aproximar-se e descobriam que acontecia ali caça de altanaria.

Entre os que ali estavam, chamou a atenção uma senhora que trazia à mão esquerda um falcão, era muito bem vestida, tanto que declarou Sancho nunca terem seus olhos visto tão belíssima paisagem, e Dom Quixote comentou que deveria se tratar de alguma distinta dama. Ordenou o cavaleiro ao escudeiro que fosse depressa lhe levar uma mensagem em que lhe pedia permissão para beijar-lhe as mãos e o advertiu que segurasse a língua para não soltar nenhum de seus rifões sem pé nem cabeça. Refutou Sancho o comentário, pois não era ele um boníssimo mensageiro que havia entregado recado à mui alta e importante senhora Dulcineia?

Dali a pouco, estava Sancho de joelhos aos pés da referida dama. Depois de apresentar-se e de contar por que estava ali, entregou a ela a mensagem de seu amo e explicou o modesto desejo do valoroso Cavaleiro dos Leões, não há muito conhecido como o Cavaleiro da Triste Figura. A senhora, que era ninguém mais, ninguém menos que uma duquesa, no mesmo instante interessou-se por conhecer Dom Quixote, sobre quem já tinha lido e ouvido falar no primeiro volume de *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha* e pediu a Sancho que dissesse ao seu amo que a ela e ao marido conde lhe concedesse a honra de recebê-lo numa casa de recreio que por ali tinham.

Admirou-se tanto Sancho por tão bela dama ter dito que conhecia a ele e ao amo por ter lido o famoso livro, e igualmente pasmo ficou pela afabilidade com que ela o recebeu e com tamanha formosura e encanto, que mal conseguiu acertar o passo para voltar e dar a notícia a Dom Quixote. Aprumou-se Dom Quixote em Rocinante com todo o garbo e, acompanhado de seu fiel escudeiro, saiu para apresentar-se à nobre senhora e beijar-lhe a mão.

Enquanto voltava Sancho para dar a notícia a seu amo, a duquesa havia mandado chamar seu marido, o duque, e os dois, por conhecerem os disparates de Dom Quixote, resolveram incitar o louco e tirar graça da situação. Como tinham lido vários contos dos livros de cavalaria, sabiam bem o que fazer e combinaram de recepcionar o cavaleiro como um verdadeiro herói.

Assim que se achegou ao lugar onde estava a distinta dama, preparava-se Dom Quixote para apear do cavalo e, como de costume, Sancho apressou-se para descer do burro e segurar o estribo para o amo. Mas quando foi descer o escudeiro, enroscou-se na sela e não fosse por ter ficado com uma perna presa, se estatelaria no chão; permaneceu ali dependurado de ponta-cabeça, sem conseguir descer nem endireitar o corpo. Dom Quixote, que mantinha o olhar admirado e fixo na duquesa, imaginou que Sancho estivesse lá, segurando o estribo, então, o corpo largou para o lado, desequilibrou-se e escorregou, levando consigo a sela de Rocinante e todo o resto. Quando nosso nobre cavaleiro deu de cara no chão, lá permaneceu se contorcendo de dor e maldizendo o infeliz Sancho, que continuava suspenso e pendurado pelo pé.

O duque e a duquesa fizeram todo o possível para conter o riso e, quando conseguiram, ordenaram a seus monteiros que acudissem o cavaleiro e o escudeiro. Com a devida ajuda levantou-se Dom Quixote e, mancando e dolorido, foi ajoelhar diante do duque e da duquesa, mas o homem, num gesto nobre, não consentiu e deu logo um abraço no cavaleiro. Depois, com muita cortesia lamentou o incidente e lançou algumas selecionadas palavras para aplainar o sucedido, mas Dom Quixote, com os dizeres altiloquentes de

sempre, declarou que ainda que tivesse parado na maior profundidade dos abismos, dali se ergueria e levantaria pela glória e a honra de encontrar pessoa tão distinta quanto o duque. E depois, como não poderia deixar de ser, comentou o desatino do escudeiro, dizendo que se não podia atar e apertar uma sela para mantê-la firme, tampouco poderia manter a língua presa dentro da boca.

Quando desatou Dom Quixote a elogiar a formosura da senhora duquesa, o duque gentilmente o aconselhou a moderar seus elogios, dos quais era benemérita outra formosa dama, Dulcineia del Toboso.

Nisto, Dom Quixote dirigiu-se à duquesa para oferecer seus serviços e os de seu Sancho Pança por alguns dias, e, agora, compadecendo-se do pobre, o elogiou e o apresentou como o mais gracioso escudeiro do mundo. Elogiou Sancho a duquesa e declarou que se era divertido como afirmava o cavaleiro, com toda certeza era na mesma proporção discreto, e acrescentou nosso nobre cavaleiro que o homem também era falador.

Referindo-se o duque a Dom Quixote como o da Triste Figura, tratou o cavaleiro de corrigi-lo e explicou que agora intitulava-se Cavaleiro dos Leões; o homem, então, pediu a Dom Quixote para contar o sucedido que rendeu a mudança de título. Nisto, convidou o duque ao Cavaleiro dos Leões e a seu escudeiro para acompanhá-lo até seu castelo, onde seriam recepcionados com toda a honraria e distinção que os ilustres convidados mereciam.

E assim montaram os quatro, e a duquesa puseram no meio, entre Dom Quixote e o duque, mas a senhora de título honorífico ordenou que Sancho fosse ao seu lado, porque lhe agradava o bom humor do escudeiro. Assim que escutou o pedido da duquesa, com muito gosto apressou-se Sancho, enfiou-se entre os três e passou o caminho todo tendo conversas agradáveis com a formosíssima senhora.

# Capítulo XXXI

## Em que se contam muitos e grandiosos sucedidos

O duque, que já tinha dado ordens aos criados sobre o que se sucederia ali, ofereceu a Dom Quixote recepção digna de um cavaleiro andante; e tão diferenciado acolhimento superou todos aqueles que o Cavaleiro dos Leões havia lido nos livros ou com que tinha sonhado.

Apinhavam-se e enfileiravam-se os criados nas escadarias e nos corredores da corte que receberam o dos Leões aos brados:

– Seja muito bem-vinda a flor e a nata da cavalaria andante!

Junto das saudações, lançavam água perfumada sobre Dom Quixote.

Embasbacou-se Sancho com toda aquela glória. Depois de acompanhar a duquesa na chegada ao castelo, pesou-lhe a consciência por ter deixado o ruço para trás, então, aproximou-se de uma venerável dona, a senhora Rodríguez de Grijalva, e perguntou se lhe faria o favor de ir à porta do castelo ver como estava o pobre jumentinho. A senhora, desacostumada com semelhantes tarefas, enraiveceu-se com o atrevimento do sujeito e o chamou de patife. Dom Quixote, entreouvindo a conversa, repreendeu o mau comportamento do escudeiro, que se defendeu e mostrou ter grande afeição pelo jumento que tanto o carregava e o acompanhava.

Tendo resolvido o caso, levaram Dom Quixote a uma sala toda coberta de ouro e brocado e ali foi desarmado por seis belas donzelas que tiveram de disfarçar os risos ao verem figura tão seca e esticada num gibão de camurça e bragas justas. Pediram ao cavaleiro que o deixassem despir e vestir com uma camisa limpa, mas o dos Leões jamais permitiria coisa como aquela e orientou as moças a darem a camisa para Sancho. Foram os dois levados para um quarto onde Dom Quixote, a sós com o escudeiro, despiu-se e pôde vestir uma camisa limpa, mas aproveitou a ocasião para dar

uma dura no fanfarrão, orientando-o a como se comportar e o advertiu a não tornar a afrontar dona tão distinta e respeitável como aquela, recriminável conduta que só arranharia a imagem de um cavaleiro andante, erigida sobretudo a partir do comportamento e das ações de seu escudeiro.

Vestiu-se o cavaleiro com belíssimo manto de escarlata, um gorro verde de cetim, cingiu a espada e retornou para o salão. Enquanto passava pelos corredores que levariam à sala do jantar, foi escoltado por um mestre-sala e doze pajens. Nas alas, tanto de um lado quanto do outro, enfileiravam-se criados trajados com toda a pompa e majestade.

Apenas quatro lugares foram postos à mesa. Além de Dom Quixote e seus dois anfitriões, ocuparia a mesa também um renomadíssimo eclesiástico, à qual nosso nobre cavaleiro foi conduzido pelo próprio duque com todas as honrarias. Mas mal tinha começado o jantar quando se afrouxou a língua de Sancho, para desespero de seu amo, e o escudeiro desatou a contar causos e meteu entre eles um rifão ou outro, para deleite da duquesa. De pé ao lado de Dom Quixote, com os olhos esbugalhados e boquiaberto com tudo o que via e se sucedia ali, pois nunca em sua vida tinha Sancho participado de tão suntuosa e cerimoniosa ocasião, desatou a tagarelar. A troca de cortesias e gentilezas entre o duque e o cavaleiro, quando este último finalmente foi convencido a sentar-se à cabeceira da mesa, deixou Sancho espantado e nesse momento o escudeiro encontrou a oportuna brecha para contar uma certa história de lugares à mesa. Suplicou a duquesa a atenção de todos para o que Sancho tinha a contar, e assim ele principiou seu relato, dando muitas voltas, fazendo pausas, detendo-se em detalhes, citando um caso aqui e outro ali que tinham tanto a ver com a história quanto os provérbios que ele metia no meio do relato.

Dom Quixote, àquela altura já estava consternado e o impaciente eclesiástico interrompeu o pobre do escudeiro uma, duas, três vezes, mas nada impedia Sancho de prosseguir com seus despautérios. Chegou a tal ponto a coisa toda que a duquesa, de

tanto rir, mal conseguia manter-se ereta na cadeira. Enquanto ocupava-se o duque com Dom Quixote, mantinha ela uma conversa quase ao pé do ouvido com Sancho, que lhe contou o que havia aprontado para fazer o cavaleiro acreditar que se encontrava a sêmpar Dulcineia encantada.

O eclesiástico, ao escutar a sacrílega conversa entre Sancho e a duquesa, sobre gigantes e encantamentos, com todo o rigor a repreendeu e a advertiu que teria de prestar contas a Deus por tudo o que aquele homem fez e contou. Depois, falando ao duque, a quem tinha terminantemente proibido de ler o livro sobre as aventuras de Dom Quixote, disse:

– Este Dom Quixote, ou Dom Pateta, seja qual for o seu nome, não deve ser tão maluco quanto vossa excelência o julga, incitando-o para levar adiante seus caprichos e disparates.

Na sequência, o religioso repreendeu Dom Quixote, mandou-lhe voltar para casa e para os filhos, se é que os tivesse, depois o chamou de desvairado e de muitos outros nomes, entre eles tolo, por acreditar na existência de cavaleiros andantes, Dulcineias e em tantas outras asneiras.

Manteve-se o cavaleiro atento e imóvel, sem mexer nem um músculo sequer durante os dizeres do eclesiástico, mas assim que o homem terminou sua fala, o Cavaleiro dos Leões se pôs de pé, a raiva lhe escapando pelos poros do rosto e o corpo todo trêmulo.



# Capítulo XXXII

## **Da resposta que Dom Quixote deu ao seu repreensor, com outros graves e graciosos sucedidos**

Se não estivesse nosso nobre cavaleiro na presença de tão nobre gente e se não fosse o acusador um religioso, teria com o poder de sua espada exigido retratação. Conteve-se, então, Dom Quixote, e deu início a um extenso discurso sobre as virtudes da cavalaria andante e o encerrou declarando que tinham suas intenções sempre bom fim, o de fazer o bem a todos e o mal a ninguém. E quanto ao fato de ser julgado tolo, passou o cavaleiro a palavra ao duque e à duquesa para que se pronunciassem. No entanto, nem marido nem esposa conseguiam terminar uma frase sequer sem a interrupção de Sancho, que a todo momento lançava um elogio aqui outro ali aos admiráveis dizeres de seu amo.

Perguntou o eclesiástico se era aquele Sancho Pança, o mesmo retratado no livro, e o escudeiro sem titubear respondeu ser ele mesmo em pessoa, mas não o fez sem meter em sua fala meia dúzia de rifões, e terminou sua extensa resposta desejando vida longa ao cavaleiro e ao escudeiro e que jamais aos dois faltassem impérios e ilhas para governar. Nisto, anunciou o duque que conferia a Sancho naquele instante o governo de uma de suas ilhas e, Dom Quixote, cujos ouvidos pareciam ainda não acreditar no que acabavam de escutar, sussurrou no ouvido de Sancho, ordenando que se ajoelhasse para agradecer a Sua Alteza tamanho gesto de bondade.

O eclesiástico, enfastiado e enojado de tanta insolência, levantou e foi-se embora. Saiu o duque depressa atrás e tentou detê-lo, mas de tão saturado o homem não quis ouvir nem uma palavra sequer. Depois da saída do eclesiástico, tornou a discursar o Cavaleiro dos Leões: falou sobre afrontas e agravos, comparando a bronca do

religioso à ofensa da boca de uma mulher, cuja única arma era a língua e, portanto, não poderia ser punida pela força da espada. Divertiam-se duque e duquesa com os dizeres do cavaleiro, embora não deixassem de se encantar com o esmerado linguajar; morriam de rir sobretudo quando Sancho abria a boca, pois nunca antes tinham encontrado tão burlesca figura. Quando findou o discurso de Dom Quixote, Sancho também resolveu comentar o episódio com o eclesiástico:

– Juro-lhes pela fé que tenho em Deus, se Reinaldo de Montalvão tivesse escutado as palavras desse homenzito, arranjava-lhe uma sova bem dada que o deixaria por uns três anos sem conseguir abrir a boca.

Terminaram o jantar e neste instante quatro donzelas entraram na sala. Uma carregava uma bacia de prata, a segunda, um gomil também de prata, a terceira, toalhas e, a quarta, com os braços descobertos até o meio, sabão. Achearam-se ao cavaleiro e começaram a afeitá-lo. Imaginou, pois, Dom Quixote, ser um costume ducal lavar o rosto em vez das mãos após as refeições, então, tratou de esticar as pernas e relaxar para disfarçar qualquer demonstração de estranhamento. Uma vez com o rosto todo ensaboado, fingiu a donzela barbeira que havia lhe acabado a água e pediu à do gomil que fosse buscar mais. Enquanto isso, a espuma cobria cada vez mais o rosto do cavaleiro, inclusive os olhos, mas manteve-se firme Dom Quixote, fazendo as caretas mais bizarras de que se tem notícia, até a donzela trazer mais água. Nisto, o duque, receoso de que o dos Leões suspeitasse do que se passava ali, ordenou à donzela que lavasse o rosto e a barba do cavaleiro. Mas quem precisava desesperadamente aparar e lavar a barba era Sancho que, com muito esforço, conseguiu reunir coragem para pedir à duquesa permissão para participar daquele ritual. Respondeu a senhora que suas donzelas o lavariam e afeitariam, se assim fosse seu desejo. O escudeiro, porém, respondeu que aceitaria de bom grado a lavagem da barba e que não se preocupasse a duquesa com o barbear. Acompanhou a Sancho o

mestre-sala e foram cuidar da lavagem, enquanto Dom Quixote permaneceu um pouco mais à mesa junto do duque e da duquesa, esta ansiosíssima para saber mais sobre a famosa e sem-par Dulcineia. Ouvindo o pedido da duquesa, com um suspiro e o habitual e floreado linguajar, contou o Cavaleiro dos Leões de seu amor platônico pela referida senhora que se encontrava agora encantada e convertida por obra de algum pravo nigromante. Quando perguntou a duquesa ser verdade que tal senhora não existia no fundo, sendo uma dama fantástica e imaginária, nosso nobre cavaleiro com muita cortesia respondeu que muito havia a se dizer sobre o assunto e que caberia a Deus tal resposta e a nenhum homem procurar provas concretas. Conversaram sobre muitos outros assuntos, entre eles, Sancho, cujo bom humor elogiou Dom Quixote, mas criticou a ingenuidade.

Neste ponto da conversa, escutaram os três um barulho e no instante seguinte apareceu Sancho esbaforido e aflito, com uma rodilha presa no pescoço e espuma espalhada por todo o corpo. Viam atrás dele uma criadagem da cozinha e morria de rir a duquesa ao ponto de lhe faltar o fôlego. Contou Sancho que teria tentado ensaboá-lo com detergente e a água da louça e esfregá-lo com um escovão. Dom Quixote, pois, considerou aquela ocasião de advertir os criados que não toleraria caçoadas com o escudeiro, então, num tom firme e com o devido consentimento da duquesa, ordenou que voltassem para a cozinha.

Tendo se retirado a criadagem, considerou Sancho seu dever defender a seu mestre e a ele próprio, em nome da dignidade de ambos e para livrar-se de qualquer suspeita:

– Senhora e alteza minha, mande que tragam um pente, escova, sal, tempero e o que preciso e de sua vontade for, e, se ainda assim não lhe bastar, ordene que me escalpelem até o último!

Reafirmou a duquesa a confiança nos dizeres e nas virtudes de Sancho, cujo coração, de tão contente, parecia querer saltar do peito. Prometeu o escudeiro servi-la para o resto de sua vida e a duquesa fez votos de que ele em breve recebesse o título de

cavaleiro, o agradeceu pelos afáveis gestos e acrescentou que, julgando-se pelos seus modos, era evidente que tinha aprendido muitíssimo com a escola da cavalaria andante, cujo epítome não era outro senão o grandioso Dom Quixote de La Mancha. Completou a venerada dama que o duque jamais esqueceria a promessa feita e que ela própria cuidaria do cumprimento desta.

Encerraram o caso depois disso e, sentindo a necessidade de tirar uma pestana, pediu licença Dom Quixote e retirou-se. Quis Sancho fazer o mesmo e comentou com a duquesa que nos dias de verão costumava tirar um cochilo de quatro a cinco horas, mas, a pedido dela, prometeu tentar acordar dali a uma hora para passar a tarde com Sua Alteza e tão adoráveis donzelas.

## Capítulo XXXIII

### **Da deleitosa conversa que se passou entre a duquesa, suas donzelas e Sancho Pança, e que muito agradará a quem a ler**

Assim que terminou a refeição, decidiu Sancho não fazer a sesta e depressa foi ter com a duquesa para passar a tarde inteira com ela. Fez muitas perguntas a senhora sobre Dom Quixote e sobre a senhora Dulcineia del Toboso, bem como quis saber sobre Teresa Pança e todos os outros personagens do livro de Dom Quixote. Entretiveram-se muito tempo a duquesa e suas donzelas com os causos do escudeiro e logo tocaram no assunto do governo que ele receberia do duque. Declarou Sancho que, com quinze dias de governador, entenderia mais do ofício do que da própria lavoura, com que havia lidado a vida inteira.

– Deixe-me apossar deste governo e não de ver as maravilhas que terão de mim, pois aquele que com primor cumpre seu papel de escudeiro, tanto melhor o fará como governador.

Dito isso, mandou a duquesa que o homem fosse descansar e ele disse que assim o faria, se Sua Alteza lhe promettesse que cuidariam bem do ruço. Quando Sancho contou que o bicho era seu mais fiel amigo e explicou também o que havia se passado com dona Rodríguez, assegurou a duquesa que o ruço seria muito bem tratado na cavalaria e sugeriu ao escudeiro, assim que tomasse posse de seu governo, levar consigo o bicho e deixá-lo descansar. Aceitou Sancho de bom grado a sugestão e disse que não seria ruço o primeiro a ocupar tal posição.

Logo que partiu Sancho, a duquesa foi depressa contar ao marido a divertida conversa que havia tido com o escudeiro e os dois começaram a pensar em novas brincadeiras para prosseguirem com aquela engraçadíssima empreitada.

# Capítulo XXXIV

## **Em que se conta como descobriram um estratagema para desencantar a sem-par Dulcineia del Toboso, e que é uma das aventuras mais preciosas deste livro**

Depois de traçarem um plano, começaram o duque e a duquesa a cuidar dos preparativos. No sexto dia de visita, convidaram Dom Quixote a uma caça de montaria, onde havia um verdadeiro séquito de monteiros e caçadores, o maior número possível que conseguiu o duque reunir. Ofereceram tanto a Dom Quixote quanto a seu escudeiro finíssimos trajes de caça, mas o cavaleiro recusou a cortesia, alegando que em breve teria de reassumir as laboriosas incumbências de seu ofício e que não poderia levar consigo o traje.

Aceitou Sancho a oferta, sem saber, no entanto, que naquele mesmo dia a luxuosa vestimenta ficaria aos trapos. Quando chegaram ao local da caça, deram de cara com um furioso javali e no mesmo instante Sancho saltou do ruço e subiu no galho mais alto da primeira árvore que encontrou pela frente, mas tão desgraçada foi a fuga que se partiu o galho, e o escudeiro, antes de chegar ao chão, ficou dependurado num esgalho e começou a gritar desesperadamente por socorro, berrando que seria devorado pela fera. Mas no instante seguinte, o bicho, sarrafado e atravessado por várias lanças, caiu no chão, e Sancho, com a ajuda do amo, foi retirado do enroscado.

Levaram o javali para umas tendas de campanha que havia por ali no meio do bosque e o bicho virou o jantar dos caçadores. Não deixou Sancho de mostrar à duquesa os rasgos no traje que havia o incidente causado, tampouco deixou de falar o que achava de caças daquele tipo, por demais arriscadas; melhor seria caçar lebres e outros animais pequenos. Depois, desatou o escudeiro a falar,

citando um provérbio aqui outro ali, ora dizendo à duquesa como governaria sua ilha, ora contando algum caso de sua terra natal.

Nisto, continuaram conversando, até a chegada da noite, não tão clara quanto poderia se esperar para aquela época, e o céu claro-escuro só facilitaria ainda mais a execução do plano tramado por duque e duquesa. Haviam todos deixado suas tendas e se embrenhado na mata quando, de repente, avistaram chamas de fogo espalhadas por todo o lado, como se a floresta inteira estivesse envolta numa massa flamejante. Ouviram o toque de trombetas, muitas, muitas delas. Depois, o barulho de inúmeras passadas, como se estivesse percorrendo a floresta um plantel de cavalos e houve também o rufar de tambores e muitos clamores, parecidos com os de mouros. Instalou-se uma indescritível confusão, tanto que até duque e duquesa pareceram abismados. Não soube Dom Quixote o que pensar, tampouco como reagir, e tremia Sancho feito vara verde, em estado de pânico. O alvoroço era tanto que mesmo os que sabiam sobre o plano espantaram-se.

Então, num instante instaurou-se uma súbita calma e um mensageiro, vestido feito o demônio em pessoa e soprando um chifre em vez de corneta e que emitia um som rouco e esquisito, apareceu bem ali diante de todos e parecia apressado. Abordou-o o duque e lhe perguntou quem era e aonde ia, e respondeu a criatura com a voz rouca ser o diabo e que estava à procura de Dom Quixote de La Mancha; depois, apontou para as tropas montadas e disse serem todos nigromantes e que vinham trazendo num ovante carro a sem-par Dulcineia del Toboso, com Montesinos, galhardo francês, e que procuraram pelo único que poderia desencantá-los, a saber, o Cavaleiro dos Leões. Nisto, pronunciou-se Dom Quixote:

– Se fôsseis o diabo como vos apresenteis, saberia que sou aquele a quem procura.

Mostrando surpresa, declarou-se o demônio:

– Valham-me Deus e a minha consciência! Ando tão preocupado com outras coisas que já ia me esquecendo do motivo de minha vinda.

Sancho, ao ouvir isso, comentou que o diabo só poderia ser gente do bem e um bom cristão, do contrário, não teria rogado a Deus e à própria consciência, e concluiu que até o inferno resguardava almas dignas de salvação.

O demônio dirigiu-se a Dom Quixote e contou que havia sido enviado por Montesinos e que por meio deste ali mesmo onde estava receberia as orientações necessárias para desencantar aquela a quem chamavam Dulcineia del Toboso. Transmitida a mensagem, deu meia-volta a criatura montada num cavalo e retirou-se. Sucedeu-se tão de repente tudo aquilo que até o próprio Dom Quixote ficou espantado e aparentemente sem saber se acreditava ou não naquilo que tinha acabado de ver e ouvir. Entre todos ali presentes, nenhum parecia mais apavorado que Sancho.

Permaneceu imóvel o Cavaleiro dos Leões depois de escutar tudo aquilo e perguntou-lhe o duque se pensava o fidalgo em aguardar conforme as instruções do diabo. Respondeu Dom Quixote que o faria com toda a bravura e intrepidez, ainda que todo o inferno viesse ao seu ataque. Mal tinha feito o juramento e precisou o cavaleiro reunir toda a coragem e não sucumbir ao medo, pois dali a pouco ouviram um ruído apavorante, mais espantoso que tudo que Dom Quixote já tinha ouvido: tiros de canhões e arcabuzes, berros por todo o canto e mais uma vez o horripilante ressoar de cornetas, tambores, buzinas, clarins e trombetas, tudo isso seguido do temeroso barulho dos carros iluminados por fileiras e mais fileiras de velas que irromperam por entre as árvores.

Sucumbiu Sancho e caiu desfalecido nas saias da duquesa, e a senhora com muita pressa pediu aos criados que lhe jogassem água no rosto e o pobre tornou a si bem no momento em que se achegava a eles um dos carros, totalmente coberto por um pano preto, puxado por quatro bois que carregavam em cada um dos chifres um círio aceso. Guiavam o carro dois tão terríveis demônios de assustadores semblantes que Sancho, assim que os viu, fechou os olhos sem conseguir suportar aquela horripilante visão. Num assento alto, em cima do carro, vinha um velho, de aparência



venerável, com uma barba branca e comprida e, ao passar por Dom Quixote, bradou:

– Sou o sábio Lirgandos!

E passou adiante o carro e logo atrás dele vieram outros trazendo sábios. De repente, ao escutar uma agradável e suave música ao longe, alegrou-se Sancho, tomando aquilo com um bom sinal, e disse à duquesa:

– Senhora, onde há música, não pode haver obra do diabo.

Dom Quixote, que tudo escutava e não tão convencido assim das profecias de Sancho, afirmou:

– É o que há de se ver.

# Capítulo XXXV

## **Em que prossegue a orientação dada a Dom Quixote para o desencantamento de Dulcineia e outros incríveis sucedidos**

No mesmo compasso em que se aproximava a música, vinha também um carro do tipo triunfal, muitíssimo maior que todos os outros, e nele havia duas figuras sentadas, cercadas por vários penitentes vestidos de branco e carregando velas acesas nas mãos. Era uma dessas figuras uma ninfa, formosíssima, e a outra vestia um manto com cauda de realeza e tinha o rosto coberto por um véu negro.

Assim que chegou o carro defronte aos duques e a Dom Quixote, cessou a música de repente e a segunda figura levantou-se e retirou tanto o manto quanto o véu. Embasbacaram--se todos ao se verem face a face com a própria morte. Apavorado ficou Sancho, aflito Dom Quixote e até o duque e a duquesa pareciam temerosos.

Nisto, pôs-se a morte a declamar um longo poema; ao término, revelou que a sem-par Dulcineia havia sido encantada pelo sábio Merlin, aquele que lhes falava e ali se apresentava em pessoa sob o disfarce da morte, e declarou haver um único modo de se desfazer a desgraça da formosa senhora: que Sancho, o escudeiro, assentasse três mil açoites nas próprias nádegas.

Ao escutar aquilo, declarou o escudeiro que preferia esfaquear a si mesmo a cometer aquela sandice e disse não ter pé nem cabeça os açoites com o encantamento da senhora Dulcineia. Enfureceu-se Dom Quixote a tal ponto ao ouvir aquilo, que ameaçou amarrar Sancho numa árvore nuzinho como veio ao mundo por se referir com tamanho desrespeito à dama dos olhos do cavaleiro. Merlin, então, explicou que se não fossem dados os açoites pela própria vontade de Sancho, não se cumpriria o desencantamento.

Sancho, porém, se mantinha tão teimoso quanto uma mula e só deu o braço a torcer quando interveio o duque na conversa e ameaçou não lhe entregar o governo prometido. Assim, consentiu o escudeiro com a autopenitência, mas Merlin o advertiu que, caso cometesse algum erro na contagem, não haveria como esconder e que, completados os três mil açoites – nem um a mais nem um a menos –, seria libertada a formosa Dulcineia da obra de nigromancia e que ela em pessoa viria agradecer-lo e recompensá-lo por tão nobre sacrifício.

Logo que concordou Sancho com o flagelo, pendurou-se Dom Quixote no pescoço do escudeiro e nele meteu muitos beijos. O duque e a duquesa elogiaram o escudeiro por tamanho gesto altruísta. E voltou a tocar a música, começou a partir o carro e a sem-par Dulcineia, ao passar pelo duque, pela duquesa e por Sancho, fez um gesto de reverência e abriu um sorriso tão radiante quanto o raiar do sol. Voltaram também a disparar os arcabuzes e dali a pouco tudo acalmou-se.

Contentou-se o duque com a boníssima execução de seu intento. Terminou ali a caça e voltaram felizes e satisfeitos para o castelo, todos, exceto Sancho, que não parava de pensar na dor dos açoites que estavam por vir. Regressaram duque e duquesa com a intenção de levar adiante aquelas divertidíssimas empreitadas com Dom Quixote e Sancho Pança.

# Capítulo XXXVI

## **Em que se conta a estranha e jamais imaginada aventura de Dona Dolorida, ou condessa Trifaldi, com uma carta que escreveu Sancho à esposa, Teresa Pança**

Tinha o mordomo do duque executado o papel de Merlin e incumbiu um pajem de se passar por Dulcineia. Sujeito desenfadado e chegado a uma troça, foi ele quem compôs os versos e os recitou. Para dar seguimento ao plano, foi o duque ter com o mordomo assim que regressou ao castelo.

No dia seguinte, perguntou a duquesa a Sancho se já tinha começado o flagelo e o escudeiro, sem graça, respondeu que já tinha dado em si mesmo cinco açoites. Dali dois segundos, porém, admitiu que não tinham sido bem açoites, mas palmadas e a duquesa o alertou que o sábio Merlin não toleraria brandura de nenhum tipo, e sugeriu a Sancho usar um chicote ou uma corda para assegurar o cumprimento de sua palavra e o desencantamento da tão estimada senhora Dulcineia. Depois, ao escudeiro disse que na manhã seguinte lhe arranjaría cordas que lhes servissem ao caso, Sancho agradeceu a oferta e contou à duquesa que havia escrito uma carta para a esposa, Teresa Pança, do jeito que se deve escrever um verdadeiro governador e pediu à senhora que a lesse. Admirou-se e divertiu-se tanto a duquesa com o que leu, que foi depressa mostrar a carta ao marido; perguntaram ao escudeiro se ele próprio havia escrito tudo aquilo e Sancho respondeu que tinha ditado apenas, já que não sabia ler tampouco escrever.

Terminado o jantar, estavam o duque e a duquesa sentados no jardim, conversando com Dom Quixote e Sancho, quando, de repente, escutaram uma voz melancólica e esganiçada. Todos viraram e viram entrar um homem de barba branca e grande, tanto que chegava a arrastar no chão. Apresentou-se como Trifaldino da

barba branca, escudeiro da condessa Trifaldi, também conhecida como Dona Dolorida, e disse que tinha vindo para buscar o valoroso Dom Quixote a quem disseram estar ali naquele castelo. E a condessa, como contou o homem, à procura de tão ilustre cavaleiro, tinha peregrinado a pé e mantido jejum durante toda a viagem e o da barba branca suplicava para que Dom Quixote recebesse Sua Alteza, pois ela própria lhe contaria suas aflições e a que veio.

No mesmíssimo instante, ordenou Dom Quixote a Sancho que fosse buscar tão excelsa dama e logo depois confessou ao duque o desejo de que aquele bendito eclesiástico difamador da cavalaria andante estivesse ali para testemunhar como as façanhas e a fama do Cavaleiro dos Leões tinham se espalhado mundo afora.

# Capítulos XXXVII-XXXIX

## Em que prossegue a notável aventura de Dona Dolorida e seu memorável infortúnio

Dali a pouco entrou no jardim a condessa, acompanhada de doze donzelas, divididas em duas fileiras por meio das quais Sua Alteza caminhou até chegar ao duque. Diante de tão ilustre convidada, foi recebê-la o anfitrião com todas as honras. Ajoelhou-se a condessa diante do duque e lhe perguntou se era verdade que ali no castelo encontrava-se o valoroso Dom Quixote de La Mancha, mas não o fez senão com a voz mais grossa e rouca do que delicada:

– Senhor poderosíssimo, encontra-se em vossa companhia o imaculíssimo cavaleiro Dom Quixote de La Mancha e seu escudeiríssimo Sancho Pança?

Antes que tivesse Dom Quixote ou um dos presentes a oportunidade de responder, se afrouxou a língua de Sancho e ele respondeu:

– O Pança aqui está e o imaculíssimo também, e podes, tão dolorosíssima dona, dizer o que quiserdíssimos, porque aqui estamos prontíssimos a vos servidíssimos.

Nisto, deu um passo à frente Dom Quixote e suplicou à senhora que lhe contasse o que a angustiava, pois assim poderia o cavaleiro lhe oferecer seus préstimos e aliviá-la. E eis que desatou a chorar a condessa num pranto sem fim; lançou-se aos pés de Dom Quixote, agarrou-lhe as pernas, implorou pelo seu socorro e começou a narrar seus infortúnios.

Enquanto isso, reuniam duque e duquesa todas as possíveis e inimagináveis forças para conter as gargalhas ao verem tão exímia interpretação da dissimulada condessa e fazia-se ainda mais difícil a tarefa com os constantes comentários e intromissões de Sancho, sempre inoportunos para agrura de seu amo.

Prosseguiu a chorosa dama, contando que havia sido a principal dona da rainha de Candaia, que havia confiado a filha, a princesa

Antonomásia, a jovem herdeira do reino de Candaia, sob sua tutela e doutrina. Relatou também que havia a rainha consentido em casar a princesa com um jovem e enamorado cavaleiro e que, dadas as inúmeras habilidades e encantos, conquistou o rapaz tanto a confiança de Antonomásia quanto da rainha sua mãe, pois tocava viola, compunha poemas, dançava como verdadeiro bailarino e ainda construía gaiolas de pássaros como ninguém. No entanto, quando soube a rainha que o rapaz das graças e prendas não passava de um bandido, não suportou o golpe, desfaleceu e foi enterrada dali a três dias. E tudo isso contou a dona aos prantos, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ao ouvir o relato, intrigou-se Sancho e quis saber:

– E morreu mesmo a rainha ou só desfaleceu?

Assegurou a dona que em Candaia não se sepultam vivos, apenas mortos, mas a resposta não convenceu o escudeiro a quem pareceu que tão venerável dama não morreria por aquilo que se poderia remediar, pois muito pior seria se a princesa tivesse se casado com um pajem, segundo Sancho. Mas, sendo o rapaz um fidalgo, tão engenhoso a ponto de construir gaiolas de pássaros, por que haveria a rainha de se desiludir a ponto de bater as botas?

Então, retomou a fala a condessa e veio a pior parte da história; contou como os desposados, depois da morte da rainha, tornaram-se vítimas de encantamento do gigante Malambruno, primo de primeiro grau da falecida, patife que transfigurou os recém-casados e jurou que os dois só poderiam livrar-se do encantamento se o valoroso cavaleiro de La Mancha o confrontasse numa batalha. Estabelecida a sentença, Malambruno mandou chamar todas as donas do palácio, lhes atribuiu a culpa do sucedido e disse que, apesar de não lhes desejar a morte, não as pouparia de uma sentença. Assim que concluiu os seus dizeres o biltre, começaram as donas a sentir a pele repuxar e os poros da face se abrirem e, levando as mãos ao rosto, apavoraram-se com o que sentiram.

Nisto, levantaram os véus as treze donas, e o duque e todos ali presentes embasbacaram-se ao verem as mulheres todas

barbadas. Dona Dolorida soltou um gemido e confessou que se já não lhe tivesse esgotado todas as lágrimas, morreria aos prantos ali mesmo e completou:

– Pois, digam, senhores, aonde pode ir uma dona com barbas? Que pai e que mãe teriam compaixão criatura como essa? Quem a ajudaria? Ainda que ela tenha invejável tez e que se enfeite com mil pinturas, nem sempre encontra alguém que lhe queira amar, me digam, senhores, o que fará essa dona quando deparar um matagal no rosto? Ó donas! Que desventura nossa vinda ao mundo e que desafortunado momento aquele em que nossos pais nos trouxeram à vida!

Enquanto narrava tudo, pareceu a dona a ponto de desmaiar. Com um gemido profundo e angustiante, tapou o rosto com as mãos.



# Capítulo XL

## **Daquilo que diz respeito a esta aventura e a esta notável história**

Entre todos ali presentes, o que mais se impressionou com esse triste relato foi Sancho, que considerou aquela atitude por demais covarde. Não sabia, pois, o gigante, o quanto se gasta de dinheiro para se afeitar? Para o escudeiro, teria sido muito melhor que tivesse o nigromante arrancado uma fatia do nariz de cada uma, ainda que o castigo lhes deixasse fanhas. Disseram algumas das donas que, por não terem dinheiro para o barbear, usavam emplastos de pez para poder arrancar os pelos, o que lhes causava dor tremenda.

Interveio Dom Quixote, que escutava tudo, e declarou que tal maldição não se cumpriria, pois arrancaria as próprias barbas em terra de mouros se não pudesse livrar todas aquelas donas de seus pelos faciais indesejados. Pareceu tão nobre promessa reacender as esperanças de Dona Dolorida e contou ela ao nosso nobre cavaleiro que o gigante Malambruno, num estranho lapso de compaixão, ofereceu enviar um famoso cavalo de madeira, o mesmo que havia servido ao valoroso Pedro e que tinha sido obra do sábio Merlin.

Era capaz o cavalo de voar pelos ares com tanta rapidez que poderia conduzir o cavaleiro até os confins do mundo naquela mesma noite. Conduzia-se o animal por uma escaravelha que trazia na própria testa e que também lhe servia como freio; além disso, ainda podia carregar duas pessoas, uma na sela e outra nas ancas.

– Bem quero vê-lo – comentou Sancho –, mas engana-se quem acha que vou montá-lo, seja na sela ou nas ancas, e quem quiser tentar me convencer, perdeu seu tempo tanto quanto tentar tirar leite de pedra. Não me meto nessa para tirar os bigodes de ninguém! Cada qual que se pele como quiser! Não me enfio nessa cambulhada pelas barbas de ninguém!

Porém, insistiu a condessa Trifaldi que era Sancho indispensável para salvá-las daquele encantamento. Quando insistiu a duquesa que o escudeiro acompanhasse Dom Quixote, Sancho viu os olhos de Dona Dolorida banhados em lágrimas, e não teve outro remédio senão acatar as ordens de seu amo e o fez de bom coração; iria às últimas fronteiras do mundo montado nas ancas daquele cavalo para salvar aqueles excelsos rostos de tão perverso castigo piloso.

# Capítulo XLI

## Do fim dessa extensa aventura

Passou o dia inteiro nosso nobre cavaleiro aflito e ansioso, sem saber se Malambruno mandaria mesmo o tal cavalo de madeira, mas, assim que a noite caiu, quatro selvagens entraram pelo jardim carregando nos braços um imenso cavalo de madeira. Dona Dolorida convocou o cavaleiro, e Dom Quixote no mesmo instante montou no bicho, que não tinha nem estribos. Nisto, mudou Sancho de ideia de repente e resolveu que não ia se lançar aos ares naquele bicho feito uma bruxa montada numa vassoura. O duque, no entanto, com distinção e cortesia conseguiu convencer Sancho a não desistir e encarar a empreitada.

Antes de partirem, porém, suplicou Dom Quixote a Sancho que pagasse boa parte da promessa dos açoites pela ainda encantada Dulcineia, mas abismou-se o escudeiro como nunca antes em toda esta história. Como poderia o amo lhe pedir coisa como essa quando estavam prestes a passar sabe Deus quanto tempo montados num cavalo duro de madeira? Apesar de ter se recusado a fazer o que Dom Quixote lhe pediu, prometeu Sancho terminar de pagar sua dívida assim que os dois cuidassem de tosquiar e libertar aquelas damas de tão descabida sentença.

Vendou os olhos dos dois a angustiada Dona Dolorida e disse que o fazia para evitar tontura quando fossem pelos ares e Sancho, trêmulo e choroso, queixando-se que as ancas do cavalo eram duras por demais, pediu que lhe arrandassem uma almofada, mas respondeu a dona que o cavalo mágico não permitiria nenhum tipo de jaez e sugeriu a Sancho que se sentasse como as mulheres, pois assim lhe aliviaria a dureza da madeira.

E assim o fez o escudeiro, depois tirou a venda, com ternura olhou para os que ficavam para trás e desatou a chorar. Ordenou-lhe Dom Quixote na mesma hora que tornasse a cobrir os olhos, e o escudeiro o obedeceu, depois de entregar-se às mãos de Deus e de

suplicar às senhoras que o ajudassem rezando todos os Pai-Nossos e Ave-Marias possíveis. Disseram as donas que atenderiam ao pedido, desde que Sancho não desgrudasse as nádegas dali e que se segurasse com toda a força, pois, se bamboleasse, seria a queda como a de um planeta e chegaria o escudeiro cego à terra firme.

Aos prantos e soluços, com seus braços gordos agarrou Sancho seu amo e quase se aborreceu Dom Quixote, mas o cavaleiro segurou firme a escaravelha e reprimiu Sancho por segurá-lo daquele jeito como se estivessem à beira da morte, e afirmou que não havia por que se preocupar, pois nunca antes tinha ele conduzido uma montaria com tamanha facilidade: de tão serena, era como se nem tivessem saído do lugar ainda. Aquietou-se Sancho, por fim, e concordou com Dom Quixote. Nunca teve notícia o escudeiro de que havia gente morando tão alto e conversando como se lhe falassem ao pé do ouvido. Perguntou ao amo o que poderia se passar ali e Dom Quixote respondeu que ali não se passavam as coisas no mesmo curso com que estava acostumado e que, numa viagem como aquela de mil léguas, podia-se ouvir e ver o que se passava na terra.

Nisto, uma lufada de ar arremeteu contra cavaleiro e escudeiro e ameaçou derrubá-los do cavalo. Na verdade, quem soprava não era o vento, mas um fole que o duque arranjou para ludibriar os dois. Tremia Sancho a ponto de quase sacolejar a montaria e Dom Quixote o mandou acalmar-se, pois corriam o risco de cair direto na região do ar e dos trovões, e depois na do fogo, e receava não conseguir moderar a escaravelha a tempo de não se lançarem às chamas.

De repente, começou Sancho a bradar que já estavam no lugar do fogo e que as chamas os consumiriam até a morte, pois já lhe haviam chamuscado boa parte da barba (coisa que sucedeu graças a uma das tantas e tantas tochas que o mordomo havia espalhado por ali). Sentiu o próprio Dom Quixote lhe arder o rosto, mas jamais permitiria que o escudeiro destapassem os olhos como queria, pois, se se atrevessem, tonteariam e despencariam ares abaixo. Além do

mais, disse o cavaleiro que já tinham percorrido uma enorme distância ao que parecia e assegurou estar a viagem perto do fim, pois passariam por um teste final antes de aterrissem no reino de Candaia. Sancho comentou:

– Quem sabe é Deus! A única coisa que sei é que se a senhora Magalhães ou Magalona deu-se por satisfeita com esta garupa, é porque não tem carnes muito tenras nas partes de trás.

Deu-se bem neste momento o ápice da alada aventura. Os criados do duque e da duquesa tinham posto no rabo do cavalo bombas e foguetes e, de repente, num clarão voou o bicho pelos ares e Dom Quixote e Sancho foram ao chão, ambos chamuscados e meio fora de si.

Quando, por fim, recobram os sentidos e olharam para todos os lados, ficaram aturdidos com o que viram: muita gente caída no chão, menos as donas barbadas. No solo, viram fincada uma lança e com um pergaminho preso onde se lia que havia chegado ao fim a desventura da condessa Trifaldi e das outras donas, e que, tão logo Sancho Pança completasse o compromisso com os açoites, a sem-par Dulcineia recobriria toda a sua beleza original.

Duque e duquesa, ambos caídos no chão e aparentemente desfalecidos, pouco a pouco foram tornando a si como se tivessem acabado de despertar de um sono profundo. Apressou-se Dom Quixote para contar-lhes o sucedido milagre outorgado às próprias mãos.

Sacolejava o casal o corpo de tanto rir, que Dom Quixote tomou a reação como mostras de alegria e emoção e, quando terminou o cavaleiro de lhes narrar os detalhes da maravilhosa aventura, duque e duquesa fingiram seu contentamento o máximo que puderam; envolveu o duque a Dom Quixote num abraço e declarou estar diante do melhor cavaleiro de que tinha notícia.

Ansiava a duquesa por saber o que Sancho tinha achado daquela viagem. Confessou o escudeiro que, apesar da estrita ordem do amo, tinha desviado de leve o lenço que lhe tapava os olhos e por ali olhou a terra lá embaixo, e tudo lhe pareceu tão pequeno quanto

avelã, a própria terra era feito um grão de mostarda; contou também que, quando passaram pela região do fogo, avistou as cabras do céu.

# Capítulo XLII

## **Dos conselhos que ofereceu Dom Quixote a Sancho Pança antes de o escudeiro partir para governar a ilha, com outros bem considerados assuntos**

Tão bem-sucedida foi aquela aventura pelos ares que duque e duquesa não viam a hora de empossar Sancho da tão prometida ilha, episódio que deveras prometia muitas e muitas risadas mais. Assim, disseram a Sancho que se preparasse para receber seu governo.

Mas tendo visto o céu o escudeiro, parecia não lhe apetecer tanto agora o governo de uma ilha, pois havia testemunhado com os próprios olhos o quão pequena era a humanidade, ainda mais em comparação às cabras do céu, e por isso, afirmou Sancho, preferia muito mais uma pequena fatia do céu do que a maior ilha do mundo.

O duque, no entanto, declarou que apenas a Deus está reservado o poder de conceder algo assim e, ao concordar com os sábios dizeres de Sua Alteza, Sancho prometeu comprometer-se também com as riquezas da terra e jurou vestir-se como bem quisessem e como recomendava o cumprimento de seu ofício.

Achegou-se Dom Quixote e, vendo o que ali se passava, tomou Sancho pela mão e foram para o quarto do escudeiro. Lá, recebeu Sancho os conselhos de seu amo sobre como deveria proceder para o bom cumprimento de seu ofício. Aconselhou-o o cavaleiro a ser um eterno defensor das virtudes, a esforçar-se para conhecer a si mesmo e a não se exhibir feito um pavão cujas penas, reforçou o cavaleiro, eram vistosas, mas as patas, terríveis. E tão lúcidas e claras eram as instruções do amo ao escudeiro que ninguém jamais imaginaria haver ali comprometido juízo.

# Capítulo XLIII

## Dos outros conselhos que ofereceu Dom Quixote a Sancho Pança

Prosseguiu o cavaleiro com suas orientações e recomendou a Sancho nunca se esquecer de cortar as unhas, tampouco de oferecer aos criados um libré e que o fizesse sempre de maneira honesta e nunca vistosa; recomendou também que em vez de vestir seis pajens, vestisse só três deles e outros três pobres, pois assim poderia contar com pajens no céu e na terra; deveriam ser definitivamente abolidos o alho e a cebola, bem como as afetações de todo tipo não poderiam mais existir. Quanto ao beber, orientou Sancho a nunca se esquecer que vinho em excesso não guardava segredos nem promessas. Outra coisa que não deveria o escudeiro fazer era bajular as pessoas, prática que nosso nobre cavaleiro considerava das mais desprezíveis. E, por último, mas não menos importante, deveria o escudeiro lembrar-se sempre de segurar a língua e moderar nos rifões.

Sentiu Sancho que deveria pronunciar-se quanto à última orientação e disse:

– Senhor, quanto aos rifões só a Deus cabe, pois em mim cabem mais deles do que num livro, e dos grandes, e quando abro a boca é como se minha língua tivesse vida própria, e, por isso, quando me dou conta, já falei.

E, assim, mesmo depois das incontáveis recomendações de Dom Quixote para vigiar a língua, desatou Sancho a dizer que para tudo há remédio, menos para a morte, que ele, como governador, agora tinha a faca e o queijo na mão e que Deus ajuda aquele que cedo madruga, e...

– Ai! – queixou-se Dom Quixote. – Cá estou te orientando sobre o que deves evitar e só o que o que fazes é enfiar um rifão atrás do outro. Asseguro-te que esta tua língua grande ainda há de te levar à força, tu verás.



# Capítulo XLIV

## **De como Sancho Pança apossou-se de seu governo, e da estranha aventura que sucedeu a Dom Quixote no castelo**

Antes de partir Sancho para sua ilha, que na verdade era uma povoação cercada de terra por todos os lados, tratou Dom Quixote de registrar por escrito todas as recomendações ao escudeiro transmitidas na manhã daquele mesmo dia. Ficou a cargo do mordomo do duque acompanhar Sancho, o mesmo que se fez passar pela condessa Trifaldi. Assim que viu o rosto do homem e escutou sua voz, disse Sancho ao amo que o homem não lhe parecia estranho.

Dom Quixote, sempre atento às falácias dos encantamentos, ordenou ao seu ex-escudeiro que ficasse de olho no homem e que o informasse caso suspeitasse de algo.

Nisto, vestiram Sancho à moda dos letrados e lhe ofereceram montaria. O ruço veio logo atrás paramentado com jaezes novos e contentou-se tanto Sancho com o que viu que vez em quando virava para ver o jumento. Emocionou-se Dom Quixote no momento da partida e Sancho beijou as mãos do duque e da duquesa.

Mas logo que partiu Sancho, acometeu nosso nobre cavaleiro imensa melancolia e, naquela mesma noite, assim que terminou o jantar com o duque e a duquesa, pediu licença para deitar-se mais cedo, dispensou os criados e pôde ficar sozinho em seus aposentos.

Entrou, fechou a porta, despiu-se e deixou a janela aberta, de onde se via o jardim. Dali a pouco, escutou duas donzelas conversando e surpreendeu-se ao perceber que falavam dele. Reconheceu ser uma delas Altisidora que, depois de convencida pela outra donzela, começou a cantar uma serenata para o cavaleiro, uma canção que revelava a dor de amar e não ser correspondida.

Conteve-se o cavaleiro e resolveu não se deixar dobrar por tão apaixonada declaração, pois pertencia seu coração a ninguém além da inigualável Dulcineia. Para mostrar à donzela que estava ali e que tudo ouvia, levantou-se da cama Dom Quixote, foi até a janela e fingiu um espirro. Ao ver que aquilo de nada adiantou, pois as donzelas não arredaram o pé da janela, refletiu consigo mesmo o cavaleiro:

– Que desafortunado cavaleiro sou eu porque não há de haver senhora que meta os olhos em mim e não se enamore!

E prosseguiu o queixume noite adentro, lamentando o próprio destino e a perseguição daquelas que invejavam o mais puro amor pela formosa Dulcineia, sentimento que trazia o cavaleiro no coração, e afirmou e reafirmou que só tinha olhos para ela, que teria de ser tão somente dela, vivo ou morto, apesar de todos os encantamentos da terra.

E, dito isto, esgotada toda a paciência com tão insistentes e pecaminosas donzelas, num golpe fechou a janela e meteu-se na cama.

# Capítulo XLV

## **De como Sancho tomou posse de sua ilha e da maneira com que começou a governá-la**

Assim que chegou à tão sonhada povoação, soube Sancho que se chamava o lugar Barataria. Foi recebido com toda a mostra possível de alegria, o povo todo o recebeu tocando sinos e fazendo festa. Levaram-no para a igreja matriz, onde deu graças a Deus e, na sequência, lhe entregaram as chaves da vila. De lá, foi levado para a cadeira do tribunal, ali pediram que se sentasse. Avisou-lhe o mordomo do duque que era costume daquele povo fazer muitas perguntas ao governador no dia de sua posse.

Perguntaram da resolução de alguns causos que haviam se passado entre moradores dali, e tamanha sagacidade das respostas de Sancho deixou boquiaberto cada um dos presentes, pois tinham julgado, pelo modo de falar do homem e pela sua aparência, que não passava de um tolo. Todos, então, passaram a admirar a agudez de raciocínio e as sentenças do novo governador e agradeceram a bem-aventurança de tê-lo ali.

# Capítulo XLVI

## **Do terrível ataque de gatos e sinos que sofreu Dom Quixote no decurso do sucedido com a enamorada Altisidora**

Incomodou Dom Quixote a música da enamorada Altisidora a tal ponto que não pôde pregar os olhos. Enquanto despia-se, logo que entrou no quarto e fechou a porta, viu suas meias verdes rotas e não pôde fazer nada porque não tinha ali agulha nem linha para dar um ponto e reparar o estrago; somou-se ao aborrecimento, então, o fatídico sucedido. Logo amanheceu e, para pôr um fim àquela agonia, pulou da cama e vestiu-se. Mas a caminho da antessala, onde já o aguardavam o duque e a duquesa, passou por uma galeria e ali encontrou à sua espera Altisidora e a donzela sua amiga, a mesma que a acompanhava no momento da serenata.

Assim que meteu os olhos no cavaleiro andante, fingiu desmaiar, mas foi amparada pela donzela amiga, que começou a lhe desabotoar o vestido. Manteve-se inexpressivo e indiferente Dom Quixote, resmungando consigo mesmo o tempo todo, pois conhecia bem o motivo do desfalecimento. Simulando toda a raiva que podia, esbravejou a donzela amiga contra o cavaleiro, declarou que deveria ele desaparecer do castelo, pois Altisidora era a mais sadia e a mais carnuda dentre todas elas e vinha definhando e sofrendo de amor a tal ponto que não tardaria a morte vir buscá-la. O apelo pareceu comover Dom Quixote, pois pediu à donzela que lhe mandassem trazer a seu aposento um alaúde naquela noite para que tentasse, da melhor forma que pudesse, remediar a não correspondida enamorada quando ela aparecesse na janela.

No mesmo instante correram as donzelas para contar à duquesa o sucedido, e muito contentou-se a senhora com a burla que estava por vir.

Pouco antes da meia-noite, deparou Dom Quixote em seu aposento um violão. Depois de afiná-lo como pôde, enquanto dedilhava as cordas, começou com a voz entoadada e rouca a cantarolar uns versos que havia composto naquele mesmo dia. Mas enquanto cantava no parapeito da janela, de repente ouviu um tremendo estrondo; da varanda de cima deixaram cair um cordel com cem campainhas presas. Logo depois, despejaram um saco enorme de gatos, todos com sinos amarrados no rabo e despendaram bem na cabeça do cavaleiro, que, de tão sobressaltado e espantado, não soube o que fazer em meio aos miados, berros e o tilintar dos sinos.

Paralisado e com um violão na mão, de repente percebeu o cavaleiro que aqueles diabos deviam ter invadido o quarto, pois por todo o chão havia velas derrubadas e apagadas, e veio uma escuridão total. De repente, arremessou o violão longe, sacou a espada e, com toda a fúria, desferiu cutiladas de um lado a outro, desafiando os encantadores que tinham lhe pregado aquela peça.

Alvoroados, saltaram os gatos para o parapeito da janela e de lá escaparam todos para o jardim, menos um, interceptado e encurralado por Dom Quixote, e o cavaleiro arremetia contra o bicho com toda a fúria, mas só fez acertar as paredes, o chão e o ar. O felino, lutando literalmente com todas as garras pela própria vida, saltou na cara de Dom Quixote, cravou-lhe as patas e os dentes no nariz e não deu sinais de que o soltaria e a dor fez o cavaleiro berrar e grunhir.

O duque e a duquesa, ao ouvirem o que se passava, preocupados com o desfecho daquilo, correram e foram socorrer o cavaleiro andante. Apressou--se o duque para acudir o nariz de Dom Quixote, mas, apesar da insuportável dor, recusou o valente cavaleiro todo e qualquer tipo de ajuda, bradando que queria dar cabo sozinho daquele endiabrado. Mesmo assim, sem aguentar ver o sofrimento do pobre, com muito esforço arrancou-lhe o gato do nariz.

Mandaram Altisidora cuidar das feridas do rosto de Dom Quixote com um óleo, e a donzela o fez com todo o amor e carinho, sem

deixar de adverti-lo que nada daquilo teria se passado se o cavaleiro tivesse respondido às suas súplicas de amor na noite anterior, e confessou também rezar para que Sancho esquecesse de se açoitara e Dulcineia permanecesse assim encantada para sempre. Para desgraça da suposta enamorada donzela, permaneceu indiferente Dom Quixote e não fez nada além de deixar escapar um suspiro. Depois, agradeceu o duque e a duquesa por toda a cortesia e bondade. Sem supor o final trágico e pesado daquela burla, o casal saiu entristecido, desejou boa-noite e deixou o cavaleiro descansar. Acomodou-se Dom Quixote e dali não saiu pelos próximos cinco dias.

# Capítulo XLVII

## **Em que prossegue o relato de como se saiu Sancho, o governador**

Já empossado, Sancho foi escoltado e levado a um belíssimo palácio, onde numa grande sala haviam posto um asseadíssimo banquete para o jantar. Submeteram o governador a todas as cerimoniais regras daquela ocasião e pelas quais ele teria de passar como reza a tradição, mas Sancho executou tudo com muita boa vontade e exímia dignidade. Sentou-se o governador à cabeceira da mesa, afinal, era seu próprio convidado de honra e imaginou ser o único a cear, exceto pelos pajens que o cercavam. Nisto, para desassossego do nosso Sancho, apareceu por trás um sujeito, apresentando-se como médico; toda vez que ofereciam um prato ao recém-empossado governador, a refeição tinha de passar pela avaliação do sujeito que aprovava ou desaprovava seu consumo, e a Sancho pareceu que a função do homem era matar de inanição os governadores, pois nenhum prato sequer passou por ele sem que o mandasse de volta para a cozinha.

Enfureceu-se o faminto Sancho a ponto de ordenar que se retirasse o tal médico e ameaçou lhe quebrar uma cadeira na cabeça se não sumisse dali naquele mesmo momento. Bem naquela hora, viram chegar um mensageiro com uma carta para o governador, enviada pelo duque, e alegrou-se tanto Sancho que até se esqueceu da rusga com o médico. Ficou incumbido o mordomo de ler a carta endereçada ao governador da ilha de Baratária. Nela, alertava a Sancho o duque para que se preparasse pois, numa noite qualquer, uns inimigos seus e daquela ilha a atacariam, e contava também Sua Alteza ter recebido a notícia de que haviam entrado na cidade quatro homens disfarçados para tirar a vida do novo governador. Na mensagem, aconselhava o duque que Sancho não comesse nada do que lhe oferecessem.

Depois de escutar o que dizia a carta, concluiu Sancho que só poderia ser o médico quem queria lhe tirar a vida e de forma lenta, fazendo-o passar fome, e sugeriu que metessem o homem num calabouço. Depois, pediu que lhe dessem um pedaço de pão e uns cachos de uva que não deveriam ter nenhum veneno, pois saco vazio não para em pé, e para enfrentarem o inimigo era preciso estar de estômago cheio.

Nisto, dirigiu-se ao mensageiro e pediu que transmitisse ao duque que suas ordens seriam cumpridas e também pediu para lembrar à duquesa de mandar para Teresa Pança a carta que ele havia escrito. Por último, mas não menos importante, pediu ao mensageiro para beijar as mãos ao senhor Dom Quixote.



# Capítulos XLVIII-XLIX

## Do que se passou a Sancho enquanto ele rondava a ilha

Achou por bem o médico prescrever um farto jantar para o governador naquela noite. Passou Sancho o dia inteiro atendendo às mais diversas solicitações que, para ele, sempre surgiam em momento inoportuno, ora quando estava prestes a comer, ora quando ia deitar-se. Mas finalmente havia chegado o momento pelo qual o recém-empossado governador tinha esperado o dia todo e saciou o estômago com tudo a que tinha direito: carne de boi, de cabrito, salada e cebola, fartura da boa que serviram à mesa. Aproveitou aquela ocasião para advertir o médico a nunca lhe mandar comidas de regalo ou cheia de firulas, pois estas só serviam para fazer cócegas no estômago e, para o mestre-sala, disse:

– E o melhor que podem me servir é *olla podrida*, e quanto mais cheira mal, melhor o gosto! – Depois, virou para os outros e completou: – E que ninguém zombe de mim, porque ou bem que somos, ou bem que não somos. Aqui viveremos e comeremos em paz e confraternidade, porque brilha o sol para todos. Governarei esta ilha sem predileções e bajulações. E que andem todos de olhos bem abertos, um no peixe frito e outro no gato, porque o diabo se esconde atrás da porta e, se assim me consentirem, hei de fazer maravilhas por esta terra. E deixo claro que quem se faz de mel, acabado comido pelas moscas.

Tomou a palavra o mestre-sala como porta-voz de todo aquele povo e assegurou a Sancho que seu governo vinha agradando a toda gente dali, que já muito o estimava e admirava.

A essa declaração respondeu Sancho que só um bando de imbecis não estaria satisfeito com tão bem-sucedido governo, disse também que pretendia extirpar daquela aldeia todo tipo de imundície e de gente ociosa e vagabunda e comparou os preguiçosos aos zangões de uma colmeia que devoram o mel fabricado com o labor das

abelhas. Para completar, fez questão de dizer que encorajaria e recompensaria os virtuosos e protegeria a igreja e os religiosos.

Impressionou-se muitíssimo o mestre-sala com o discurso e os promissores planos do novo governador, sobretudo por saber que se tratava de um homem sem letras e sem cultura, e teve de admitir que a mentira de hoje pode ser a verdade de amanhã e que quem caçoa pode virar o caçoado.

Naquela noite, como de costume, saiu o governador acompanhado do mordomo e de mais um grupo de serviçais, entre eles o cronista, incumbido de registrar os feitos do governador Sancho Pança. Eis que, antes do cair da noite, teve Sancho mais uma oportunidade de demonstrar toda a sua sabedoria, pois, ao deparar dois homens que pelejavam, conseguiu apartar a briga e resolveu pôr fim às casas de jogo naquela aldeia, assunto que tinha sido a causa da contenda. No mesmo dia ainda, livrou um rapaz da cadeia e socorreu uma donzela que tinha se disfarçado de homem para fugir de casa e explorar o mundo.

# Capítulo L

## **Em que se conta como a esposa do governador Sancho Pança recebeu a carta e um presente enviados pela duquesa, e o sucedido com o pajem incumbido de tal tarefa**

Não se esqueceu a duquesa da promessa que havia feito a Sancho e mandou seu pajem – o mesmo que havia se passado por Dulcineia naquela burla em que estabeleceu o diabo suas condições para proceder ao desencantamento – entregar a carta e um embrulho à Teresa Pança. Mandou Sua Alteza também à esposa de Sancho um colar de corais acompanhado de uma carta escrita a próprio punho.

Ao adentrar a aldeia de La Mancha, avistou o pajem um grupo de lavradeiras e descobriu ali entre elas uma moça, filha do governador. A mocita, ansiosa por notícias do pai, correu até o homem bem vestido, saltou à frente da montaria do pajem e o acompanhou até a casinha onde moravam os Pança.

Teresa, que àquela hora fiava uma maçaroca de estopa, apareceu com uma saia cinza e curta, tesa, saudável e pele queimada do sol e perguntou o motivo do alvoroço da filha. Apeou-se do cavalo o pajem no mesmo instante, ajoelhou-se diante dela e bradou à senhora:

– Conceda-me a honra de beijar-lhe as mãos, senhora Pança, legítima esposa do senhor Sancho Pança, que é nada mais nada menos o governador da ilha de Barataria.

Espantou-se tanto Teresa, desacostumada com aqueles gestos, que mandou o rapaz se levantar e não tornar a fazer gestos daquele tipo, pois era uma pobre lavradeira e esposa de um escudeiro andante, não de um governador. Porém, quando lhe entregou o pajem as cartas e o embrulho, teve certeza Teresa de que Dom

Quixote havia cumprido a promessa que há tanto havia feito a Sancho. Então, pediu ela ao pajem que lesse a carta, pois não era mulher das letras, embora soubesse fiar como ninguém.

Leu-a toda o pajem e o coração de Teresa, quando terminou de escutar tudo que dizia a mensagem, encheu-se de gratidão e graça à senhora que havia transformado o pobre e iletrado marido no governador de uma ilha (e dos bons!) e, não bastasse tamanho gesto de cortesia e nobreza, ainda tinha Sua Alteza se dignado a pedir-lhe uma dúzia de bolotas.

– Ai, senhora tão bondosa, pura e dada! Que me matem com essas senhoras e não com as fidalgas que circulam aqui pela cidade, de nariz empinado, gente que nem o vento ousa tocar, e que vão à igreja como se fossem rainhas e olham de canto para as lavradeiras! E vede, esta boa senhora uma duquesa me trata como a uma amiga, como sua igual!

Nisto, pediu a Sanchita para preparar um jantar bem farto e regado a ovos e bacon para o rapaz que havia lhes trazido tão boas notícias e, enquanto isso, iria Teresa contar aos vizinhos a grandiosíssima novidade. Ao saberem do que se passava, dali a pouco chegaram à casa dos Pança Sansão Carrasco e o cura, duvidando do que Teresa tinha acabado de contar, mas, quando leram as cartas e viram o presente, ficaram admirados e paralisados e só conseguiram acreditar no que viam quando veio o pajem e confirmou tudo, embora nem um nem outro compreendesse como poderia ter sucedido aquilo a Sancho.

A Sansão Carrasco e ao cura o que mais causou estranheza foi o pedido da duquesa para que Teresa lhe mandasse bolotas, mas o pajem logo tratou de explicar que, de tão humilde e despretensiosa, Sua Alteza tinha até mesmo em certa ocasião pedido emprestado um pente a uma vizinha e comentou que as damas de Aragão não eram dadas a etiquetas e soberbas como as castelhanas.

A Sanchita o que preocupava mais eram as pernas do pai, tinha curiosidade de saber se como governador ele agora usava calças atacadas, pois sempre sonhou em ver o pai trajado assim.

– Ai, senhor Deus! Sonho em ver meu pai de calções desde que nasci!

Respondeu o pajem não ter reparado nas pernas do senhor governador, e perceberam nesta resposta o bacharel e o cura um tom irônico e que reacendeu a desconfiança sobre toda aquela história de governador, embora os dois admitissem que o colar de corais e o belo traje de caça indicavam algum fundo de verdade sobre o que tinham ouvido.

Ansiava Sanchita para ir conhecer a ilha do pai junto do pajem. O rapaz pediu à Teresa que se preparasse, pois partiriam naquela mesma noite. Perguntou Teresa ao cura se sabia de alguém que ia para Madri ou Toledo para pedir que lhe comprassem uma saia nova, pois, agora que era esposa de um ilustre governador, tinha de se vestir feito uma condessa.

Enquanto mãe e filha preocupavam-se e ao mesmo tempo comtemplavam a nova posição social da família, meteram tantos rifões entre uma fala e outra que o cura não deixou de observar:

– Esta linhagem dos Pança deve ter nascido com algum saco de rifões nas entranhas, porque os usa mais que a própria língua.

Comentou o pajem que ao governador os rifões eram frequentes e espontâneos e que costumavam divertir ao duque e à duquesa e pediu à Teresa que lhe desse de comer, pois se aproximava a hora de partirem. Nisto, o cura tomou o rapaz pelo braço e lhe sussurrou no ouvido que à pobre Teresa sobrava desejo de servir, mas faltavam alfaias, e o convidou para jantar na casa dele.

O pajem, faminto, hesitou a princípio, mas logo aceitou o convite e deu-se por satisfeito o cura pela oportunidade de ficar a sós com o rapaz.

Sanchita tornou a dizer que queria viajar com eles e ir conhecer a ilha do pai, mas o pajem a aconselhou a ficar porque mandava o costume que as filhas de governadores viajassem em carruagens e acompanhadas de muitos criados. Resmungou a rapariga, mas a mãe a repreendeu com um rifão:

– Tudo a seu tempo, rapariga. Quando Sancho era só Sancho, era tu Sanchita, agora que Sancho é governador, és tu uma senhorita.

E, com isso, calou-se a filha.

Ofereceu-se o bacharel para escrever uma carta de Teresa ao marido ou à duquesa, mas a esposa de Sancho, de certo modo desconfiada do rapaz que lhe parecia um zombador, recusou a oferta e resolveu pedir a um meninito estudante que escrevesse as cartas, e o pagou com os ovos que usaria para preparar o jantar do pajem.

# Capítulo LI

## **Do sucesso do governo de Sancho, com outros notáveis sucedidos**

O que mais incomodava Sancho não eram seus inúmeros deveres como governador, tampouco os julgamentos que tinha de fazer, mas a fome que passava; vivia disposto a mastigar tudo quanto possível, mesmo assim, mal metia algo no estômago. Na manhã seguinte à da ronda que fez, lhe ofereceram uma pequena refeição de conserva e uns goles d'água por recomendação do médico, segundo o qual refeições leves favoreciam o raciocínio e convinham àqueles que ocupavam posições de responsabilidade, entre elas a de governador. Convencido quase que à força por tais argumentos, passava fome Sancho a ponto de amaldiçoar quem tinha lhe oferecido aquele cargo e até de se arrepender por tê-lo aceitado.

Naquele mesmo dia, pôs-se a julgar um complexo caso e estabeleceu a sentença num curtíssimo espaço de tempo e com tamanhos bom senso e sagacidade que ficou admirado o mordomo e não pôde deixar de se compadecer do faminto estômago do governador. Nisto, ciente de que Sancho concordaria, levantou-se o mordomo, declarou por finalizada a audiência e, por fim, dirigiu-se ao ilustríssimo governador e prometeu-lhe servir uma refeição bem a seu gosto.

Sentindo-se agradecido antes mesmo de ver a promessa cumprida, quis Sancho expressar sua gratidão:

– Pois é o que desejo e não preciso de mais nada. Tragam-me o que comer e chovam perguntas e casos de tribunais sobre mim, que os resolvo todos num piscar de olhos.

Como tinham acordado os que sabiam da burla que seria aquele o último dia do reinado de Sancho Pança, resolveu o mordomo mandar servirem para o governador o melhor dos banquetes.

Terminava Sancho o jantar quando viram chegar um mensageiro com uma carta de Dom Quixote. Leu-a em voz alta o secretário e

com muita atenção e respeito ouviu o governador todos os conselhos descritos por Dom Quixote naquela mensagem. Todos os que escutaram aqueles dizeres celebraram e os consideraram coisa muito rara de se ouvir. Não cabia no peito o coração de Sancho, depois de ouvir que se sentia o antigo amo, seu maior e eterno exemplo, verdadeiramente orgulhoso com as notícias que tinha recebido de Baratária.

Mandou Sancho que o secretário o acompanhasse ao gabinete e lá pediu a ele que escrevesse a resposta à carta de Dom Quixote, em que contava ao cavaleiro todo o sucedido na ilha, os causos que tinha resolvido e as sentenças que havia estabelecido. Finalizou a epístola pedindo a Dom Quixote que beijasse as mãos da duquesa pela sua parte e que lhe dissesse que seus gestos não se deitavam em saco roto, como veria no final.

Retornou o mensageiro ao palácio dos duques com a carta do governador em mãos e Sancho passou a tarde despachando todo tipo de ordem de melhorias para aquela ilha, mandou reduzir o preço de itens básicos, ratificou leis que favoreciam os pobres e os necessitados e endureceu as normas que puniam os impostores, como aproveitadores e vagabundos. Mandou fazer coisas tão boas que até hoje se guardam e se cumprem as chamadas *Constituições do grande governador Sancho Pança*.



# Capítulo LII

## Em que Sua Alteza, a duquesa, lê três graciosas epístolas

Curado dos arranhões causados pelo gato, ansiava Dom Quixote por voltar à estrada, pois aquela vida no castelo lhe parecia demasiada fácil para um cavaleiro andante cujo ofício consista em executar valorosos feitos. Mas no dia em que decidiu comunicar ao duque e à duquesa a notícia de sua partida, regressou o pajem que tinha sido enviado para levar a carta à Teresa Pança, e trouxe com ele outras duas cartas, uma endereçada à “Senhora duquesa de tal, não sei de onde” e a outra ao “Governador da ilha de Barataria, Sancho Pança, meu marido, a quem Deus conceda mais anos de vida que a mim!”.

Curiosíssima para saber o que trazia a mensagem, tomou-a das mãos do pajem e começou a lê-la imediatamente, em silêncio. Divertiu--se tanto com o que havia naquelas linhas, que decidiu fazer os ali presentes rirem também e começou a ler a carta em voz alta. Como tinha muita curiosidade a duquesa para saber o que havia na carta endereçada a Sancho, perguntou a Dom Quixote se deveria ou não a abrir, e o cavaleiro respondeu que a abriria ele, por considerar-se guardião do governador. E assim a leu, matando o duque e a duquesa de rir com o punhado de rifões que Teresa Pança tinha metido no meio da mensagem.

Riam ainda todos quando o correio chegou trazendo a resposta de Sancho à carta de Dom Quixote e leu-a o cavaleiro também em voz alta. Considerou o duque a mensagem muito sensata e a duquesa, curiosa para saber o que havia se passado na casa de Teresa Pança, pediu licença, retirou-se, tomou o pajem pelo braço e levou junto os embrulhos; além das bolotas, a esposa de Sancho tinha mandado também um queijo como modo de agradecer à gentileza de Sua Alteza.

# Capítulo LIII

## Do fatídico fim que teve o governo de Sancho Pança

Chegava ao fim o sétimo dia do governo de Sancho. Descansava o governador em sua cama, depois de um dia cheio de julgamentos, estatutos e estômago vazio quando, de repente, escutou um barulho ensurdecedor e o toque de umas campainhas e sentou-se no colchão. Junto do ruído das vozes e dos sinos veio o toque de trompetes e tambores, metendo ainda mais medo e espanto no governador, que se pôs a tremer. Deu um pulo da cama, calçou suas chinelas e saiu para a rua, sem vestir nada além da camisa. Nesse momento vinham uns homens correndo, carregando tochas e bradando:

– Às armas, senhor governador, às armas! Invadiram a ilha os inimigos e estamos perdidos se vossa espada não vier ao nosso socorro!

Pôs-se sem reação Sancho, pois empunhar a espada era coisa que não sabia fazer, então, simplesmente perguntou se não podiam mandar o inimigo esperar até que convocassem seu amo Dom Quixote de La Mancha, que era bem entendido das armas.

Nisto, outros dois moradores dali vieram em sua direção, carregando escudos, e sem a menor preocupação com cerimônias, disseram a Sancho que, como governador, era seu dever liderá-los e guiá-los naquela batalha e ali mesmo o armaram com dois escudos, que puseram por cima da camisa, um na frente e outro nas costas, sem lhe vestir mais nada além daquilo, e, através de uns furos que tinham feito em cada um dos escudos, enfiaram e amarraram uns cordéis, prendendo Sancho no meio, deixando-o emparedado de tal modo que não conseguiria mexer nem um músculo sequer, muito menos dobrar uma perna. Depois, lhe entregaram uma lança e pediram que os guiasse na batalha contra

o inimigo, pois agora não tinham mais o que temer, segundo afirmaram.

– E como hei de caminhar, pobre de mim, se mal consigo mover os joelhos com essas talas que me prendem as carnes? Terão de me levar nos braços e me colocar atravessado ou em pé em algum postigo que guardarei com a lança, senão com o próprio corpo.

Um dos homens, ao escutar o que dizia o governador, atreveu-se o suficiente para dizer que não se movia Sancho por medo, o que o enfureceu e o fez debater-se na tentativa de arremeter contra o exército invasor, mas o gesto o fez baquear e cair de costas no chão, e tamanho foi o estrondo que pensou ter quebrado todos os ossos do corpo.

Todos do grupo apagaram suas tochas e começaram a sapatear nos escudos, passando por cima do pobre coitado, metendo cutiladas para todos os lados, gritando, bradando, fazendo todo o alvoroço possível. Se não tivesse o coitado do governador se recolhido feito uma tartaruga dentro do casco, sabe Deus o que teria lhe acontecido. Um entre os que estavam no bando se manteve por cima do pobre governador um bom pedaço, e vez em quando liderava os exércitos, bradando:

– Fechem aquela porta! Cerrem os portões! Façam barricadas naquelas escadas! Enchem as ruas com colchões! Tragam alcanzias, pez e resina em caldeiras quentes!

Os brados só fizeram amedrontar ainda mais o coração já espremido de Sancho Pança, que naquele instante confessou aos céus o desejo de nunca ter se empossado daquela ilha e rogou a Deus para que o tirasse dali vivo ou morto, contanto que pusesse fim àquela terrível aflição.

E as preces do pobre coitado parecem ter sido atendidas, pois, de repente, ele começou a escutar vozes que diziam:

– Vitória! Vitória! Entregaram-se os inimigos!

Nisto, um dos que estavam entre o bando puxou Sancho pelo braço e lhe pediu para levantar e celebrar a vitória. Outros se compadeceram e vieram ajudar o governador a se pôr de pé. Mas

Sancho dispensou o festejo e mandou que lhe limpassem o suor do corpo e lhe trouxessem um gole de vinho porque estava com a goela seca. Depois de atenderem aos pedidos do governador, o levaram para seus aposentos e o deitaram na cama. Mal encostou Sancho no colchão e já tinha pegado no sono, fatigado com as obrigações e despautérios da governança.

Borrifaram os serviçais um pouco de água no rosto do governador, que rapidamente tornou a si. Perguntou que horas eram e responderam-lhe que estava para amanhecer. Sem dizer nem uma palavra a mais, levantou Sancho, vestiu-se às pressas e foi à cavalaria. Seguiram-no todos os que ali estavam e lá o encontraram abraçado ao ruço, beijando-o enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Passada a primeira enxurrada de lágrimas, olhou com toda ternura e carinho para o burro o ex-escudeiro e disse que jamais deveria tê-lo abandonado, tampouco ter se deixado levar por mera ambição de governar uma ilha.

Dito isso, Sancho albardou o burro e com muito pesar montou no sempre fiel amigo e dirigiu-se ao mordomo e a todos os serviçais que tinham vindo atrás dele na cavalaria.

– Abram caminho, senhores, e deixai-me tornar à minha antiga liberdade, deixai-me voltar à minha vida passada para poder ressuscitar deste estado de morte presente. Não nasci para ser governador, nem defender ilhas nem cidades de quem as querem atacar. Entendo mais de lavrar, cavar, podar do que de defender províncias e reinos. Bem faz São Pedro em Roma, e com isso quero dizer que cada macaco deve ficar no seu galho, cumprindo o ofício para o qual nasceu. Prefiro uma foice na mão a sujeitar-me à miséria de um médico intrometido que só faz querer me matar de fome; e prefiro descansar à sombra de um carvalho no verão e proteger-me com um capotão de pele de ovelha no inverno a dormir em lençóis de Holanda e enroupar-me de marta-zibelina. E esteja Deus convosco! E digam ao senhor duque que nasci nu, nu me encontro, e nem perco nem ganho, quero dizer: entrei para este governo sem nem um centavo, e sem nenhum centavo saio, muito

diferente de como costumam deixar os outros governadores as suas ilhas. Deixem-me partir porque preciso curar-me; sinto que me esmagaram as costelas todas, graças aos inimigos que me sapatearam esta noite.

Nisto ofereceu o médico a Sancho uma bebida que lhe curaria de toda a dor e prometeu, se decidisse o governador por ficar, comportar-se-ia melhor e jurou deixá-lo comer de tudo e quanto quisesse. Mas decidido estava Sancho e, sem pensar nem por um segundo, respondeu:

– Tarde demais. Era mais fácil que me fizesse de turco do que ficar. Essas brincadeiras não são do tipo que se faz duas vezes. Valha-me Deus, que com este governo não fico e não torno a aceitar nenhum outro nem que me seja oferecido numa bandeja, porque não sou daqueles que querem ganhar o céu sem ter asas. Sou da linhagem dos Pança, sempre teimosos, para quem par é par e ímpar é ímpar, apesar de todo mundo. Deixo nesta cavalaria as asas de formiga, que me levaram aos ares, para que as comam os pássaros e voltemos a caminhar com os pés no chão, que, se não estiverem calçados com sapato de cordovão, não lhe faltarão chinelas de corda. Agora deixem-me passar, que já está ficando tarde.

Depois desses dizeres entremeados por rifões, dirigiu-se o mordomo a Sancho e lhe disse que, antes de partir, deveria prestar conta dos dez dias que havia governado a ilha. Mas Sancho refutou a ideia no mesmo instante e respondeu dizendo que procuraria o duque, pois somente a ele cabia prestar contas e acrescentou que, saindo daquela forma, não haveria melhor prova de que tinha governado como um anjo.

Acordaram todos em deixá-lo partir, certos de que ao duque muito agradaria reencontrar o governador. Ofereceram-lhe todo o necessário para a viagem, mas disse Sancho não precisar de nada além de um punhado de cevada para o ruço e de um pedacinho de queijo e um pouco de pão para si. E, com isso, abraçaram-no todos e, ele, às lágrimas, retribuiu e partiu. O mordomo e os outros ali presentes ficaram admirados com tamanha demonstração de bom

senso, gesto raro para a maioria dos que se vissem nas mesmas circunstâncias. Pois não deixou Sancho o governo sem conquistar a admiração daquela gente.

# Capítulos LIV-LV

## **Das coisas que se passaram a Sancho, e de outras que não devem tornar a se passar jamais**

Estava Sancho bem perto do palácio do duque quando caiu a noite, e veio cerrada e mais escura do que de costume, tanto que achou melhor parar onde estava e prosseguir viagem quando amanhecesse. Então, montado no ruço seguiu na estrada à procura de um canto confortável onde pudesse passar a noite. Percebeu que passava por umas ruínas antigas e quando se deu conta, cambaleou e caíram Sancho e o ruço numa vala profunda. Pensou que seria aquele o fim dos dois, mas quando bateram no fundo, viu que nada havia acontecido com ele nem com seu fiel jumentinho, tanto que permanecia montado.

É claro que a queda repentina numa cova o deixou assustadíssimo, mas depois de ver que não havia se ferido, deu muitas graças a Deus por tê-los salvado, mas o bicho queixava-se tanto por conta da dor quanto por ter ido parar ali. Passado o susto da queda, Sancho olhou para os lados à procura de uma saída, mas nada encontrou e nessa hora teve certeza de que morreria ali, soterrado numa cova. Lembrou do sucedido com Dom Quixote na caverna de Montesinos e sentiu certa inveja da imaginação frutífera de seu amo, que tão facilmente fantasiava um colchão macio para dormir e boa comida para fartar-se. Via-se, pois, descarnado naquele buraco, de onde tirariam seus ossos, e chorou ao pensar que não haveria ali nem sequer uma alma viva para fechar os olhos do ruço quando desse seu último suspiro.

E passaram a noite ali, refletindo sobre a pequenez e as agruras das raças humana e animal e, quando raiou o dia, descobriu Sancho que estavam numa profundíssima e extensa gruta, de onde era totalmente impossível sair sem que alguém os ajudasse.

Agachados, Sancho e o ruço andaram de um lado a outro, mas nada encontraram a não ser uma masmorra escura numa ponta e na outra uma singela claridade, tudo isso sem deixar de clamar e pedir socorro a Deus a cada passo, com medo de mergulhar ainda mais fundo naquele abismo. Quem dera tivesse caído ali Dom Quixote em vez de Sancho, como pensou o escudeiro, pois para seu amo seria aquela uma lauta aventura.

Eis que saiu Dom Quixote naquele mesmo dia, montado em Rocinante e à caça de aventuras quando, de repente, sentiu que as patas do cavalo deram na beira de uma cova, o animal teria despencado buraco adentro não fosse Dom Quixote puxar suas rédeas com toda a força e trazê-lo de volta. Chegando um pouco mais ao pé da vala, ia seguir caminho quando resolveu espreitar o buraco, e, sem se apeiar, espantou-se ao escutar um grito que parecia emanar das profundezas. Pareceu ao cavaleiro ter escutado a voz de Sancho Pança, coisa que lhe deixou abismado e suspenso, dizendo:

– Olá! Alguém aí de cima? Há algum bom cristão que pode me escutar? Ou algum cavaleiro cativo que se compadeça de um pobre pecador enterrado vivo? Ou de um mal-afortunado governador desgovernado?

Pois é claro que para um católico devoto e resoluto como Dom Quixote, aquela não poderia ser a voz de Sancho Pança vivo e em pessoa. Pensou, então, que deveria ter falecido o escudeiro e que quem ali bradava era sua alma, das profundezas do purgatório. Nisto, respondeu que faria todo o necessário para livrá-lo de suas aflições, ainda que elas não pertencessem mais a este mundo.

Escutando isso, desesperou-se Sancho e com a voz melancólica e esganiçada jurou que nunca havia morrido e, como se quisesse fortalecer o pedido de socorro, começou a zurrar o ruço com tanta força que o barulho ecoava pelas paredes.

O zurro convenceu Dom Quixote de que eram os dois mesmos, vivíssimos e em carne e osso, pois podia reconhecê-lo a muitos e muitos quilômetros de distância, tanto quanto a voz de Sancho.



Assegurou o cavaleiro aos dois que os tiraria dali o mais breve possível e resolveu que seria melhor tornar ao castelo do duque e pedir ajuda. Suplicou Sancho ao amo que voltasse depressa, pois ou morreria ali, enterrado em vida, ou então de medo.

O duque, ao saber do que havia se passado com o governador, ficou espantado porque nem sequer lhe deram notícia de que Sancho havia deixado seu posto. Por fim, mandou levarem cordas e equipamentos e, depois de muitos braços e suor, conseguiram içar Sancho e o jumento daquele abismo.

Rodeado por uma multidão, inclusive de crianças, chegaram ao palácio onde os aguardava o duque, mas Sancho não se apresentou a Sua Alteza sem antes assegurar que cuidavam bem do ruço na cavalaria. Feito isso, pôs-se de joelhos diante do duque, que o saudou, e na sequência o ex-governador emendou um discurso aparentemente infinito para os que o ouviam, e, como de costume, regado a muitos rifões. Em sua fala, contou todos os sucedidos durante os dias de seu governo e findou o discurso do seguinte modo:

– Cá se encontra, duque e duquesa, meus senhores, o vosso governador Sancho Pança, para quem os dias de governo só serviram para saber que não tem nada de governador, nem de ilha nem que fosse do mundo inteiro, e com isso não vos aborreço mais, e, beijando os pés de vossas altezas, abduco do meu governo, pois muito alcança quem não vive só de bonança, e torno a conceder os meus préstimos a Dom Quixote, pois ainda que com este eu coma o pão que o diabo amassou, prefiro me fartar deste pão, e com isso quero dizer que se estou me fartando, pouco me importa que seja com pão ou perdizes.

Tendo Sancho terminado seus dizeres, deu-se por satisfeito Dom Quixote, pois temia que o escudeiro começasse com seus desatinos e dissesse algo que ferisse a reputação dos dois, mas, graças aos céus, Sancho não cometeu nenhum disparate desta vez.

E com isso, duque e duquesa envolveram Sancho num abraço caloroso, que se comoveu muitíssimo quando o casal disse que lhe

ofereceria outro ofício com menos encargo e mais proveito. Depois, os anfitriões mandaram que os criados cuidassem muito bem de Sancho, pois dava sinais de muito cansaço e dor.

## Capítulos LVI-LVII

### **De como Dom Quixote recebeu mais uma vez o chamado da cavalaria andante, como despediu-se do duque e do que se sucedeu com a astuciosa e atrevida Altisidora, donzela da duquesa**

O dever de abandonar o ócio e o conforto do castelo de um duque voltou a chamar Dom Quixote, pois pelos portões afora as obrigações de cumprir o seu ofício o chamavam. Por fim, depois de muito hesitar, pediu licença e permissão ao duque e à duquesa para retirar-se, e deram-lha, com mostras de que sua partida muito os entristecia.

Na manhã seguinte, bem cedo, conversava consigo Sancho no pátio do castelo quando apareceu Dom Quixote, já armado, pronto para partir em busca de novas aventuras. O duque e todos os criados observaram a partida pelas varandas dos corredores. Sem que soubesse Dom Quixote, o mordomo deu a Sancho uma bolsa com duzentos escudos de ouro.

Quando o cavaleiro montou no cavalo e Sancho no ruço, a formosa Altisidora levantou a voz e num tom melancólico declamou alguns versos do poema que ela havia escrito na noite anterior, e nos quais da crueldade do destino queixava-se por ter posto em seu caminho o valoroso Dom Quixote. Denunciava o poema a frieza com que o cavaleiro a tratava e amaldiçoava o amor dele por sua Dulcineia. Em uma estrofe, atreveu-se a donzela a acusar o inocente cavaleiro de ter se apossado de três lenços e um par de ligas dela. Dom Quixote ficou enraivecido e pasmo com o que ouviu, mas o escudeiro o acudiu, confessando que levava os lenços consigo, mas que nada sabia sobre as tais ligas. O duque, a quem aquela burla inesperada muito agradou, levantou-se e declarou coisa séria aquele assunto; completou que se o cavaleiro estivesse com as ligas e não

desejasse se apartar delas, ele, o duque, teria de desafiá-lo a um duelo de morte para defender a honra da formosa donzela.

Incomodou-se ainda mais o cavaleiro e afirmou que jamais desembainharia a espada contra pessoa tão ilustre como o duque, que o tinha recebido com tamanha hospitalidade e assegurou estar sendo acusado de algo que não havia cometido e que jamais cometeria, pois fama de ladrão não lhe pertencia. Nisto, interveio a donzela, com a voz doce e escusa, dizendo ter encontrado as ligas, e com isso ficou aliviado Dom Quixote e também o duque (embora em verdade este último e sua esposa estivessem lamentando o fato de o tiro ter saído pela culatra).

Agora poderia partir o cavaleiro sem manchar sua honra. sem demorar-se mais nem um segundo sequer, fez reverência aos duques e a todos os ali presentes, voltou as rédeas a Rocinante e o cavalo saiu galopando o mais rápido que conseguia. Partiu rumo a Saragoça e Sancho com seu ruço foi logo atrás, os dois últimos a passos lentos e pesados.

# Capítulo LVIII

## **Das inúmeras aventuras que choveram sobre Dom Quixote e graças às quais ele mal teve tempo de respirar**

Na estrada e a céu aberto, sentiu-se Dom Quixote de volta a si mesmo e, conversando com Sancho, começou a discursar sobre a liberdade, coisa, segundo o próprio, mais preciosa do que qualquer outra neste mundo. E terminou assim:

– Feliz aquele a quem o céu concedeu um pedaço de pão, sem obrigá-lo a agradecer a qualquer um outro que não o próprio céu!

Nisto, pela primeira vez depois de partirem, Sancho abriu a boca para falar, pois sentia que, apesar dos ditos de seu amo, não poderia deixar de agradecer ao mordomo pela bolsa com os duzentos escudos de ouro e que o escudeiro carregava grudada no peito, bem junto ao coração, feito um emplastro.

Seguiam cavaleiro e escudeiros nesse colóquio quando avistaram um grupo de homens vestido de lavradores deitados na grama, almoçando. Espalhados pela relva havia umas toalhas brancas que cobriam algo, e curioso como estava, Dom Quixote foi ter com o grupo; com muita cortesia lhe perguntou o que havia debaixo daqueles panos e soube que eram imagens de santos que os homens transportavam para a igreja de sua aldeia, e serviam as toalhas brancas para protegê-las de quedas e danos.

Com muito gosto, um dos homens levantou os panos e mostrou ao cavaleiro as imagens de São Jorge, São Martinho, São Tiago Matamouros e São Paulo. A cada imagem revelada, descrevia Dom Quixote em detalhes e com precisão a história dos santos. Depois que terminou de ver todas, pediu ao homem que voltasse a cobri-las e revelou parecer sinal de bom agouro ter encontrado esses santos, pois haviam sido cavaleiros como ele, mas que, ao contrário deles, que tinham conquistado os céus com forças divinas, ele, Dom

Quixote, como pecador, procurava conquistá-lo com a força do braço. Acrescentou que se ao menos Dulcineia pudesse ser libertada do mal do qual padecia, talvez ele pudesse recobrar a paz do juízo e do coração e dirigir seus passos por melhores caminhos.

Ao ouvir isso, bradou Sancho:

– Deus ouça meu amo e seja surdo o pecado!

Terminaram de comer os homens, despediram-se de Dom Quixote e Sancho e continuaram a viagem rumo à aldeia. Logo que partiram, ficou mais uma vez o escudeiro admirado com a sabedoria de seu amo, que parecia saber de tudo deste mundo, e acrescentou:

– Em verdade, senhor meu amo, se pode se chamar de aventura isto que hoje nos sucedeu, foi a mais suave e doce de todas que nos aconteceram em todo o decurso de nossas andanças, pois dela saímos sem precisar desembainhar a espada, sem pauladas e sem precisar passar fome. Bendito seja Deus, que permitiu a meus olhos ver semelhante coisa!

E prosseguiram conversando sobre diversos causos e assuntos até começarem a falar sobre o amor. Não conseguia entender Sancho como seu amo, que não era lá favorecido de beleza física, pôde virar a cabeça da formosa Altisidora e compreendia menos ainda como o amo não se enamorou da donzela. Disse a Dom Quixote que em seu lugar teria se rendido aos amores e infindáveis encantos da moça, e o amo lhe respondeu haver dois tipos de amor, um da alma, outro do corpo, mas a incógnita pairou na mente de Sancho.

Seguiam eles adentrando uma selva quando, sem perceber, viu-se Dom Quixote enlaçado numa rede de fios verdes e enleado de tal modo que concluiu ser aquilo outra coisa senão obra de encantamento. Estava a ponto de sacar a espada e transformar em picadinho cada uma das cordas quando apareceram por entre as árvores duas belíssimas pastoras, ou pelo menos vestidas como tal, e suplicaram para que Dom Quixote não rompesse as redes, pois estavam espalhadas pela mata para capturar passarinhos, pois haveria um festejo por aqueles lados onde encenariam uma peça da

qual as aves fariam parte. Depois, com muita cortesia convidaram Dom Quixote para participar da festa, e o nobre cavaleiro com igual cortesia agradeceu o convite, mas disse não poder aceitá-lo em nome do cumprimento de seu ofício e com isto apresentou-se às donzelas. Ao saberem que se tratava aquele senhor de ninguém mais, ninguém menos que Dom Quixote de La Mancha, puseram-se ainda mais entusiasmadas e admiradas, e tendo lido e ouvido sobre o ilustre cavaleiro, cuja história circulava por toda a Espanha, imploraram para que ele e escudeiro ficassem.

Um rapazito, irmão de uma daquelas donzelas, apareceu de repente e quando soube do que se passava ali, reforçou o coro de súplicas para que o cavaleiro não fosse embora e assim se fez. O jovem, também com roupa de zagal, pediu a Dom Quixote que o acompanhasse às suas tendas e ali sucedeu-se uma agradável manhã, onde serviram verdadeiro banquete numa mesa e a nosso nobre cavaleiro ofereceram o primeiro lugar.

Terminada a refeição, levantou-se Dom Quixote e, olhando para os ali presentes, começou a discursar com grandiloquência sobre a gratidão, declarando que o único modo de demonstrar seu imenso agradecimento por tamanha hospitalidade com que foi recebido pelo grupo era tornar à estrada, seguir a viagem em direção a Saragoça, e, durante o trajeto que levaria dois dias, a quem encontrasse pelo caminho sustentaria que, depois de Dulcineia, eram aquelas duas disfarçadas pastoras as mais formosas e gentis deste mundo.

Impressionou muitíssimo a Sancho tão magníloqua fala de seu amo, e o escudeiro expressou sua admiração dizendo o seguinte:

– Senhores, digam-me se há gente neste mundo que ouse dizer e jurar que meu amo é louco? Respondam, senhores pastores, há por esta aldeia algum cura por mais sábio e entendido que seja, capaz de discursar tal como meu amo? Ou há algum cavaleiro andante, por maior fama de corajoso que tenha, capaz de oferecer o que meu amo ofereceu?

Enraivecido, Dom Quixote com todo o rigor e cólera repreendeu o manso Sancho por ter se intrometido no que não era chamado e

depois mandou que fosse selar Rocinante o mais depressa possível.

Pasmaram-se os anfitriões com tão repentino e furioso comportamento e fizeram de tudo para acalmar o cavaleiro e impedir que a coisa ficasse pior, mas parecia irreduzível Dom Quixote. Nisto, sem saber o que se sucederia ali, recuaram todos, ficaram observando e, no instante seguinte e com toda a pressa, o cavaleiro montou em Rocinante e pegou a estrada sem dizer nem mais uma palavra. Sancho e ruço, como de costume, saíram logo atrás, a passos muito mais mansos e lentos.

Já no meio do caminho, de repente, Dom Quixote como havia prometido, começou a bradar pelos ares que ali naqueles prados viviam as segundas mais formosas e gentis senhoras deste mundo, pois o primeiro posto, como já se sabe, pertencia à sem-par Dulcineia, e desafiava para um duelo quem se achesse a contradizê-lo. Mas ninguém pelos arredores parecia escutar o cavaleiro, quicá ousar contrariá-lo. Dali a pouco, porém, avistaram uma tropa de homens montados em touros e armados com lanças. Vinham a todo galope, tanto assim que uns pastores, ao vê-los, retiram-se com toda pressa. Sancho, antevendo naquilo um desastre, foi se esconder à sombra das ancas de Rocinante, mas Dom Quixote imóvel permaneceu.

Um homem que vinha mais à frente e parecia liderar a tropa de lanceiros, ao avistar Dom Quixote, começou a lhe fazer sinais para que saísse do meio da estrada, e, ao ver que o cavaleiro continuava imóvel, bradou:

– Saia do caminho, filho do demônio, ou estes touros derrubar-te-ão!

Determinado a não permitir interferências no cumprimento do que havia prometido às donzelas e à gente daquela aldeia, Dom Quixote corajosamente rebateu:

– Canalhas! Não há touros que me derrubem! Confessais, seus patifes, ser verdade o que acabo de declarar aqui, do contrário comigo travareis um combate!



Mal acabou de dizer essas palavras e o bando de cavalos que mais pareciam touros passaram por cima de Dom Quixote e de Sancho, os derrubaram no chão e os pisotearam. O caso é que aquela não era uma manada qualquer, mas um bando furiosíssimo de touros que participariam de uma tourada no dia seguinte. Mesmo moído e mais pisoteado que o próprio chão, manteve-se intrépido, reuniu forças para se levantar e começou a bradar, desafiando sozinho todo o grupo de malandrinhos a voltar e se ver com ele.

No entanto, o bando apressado nem sequer olhou para trás, e com esse descaso sentiu-se nosso cavaleiro tão enfurecido e humilhado que se sentou à beira da estrada e enterrou a cabeça nas mãos. Sancho, mesmo depois de incansáveis tentativas, não conseguiu convencer o amo a voltar para aquela aldeia e despedir-se dos anfitriões do modo como deveria. Resolveram, então, amo e escudeiro, derreados, tornar a montar e a seguir caminho rumo à Saragoça.

# Capítulo LIX

## **Em que se conta um intrigante ocorrido, que se pode chamar aventura, e que se passou com Dom Quixote**

O desalento com o caso da tourada aborreceu muitíssimo Dom Quixote, mas pouco tempo depois que ele e Sancho retomaram a estrada, deram com uma nascente clara e límpida e ali mesmo apearam-se para se lavar e se refrescar. Preocupou Sancho o abatimento do cavaleiro e o escudeiro sugeriu ao amo que se deitasse e descansasse um pouco. Agradou a Dom Quixote a ideia, disse que aceitaria a sugestão de Sancho se, enquanto isso, o escudeiro fosse para algum canto por ali e, com as rédeas de Rocinante, metesse em si mais uns trezentos ou quatrocentos açoites para adiantar o desencantamento de Dulcineia. Com um argumento aqui, outro ali, conseguiu Sancho safar-se dos açoites momentaneamente, alegando que precisava do corpo mais saciado e sustentado para poder cumprir bem a tarefa, pois coisa fácil não era açoitar-se a sangue frio com sono e fome. Assim, comeram e deitaram-se em seguida, ao lado de seus companheiros, Rocinante e ruço. Despertaram, sentindo-se mais renovados e voltaram a pegar a estrada à procura de uma estalagem e, quando a encontraram, agradeceu Sancho aos céus por seu amo tê-la visto tal como era, não como castelo.

Assim que chegaram, Sancho levou Rocinante e o ruço para a cavalaria e lá lhes deu de comer. Enquanto isso, Dom Quixote recolheu-se para seus aposentos.

Quando chegou o jantar, trouxe o estalajadeiro duas unhas de vaca que, segundo o próprio jurou, mais pareciam duas mãos de vitela, e cavaleiro e escudeiro saciaram a fome. Mal tinham começado a comer quando, de repente, Dom Quixote escutou dizerem o nome dele ali por perto e escutou a mesma voz proferir:

– A parte que mais me desagrada nesta segunda parte de *Dom Quixote de La Mancha* é quando ele desenamora de Dulcineia del Toboso.

Feito um relâmpago, levantou-se Dom Quixote e com a voz alta e irada, começou a dissertar:

– A quem afirmar que Dom Quixote de La Mancha esqueceu Dulcineia del Toboso, ensiná-lo-ei, com armas iguais, que o que diz está muito longe da verdade, pois o brasão deste cavaleiro é a firmeza e sua profissão, guardá-la com delicadeza.

Nisto, do outro aposento perguntou a voz quem era que lhe falava, e respondeu Sancho que se tratava de ninguém mais, ninguém menos que o próprio Dom Quixote de La Mancha. No instante seguinte, entraram pela porta de Sancho dois cavaleiros e, assim que viram Dom Quixote, o abraçaram pelo pescoço e se disseram contentíssimos e orgulhosos por encontrar tão distinta e ilustre persona, o epítome da cavalaria andante. Um dos homens, Dom Jerônimo, assegurou não ter dúvidas de que o que estava ali, bem diante dos seus olhos, era o Dom Quixote da primeira parte, não o deturpado personagem descrito na segunda parte aragonesa. E com essas palavras, entregou ao cavaleiro um exemplar do livro que vinha lendo, a segunda parte da suposta história de Dom Quixote, e lhe pediu que a lesse. Folheou algumas páginas o cavaleiro, leu mais algumas e devolveu o livro ao homem, dizendo ter encontrado naqueles trechos três erros e que se um autor comete tão desmedido erro ao trocar o nome de Teresa Pança, esposa de Sancho, por Maria Gutiérrez, poderia muito bem errar em todas as outras partes do livro.

Ao escutar tamanho descalabro, não menos indignado ficou Sancho, tanto que lhe coraram as bochechas.

– Historiador falastrão esse! – esbravejou. – Deve conhecer muito bem do que se passou a mim e a Dom Quixote, tanto sabe que chamou minha mulher, Teresa Pança, de Maria Gutiérrez! Pegue o livro de novo, senhor meu amo, e veja se aí estou e se não mudou meu nome também o patife.

Dom Jerônimo olhou com ares de confiança para Sancho e disse:

– Pelo que vos ouço dizer, sois mesmo o escudeiro de Dom Quixote, Sancho Pança.

Depois de confirmar que era o próprio, em pessoa, e de dizer que se ufanava de tal posição, espantou-se Dom Jerônimo, para quem o autor, na segunda parte do livro, pintava Sancho como sujeito tolo e comilão, muito diferente do gracioso Sancho descrito na primeira parte da história. Na mesma hora, deixou Sancho escapar um rifão:

– Quem manda a ti, violeiro, tocar flauta?

Pediram os dois senhores a Dom Quixote que fosse jantar com eles, porque sabiam que naquela venda não era servida refeição digna de tão ilustre hóspede quanto ele. Dom Quixote, com a costumeira cortesia, aceitou o convite e acompanhou-os a uma sala que havia ao lado, deixando Sancho e o estalajadeiro à mesa, jantando sozinhos. No decurso da ceia, Dom Quixote narrou aos dois fidalgos as inúmeras e estranhas aventuras que lhe sucederam, e a tudo isso escutaram com atenção e esmero os dois homens, e admiraram-se tanto dos disparates quanto do modo articulado e elegante com que o cavaleiro contava tudo.

Assim que terminou Sancho de jantar, foi para o quarto onde estavam seu amo e os dois fidalgos ceando e, logo que entrou, a Dom Jerônimo perguntou:

– Se o autor desse livro, senhores, me chama de comilão, espero que não tenha me pintado também de borracho.

Contou Dom Jerônimo que de fato o impertinente o retratava assim na segunda parte do livro, mas que para ele, Dom Jerônimo, era só mais uma mentira, como se via pela fisionomia de Sancho.

– Creiam-me, senhores – afirmou Sancho –, que o Sancho e o Dom Quixote desta história hão de ser diferentes daqueles que aparecem na obra de Cid Hamete Benengeli, e estes últimos somos nós dois também na vida real: meu mestre, o valente, sensato e enamorado; e eu, simples e divertido, mas nem comilão nem bebedor.

O outro fidalgo, Dom João, em tudo concordou com Sancho e disse considerar que ninguém mais além de Cid Hamete Benengeli, autor original da obra, poderia atrever-se a retratar as façanhas de Dom Quixote, tal como Alexandre ordenou que ninguém além de Apeles ousasse retratá-lo.

Permaneceram os quatro nessas e outras conversas até tarde da noite. Dom João ofereceu o livro a Dom Quixote, mas o cavaleiro recusou-se, pois, se acaso chegasse ao conhecimento do autor tal prática, poderia o sujeito se engrandecer e encorajar-se a seguir adiante com aquela asneira.

Nisto, os fidalgos perguntaram ao cavaleiro aonde iria quando saísse da estalagem, e souberam que estava a caminho de Saragoça. Ao escutarem isso, contaram os dois homens que em determinado trecho daquela segunda parte do livro passava-se na mesma cidade um episódio do qual o cavaleiro havia participado.

Resolveu, então, o cavaleiro a não mais colocar os pés em Saragoça, pois, com isso, provaria as mentiras do farsante historiador e o desmascararia para o mundo inteiro. Os dois fidalgos consideraram aquela uma engenhosíssima ideia e sugeriram que passasse por Barcelona, onde seria ele muito bem--vindo. Dom Quixote agradeceu de bom grado a sugestão e, com a habitual cortesia, pediu licença para retirar-se e foi dormir.

Na manhã seguinte, bem cedo, despediu-se Dom Quixote dos dois novos amigos, dando uma batida com os nós dos dedos na divisória que separava os dois quartos. Enquanto isso, Sancho foi acertar a conta com o vendeiro e pagou pela hospedagem e pelas unhas de vaca.

# Capítulo LX

## Do que se passou a Dom Quixote a caminho de Barcelona

Viajaram Dom Quixote e Sancho por seis dias sem que tenha se sucedido coisa digna de registro. Ao cabo do sexto dia, depararam um carvalhal ou sobreiral e ali acomodaram-se e passaram a noite. Sancho, que naquele dia tinha comido tudo quanto pôde, adormeceu logo, mas a mente inquieta e fecunda do cavaleiro o mantinha desperto e o levava a estranhos e imaginários lugares, ora na caverna de Montesinos, ora ante a estimada Dulcineia e, quanto mais pensava na tibieza e na indiferença do escudeiro em relação ao encantamento da senhora, mais enraivecido sentia-se; atingiu tal ponto o sentimento de fúria que resolveu ele próprio meter em Sancho os açoites que faltavam. E, com isso, começou a tirar as calças do escudeiro.

O escudeiro, percebendo a inquietação de Dom Quixote, despertou no mesmo instante e, ao ver o que o amo estava prestes a fazer, o lembrou que os açoites de nada adiantariam, pois muito enfático tinha sido o sábio ao dizer que a dívida deveria ser paga voluntariamente pelo próprio Sancho. Dom Quixote, no entanto, insistiu e disse que era preciso pôr um fim naquele absurdo, pois não queria que continuasse a sofrer a incomparável Dulcineia pela insolência do escudeiro. E, segurando com toda a firmeza as rédeas de Rocinante, permanecia o cavaleiro igualmente firme e decidido a descontar da dívida de Sancho pelo menos dois mil açoites. Pois, de repente, Sancho pôs-se de pé e arremeteu contra o amo até conseguir retê-lo no chão, de cara virada para cima; apoiou um dos joelhos no peito dele e o segurou pelos pulsos. Praticamente sem respirar, Dom Quixote reuniu todo o fôlego que ainda lhe restava e, com a voz esganiçada, sussurrou:

– Como, traidor, ousas voltar-te contra teu amo e senhor natural? Atacas aquele que te dá pão?

– Nem tiro rei, nem ponho rei – resmungou Sancho, agora meio sem ar. E, com isto, tratou de acalmar o amo e o fez prometer jamais tornar a tentar chicoteá-lo, fosse dormindo ou desperto.

Levantou-se Sancho e foi descansar debaixo de uma árvore a uns bons metros dali, mas, logo que se acomodou, quase morreu de susto ao topar com a cabeça dois pés, com sapato, meias e tudo. Correu para outra árvore, achando que poderia estar sonhando ou vendo assombrações, mas lá lhe aconteceu o mesmo; começou a gritar por socorro, chamando para que Dom Quixote o acudisse e o amo correu o mais depressa que pôde. Chegando lá, perguntou a Sancho o motivo dos gritos e contou o escudeiro que estavam aquelas árvores cheias de pernas e pés. Aproximou-se Dom Quixote, apalpou os pés, viu que eram de cadáveres e disse a Sancho que sem dúvida eram de forasteiros que tinham sido enforcados por autoridades. O cavaleiro tomou aquilo como um sinal de que estavam muito perto de Barcelona. Depois disso, deitaram-se e descansaram pelo resto da noite.

Ao acordarem na madrugada seguinte, viram-se rodeados por um grupo de bandoleiros que lhes roubaram tudo o que podiam, e estavam a ponto de revistar Sancho, à procura de dinheiro, quando um homem moreno e de trinta e poucos anos apareceu montado num imponente cavalo e armado com muitas pistolas. Era o capitão do grupo, ninguém mais, ninguém menos que o famoso Roque Guinart, sujeito bem-intencionado que havia se entregado ao bandoleirismo depois que resolveu vingar-se de um agravo que lhe fizeram.

O líder, ao ver que estava o grupo prestes a despojar Sancho Pança, ordenou que não o fizessem e que devolvessem tudo o que haviam roubado dos dois homens, e perguntou a Dom Quixote por que se achava tão triste. Respondeu o cavaleiro que se achava abatido daquele jeito não por ter sido atacado, mas pelo próprio descuido, pois se estivesse montado em Rocinante e com a lança em riste quando o abordaram, teriam encontrado muito mais dificuldade para rendê-lo, porque Dom Quixote de La Mancha é

aquele que luta até a última gota de sangue, como reza a ordem da cavalaria andante.

E assim soube Roque Guinart que ali estava o famoso Dom Quixote de La Mancha, o cavaleiro que encantou o mundo inteiro com suas façanhas, e agradeceu o valoroso cavaleiro por compadecer-se do grupo.

Naquele mesmo instante, escutaram um ruído que parecia o de uma tropa de cavalos e, quando olharam para a estrada, deram com um rapaz de boa aparência e que vinha montado, a todo galope. Assim que os alcançou, apeou-se o moço e foi falar com Roque, que nesta hora percebeu estar ali não um rapaz, mas uma donzela. Apresentou-se a moça como Cláudia Jerônima, filha de Simão Forte, e contou ter se enamorado e noivado com Dom Vicente Torrellas, filho de Clauquel Torrellas, sendo este último archi-inimigo de Simão Forte e, por isso, a donzela não havia contado nada para o pai sobre o que sentia. Mas, no dia anterior, teve notícia Cláudia, como a própria contou, de que Vicente se casaria com outra, e ficou tão atordoada e enfurecida que saiu em disparada, foi ao encontro de Vicente, atirou nele e o abandonou nas mãos dos criados. A moça, então, fugiu e veio procurar Roque para ajudá-la a esconder-se na França, onde tinha parentes com quem poderia viver, e também para pedir que o sujeito protegesse seu pai caso os Torrellas quisessem vingar-se dele.

Pasmou-se Roque com a bravura da moça e igualmente admirados ficaram Dom Quixote e Sancho Pança. O cavaleiro ofereceu tomar a seu cargo a defesa da donzela, ir atrás do rapaz e obrigá-lo a cumprir a promessa feita à Cláudia, e Sancho comentou que tinha o amo boníssima mão para casamenteiro. Roque, desassossegado que estava, saiu em disparada e ordenou a seu bando que o acompanhasse, levando consigo apenas Cláudia, deixando Dom Quixote e Sancho para trás. O baleado, cercado pelos criados que tentavam acudi-lo, suplicava que não o levassem para muito longe porque tinha certeza de que a qualquer momento



sucumbiria à dor dos ferimentos. Espantaram-se todos quando deram com Roque Guinart, apeando-se do cavalo junto de Cláudia.

A enternecida e enamorada que disparou os tiros chegou-se a Vicente, caído e, apertando-lhe as mãos, disse-lhe:

– Se tiveste cumprido o nosso pacto, nunca te terias passado isso.

Tendo escutado essas palavras, o rapaz ferido, com a voz fraca e convalescente, negou a intenção de casar-se com alguém que não a própria Cláudia. Ao saber disso, desatou a chorar a donzela como se fosse diluir nas próprias lágrimas e desfaleceu em cima do peito de Vicente.

Ao recobrar os sentidos, viu que Vicente não tinha resistido aos tiros e desesperou-se muito além do que se pode descrever: bradou aos ares, puxou os cabelos, arranhou a própria face e tornou a desfalecer, quando acudiram os criados e jogaram água em seu rosto. A cena arrancou lágrimas de Roque e do bando que o acompanhava, e Cláudia decidiu que iria trancar-se num mosteiro onde tinha a intenção de acabar a vida para pagar o pecado que havia cometido. Consentiu Roque e ofereceu-se para acompanhar a donzela até onde ela quisesse, mas Cláudia agradeceu de bom grado a oferta e a recusou, despedindo-se dele às lágrimas. Pediu Roque, então, aos criados que levassem o corpo do falecido até o pai, Clauquel Torrellas, e tornou aos seus.

Encontrou Roque Guinart o seu bando escutando Dom Quixote, que tentava convencê-los a abandonar aquele modo de vida, mas os bandoleiros pareciam não se comover. Dali a pouco, um dos escudeiros de Roque veio avisá-lo que pela estrada de Barcelona vinha se aproximando um grupo de gente. O líder do bando, quando soube que não se tratava de gente da lei e que tampouco vinha armada, ordenou aos bandoleiros que detivessem os viajantes e os trouxessem um a um.

Nisto, a Dom Quixote revelou Roque ser homem de bom coração e boas intenções, pois aqueles viajantes vinham abarrotados de dinheiro, mas lhes tirou apenas cento e quarenta escudos; entregou dois escudos a cada um de seus sessenta escudeiros e entregou

dez a um grupo de peregrinos que estava a caminho de Roma e os outros dez ao honrado escudeiro de Dom Quixote, Sancho Pança. Tratavam-se os despojados de dois capitães da infantaria espanhola que vinham acompanhados de distintas senhoras e estas últimas, de tão comovidas com o generoso e incomum gesto de Roque, quiseram beijar-lhe as mãos, pois o viam mais como herói do que bandoleiro.

Por fim, Roque entregou-lhes por escrito um salvo-conduto para o caso de toparem pelo caminho algum outro grupo de bandoleiros, pois havia por ali muitos deles.

Reclamou um dos escudeiros, contrariado com a generosidade do líder do bando, e não o deixou de ouvir Roque, que na mesma hora desembainhou a espada e quase rachou ao meio a cabeça do desventurado. Feito isso, afastou-se Roque do bando e foi falar com Dom Quixote, dizendo que era daquele jeito que ele punia os que se atreviam. Depois, com toda calma sentou-se e escreveu uma carta a um amigo de Barcelona, contando-lhe da chegada do famoso Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro andante cujas façanhas tinham se espalhado mundo afora. Foi ainda mais preciso e declarou na mensagem que no dia de São João Batista faria o cavaleiro sua primeira aparição no meio da praça da cidade, sob os auspícios daquele a quem se endereçava a carta, e que este último pôr-se-ia infinitamente agradecido pela alegria que Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança trariam à cidade. Terminada a correspondência, Roque ordenou que a entregasse um de seus homens de confiança, que entraria na cidade disfarçado de lavrador e levaria a mensagem às mãos certas.

# Capítulo LXI

## **Do que sucedeu a Dom Quixote em sua chegada à Barcelona, com outros fatos que têm mais de verdadeiros que de engenhosos**

Permaneceu Dom Quixote acompanhando Roque por três agitados dias em que experimentou de tudo um pouco. O líder do bando passava a noite separado dos seus, para que não soubessem onde ficava, pois o vice-rei de Barcelona havia pedido sua cabeça a muitos, e temia Roque que alguém de seu próprio grupo o entregasse à justiça. No quarto dia, ele e Dom Quixote, acompanhados de Sancho e de outros seis escudeiros do próprio Roque, seguiram para Barcelona e chegaram à cidade na véspera de São João, à noite. Lá, despediu-se Roque do cavaleiro e do escudeiro e tornou a se embrenhar na selva com os bandoleiros. Manteve-se desperto Dom Quixote, aguardando o amanhecer, e continuava montado em Rocinante quando viu o dia começar a raiar na linha do horizonte; cavaleiro e escudeiro, então, avistaram o mar pela primeira vez, que lhes pareceu maior do que todos os lagos de La Mancha. Ao nascer do sol, escutaram o toque de sinos, tambores, clarins e timbales pelas ruas e viram galés aportadas na praia, cheias de flâmulas de diferentes cores tremulando ao vento. Dentro das embarcações tocavam clarins, trombetas e charamelas. Disparavam muitos canhões de dentro das galés, rompendo os ares com a força da artilharia e provocando a euforia dos que observavam a tudo isso nas muralhas e fortes da cidade.

Provocou um baita alvoroço um riquíssimo espetáculo que deixaria qualquer um boquiaberto, que dirá o nosso ingênuo Sancho, que nem piscava ao observar todas aquelas maravilhas e mal conseguia respirar quando as galés começaram a se movimentar, pois não conseguia imaginar como podia haver escondidos debaixo daquelas águas tantos pés capazes de mover aqueles vultos. Admirou-se

Dom Quixote quando um grupo grande de cavaleiros com pomposas galas passou pelos dois e um entre eles de repente começou a bradar:

– Bem-vindo à nossa cidade, espelho, farol, estrela e epítome de toda a cavalaria andante! Bem-vindo seja, ó valente Dom Quixote de La Mancha! Sim, repito, és tu, não o falso, não o fictício, não o apócrifo, mas o legítimo, o legal, o verdadeiro que nos descreveu a flor dos historiadores, Cid Hamete Benengeli!

Sentiu-se muito lisonjeado Dom Quixote com a repentina atenção dos presentes, que não cessavam de contemplar a figura seca e esquisita diante de seus olhos, embora seja necessário confidenciar ao leitor a identidade do sujeito que reconheceu nosso herói: o mesmo a quem o ladino Roque havia endereçado aquela carta. Apresentou-se a Dom Quixote o homem cortês como servo e mui amigo de Roque Guinart e ofereceu seus préstimos ao cavaleiro e ao escudeiro enquanto estivessem em Barcelona. O cavaleiro agradeceu e com a costumeira gentileza disse-lhe que o acompanharia aonde quisessem e que de muito bom grado faria todas as suas vontades. Montados, começaram a galopar todos os homens em torno de Dom Quixote e depois rumaram para o centro da cidade, em direção ao som dos clarins e tambores.

Mas o diabo, que nunca dorme, tentou o coração de dois meninos de rua, que se enfiaram no meio dos cavaleiros, se aproximaram de Rocinante e do ruço e prenderam uns ramos de cardos no rabo de cada um. Os bichos, sentindo-lhe apertar as caudas, começaram a disparar coices para todo o canto, até o ponto de arremessarem Dom Quixote e Sancho no chão. Nosso herói, encoberto tanto pela poeira quanto pela vergonha, recompôs-se e acudiu para tirar os cardos do rabo de Rocinante, e Sancho fez o mesmo com ruço. Tornaram a montar os dois e prosseguiram as músicas e a euforia daquela gente. Dali a pouco chegaram a uma verdadeira mansão e souberam que nela vivia o cavaleiro rico, amigo de Roque.

# Capítulo LXII

## **Que trata da aventura da cabeça encantada, com outras ninharias dignas de registro**

Chamava-se Dom Antônio Moreno o anfitrião de Dom Quixote, cavaleiro com grande senso de humor, igualmente rico e lido, e a primeira coisa que fez foi ordenar aos criados que desarmassem a visita. Depois, o levou para uma sacada, e a simples presença do cavaleiro ali chamou a atenção de todos os que passavam pela rua e o olhavam como se fosse um macaco. Tornou a passar por ali um grupo de cavaleiros vestidos com suas galas, e imaginou Dom Quixote ser a sua presença o motivo de toda aquela pompa, sem saber que era dia festivo na cidade. Admirava-se Sancho além da conta, pois o tratavam os criados feito rei por nunca terem deparado figura tão divertida como o escudeiro. Foram orientados todos os amigos e criados de Dom Antônio a todo momento tratarem Dom Quixote como um autêntico cavaleiro andante.

Toda aquela bajulação e pompa inflaram o ego do cavaleiro de tal modo que mal cabia em si. Muito agradaram ao anfitrião e a todos os ali presentes as graças de Sancho, especialmente os relatos de suas agruras enquanto governador.

Terminado o jantar naquele mesmo dia, Dom Antônio Moreno levou Dom Quixote a um aposento longe dali, onde não havia móveis, exceto por uma mesa de um pé apenas e em cima da qual havia uma cabeça, semelhante a um busto, aparentemente de bronze. As portas fechadas, e depois de assegurar que ninguém os ouvia, o anfitrião pediu ao cavaleiro sigilo e começou a lhe contar que tinha aquela cabeça sido fabricada por um nigromante polaco e era dotada de uma virtude: respondia a qualquer pergunta que lhe sussurrassem ao pé do ouvido. Contou também o anfitrião que ali naquele momento não poderia lhe provar o fato por ser uma sexta-feira, dia da semana em que a cabeça punha-se muda e não respondia nada do que lhe perguntavam; depois, pediu ao cavaleiro

que guardasse suas perguntas para o dia seguinte caso as tivesse, pois a cabeça lhe responderia. Pareceu duvidar Dom Quixote do que lhe contava Dom Antônio Moreno, mas preferiu guardar silêncio e retornaram à sala onde estavam os outros convidados.

À tarde, montaram o cavaleiro andante num macho graúdo, todo enfeitado, e vestiram o homem com um balandrau amarelo pesado e quente, depois, sem que ele percebesse, grudaram em suas costas um pergaminho em que com letras garrafais escreveram: Este é Dom Quixote de La Mancha.

Enquanto passeava pelas ruas montado, envaidecia-se cada vez mais o cavaleiro, pois por onde passava todos bradavam ao reconhecê-lo. Embasbacado com o que se sucedia ali, voltou-se para Dom Antônio e disse:

– Grandiosos são os privilégios da cavalaria andante, porque faz daquele que a professa conhecido e famoso por todo canto da terra. Venha, senhor Dom Antônio, até os meninos desta cidade me reconhecem sem nunca terem me visto. Por fim, tamanho foi o rebuliço causado pela presença de Dom Quixote que Dom Antônio não teve outra saída senão retirar o pergaminho do cavaleiro e levá-lo de volta para casa.

À noite, a esposa de Dom Antônio preparou um sarau de damas e coisa agradável foi ver a figura alta e seca se movendo pelo salão e não houve quem não consentisse com suas danças. Por fim, exauriu-se tanto pelas danças quanto pelas investidas das muitas donzelas, estas últimas todas desprezadas pelo cavaleiro, mas igualmente contentes ao ouvi-lo declarar seu grande amor pela sem-par Dulcineia. Sancho, então, o levou para o quarto e o meteu na cama.

No dia seguinte, Dom Antônio, acompanhado da esposa, de Dom Quixote e de alguns amigos próximos, foi até o quarto onde ficava a cabeça. Mais uma vez contou o que se passava ali, pediu segredo a todos e começaram a rodada de perguntas. Pareciam todos ansiosíssimos pelas perguntas de Dom Quixote e satisfizeram-se quando chegou a sua vez e o cavaleiro indagou:

– Dize-me tu, ó criatura que respondes: o que se passou na caverna de Montesinos foi verdade ou um sonho? Completar-se-ão com sucesso os açoites de meu escudeiro, Sancho? Há de ser desfeito o encantamento de Dulcineia?

Com uma voz misteriosa e que parecia vir de um mundo que não este, respondeu o seguinte a cabeça:

– Quanto ao que se sucedeu na caverna, há muito a ser dito, tanto do plano verdade quanto do sonho; hão de completar-se aos poucos os açoites de Sancho e consumir-se-á o desencantamento de Dulcineia.

Com um suspiro profundo, declarou o cavaleiro não ter nada mais a perguntar, pois toda a fortuna que desejava era o desencantamento de sua sem-par Dulcineia. Nisto, chegou a vez de Sancho, mas mesmo depois de lançar várias perguntas e obter todas as respostas, resmungou o escudeiro, e no mesmo momento foi severamente repreendido pelo amo bem ali, diante de todos.

Veza em sempre a tagarelice ininterrupta de Sancho e os rompantes de raiva de Dom Quixote entretinham a todos. O truque da cabeça consistia no seguinte: Dom Antônio mandou que um sobrinho seu, estudante esperto e discreto, se escondesse ali por baixo do material oco e respondesse às perguntas por um canudo de lata escondido, de modo que ninguém poderia vê-lo.

Depois desse gracioso sucedido, os cavaleiros da cidade concordaram em providenciar o jogo da argolinha, certos de que seria essa mais uma belíssima oportunidade de boas risadas com as sandices de Dom Quixote e Sancho Pança.

Certo dia, acompanhados de dois criados de Dom Antônio, passeavam a pé Dom Quixote e Sancho pela cidade quando toparam uma imprensa. O cavaleiro, que nunca tinha visto tal coisa, ficou muito contente e entrou ali, acompanhado dos três. Curioso como sempre, aos tipógrafos fez numerosas perguntas sobre os livros que imprimiam: soube que um cuidava da tiragem, o outro das emendas e outro ainda da paginação. Vendo um deles em particular com um exemplar em mãos, perguntou qual era o título e soube que

se tratava da segunda parte de *O engenhoso Dom Quixote de La Mancha*, escrita por um cidadão de Tordesilhas. Num tom álgido, declarou Dom Quixote serem sempre melhores as ficções que se assemelham à realidade do que as que fogem totalmente da verdade, e disse torcer para que exemplares como aquele fossem queimados e reduzidos a pó. E, com isso, deu as costas e saiu da imprensa a toda pressa, deixando espantados os tipógrafos.



# Capítulo LXIII

## Do infortúnio de Sancho Pança na visita às galés

Naquele mesmo dia, à tarde, Dom Antônio levou Dom Quixote e Sancho para conhecerem as galés, uma entre as numerosas honrarias oferecidas a tão ilustres visitas quanto aquela. Lá, foram recebidos com muita música e aplausos, disparos de artilharia, e saudados por oficiais de alto escalão do exército e da marinha, convidados de Dom Antônio.

Comprazia-se Dom Quixote com tudo aquilo como nunca antes em toda a sua vida, tanto que mal conseguia expressar em palavras o apreço por tão solene e portentosa recepção, e a Sancho custava acreditar no que seus olhos testemunhavam, sobretudo ao ver a chusma toda despida de suas camisolas, seguindo as ordens do capitão-mor, pois parecia toda aquela gente um bando de diabos trabalhando, deixando amedrontado o escudeiro.

Depois de serem apresentados a todos os dignitários, cavaleiro e escudeiro foram conduzidos pelo capitão-mor até os bancos da amurada e o homem os convidou a sentarem ao lado dele. Sentou-se Sancho bem ao pé de um galeote dos tantos que remavam feito o demônio (e que estava devidamente orientado pelo capitão, é bom que o leitor saiba) e, quando deu por conta, foi erguido pelos braços fortes e musculosos do sujeito, que o passou para o galeote ao lado, e este para o outro, e assim o escudeiro içado percorreu toda a roda e tão depressa que não sabia o pobre se estava vivo, morto ou sonhando. A expedição aérea de Sancho só teve fim quando o puseram de volta na ré feito um saco de batatas, do lado oposto àquele em que havia começado o passeio, e o escudeiro ficou ali, caçoado pela tripulação, zozado, suado e tão atordoado que nem saberia dizer o próprio nome, caso o perguntassem.

Ao ver o que tinha se passado com o escudeiro, Dom Quixote perguntou ao capitão-mor se era com aquele tipo de cerimônia que

recebiam as visitas nas galés, pois, se assim o fosse, não tinha intenção de se deixar passear pelos ares como Sancho e disse que, se qualquer um ali ousasse agarrá-lo, teria a cabeça arrancada a estocadas. Nisto, ouviram um ruído fortíssimo e amedrontou-se tanto Sancho a ponto de pensar que o céu desabava sobre sua pecaminosa cabeça. Até o valoroso cavaleiro estremeceu com aquilo, tanto que perdeu o pouco da cor do rosto que ainda lhe restava.

Tinham sido o motivo do estrondo as vergas que a chusma havia deixado cair, e dali a pouco voltou a içá-las com a mesma pressa e barulho com que as tinha baixado, isso tudo em silêncio total, feito mudos e surdos. O mestre deu ordem para levantarem a âncora e, enquanto caminhava no convés, entre um apito e outro açoitava as costas dos remeiros desnudos com um chicote.

Sancho, ao ver tantos remos vermelhos se movimentando, tomou aquilo como obra de encantamento e pensou alto:

– Isto é o que chamo de coisa encantada, não as que meu amo vê. O que fizeram estes infelizes para lhe meterem esses açoites? E como é possível tamanho atrevimento deste homem que anda de um lado para o outro apitando e distribuindo chicotadas? Se isto que vejo não é o inferno, menos coisa que o purgatório não é!

Dom Quixote, ao ver como Sancho prestava atenção naqueles remeiros desnudos, disse-lhe:

– Ah, Sancho, amigo! Basta que queiras e com muita brevidade e pouco sofrimento pode pôr um fim ao encantamento de Dulcineia. É só despir-te da cintura pra baixo e meter-te entre esses senhores! Em meio à dor e ao sofrimento de tantos, pouco sentirás os teus. E quem sabe Merlin até tome cada um desses açoites por dez, por serem dados com boa mão.

Mas a Sancho não convenceram os argumentos do cavaleiro e o capitão-mor quis saber que história era aquela de açoites, mas nem teve tempo de esperar pela resposta porque avistaram um navio ao longe e o capitão-mor deu ordens para que fossem até ele.

Depois dessa aventura marítima, a primeira que Dom Quixote e Sancho vivenciavam, à tarde regressaram os dois à casa de Dom Antônio Moreno, escoltados pelo vice-rei, um general do exército e outros dignitários.

# Capítulo LXIV

## **Que trata da aventura que mais assolou Dom Quixote entre todas as outras que já tinha experimentado**

Passados alguns dias depois daquela visita às galés, passeava Dom Quixote na praia, montado em Rocinante e todo armado quando, de repente, avistou um cavaleiro vindo em sua direção, igualmente montado e armado e em cujo escudo havia pintada uma lua resplandecente. Achegando-se a Dom Quixote, disse a ele em voz alta:

– Ilustríssimo cavaleiro e nunca assaz exaltado Dom Quixote de La Mancha, sou o Cavaleiro da Branca Lua, de cujos prodigiosos feitos talvez tenha conhecimento. Venho combater contigo e provar a força dos teus braços e para te fazer saber e confessar que a minha dama, seja lá quem for, é incomparavelmente mais formosa que a tua Dulcineia del Toboso.

Nessa prática prosseguiu o Cavaleiro da Branca Lua e disse a Dom Quixote que, se o vencesse no combate, o Cavaleiro dos Leões deveria tornar à sua aldeia e lá recolher-se pelo período de um ano, vivendo em paz e tranquilidade, abstendo-se de todas as aventuras e obrigações da cavalaria andante; já se Dom Quixote o vencesse, ele, o perdedor, entregaria suas armas, o cavalo e a própria cabeça à disposição do adversário bem como o renome de todas as suas conquistas e façanhas. Estabelecidas as condições, o Cavaleiro da Branca Lua pediu ao dos Leões que pensasse no desafio e não tardasse a responder, pois só dispunha daquele dia para resolver aquela pendência.

Muito admirou-se Dom Quixote do Cavaleiro da Branca Lua tanto pela ousadia e arrogância como pelas suas exigências, sobretudo porque nunca antes tinha ouvido falar de tal figura, muito menos de seus feitos; mas aceitou o desafio e as condições do adversário,

exceto a de passar para ele, Dom Quixote, a fama de suas façanhas caso o da Branca Lua fosse derrotado. Ao nosso nobre cavaleiro pareceu serem muitas suas chances de vitória, já que não fazia ideia dos feitos de seu desafiante e sentia-se satisfeitíssimo com as próprias façanhas.

Tendo escutado tudo o vice-rei, que estava ali com Dom Quixote, e pensando que aquilo deveria fazer parte da burla que queriam lhe pregar, correu até a casa de Dom Antônio e o trouxe à praia. Chegando ali, viram os dois cavaleiros tomando cada um o campo necessário, prestes a travar a batalha. Ficou tão abismado Dom Antônio quanto o vice-rei, os dois sem saber se aquilo era pra valer ou não, pois ninguém conhecia o tal Cavaleiro da Branca Lua. Por fim, resolvendo os dois que aquilo só poderia ser caçoada da parte de alguém, dirigiu-se o vice-rei aos cavaleiros e soube que se tratava de competência de formosura a tal batalha. Tendo os dois consentido com o desafio e suas condições, concedeu o vice-rei a devida permissão, recebeu dos combatentes seus agradecimentos e os dois cavaleiros tornaram a tomar campo.

O da Branca Lua e o dos Leões voltaram ao mesmo tempo as rédeas dos cavalos e arremeteram um contra o outro com toda a fúria, mas o da Branca Lua montava um ligeiro corcel e, quando esbarrou em Dom Quixote, ele e Rocinante deram no chão. Sem perder nem um segundo sequer, o da Branca Lua meteu a lança na viseira de Dom Quixote e ameaçou matá-lo, se não se declarasse derrotado e confessasse as condições do desafio.

Com a voz debilitada e vacilante, respondeu Dom Quixote que, apesar de sua derrota, mantinha-se Dulcineia como a mais formosa dama deste mundo e, por ter o adversário lhe tirado a honra, entregou-se e pediu ao cavaleiro que lhe tirasse também a vida com um golpe da lança. Mas o da Branca Lua compadeceu-se e declarou que não obrigaria o dos Leões a negar a sublime formosura de Dulcineia e disse que se daria por satisfeito se Dom Quixote se recolhesse para a sua terra e renunciasse à cavalaria andante como havia prometido. Quebrantado e abatido, levantou-se

Dom Quixote e jurou manter sua palavra como legítimo cavaleiro errante. Feito isso, o da Branca Lua voltou as rédeas do cavalo e foi-se embora a todo galope.

Assim que partiu o misterioso cavaleiro, o vice-rei, Dom Antônio e Sancho correram para acudir Dom Quixote e o acharam empalidecido e suado. Não se mexia Rocinante, igualmente alquebrado. Sancho, pela primeira vez, não soube o que dizer, e lhe pareceu aquele tão repentino sucedido coisa de encantamento. E agora que o amo deveria passar um tempo confinado na própria aldeia, acabaram-se todas as esperanças do cumprimento de suas promessas. Ao escudeiro toda aquela cena triste e pesarosa pareceu o fim.

Tão derreado achava-se nosso cavaleiro que tiveram de carregá-lo de volta numa cadeirinha, que o vice-rei mandou buscar, e todos o acompanharam até a casa de Dom Antônio.

# Capítulo LXV

## **Em que se revela quem era o Cavaleiro da Branca Lua e outros sucedidos**

De volta à cidade, tentaram o vice-rei e Dom Antônio localizar o Cavaleiro da Branca Lua e viram que se hospedava numa estalagem ali perto. Foi atrás dele Dom Antônio e soube da boca do próprio que se tratava de Sansão Carrasco, da mesma aldeia de Dom Quixote. Depois de explicar os motivos daquela empreitada, pegou as malas, despediu-se, montou num macho e depressa pegou o caminho de volta para La Mancha.

Poucos dias depois, para o enorme pesar de Sancho – que nunca havia se alimentado tão bem em toda a vida –, despediram-se ele e Dom Quixote do estimado e generoso anfitrião que tinha os recebido com tanta pompa e honraria e se divertido muitíssimo à custa dos dois.

A partida desta vez foi triste e pesarosa. Dom Quixote saiu montado em Rocinante, que tinha conseguido se recuperar do choque, e Sancho foi a pé, porque carregaram o ruço com as armas do valoroso, porém derrotado, Cavaleiro dos Leões.

# Capítulos LXVI-LXVII

## **Da resolução que tomou Dom Quixote de se tornar pastor e levar a vida no campo, durante o ano de sua promessa, com outros deleitosos e felizes sucedidos**

Ao final do quinto dia após a partida de Barcelona, descansava Dom Quixote à sombra de umas árvores quando, como de costume, lhe perturbaram os pensamentos o desencantamento de Dulcineia e igualmente o desassossego o egoísmo e a insolência de Sancho. O cavaleiro, pois, insistiu com o escudeiro para que tomasse coragem e se açoitasse e fustigasse as próprias carnes, mas teimava Sancho em não atender às súplicas do amo, por acreditar não terem nada a ver os açoites com o desencantamento da sem-par Dulcineia. A Dom Quixote restou apenas rogar aos céus que despertassem no escudeiro a compaixão por tão bela dama para poder libertá-la de tão impiedoso castigo.

E assim, confessando suas angústias e aflições, Dom Quixote prosseguia caminho junto do escudeiro. De repente, toparam o mesmíssimo lugar onde tinham sido pisoteados pelos touros, mas nosso nobre cavaleiro, indisposto a rememorar outro acerbo momento, lembrou Sancho que ali haviam encontrado os fingidos pastores e pastoras e nisto ocorreu-lhe a ideia de a exemplo deles converterem-se, agora que teria de recolher-se; sugeriu comprarem algumas ovelhas e juntos caminharem por prados e selvas, beberem das águas cristalinas que brotavam das rochas e sentirem o perfume das rosas. E, ali, pelos campos e planícies romperia os ares com declarações de amor à incomparável Dulcineia. Agradou muitíssimo a Sancho imaginar-se em tamanha calma e distante do perigo e das aventuras cavaleirescas, e o entusiasmo foi tanto que lhe afrouxou a língua e desatou a citar seus rifões num incessante fluxo, a ponto de Dom Quixote mandá-lo parar.



Ao entardecer Dom Quixote achou por bem retirarem-se da estrada a fim de acharem um canto para passar a noite. Mal cearam e Sancho adormeceu logo em seguida, ao contrário do amo que, sem parar de pensar em Dulcineia, não conseguiu pregar o olho lucubrando versos em homenagem à amada.

# Capítulo LXVIII

## Da aventura suína que sucedeu a Dom Quixote

Não suportava nosso nobre cavaleiro ver o escudeiro em tranqüilo sono enquanto ele, Dom Quixote, permanecia desperto e aflito com as inquietações deste mundo, dentre elas o encantamento de Dulcineia. Resolveu acordar Sancho e quase se pôs de joelho na tentativa de convencê-lo a dar-se trezentos ou quatrocentos açoites, mas mantinha-se o cruel escudeiro indiferente. Fez tudo quanto pôde o cavaleiro e chegou até a prometer que seria aquela noite agradabilíssima, pois depois dos açoites dariam princípio à vida pastoril e sairiam cantando pelos campos da aldeia.

Continuava a resistir Sancho às insistências do amo, disse que não era monge e confessou não lhe apetecer nem um pouco a ideia de se levantar no meio da noite para praticar esses rituais. Nem os queixumes de Dom Quixote, tanto em castelhano quanto em latim, impressionaram o impassível Sancho, que permanecia tão firme quanto o rochedo de Gibraltar no tocante ao desencantamento de Dulcineia.

Convencido estava Dom Quixote de que era inútil continuar a insistir com Sancho àquela altura da noite, quando, de repente, escutaram um estrondo seguido de um horripilante ruído, que parecia aumentar mais à medida que se aproximava. Espantou-se tanto Sancho que, numa fração de segundo, correu e se escondeu atrás do ruço e da armadura de seu amo; até o valoroso cavaleiro sentiu o coração palpitar e os ossos tremerem. Ficava cada vez mais perto o estrépito e Sancho, espreitando por trás das ancas do burro, viu que o motivo da barulheira toda era o grunhido de cerca de seiscentos porcos, mas nem teve tempo de pensar em mais nada, pois no instante seguinte se viu atirado no chão. A porcada toda, com grunhidos, tropeada e muita velocidade derribou Dom

Quixote, atirou de pernas para o ar Rocinante e o ruço e atropelou tudo mais que viu pela frente.

O primeiro a levantar-se foi Sancho, empoeirado e sapateado, desorientado além da conta com aquele sucedido, tanto que pediu ao amo a espada para matar meia dúzia daqueles porcos e acalmar-se.

As patadas violentas e o descomedido ataque que moeram as carnes de todos e a comida que escudeiro e cavaleiro traziam nos alforjes despertaram a cólera de Sancho, mas, com certos melancólicos dizeres, tratou Dom Quixote de acalmá-lo:

– Deixa-os ir embora, Sancho amigo. Este ataque é a pena que recebo pelo meu pecado, e justo castigo dos céus. Que a um cavaleiro derrotado os chacais devorem, as vespas o piquem e o pisoteiem os porcos.

– Suponho que também seja castigo dos céus que aos escudeiros dos cavaleiros vencidos piquem as moscas, o comam os piolhos e o mate a fome. Se os escudeiros fossem filhos dos cavaleiros que servem, não seria de admirar que lhes recaísse até a quarta geração o castigo de suas culpas. Mas me diga, que têm a ver os Pança com os Quixote? Bem, tornemos a dormir e que Deus se compadeça de nós quando raiar o dia.

Dito isso, deitou-se Sancho e adormeceu, ao contrário do amo, que sentado ao tronco de uma árvore começou, aos suspiros e às lágrimas, a cantar a letra que compôs para seu grande amor, Dulcineia.

E nessas práticas rompeu o dia, o sol nasceu e com seus raios despertou Sancho, que começou a esfregar os olhos. E assim levantaram-se cavaleiro e escudeiro prontos para seguir viagem. Antes da partida, porém, tornou Sancho a amaldiçoar os porcos que arruinaram toda a sua despesa.

Na estrada, ao cair da tarde naquele mesmo dia encontraram um grupo de homens a cavalo e uns quatro ou cinco a pé, todos fortemente armados. Lancinou o coração de Dom Quixote, pois não poderia ele descumprir a promessa feita ao Cavaleiro da Branca

Lua. Os que estavam a cavalo se dirigiram a Dom Quixote e Sancho e os cercaram, sem dizer nem uma palavra sequer. Nosso nobre cavaleiro fez que ia dizer algo, mas um deles, levando um dedo à boca, fez sinal que se calasse e, com a outra mão, apontou a lança no peito de Dom Quixote. Um outro agarrou os freios de Rocinante e a Sancho e o ruço trataram da mesma forma. Preocuparam-se muitíssimo cavaleiro e escudeiro com o desfecho daquela aventura, pois por demais misteriosa lhes pareceu aquela abordagem.

Sob a vigilância desses peões caminharam o dia inteiro, sem saber aonde iam e tampouco quem eram aqueles misteriosos captores, e assim continuaram até o cair da noite. Durante o trajeto, recebiam ofensas de todo tipo: “leões carnicheiros!”, “canibais!”, “polifemos assassinos!”. Mal podia sentir as próprias pernas Sancho, de tão apavorado, já Dom Quixote, indefeso, não sabia o que esperar. Ambos tinham certeza de que algum mal viria sobre eles e só restava encomendar-se às mãos de Deus para se safarem de tão desditosa aventura.

Não perceberam, mas era pouco mais de meia-noite quando Dom Quixote avistou um castelo, de longe, que era outro senão o do duque. Ficou suspenso ao perceber que os homens o levavam para dentro e murmurou consigo:

– Valha-me Deus! Que há de ver aqui? Pois se nestas paredes não se vê outra coisa a não ser cortesia e comedimento? Mas, para os derrotados, o bem se transforma em mal e o mal em coisa pior.

E entraram no pátio principal do castelo e viram-no todo decorado e enfeitado, e puseram-se ainda mais admirados e apavorados.

# Capítulo LXIX

## **Da mais estranha e extraordinária aventura que a Dom Quixote sucedeu em todo o decurso desta grandiosíssima história**

Assim que se apearam os cavaleiros, eles e os que estavam a pé meteram Dom Quixote e Sancho no centro do pátio, iluminado por muitos brandões e tochas. Ali havia um catafalco, elevado a alguns metros do chão, coberto com um dossel de veludo preto e rodeado de velas brancas queimando em candelabros de prata. Em cima do túmulo, jazia o corpo de uma formosíssima donzela. Em um dos lados do pátio havia um enorme tablado e, sentados em cadeiras, duas figuras com cetros nas mãos e coroas na cabeça, que a Dom Quixote pareceram membros da realeza, verdadeiros ou fingidos. Ao lado desse tablado havia mais duas cadeiras, estas vazias, para onde levaram Dom Quixote e Sancho. Ali sentaram-se e olharam ao redor, procurando entender o que iria acontecer. De repente, viram subir no tablado duas figuras conhecidas, o duque e a duquesa, que se sentaram ao lado do cadáver e dos outros dois que pareciam reis.

Ao ver conhecido casal, levantaram-se Dom Quixote e Sancho e fizeram-lhe profunda reverência, e o duque e a duquesa retribuíram com uma breve inclinação de cabeça. Logo atrás, acompanhando o casal real, veio uma fila de criados. Nisto, qual foi a admiração de Dom Quixote ao reconhecer o cadáver no túmulo como o da formosa Altisidora, a mesma que havia se enamorado do cavaleiro que não poderia correspondê-la?

Na mesma hora, alguém que participava da cerimônia aproximou-se de Sancho, meteu em seus ombros uma túnica de bocassim preto, toda pintada com labaredas e, depois, tirou-lhe a carapuça e meteu-lhe na cabeça uma mitra bem à moda das que usam os condenados pela Inquisição; não se retirou sem antes mandar-lhe

que não abrisse o bico, sob pena de morte. A princípio, apavorou-se Sancho com as chamas, mas, quando viu que não lhe queimavam o corpo, acalmou-se.

Dali a pouco uma música branda e agradável chamou a atenção dele e de seu amo, e parecia soar debaixo do túmulo. Na sequência, surgiu um rapaz com uma harpa e começou a cantarolar uma canção cujos versos denunciavam a crueldade de Dom Quixote por Altisidora, cujo coração não resistiu e sucumbiu à dor do desprezo.

Enquanto eram entoados os versos da canção, um dos que pareciam rei levantou-se do assento e começou a falar. Apresentou-se como Minos, que junto de Radamanto ali estava para proceder ao julgamento e, terminada sua fala, pediu a este último que se levantasse e anunciasse o que deveria ser feito a respeito da ressurreição de Altisidora. Levantou-se, então, Radamanto e ordenou aos oficiais que trouxessem Sancho Pança e lhe metessem vinte e quatro bofetadas na face, doze beliscões e seis picadas de alfinete nos braços e nas costas para que regressasse à vida a donzela adormecida.

Ninguém ali opôs-se à sentença, a não ser o próprio Sancho, que rompeu o silêncio e bradou:

– Com os diabos! – resmungou. – Que tem a ver a minha cara com a ressurreição desta donzela? Primeiro encantam Dulcineia e querem me açoitar para ela se desencantar. Agora morre Altisidora da doença que Deus lhe deu e para a reavivarem querem me esbofetear, picar e beliscar? Burlem de outro tolo, porque sou macaco velho e da minha cara não se caçoa.

Mas estava decidido Radamanto a levar a cabo sua ameaça. Acenou para um dos criados e, no momento seguinte, seis donas, uma atrás da outra feito em procissão, entraram com as mãos erguidas.

Sancho, ao ver isso e berrando como um touro, resmungou:

– Deixo-me beliscar por quem for, mas consentir que estas donas me toquem? Nem que tivesse mal do juízo! Que me arranhem a cara, como fizeram com meu amo neste mesmo castelo, me

transpassem o corpo com adagas em brasas, me belisquem os braços com tenazes de fogo, tudo suporte com paciência, mas que me toquem as donas? Isto não consinto, nem que me carregue o diabo!

Nisto, achou Dom Quixote que era hora de corroborar o pedido do rei e a Sancho tentou convencer. Por fim, depois de abrandá-lo e persuadi-lo, já tinham se aproximado as donas de onde Dom Quixote e Sancho estavam quando uma delas fez reverência e logo depois meteu uma bofetada no rosto do pobre escudeiro com tanta força que quase o derrubou.

– Valha-me Deus! Menos cortesia e mais lavagens, senhora! Que suas mãos cheiram a vinagrete!

Mal teve tempo de recuperar o fôlego e o atacaram todas as outras donas, metendo-lhe tapas, beliscões e picadas de alfinete, até o ponto em que perdeu a paciência o esbofeteado, agarrou uma tocha acesa e saiu correndo atrás das donas, bradando:

– Chispem daqui, ministras do inferno, que não sou de bronze para não sentir toda essa tortura!

Nisto, Altisidora, provavelmente cansada de ficar deitada ali por tanto tempo, virou de lado, e vendo isto todos os ali presentes disseram a uma só voz:

– Altisidora vive! É viva!

Agora que o grandioso milagre havia sido alcançado, pediu Radamanto a Sancho para acalmar-se, e Dom Quixote aproveitou a ocasião para suplicar mais uma vez ao escudeiro que se compadecesse da pobre e injustiçada Dulcineia e se arranjasse alguns dos açoites prometidos. Ouvindo isto, respondeu Sancho:

– Isto me parece quiproquó sobre quiproquó, não mel sobre mel. Coisa melhor seria umas chicotadas agora, depois de uns tabefes, uns beliscões e umas alfinetadas, não?! Era melhor que me amarrassem uma pedra no pescoço e me metessem dentro de um poço, já que querem me malhar feito judas para curar os males da humanidade. E deixem-me em paz, que me falta pouco para sair metendo pancada em quem vier pela frente.

Àquela altura já tinha Altisidora ressuscitado e achava-se sentada no túmulo. Voltou a soar a música ao fundo para acompanhar a cena do reavivamento e a descida da donzela, que vinha como quem tinha acabado de despertar de extenso e profundo sono; ao ver o duque e a duquesa, fez-lhes reverência, depois, rogou aos céus pedindo perdão pela crueldade de Dom Quixote, esmerou a generosidade e compaixão de Sancho e lhe ofereceu seis de suas camisas de presente ao escudeiro, dizendo que, apesar de não estarem em perfeito estado, ao menos achavam-se limpas. Ao ouvir tal oferta, ajoelhou-se Sancho aos pés da donzela e beijou-lhe as mãos, e um dos criados, por ordem do duque, veio ao escudeiro e lhe solicitou que tirasse a carapuça e a mitra. Pediu Sancho ao duque que o deixasse ficar com os trajes para mostrá-los a seus vizinhos como prova e recordação daquela inaudita experiência; consentiu a duquesa ao ouvir isso e a Sancho disse serem a carapuça e a mitra prova de sua amizade.



# Capítulo LXX

## **Que sucede o sessenta e nove e trata de indispensáveis assuntos para a clara compreensão desta história**

Naquela noite, dormiu Sancho no mesmo quarto que Dom Quixote, mas demorou um pouco para pegar no sono, primeiro porque ainda sentia as dores dos beliscões, bofetadas e alfinetadas, segundo porque o cavaleiro queria falar disso e daquilo, mas o escudeiro lhe suplicou que o deixasse descansar e, por fim, adormeceram os dois.

Nesse meio-tempo, aproveita-se o ensejo para contar a que se deve esta nova vinda de Dom Quixote ao castelo dos duques. O bacharel Sansão Carrasco, que soube do paradeiro do nosso herói por meio do pajem que tinha levado a carta à Tereza Pança, resolveu que era chegada a hora de desafiá-lo a uma nova batalha. Foi quando arranjou novas armas e um novo cavalo e com o escudo do da Branca Lua saiu à procura do castelo da realeza. Chegando lá, teve uma longa conversa com o duque e lhe contou do desejo de levar Dom Quixote de volta para a sua terra e amigos e da esperança de derrotá-lo em batalha para fazê-lo tornar à casa por livre e espontânea vontade e quem sabe neste ínterim lhe sarasse a loucura. Do castelo, sabendo do que o duque havia contado, partiu Sansão Carrasco para Saragoça, à procura de Dom Quixote, mas, como não o encontrou, rumou para Barcelona, onde por fim deu com o cavaleiro e ocorreu todo o sucedido já narrado, findado com a promessa de retorno do fidalgo à sua aldeia e a renúncia temporária ao ofício da cavalaria andante.

No caminho de volta para casa, o bacharel, a pedido do duque, tornou ao castelo para dar-lhe conta do resultado da batalha e Sua Alteza, ao saber de tudo, resolveu tramar nova burla com o cavaleiro e o escudeiro e mandou tantos criados quanto pôde cercarem por todos os lados as estradas que davam para

Barcelona. E, por fim, foi assim que pregaram toda aquela peça e conseguiram trazer Dom Quixote e Sancho de volta para o castelo.

No amanhecer do dia seguinte ao reavivamento de Altisidora, logo que despertou Dom Quixote deu de cara com a donzela e, aturdido e coagido, tapou o rosto com os lençóis e a colcha da cama. Se a Dom Quixote faltava disposição para tratar com a moça, a Sancho sobrava, tanto que desatou a fazer descabidas perguntas à moça: o que há no inferno? O que viu no outro mundo? Fez questão a donzela de contar que não chegou a adentrar as trevas, mas chegou apenas à porta.

Interveio Dom Quixote neste ponto e perguntou à Altisidora por que insistia em tão inconcebível ideia, se já sabia que ele havia nascido para ser de uma apenas, aquela a quem o coração do cavaleiro pertencia para todo o sempre, a sem-par Dulcineia del Toboso. Enfadou-se a desditosa enamorada ao ouvir isto e resmungou:

– Valha-me Deus! Peixe seco, alma de almofariz, casca de tâmara, mais teimoso e empedernido que uma pedra! Se me meto contra vós, capaz que vos arranco os olhos! Pensais, por acaso, dom derrotado e derreado, que morri por vossa causa? Tudo que se passou nesta noite foi fingimento, não sou o tipo de mulher que se deixa sofrer por semelhantes camelos, nem mesmo uma dor na unha, quanto mais morrer!

Interferiu Sancho na conversa e disse acreditar na palavra da donzela:

– Isto de morrerem os enamorados é coisa de se rir. Podem dizer que morrem de amor, mas fazer? Judas que o acredite!

Nisto, o duque e a duquesa vieram ver as visitas e, depois de uma animada e entrosada conversa regada às malícias e graças de Sancho, que, como de costume, entretinha os ilustres anfitriões, Dom Quixote pediu licença ao casal para retornar à sua aldeia, e obteve a devida concessão. Perguntaram, então, os anfitriões se tinha o cavaleiro perdoado Altisidora pelas tentativas de conquistá-lo; disse-lhes Dom Quixote ser da ociosidade a culpa de tamanha falta de virtude da moça e recomendou à duquesa manter a criada

sempre ocupada ou oferecer a ela outro serviço, como o de confeccionar rendas. Concordou Sancho com a sugestão do amo e comentou nunca ter recebido notícia de rendeira que tinha se matado por amor, pois à cabeça ocupada não resta tempo para pensar em amores, e completou dizendo que ele próprio, enquanto cavava, sequer se lembrava de sua patroa. O sábio conselho de cavaleiro e escudeiro convenceram a duquesa, que prometeu dali por diante manter ocupada a mente da formosa Altisidora para que não se ocupasse com coisas que pudessem afastá-la do caminho da virtude. Tão logo terminou a duquesa sua fala, acudiu Altisidora, assegurando não necessitar matar-se de trabalhar para apagar da memória o cavaleiro errante, pois a própria crueldade e a impiedade com que o referido a tratou se encarregariam disso. Nisto, fingindo enxugar uma lágrima do olho, fez mesura à duquesa e foi-se embora.

Pouco depois do jantar, naquele mesmo dia, partiram Dom Quixote e Sancho rumo a La Mancha.

# Capítulo LXXI

## **Do que se passou a Dom Quixote e a seu escudeiro Sancho a caminho de casa**

Viajavam melancólicos cavaleiro e escudeiro; entristecia-se Dom Quixote por ter sido obrigado a abandonar as honrarias da cavalaria andante, já Sancho, por não ter Altisidora cumprido sua palavra ao lhe prometer as camisas, e manifestou seu descontentamento dizendo ao amo considerar tremenda injustiça serem pagos os médicos mesmo quando morriam os pacientes, quando ele, Sancho, que havia trazido de volta à vida uma defunta, era recompensado de tão ingrata maneira!

De súbito teve fim a tristeza de Dom Quixote, que deu lugar à esperança de finalmente conseguir convencer Sancho a cumprir o necessário para o desencantamento de Dulcineia e, sabendo da cobiça do escudeiro, ofereceu-lhe dinheiro para pôr um fim àquela história. Agradou a Sancho a oferta e consentiu, por amor à esposa e aos filhos, cobrando um quarto de real por açoite, descontando, num gesto de generosidade, os cinco que já tinha se dado.

– Abençoado sejas, Sancho amigo! Ó Sancho amável! – exclamou Dom Quixote. – Seremos, Dulcineia e eu, obrigados a servir-te todos os dias da vida que Deus a nós outorgar! Mas, vês, Sancho, quando há de começar a flagelação? Pois se fores breve, te adianto cem reais.

Respondeu o escudeiro que naquela noite mesmo começaria o açoitamento e pediu ao amo para que passassem aquela noite ao sereno.

Caiu a noite e, assim que terminaram de jantar, Sancho, usando o cabresto e a reata do ruço, começou a preparar um chicote forte e, depois de pronto, afastou-se alguns metros dali, embrenhando-se na mata. Partiu com tamanhos brio e determinação, que Dom Quixote achou por bem alertá-lo a ter calma e a não fustigar-se com tanta força, tomando um fôlego entre um açoite e outro para não

meter em picadinho a própria carne, pois temia que o corpo de Sancho sucumbisse aos açoites, tal era a determinação e o entusiasmo que via em sua atitude. E, se dessa forma findasse a autoflagelação, de nada adiantaria tamanho sacrifício. Tendo Sancho se despido da cintura para cima, foi Dom Quixote arranjar um canto de onde pudesse escutar bem as chicotadas e, com o próprio rosário em mãos, contaria cada uma delas, para garantir que nem de mais nem de menos fosse o esforço de Sancho para desencantar a formosa Dulcineia.

Depois de meia dúzia de açoites, ao açoitado pareceu pesado demais o flagelo e resolveu, então, aumentar o preço. Dom Quixote ofereceu o dobro do valor prometido e prosseguiu Sancho com os açoites, mas, dessa vez, meteu as chicotadas no tronco de uma árvore e vez em quando soltava uns suspiros e uns gemidos tão comoventes que compadeceu-se o enamorado de Dulcineia do flagelado e começou a sentir nas próprias carnes as dores de Sancho. Por volta do milésimo açoite, Dom Quixote, receoso de que o flagelo acabasse por dar cabo à vida de pobre coitado, pediu ao escudeiro que parasse por ali, mas persistiu o valente Sancho, declarando-se capaz de levar a termo a provação.

Ao ver a boníssima disposição do escudeiro e o brio com que executava as açoitadas, retirou-se Dom Quixote a pedido do flagelado e este último prosseguiu com as chicotadas, saraivando com tamanha brutalidade a inocente árvore a ponto de lhe arrancar lascas da cortiça, que voavam para todos os lados. Entremeava Sancho os açoites com um ou outro gemido e suspiro, e dali a alguns açoites a mais, soltou um brado plangente e agudo o suficiente para tocar de vez o coração do cavaleiro e completou a encenação dizendo o seguinte:

– Aqui morre Sancho e todos os que se comoveram de seu pranto!

Acudiu Dom Quixote e tornou a aproximar-se do escudeiro, suplicando que pelo amor da própria esposa e dos filhos parasse por ali com as chicotadas, pois poderiam concluir o negócio quando o escudeiro recobrasse as forças. Consentiu Sancho com o pedido,

e pediu ao amo que lhe cobrisse os ombros com a capa do próprio Dom Quixote porque com os açoites tinha transpirado muitíssimo e não queria correr o risco de resfriar-se. Assim fez Dom Quixote e pediu a Sancho para descansar.

Quando amanheceu, retomaram a viagem e, dali a três léguas, avistaram uma estalagem, que Dom Quixote reconheceu como tal, não como um castelo. A bem da verdade, caro leitor, depois de ter sido derrotado, nosso nobre cavaleiro passou a falar e a ver as coisas de um modo mais racional. Entraram os dois na estalagem e viram dependuradas nas paredes algumas pinturas, e Sancho disse ao amo que logo passariam a ver por todo o país muitos quadros espalhados por estalagens, tavernas e lojas com a história de suas façanhas. Nisto, Dom Quixote perguntou a Sancho se tinha disposição para findar o negócio do flagelo naquele dia, e o escudeiro respondeu que pouco lhe importava quando, mas disse preferir açoitar-se entre os arvoredos porque milagrosamente pareciam ajudá-lo a suportar a dor. Ouvindo isto, Dom Quixote sugeriu retomarem o assunto depois, quando estivessem perto da aldeia, decisão mais segura para o caso de Sancho não suportar a fustigação. E nessas práticas prosseguiram, até Sancho desatar a disparar seus rifões sem nem ao menos respirar e esteve Dom Quixote a ponto de arrancar os cabelos, tamanho seu desespero.

# Capítulos LXXII-LXXIII

## **Dos agouros que teve Dom Quixote ao chegar à sua aldeia, com outros sucedidos que embelezam e dão cor a esta grandiosíssima história**

Viajaram cavaleiro e escudeiro a noite toda depois de saírem da estalagem e na manhã seguinte chegaram a La Mancha, de onde tinham partido há tanto tempo. Estavam Sansão Carrasco e o cura entre os primeiros a encontrá-los, tendo aquele reconhecido de longe a túnica que a duquesa havia dado a Sancho de presente e que o escudeiro havia deitado por cima do ruço e das armas; e reluzia a lembrança da duquesa tanto quanto a luz do sol. Para completar, Sancho também havia posto na cabeça do ruço a mitra que havia ganhado, de modo que nunca se viu tão adornado jumento em toda a história.

Ao reencontrar os amigos, Dom Quixote apeou-se de Rocinante e foi depressa abraçá-los. Todos os rapazitos que andavam por ali vieram correndo para ver o jumento todo enfeitado e o regresso de cavaleiro e escudeiro, dizendo entre si:

– Vinde aqui, rapazes, vejam a faceirice do jumento de Sancho Pança, e o cavalo de Dom Quixote, que anda mais seco do que nunca!

E assim seguiram Dom Quixote e Sancho caminhando pela aldeia, rodeados de gente. Ao chegarem à casa do cavaleiro, foram recebidos pela sobrinha e pela criada, que já sabiam da vinda dos dois.

Também tinham contado a notícia à Teresa Pança, que veio frustrada ao encontro do marido, levando consigo os dois filhos desgrenhados para darem as boas-vindas ao pai que devia vir como governador, mas, como não se apresentava assim, inquiriu a esposa o marido e Sancho lhe pediu para frear a língua, pois trazia dinheiro,

o que mais importava, segundo o próprio. Nisto, pulou Sanchita no pescoço do pai e o beijou, e dali a pouco a família inteira o levou para casa.

Dom Quixote, tão depressa quanto pôde, fechou-se em casa com o bacharel e o cura e lhes contou da triste derrota que havia sofrido, da promessa feita ao Cavaleiro da Branca Lua e da ideia de fazer-se pastor por um tempo; relatou também que havia lhes arranjado outros nomes, certo de que os dois haviam de participar da empreitada pastoril junto dele. Elogiaram o cura e o barbeiro com toda a ligeireza o plano e consentiram, afirmando que de tudo fariam pela felicidade de tão estimado amigo. Acrescentou Sansão que engrossaria de muito bom grado o coro pastoril, pois, poeta que era, criaria versos para cantarem durante suas passeatas e celebrarem a vida simples. Mas é claro que não poderiam faltar as pastoras a quem dedicar tais versos, papel que seria muito bem representado por modestas e virtuosas senhoras como Dulcineia del Toboso e Teresa Pança.

Por algum tempo passaram os três nessas agradáveis e graciosas práticas, depois partiram o cura e o bacharel, não sem antes implorarem a Dom Quixote que tomasse conta da saúde e procurasse descansar e comer bem. Assim que as visitas foram embora, tendo a sobrinha e a criada escutado tudo, foram ao quarto do derrotado cavaleiro e lhe suplicaram que esquecesse a tal história de se meter a pastor, pois, segundo as duas, sua saúde sucumbiria às noites e mais noites no sereno e daí para a frente a morte era tudo o que se poderia esperar. Concordaram, sobrinha e criada, que a asneira da cavalaria errante era muito melhor que a sandice da vida pastoril e recomendaram a Dom Quixote ficar em casa, confessar-se sempre que possível e com a mesma frequência praticar a gentileza e o bem aos pobres.

Pois não deu ouvidos o cavaleiro a nenhum daqueles conselhos e rebateu as duas dizendo-se consciente de suas obrigações e deveres. Depois, pediu que o levassem para a cama e disse para



não se preocuparem, pois, fosse cavaleiro ou pastor, jamais deixaria de acudir-las com o que fosse preciso.

Puseram-se as duas a chorar, e em meio às lágrimas levaram-no para a cama e lá lhe deram de comer e fizeram tudo o que era possível para lhe oferecer descanso e conforto necessários.

# Capítulo LXXIV

## Da doença de Dom Quixote, do testamento que fez e de sua morte

No dia seguinte, não se levantou da cama Dom Quixote e lá permaneceu por seis dias, acometido por uma febre. A todo esse tempo esteve o fiel escudeiro Sancho Pança ao lado da cabeceira, lhe fazendo companhia. Recebeu também a visita frequente dos amigos: o cura, o barbeiro e o bacharel e estes fizeram tudo o que puderam para procurar animá-lo, certos de que o desgosto de ter sido vencido e a renúncia à cavalaria andante haviam sido a causa da doença.

Quando chamaram o médico, este mandou que rezassem pela salvação da alma de Dom Quixote, pois do corpo nada mais poderiam esperar, e a sobrinha, a criada e o escudeiro, ao saberem disso, foram às lágrimas. Confirmou o médico as suspeitas do bacharel, do barbeiro e do cura: que eram a melancolia e a tristeza a causa de tamanho abatimento físico e mental.

Pediu Dom Quixote a todos para ficar só e dali a pouco caiu num sono profundo, do qual despertou apenas seis horas depois, para o desassossego da sobrinha e da criada, que temiam nunca mais vê-lo acordado. Enfim, ao abrir os olhos, a primeira coisa que fez foi bradar com toda a exaltação e alegria:

– Bendito seja, Deus Todo-Poderoso, que me agraciou com tamanha bondade! Em verdade, bem se vê que é infinita a sua misericórdia e nem mesmo os pecados do homem são capazes de abreviá-la e tampouco impedi-la!

Impressionou-se a sobrinha com a inabitual racionalidade desta fala e, com toda a delicadeza, perguntou ao tio o significado daquilo, que misericórdia e que pecados eram aqueles. Com a voz calma e serena respondeu Dom Quixote ter Deus lhe despertado o juízo e a razão, pois agora com toda a clareza enxergava a própria ignorância por ter acreditado nos absurdos dos livros de cavalaria, que tinham

tão gravemente distorcido sua mente e visão, e lamentou o fato de tão tarde ter se revelado tal desengano, pois agora não lhe restava tempo para ler outros livros que servissem de luz à sua alma. Dito isso, mandou chamar o cura, o bacharel e o barbeiro, pois queria confessar seus pecados e mandar fazer seu testamento antes de partir deste mundo.

Logo que entraram os três, Dom Quixote os recebeu com um alegre brado:

– Notícia melhor não poderia haver, senhores, pois já não sou Dom Quixote de La Mancha, mas Alonso Quijano, cujos costumes me renderam a fama de bom.

E assim prosseguiu, declarando seu ódio pelas novelas de cavalaria que o levaram àquele estado e a alegria por ter recebido a misericórdia divina de despertar enquanto havia tempo. Os três, ao ouvirem isto, julgaram que algum novo disparate o acometia e tentaram convencê-lo a esquecer aquela conversa, pois justo agora que tinham recebido notícias do desencantamento da sem-par Dulcineia e que estavam prestes a seguirem a vida pastoril, o cavaleiro vinha com essa?

Mas logo perceberam o cura, o bacharel e o barbeiro que falava Dom Quixote com o mais pleno e ajuizado raciocínio, pois mandou o fidalgo que trouxessem o tabelião para dar início aos trâmites do testamento e, enquanto o bacharel foi buscá-lo, tratou o barbeiro de acalmar a sobrinha e a criada, e o cura permaneceu com Dom Quixote e confessou-o.

Terminada a confissão, saiu o cura do quarto, entraram depressa a sobrinha e a criada e tornaram a desmanchar-se em lágrimas quando lhes disse o religioso que de fato o fidalgo estava prestes a partir.

Chegou o tabelião e Dom Quixote mandou proceder ao testamento. O primeiro mencionado foi o estimado Sancho Pança, cuja singeleza e cumplicidade seriam recompensadas com todo o dinheiro e todos os bens de Dom Quixote e declarou o testador

ainda que lhe daria o governo de uma ilha, se assim pudesse, como recompensa por tudo que lhe havia feito.

E, assim, voltando-se para Sancho que ali ao seu lado rompia-se em lágrimas, disse-lhe:

– Perdoa-me, meu amigo, por levar-te a pareceres um doido como eu, deixando-te cair no mesmo erro que eu, de pensar que haveria neste mundo cavaleiros errantes.

– Ai! – exclamou Sancho com a voz embargada, mal conseguindo pronunciar as palavras. – Não morra, senhor amo meu, mas aceite meu conselho e viva muitos anos mais, porque a maior loucura que pode um homem cometer nesta vida é deixar-se morrer sem mais nem menos, sem que o matem, nem que lhe ceifem a vida mãos que outras senão as da melancolia. Olhe, não seja preguiçoso, senhor meu, levante-se desta cama e vamos para os campos vestidos de pastores, trato já combinado! Talvez por entre os arvoredos tenhamos de encontrar a senhora Dulcineia desencantada, por mais fina e formosa que se apresente. Se a causa desta angústia que te carrega à morte é ter sido vencido, ponha a culpa sobre mim, por não ter apertado como deveria as silhas de Rocinante, erro que lhe causou aquela queda.

Por mais que tentasse Sansão Carrasco persuadir o moribundo cavaleiro da verdade nos dizeres de Sancho, todos ali finalmente julgaram sem restar dúvidas que de fato Dom Quixote havia recobrado o mais pleno juízo e que um verdadeiro milagre havia sido operado ali.

Assim, deixaram prosseguir o tabelião com seus registros, e estipulou Dom Quixote que se a sua sobrinha, Antônia Quijana, por ventura viesse casar-se com homem que viesse a saber o que eram livros de cavalaria, deveria ela perder tudo o que o tio lhe deixava e, com isto, tais bens deveriam ser distribuídos à caridade; em outra cláusula do testamento, pedia aos testamenteiros que levassem ao autor da segunda parte das façanhas de Dom Quixote de La Mancha seus mais sinceros pedidos de desculpas por ter cometido

inúmeros e incomensuráveis disparates que lhe deram motivo para escrever tal história.

Com isso findou o testamento e uma súbita fraqueza o abateu. Durante os três dias que se seguiram, esteve ele entre a vida e a morte. Por fim, chegou a última hora de Dom Quixote e partiu de modo tão sossegado que o tabelião, presente no momento do derradeiro suspiro, confessou nunca ter lido em nenhum livro de cavalaria que um cavaleiro andante tivesse partido deste mundo em tão pacífica e cristã ocasião.

O bacharel Sansão Carrasco mandou fazer um epitáfio para a sepultura e no povoado de Lancha encontra-se uma lápide em homenagem àqueles que conheceram e amaram o valoroso e bondoso Dom Quixote de La Mancha, cujo último desejo foi pedir que o sepultassem como Alonso Quijano, o Bom.





# A velha loja de curiosidades: tomo 1

Dickens, Charles

9786555524185

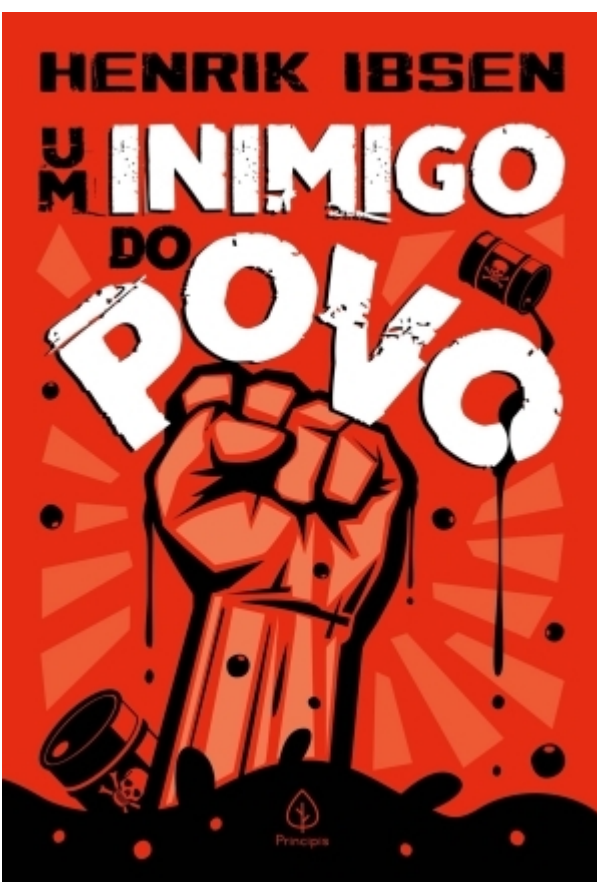
352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eram 4 horas da manhã do dia 17 de janeiro de 1841 quando Dickens terminou de escrever A velha loja de curiosidades. A história foi publicada em série durante dez meses em um jornal, e ele estava atormentado com o final planejado, incapaz de escrevê-lo. No fundo do prédio de uma loja moram um velho e sua neta, Nell, que cuida do avô com extrema dedicação. Um vício, a dívida a um agiota, a mercadoria quase sem valor, os móveis antigos, os brinquedos estranhos e as estátuas horríveis são o ponto de partida da trama, que combina sarcasmo, ironia, forte senso de justiça, mas também de absurdo, que captura a imaginação do leitor desde as primeiras páginas.

[Compre agora e leia](#)





# Um inimigo do povo

Ibsen, Henrik

9786555523751

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Um Inimigo do Povo Ibsen coloca seu personagem principal, Dr. Thomas Stockmann, no papel de uma minoria iluminada e perseguida que enfrenta uma maioria ignorante e poderosa. Quando o médico descobre que os famosos e bem-sucedidos banhos em sua cidade natal estão contaminados, ele insiste que sejam fechados para reparos. Por sua honestidade, ele é perseguido, ridicularizado e declarado um inimigo do povo pelos habitantes da cidade, incluindo alguns que foram seus aliados mais próximos. Encenada pela primeira vez em 1883, esta peça continua atual e relevante, elementos que a fazem ser representada continuamente.

[Compre agora e leia](#)

# O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTË



# O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

9786555520415

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica história de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)

# LIEV TOLSTÓI

De quanta  
terra precisa  
um homem?

e outras histórias



# De quanta terra precisa um homem? e outras histórias

Tolstói, Liev

9786555523775

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tolstói está a quilômetros de distância de qualquer outro escritor em sua capacidade de contar uma história sobre qualquer assunto sem perder a verdadeira essência do caráter humano e nossa fome insaciável por mais. Este livro, composto de quatro narrativas, é leitura recomendada e obrigatória para todas as idades. É a sua simplicidade que as tornam mais atraentes. O enredo é como um lobo em pele de cordeiro. A simplicidade é a pele de cordeiro, enquanto o lobo é a inteligência e o que há por trás da história.

[Compre agora e leia](#)



# Contos de fadas dos Irmãos Grimm

Irmãos Grimm

9786555520859

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecidos mundialmente pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm diziam estar só escrevendo as histórias que escutavam de camponeses e amigos. Concomitantemente aos registros do cotidiano, começaram a pesquisar documentos e recolher histórias da Alemanha para a preservação da memória e das tradições populares. Neste livro encontram-se contos fantásticos que mantêm viva a memória da criação folclórica da população alemã.

[Compre agora e leia](#)